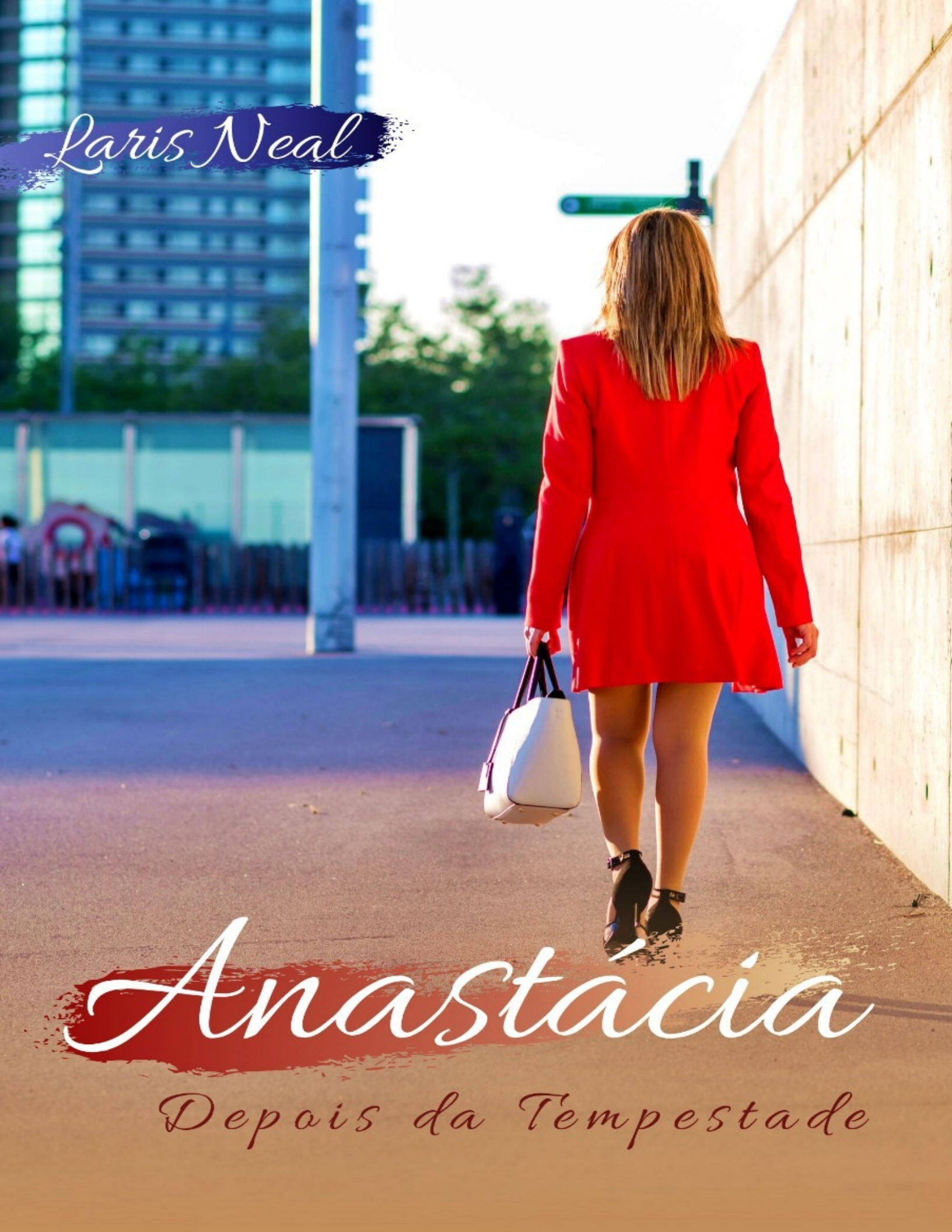
Laris Neal



Anastácia

Depois da Tempestade

Anastácia

Depois da Tempestade

Laris Neal

Sumário

Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42

Capítulo 01

— Eu posso ser a melhor coisa que te acontecerá esta noite – eu sorri, colocando minhas mãos em cima do balcão do bar, olhando para a loira ao meu lado.

Ela virou lentamente a cabeça com um sorriso divertido nos lábios vermelhos. Colocou o copo de bebida que segurava em cima do balcão de madeira, inclinou-se para mim e, de repente, colocou a mão esquerda em minha coxa, aproximando o rosto do meu. Aqueles olhos castanhos me observavam quando ela sussurrou:

— Não, *garota*, eu serei a melhor coisa que te acontecerá esta noite. – ela disse, arqueando uma sobrancelha. Aquela voz... Sedutoramente segura, rouca... Quase enlouqueci.

— Meu Deus! Que voz! Tive um orgasmo agora – fiz cara de alívio e a loira gargalhou. Tomou mais um gole da sua bebida e voltou a olhar para mim. Eu não conseguia tirar os olhos daquele rosto. Cabelos compridos, loiros, ondulados... Ela sorriu e respondeu:

— Imagina então o que meus dedos não podem fazer. – passou a língua pelos lábios vermelhos e eu cheguei a estremecer.

— Agora fodeu! Gozei! – comentei. Ela voltou a gargalhar e eu confesso que tinha ficado gamada na risada daquela mulher.

— Gostei de você. É divertida – disse, virando o corpo inteiro para mim. Ela usava um vestido vermelho, de alças, curto acima do joelho. Estava com as pernas cruzadas, e que pernas! Recostou-se no balcão. — Prazer, Anastácia.

— Leona. E o prazer é toooodo meu! – dei uma risada.

— Não acha que é muito nova para cantar mulheres como eu?

Ela parecia bem desafiadora e intimidadora, isso eu tenho que admitir. Olhei de novo para ela, de cima a baixo, e só uma palavra vinha em minha mente: gostosa. Era uma mulher madura, se eu tivesse que adivinhar, diria que tinha quase 40. Era linda, muito linda. Sinceramente, quando me sentei ao lado dela naquela noite, eu jamais imaginei que ela me daria bola. Achei que iria me ignorar, como outras já fizeram.

— Não, não acho. Sou velha o suficiente para saber bem do que gosto – eu disse com firmeza.

— Infelizmente, para você, eu também sei muito bem do que eu gosto. – ela balançou a cabeça de um lado para o outro, indicando que não era a fim de garotas. Apesar de já esperar por essa, eu insisti.

— Tem certeza? Já experimentou? – tomei um gole da Skol Beats que eu havia pedido.

— Ainda não, mas até que tenho curiosidade... – ela jogou a informação, certeza que era só para saber se eu ia cair. E eu caí, óbvio.

— Ficarei lisonjeada em ser sua cobaia.

— Quem sabe... – ela virou-se novamente para o balcão, tomando o resto da sua bebida.

Ela parecia querer encerrar a conversa e eu não podia deixar isso acontecer. Olhei para

os lados, tentando pensar em algo para dizer. Uma moça estava entretida no celular no último banco escorada no balcão; alguns casais conversavam nas mesas espalhadas no salão, com piso também de madeira. Parecia ser uma casa com um ar bem rústico: havia um *barman* e uma *barwoman*, ambos servindo drinques para as pessoas, e atrás deles tinham duas prateleiras de vidro sustentando a grande variedade de drinques do local. Nas paredes estavam pendurados quadros variados, entre frases de efeito, tipos de cerveja e ídolos do rock. Olhei de relance para a loira, ela não parecia combinar com o ambiente. Um casal se aproximou do outro lado do balcão, entre beijos e carícias, dando-me a deixa que eu precisava:

— Me desculpa, eu aqui, dando em cima de você, e nem perguntei se está disponível.

— Que pena, estava indo tão bem... Caiu no meu conceito. – ela fez uma careta, e eu logo me corrigi.

— Vou reformular: eu quis saber se existe um namorado briguento do qual eu preciso me defender, ou um marido ciumento do qual eu preciso correr.

— Ah, agora sim! – ela voltou a rir. Eu estava adorando fazê-la rir. — E não, nem um, nem outro. Já houve maridos, mas não mais.

— Opa, estou no lucro então!

— Só faltou uma coisa – ela se levantou pegando a bolsa e eu tinha quase certeza de que ia conseguir me dar bem naquela noite.

— O quê? – perguntei engolindo em seco.

— Me perguntar se eu quero sair com você. – ela me deu as costas e saiu andando.

Essa doeu! Era como se uma pedra tivesse me atingido. Que burra, eu! Levantei logo atrás e em poucos passos segurei em seu braço. As pessoas das mesas ao redor começaram a prestar atenção, mas eu não me importei.

— Ei! Espera – eu disse, fazendo-a parar e olhar para mim intensamente. Já disse como sou fascinada por olhos castanhos? — Sabe por que eu não perguntei?

— Por quê?

— Porque eu não quero apenas sair com você. Eu quero conhecer você.

Por alguns segundos, aqueles olhos me encararam. Era como se ela estivesse decidindo o que fazer após minha resposta inesperada. Por fim, ela sorriu, e então eu tive certeza de que conseguira. Ela pegou uma caneta de sua bolsa e segurou em minha mão. Escreveu o número do celular dela e então acariciou minha palma com os dedos.

— Me liga – ela disse apenas, aproximando seu rosto do meu, quase me dando um beijo na bochecha. Pude sentir seu perfume, parecia de flores... Delicioso. Mas ela se afastou, piscando pra mim, enquanto saia porta afora. Eu fiquei ali, parada no meio do bar, com uma cara de babaca apaixonada.

E foi assim que eu conheci Anastácia. Aquela noite naquele bar fora meu primeiro final de semana morando em São Paulo. Eu jamais, em toda a minha vida, imaginei que pudesse interessar a alguém em tão pouco tempo. Principalmente alguém como ela. Já tive namoradas e

relacionamentos sérios, que não deram certo, trouxeram muita dor de cabeça, mas me fizeram crescer. Tive alguns rolos também, mas nada que me fizesse enlouquecer... Até agora. Ela já havia ido embora, mas era como se eu a sentisse ali ainda. Eu estava fascinada e tive que me conter para não ligar para ela naquele mesmo instante.

Uma ideia passou pela minha cabeça. Olhei à minha volta, as pessoas já estavam conversando de novo. Voltei para o balcão e peguei o celular do bolso, digitando o nome "Anastácia" no Facebook. Passei pelos primeiros perfis com o coração na boca, ansiando por achar o dela. Depois de alguns minutos e mais de vinte perfis, percebi que eu não sabia o suficiente sobre ela para encontrá-la online. Então terminei a minha bebida e sinceramente não vi mais graça de ficar naquele bar. Eu estava na rua Augusta, local sempre cheio, lotado de bares em cada esquina. Peguei meu celular, abri o aplicativo e fiz a rota de carro até em casa. Antes de pedir a corrida, ouvi alguém chamar meu nome e me virei.

— Leona! Não acredito que você saiu da toca e não me avisou! – sorri revirando os olhos ao ver meu amigo se aproximar.

— Que dramático! E olha que eu mal cheguei à cidade... – comentei, dando um abraço em Bruno. Ele era mais alto do que eu alguns centímetros, tinha um corpo robusto, cabelo arrepiado, olhos negros.

— Exatamente. E nem saímos ainda. Não me diga que vai embora? – ele cruzou os braços na frente do peito e passou a língua nos dentes, com cara de poucos amigos, o que me fez rir.

— Eu ia... É que depois do que me aconteceu hoje estou ansiosa demais para enfrentar uma noitada.

— Como assim? Aconteceu algo e a senhorita ia embora sem me contar? – ele colocou a mão no peito, como se estivesse tendo um ataque cardíaco. Dramático que só ele!

— Eu ia te contar... Depois. – Como ele continuava com um ar indignado, resolvi ceder. — Ok, ok, eu fico. Mas vamos pra um barzinho porque quero conversar, não estou no clima pra dançar.

— Você? Sem clima pra dançar? – arregalou os olhos. — Quero saber quem é o rabo de saia da vez. – ele me deu o braço, no qual eu segurei.

Subimos a rua por uns dois quarteirões e entramos em um bar de esquina chamado Ibotirama, que vendia porções e aperitivos além das bebidas. Apesar de cheio, achamos uma mesa no segundo andar, ao lado da janela. Eu conhecia Bruno há alguns anos. Tínhamos nos esbarrado em uma das minhas idas a São Paulo, numa dessas festas de boates. A química foi instantânea. Nas próximas vezes que viajei nos encontramos e desde então viramos amigos.

Ele foi um dos primeiros a comemorar quando eu disse que ia me mudar. Eu já havia lhe contado sobre meus casos e relacionamentos antigos. Ele era meu melhor amigo, e geralmente não era muito daqueles para se chorar no ombro, mas se precisasse, ele estava lá pra te levar pra sair e dançar até o dia amanhecer e você esquecer sua tristeza. Eu adorava sua companhia e podia falar sem rodeios o que eu achava ou estava sentindo.

Contei-lhe sobre como conhecera Anastácia mais cedo naquela noite, enquanto bebíamos uma cerveja e comíamos uma porção de fritas com bacon. Ele me olhava admirado, prestando uma enorme atenção enquanto eu contava com detalhes o meu primeiro diálogo com ela.

— Menina! Não acredito que falou uma coisa dessas pra ela! Sua safada!

— Você me conhece, Bru! Toda vez que fico nervosa eu falo merda e acabo perdendo o controle. – comecei a rir. — Não era minha intenção... Juro que pensei em falar algo legal e gentil.

— Sei... – ele me olhou desconfiado.

— É sério! Mas ela não me olhava, parecia que ela não me via ali. E você sabe como eu odeio ser ignorada. Então me surgiu isso e eu falei. A minha sorte é que ela estava sozinha e se interessou.

— Ah isso é! Se tivesse um marido por perto, você estava é morta! – ele começou a rir.

— Mas ela me disse que não tinha ninguém. E ainda por cima me deu o número dela.

— Jura? – agora ele ficou surpreso de verdade.

— Sim – sorri abertamente e dei um leve suspiro, tomando um gole da minha cerveja.

— Ai, ai ai, ai ai! – ele balançou a cabeça de um lado para o outro. — Leona, seja realista. Você acabou de conhecer essa mulher!

— E daí? – dei de ombros, mordendo uma batata frita.

— E daí que ela provavelmente não vai nem se lembrar de você amanhã... E daí que já está suspirando toda fascinada por ela.

— Ah, Bruno, você me conhece... Não posso evitar – sorri de novo. — E outra. Eu tenho certeza de que ela vai se lembrar sim da mulher do orgasmo.

— Correção: garota.

— Não sou tão nova assim. – revirei os olhos. — Maldita mania de ficarem me chamando de garota. Fiz 26 esse ano, sabe disso. – bufei, pegando outra batata.

— Mas mesmo assim... Pra ela, você é.

Depois disso Bruno começou outro assunto, comentando sobre o novo projeto de *design* em que estava trabalhando. Ele estava no penúltimo ano da faculdade de Design e por isso tinha vários trabalhos para fazer. Eu cursava Artes, faltavam dois anos para eu me formar. Transferi meu curso para uma das melhores faculdades de São Paulo, mas estávamos no começo de julho e as aulas só começariam em agosto. Dentre tudo que aprendíamos em Artes, basicamente a minha grande paixão era a pintura. Sim, sou pintora. Vivo desenhando e pintando telas. Isso já deve explicar um pouco de o porquê eu ter me fascinado tanto por aquela mulher. Em minha mente já me imaginei pintando-a... De todas as formas. Ela era linda, e ficaria ainda mais em um quadro.

Ficamos até umas duas horas da manhã conversando e então eu finalmente fui embora. Peguei um Uber direto para o meu apartamento. Era um lugar simples, ainda que muito bonito e bem decorado. Dois quartos, uma sala, um banheiro, cozinha e uma pequena área de serviço. Fui direto para o quarto e deixei minhas coisas em uma poltrona, jogando-me na cama. Apesar de uma vozinha dentro da minha cabeça me dizer para não fazer aquilo, rapidamente procurei o

nome dela na agenda do meu celular e mandei uma mensagem. *"Só para não se esquecer da garota que conheceu hoje... Beijos, Leo."* Sorri para mim mesma, deixando o celular na cama e fui trocar de roupa.

Quando já estava de volta, me enfiando embaixo das cobertas, percebi que havia uma nova mensagem. *"Como esquecer alguém que sentiu tanto prazer só com meu toque?"* Foi a resposta que recebi em troca. Senti meu rosto completamente ardente, deveria estar bem vermelha. *"Bom saber, preciso retribuir rs. Te acordei?"* E não demorou para que a resposta viesse: *"Não, mas já estou indo dormir. Boa noite, garota."* Sorri, imaginando naquele momento aquela loira deitada em uma cama. Será que ela usava camisola? Pijama? Regata e calça *legging*? Shorts? *"Boa noite, loira."* Toquei no ícone da sua foto, observando seus cabelos loiros e seus olhos castanhos, tentando gravar na mente cada detalhe do seu rosto. Coloquei o celular na mesinha de cabeceira e pensei comigo mesma o quanto eu estava encrencada. Bruno estava levemente certo. Eu tinha diversas paixonites pelas mulheres que me fascinavam. Poderia até não dar em relacionamento algum, mas quando eu me encantava com alguém... E impulsiva como eu era, não seria difícil que Anastácia virasse bem mais do que uma simples mulher que eu conhecera no bar.

Capítulo 02

Conforme dirigia pela Avenida Rebouças eu não conseguia parar de pensar na situação inusitada que eu acabara de passar. Apesar de não estar muito longe de casa, eu geralmente me estressava com as horas passadas dentro do carro no trânsito caótico de São Paulo, mas não nesta noite. Com o vidro abaixado, era bom sentir o vento gelado batendo em meu rosto e bagunçando meus cabelos. Por mais que eu quisesse, não conseguia tirar o sorriso que se formara em meu rosto, e quanto mais eu me lembrava do diálogo que dera início à conversa, maior ele ficava. O que aquela garota tinha na cabeça? Puxar assunto com um "eu posso ser a melhor coisa que te acontecerá esta noite", cantada mais barata! Se bem que eu já ouvira muitas piores dos homens que tentavam sair comigo. Algumas delas eram sem graça, outras muito fortes, e algumas mais ofendiam do que pareciam elogios. Eu aprendi a ignorar a maior parte, e selecionar o que eu achava interessante. Talvez tivesse sido a postura dela... Interessada... Ou o modo como continuou levando a conversa... Atrevida... Mas ela tinha coragem, isso eu tinha que admitir.

Em toda a minha vida eu levei poucas cantadas de mulheres, ainda que recebesse olhares insistentes de muitas. Sempre fui direta e dizia que eu não estava interessada. Exatamente por isso me peguei surpresa dando atenção para aquela moça. Como era mesmo o nome dela? É, Leona... Um nome bem forte e cheio de potencial. Eu me repreendia por ter sido tão receptiva naquele momento. O que havia acontecido comigo? Talvez fosse o fato de ter me feito rir... Eu adorava homens que me faziam rir. E um pouco de safadeza. Sempre adorei desafiar os bons modos, o que era socialmente aceito, as "regras sociais", como minha mãe dizia. E não há nada de mal em se sentir desejada, e como eu me sentira desejada naquela noite! Se eu tivesse dado brecha, seria bem capaz de aquela garota ter se oferecido para ir para a cama comigo. Não que eu achasse ruim. Se eu estivesse a fim de algum cara e rolasse de ir para cama no primeiro encontro, sem neuras, sem amarras, sem nada. Era diversão apenas. E era isso que eu tinha em mente quando a conheci naquele bar: diversão.

Após meia hora eu já havia estacionado meu Mercedes na garagem e entrava em casa. Tudo estava escuro. Janaína já havia ido embora há tempos. A casa era grande e enquanto subia as escadas para o andar superior chequei meu celular, algumas mensagens do trabalho, mas que não eram urgentes. E no meu pessoal uma ligação perdida e uma mensagem de Marcos. Fiz uma careta, passando os olhos rapidamente pelo conteúdo. Eu havia saído com ele um par de vezes, mas já era a terceira ou quarta vez que me mandava mensagem. Eu não queria nada mais com ele, mas o cara parecia não entender isso. Entrei em meu quarto largando a pequena bolsa em cima da poltrona, já tirando os sapatos de salto e os deixando caídos de lado no chão. Além do espelho da penteadeira, o qual geralmente eu usava para me maquiar, havia um ao lado de corpo inteiro, e foi para o qual me dirigi. Retirei meu vestido, colocando-o no encosto da cadeira ao lado, e só então me olhei no espelho.

Isso era um dos meus costumes favoritos. Eu tinha plena consciência do meu corpo e da minha beleza, aliás, as pessoas nunca me deixavam esquecer disso. Eu gostava de me admirar, mas com o passar dos anos esse costume foi diminuindo. Apesar de estar com um corpo em forma, sem gorduras nem exageros, eu já tinha passado dos trinta, quase chegando aos quarenta... Isso é um pesadelo para muitas mulheres. Ainda que não o seja, *parecer* velha. Era uma competição desleal, por mais bonita que estivéssemos sempre haveria alguém mais nova e mais bonita para a qual os homens olhariam. E mesmo com toda a beleza que eu sabia possuir, já havia passado por essa situação mais de uma vez. Aliás, meu primeiro ex-marido estava casado

com uma moça bem mais nova do que eu. E isso me fez sorrir uma vez mais ao me lembrar da garota daquela noite. Parecia irônico que ela fosse mais nova, mas era interessante despertar o olhar de alguém mais jovem... Ainda mais sendo uma mulher.

Apenas de lingerie eu me observava, admirava. Mas eu só conseguia sorrir. Naquele momento me esqueci de todos os defeitos que eu sempre achava em meu corpo e me *achei* atraente novamente. Não se engane, há uma grande diferença entre o que as pessoas lhe dizem e o que você vê no espelho. Mordisquei o lábio inferior, divertida, dei uma meia volta, admirando minhas costas com pequenas e variadas manchinhas marrons, eu sempre gostara delas. Quando me virei de frente, aproveitei e tirei o resto de roupa que eu ainda estava vestindo e fui tomar um banho relaxante de banheira.

Depois de um tempo voltei para o quarto, enrolada na toalha, e caminhei lentamente até a penteadeira, acendendo uma das minhas velas aromáticas que eu tanto gostava. Peguei meu celular e percebi que havia uma nova mensagem. Fiquei imaginando se não seria o cara insistente de novo, mas me pegou de surpresa o seguinte texto: "*Só para não se esquecer da garota que conheceu hoje... Beijos, Leo*". Um sorriso apareceu em meu rosto. Imaginei que ela não fosse falar comigo tão cedo... Mas eu parecia estar errada. Fiquei pensando no que eu deveria responder, mas não demorou muito para que meus dedos digitassem uma resposta. Era como se fosse automático, se eu soubesse o que deveria dizer. "*Como esquecer alguém que sentiu tanto prazer só com meu toque?"*

Enquanto esperava a resposta eu escolhi uma de minhas camisolas de seda para colocar. Penteei o cabelo e então ouvi o celular apitar de novo. Caminhei até a cama, deitando-me. Uma das vantagens de se ter uma cama *king size* é ter bastante espaço para se movimentar, e era o que eu fazia no momento. "*Bom saber, preciso retribuir rs. Te acordei?"* Pensei em continuar, sentindo novamente a vontade de provocá-la, dizendo que eu não precisava dormir cedo como ela, mas me contive. "*Não, mas já estou indo dormir. Boa noite, garota.*" Encerrei a conversa, espreguiçando-me na cama. Passei as mãos pelo corpo, sentindo a seda, passando a ponta dos dedos levemente pela minha pele, e me senti arrepiar. A bebida devia estar fazendo efeito. Imagens daquela garota começaram a vir em minha mente e eu comecei a rir. Anastácia, Anastácia... O que está acontecendo com você? Atraída por uma mulher? Talvez... Sendo bem franca, já achei muita mulher bonita e gostosa por aí... Só nenhuma havia povoado meu inconsciente daquela forma. Até que poderia ser bem interessante saciar esse súbito desejo... E então descobrir se eu gostaria ou não da experiência.

Acordei na manhã seguinte com Janaína abrindo as cortinas e janelas do quarto. Ela era mais do que minha funcionária, praticamente uma assistente pessoal. Enquanto eu me espreguiçava na cama ela saiu do quarto e voltou logo em seguida com minha agenda e meu celular do trabalho, trazendo-os até mim.

— Você pediu para eu não te deixar esquecer que hoje tem a inauguração daquela galeria no alto da cidade – ela colocou a agenda ao meu lado na cama. — E o celular já tocou duas vezes.

— Não precisava me acordar tão cedo – comentei sentando-me na cama, pegando o aparelho e checando as ligações perdidas.

— Cedo? Está quase na hora do almoço. Passou da hora de levantar – ela respondeu se dirigindo para fora do quarto.

Eu sempre agradecia ter Janaína como minha assistente. Ela era muito profissional, muito boa no que fazia e de tão próximas, chegava a ser uma de minhas mais queridas amigas. Ela tinha livre acesso à minha casa, minha agenda e minha sala no escritório. Sou dona de uma galeria de arte e por isso acabo tendo uma agenda cheia, equilibrando meu tempo entre o espaço da galeria, os artistas, os eventos e meu escritório. Por isso ela sempre me lembrava dos mais importantes, intermediava alguns encontros, entre tantas outras coisas. Alguns deles aconteciam aos finais de semana, então nem sempre eu estava livre nesse período. Naquela noite havia uma inauguração de um novo espaço de um amigo meu, que também comandava uma galeria de arte. Ele havia me ajudado muito quando eu começara meu negócio e por isso eu não podia faltar.

Gabriel, um dos meus assistentes da galeria, foi a pessoa que tentou me ligar. Retornei a ligação; ele queria saber a que horas podia passar para me buscar. Eu estava acostumada com o ambiente dessas festas e eventos e não gostava de ir sozinha. Geralmente levava um amigo ou um de meus assistentes. Quando já estava tudo acertado com ele troquei de roupa e depois desci para comer alguma coisa.

Minha cozinha era grande, possuía um balcão de granito para a pia, o fogão e a geladeira ao lado, um balcão tipo ilha no centro, também de granito. Encontrei Janaína sentada à mesa, comendo uma salada de frutas. Encostei-me ao balcão da pia, observando-a. Até que ela era uma mulher bonita, os cabelos escuros presos em um coque, o rosto maquiado, uma figura esguia.

— Você me acha atraente? – quando eu percebi já havia perguntado. Janaína olhou por cima dos óculos, levantando as sobrancelhas em surpresa.

— Que tipo de pergunta é essa, Ana? Bebeu logo cedo, foi? – ela voltou a comer mais uma colherada.
— Nada não... – peguei uma maçã da fruteira e dei uma mordida.

— Bem, você sabe muito bem que sim. Cobiçada pelos homens do jeito que é... Eles sempre dão em cima de você nos bares, eventos e em todo lugar que você vai – ela deu de ombros.

— Sim, disso eu sei.

Isso era uma coisa que me incomodava: o assédio de alguns caras que insistiam em sair comigo, mesmo quando eu não estava interessada. Senti vontade de comentar sobre Leona, mas resolvi nada dizer. Janaína sabia de quase todos os casos que eu tivera e acompanhara meu último casamento de perto. Mas eu achava cedo para contar sobre algo que poderia não passar de uma simples cantada inusitada em um bar.

Passei parte do dia fazendo algumas ligações, resolvendo problemas do escritório, conversando com algumas pessoas. Quando anoiteceu fui tomar um banho, lavei e sequei o cabelo. Caprichei no *look*, com uma calça justa preta e salto alto *scarpin* também preto. Uma blusa vermelha decotada e um blazer preto. Passei maquiagem destacando os olhos, com um batom mais puxado para o marrom claro. Olhei-me no espelho antes de sair, checando se estava tudo certo. Tinha que estar bem apresentável naquela noite, ainda mais se era um evento no alto da cidade. Janaína apareceu na porta do meu quarto, e eu me virei para ela, perguntando o que ela achava.

— Uau! Se superou hoje, hein Anastácia? Certeza que vai roubar a cena – ela sorriu, acrescentando. — E ainda me pergunta se é atraente – revirou os olhos.

— Obrigada. Ainda não entendo por que você não vai comigo.

— Porque eu mereço ter pelo menos um dia na semana de folga! – ela disparou e eu a olhei surpresa, mas ela sorriu logo em seguida. — E eu prometi ao meu namorado que íamos sair hoje à noite.

— Tudo bem, você merece tirar o atraso – sorri maliciosamente e ela voltou a rir. Já estava acostumada com meu senso de humor e minhas malícias, por isso nem se constrangia.

— Aí está uma expressão que você não conhece: tirar o atraso. Você nunca deixa sua cama esfriar.

— Se bem que já faz um tempo que ninguém além de mim deita nela, preciso mudar isso. Quem sabe hoje não é minha noite de sorte – sorri.

Janaína se despediu e eu fui esperar Gabriel perto da avenida, três ruas para baixo da minha casa. Desse modo ele não precisava fazer voltas para poder me pegar. Eu estava esperando-o chegar, observando a movimentação grande de um sábado à noite, quando ouvi a buzina e me virei. O carro parou do outro lado da rua, mas rapidamente meus olhos se desviaram do veículo para alguém parado na outra calçada, olhando-me de forma insistente. Eu sorri ao ver a figura inconfundível de Leona, parada perto da esquina, com o queixo quase caído no chão. O que ela estaria fazendo ali? Tão perto da minha casa e sem nenhuma ideia disso, dava para perceber pela sua surpresa. Era uma coincidência bem interessante, ainda que um pouco estranha. Voltei a me sentir desejada como no dia anterior e não pude segurar a vontade de usar de novo a minha sensualidade. Atravessei a rua e entrei no carro.

— Perfume novo? – o moreno perguntou logo que eu entrei. Ele adorava perfumes e sempre reparava quando eu trocava o meu. — Aliás, tudo novo? Que blusa linda é essa que eu não tinha visto ainda? Vai arrasar hoje!

— Você sempre repara. E eu tenho que estar bem apresentável, não acha? – arqueei uma sobrancelha e ele concordou.

Durante o trajeto conversamos sobre as últimas novidades. Eu gostava dele, era um bom assistente e uma pessoa bem divertida. Gostava quando me acompanhava nas festas, deixava tudo um pouco mais leve. Enquanto isso eu me preparava mentalmente para o resto da noite, fazendo questão de afastar a imagem de Leona da minha mente. Não podia haver distrações. Após quase uma hora chegamos ao local da festa. A galeria era bem grande, com vidros em toda a fachada deixando alguns quadros expostos para que as pessoas os vissem. Gabriel estacionou o carro e desceu comigo, mas a partir daquele momento mal nos falamos. Um segurança na porta checava a lista de convidados, mas logo que me aproximei ele já liberou a entrada, com um aceno de cabeça. Era hora do show. Coloquei um sorriso no rosto e observei o ambiente. Já havia várias pessoas por ali, conversando, interagindo, tomando champanhe e admirando o trabalho exposto.

Meus olhos correram pelas pessoas relembrando de seus nomes e personalidades, até que finalmente achei o dono da festa, perto da escada que dava para o piso superior, conversando com um grupo de três mulheres. Ele flertava com elas, enquanto as moças pareciam estar lisonjeadas. Endireitei o corpo e caminhei até o grupo com segurança, passos firmes, um sorriso sedutor. Logo que Felipe me viu chegando passou as mãos pelos cabelos negros e curtos, com

um olhar e sorriso bobos, olhando-me de cima a baixo. As moças fizeram o mesmo, ainda que me olhassem com desdém.

— Anastácia! Você veio! – ele me deu dois beijos no rosto para me cumprimentar.

— Eu não podia faltar ao evento mais importante do mês. O que você faria sem minha presença? – mexi os ombros, sorrindo levemente.

— Estaria entediado! – e conforme me aproximei de um dos quadros, ele me seguiu, deixando as moças para segundo plano. Nada pessoal, garotas, são apenas negócios.

— Você tem umas belas peças aqui. – realmente, alguns dos quadros ali pareciam muito bonitos e com bastante técnica. — Gostei dessa – eu me referia à pintura de uma moça com traços fortes, que parecia gritar. Cores bem fortes e escuras se misturavam em alguns pontos.

— Eu tinha certeza que ia gostar dessa – ele comentou dando um passo para mais perto e segurando de leve em minha cintura.

— Sabe tanto assim do que eu gosto? – mordisquei o lábio inferior, encarando seus olhos negros. Ele sorriu bobamente para mim, mas antes que pudesse responder, fomos interrompidos.

— Ora, ora, se não é a nossa queridíssima Anastácia? – respirei fundo antes de me virar para encarar aquele homem loiro e alto que me olhava com um sorriso debochado nos lábios.

— Sentiu minha falta, *querido*? Ou ainda não cansou de brincar de casinha? – indaguei. Lucas se aproximou e cumprimentou Felipe.

— Ótimo trabalho! O lugar está cheio e só ouço bons comentários sobre esses novos artistas que você contratou – agora ele se dirigia exclusivamente a Felipe, ignorando-me de propósito. Como eu odiava esse jeito esnobe dele!

— Obrigado. Realmente, eles têm muito talento, não é? Foi um achado ter conseguido trazê-los para essa nova fase da minha galeria – o moreno comentou, um pouco apreensivo, prevendo o que estava para acontecer.

— Anastácia, querida... – Lucas olhou-me como se estivesse surpreso por eu ainda estar ali. — Se importa em nos dar licença para falarmos de negócios? Você sabe... Nada que você entenda... – ele revirou os olhos, com um sorriso presunçoso arreganhando os dentes perfeitos.

— Ah sim, compreendo. Negócios... Nada que uma das mais bem-sucedidas donas de galeria de São Paulo possa entender...

— Gente. Por favor, aqui não – Felipe pediu, desconcertado com a cena.

— Me desculpe, Felipe. Não quero atrapalhar a conversa tão importante com o dono do mundo. – sorri friamente para o loiro e voltei-me para o moreno uma vez mais. — Estou interessada em alguns de seus quadros, me procure depois da festa – pisquei para ele e dei as costas, sem olhar para trás.

Por dentro eu fervilhava de raiva, mas por fora o sorriso congelado continuava no rosto. Lucas havia sido meu primeiro marido e depois desses anos todos separados eu continuava me perguntando o que eu vira nele. Era um homem convencido, narcisista, irônico e extremamente machista. Quando nos casamos eu não fazia ideia dessa última parte, ainda estava

decidindo o que fazer da vida, começando minha carreira... E minha mãe gostava dele. Enquanto eu trabalhava apenas como sua secretária gostosa, ele sempre fazia questão de me exibir por aí, mas bastou eu descobrir que queria seguir no ramo dos negócios da galeria para as brigas começarem. Demorou um tempo para que eu conseguisse me ver livre dele e seguir meu caminho.

— Por que uma mulher tão linda como você está sozinha? – fui tirada de meus pensamentos por um homem de cabelos negros que me encarava com um sorriso no rosto.

— Quem disse que eu estou sozinha? – voltei a pergunta, observando sua reação. Ele não pareceu intimidado, pelo contrário.

— Eu estive observando... E duvido que aquele cara esteja à altura para ser seu acompanhante – ele me lançou um sorriso sedutor.

— E você é...? – arqueei uma sobrancelha, aproximando-me dele.

— Só irá descobrir se me deixar lhe acompanhar – ele ofereceu-me o braço e eu o segurei.

Andamos um pouco por ali, tomando uma bebida, conversando um pouco sobre o mercado das artes, os quadros e seus valores, nossos pintores favoritos, dentre outras coisas. Ele era divertido e havia me feito esquecer o aborrecimento que eu passara momentos antes. Eu sabia o que ele queria, e estava disposta a dar, mas quando chegou a hora de irmos embora, desisti. Não quis mais. E quando eu não queria, não fazia, simples assim. Apesar de um pequeno protesto da parte dele, deixei no ar que poderíamos nos ver numa próxima vez, e voltei para casa sozinha.

Capítulo 03

Já era tarde e eu passei a maior parte do sábado trabalhando em meu apartamento. Desencaixotando tudo, colocando no lugar, fazendo uma lista de coisas que eu precisava comprar para me manter, desembrulhando alguns quadros e pendurando-os na parede. Como havia dois quartos no apartamento, um deles certamente serviria de estúdio para as minhas pinturas. Haveria cavaletes, quadros, tintas, pincéis, aparelho de som, entre outras coisas. Naquele dia eu só havia recebido a ligação de Karina, uma das minhas melhores amigas. A mais próxima, na verdade. Ela estava louca para ir a uma boate comigo, já que agora morávamos na mesma cidade. E por mais que eu tentasse convencê-la de que eu não queria ir, não adiantou. Ela era tão teimosa quanto eu e não iria aceitar um não, ainda mais num sábado, no qual eu não tinha nada para fazer.

Apesar de ter pensado em Anastácia logo quando acordei, por ter tido a sensação de que havia sonhado com ela, pelo resto do dia eu ficara tão entretida na arrumação que esqueci de todo o resto. Eu estava com o Spotify ligado, ouvindo a playlist das minhas músicas favoritas e dançando pela casa enquanto arrumava tudo, quando ouvi uma batida insistente na porta. Confesso que por um milésimo de segundo pensei na loira... Mas então percebi o quão boba eu estava sendo. Como poderia ser ela, pelo amor de Deus? Corri atender à porta.

— Achei que fosse me deixar plantada aqui a noite inteira esperando – esse foi o cumprimento de Karina quando abri a porta e deixei-a passar para dentro do apartamento.

— Mas é exageraaaada – comentei assim que fechei a porta. Sorri, abrindo os braços.

— Sua idiota! – ela me deu um superabraço e começou a rir. — Então este é o seu apartamento, hein? Bonito – ela começou a observar as paredes e os móveis, dando uma volta pela sala.

— Sim, eu também adorei. Foi por isso que demorei, eu estava arrumando tudo – comentei, tirando alguns itens que estavam no chão e recolocando dentro das caixas, apenas para não deixar espalhado.

— Do jeito que você é tão certinha, capaz de virar a noite aqui arrumando tudo – ela revirou os olhos, sentando-se no sofá. — Fofinho... Aconchegante... Gostei – disse sorrindo e se recostando.

— Eu não sou certinha... Só organizada – retruquei.

— Muito bem, senhorita organizada, vai logo se arrumar senão é hoje que não saímos daqui.

Fui logo me arrumar e fazer a vontade de Karina. Ela era minha amiga desde que eu me conhecia por gente. Na adolescência sua família se mudara para São Paulo e ficamos separadas por alguns anos, o que tecnicamente foi bem difícil e bem caro (contando todas as contas de telefone e passagens de ônibus que gastamos). Sempre fomos um pouco uma o contrário da outra. Então as brigas eram inevitáveis, principalmente quando divergíamos no ponto de vista. Mas logo nos entendíamos e de alguma forma fazíamos essa amizade funcionar.

Resolvi lavar meu cabelo e depois sequei e ajeitei. Ele era meio ondulado, castanho, e depois de um bom banho e creme ele ficava bem cacheado. Decidi-me por uma calça jeans e uma blusa azul escura, de botões dourados e mangas compridas. Maquiagem leve, como eu sempre gostava, perfume, sandálias de salto... Quando eu estava em casa usava algo bem casual e quando eu estava pintando não me importava em usar roupas surradas, especialmente porque iriam manchar de tinta. Eu tinha até uma blusa já toda colorida por pinceladas e era uma das

minhas favoritas para usar quando estava trabalhando em meus quadros. Mas quando eu precisava sair, como naquele dia, eu gostava de me arrumar bem. Às vezes era difícil conciliar meu trabalho e estudos com meu gosto pessoal por moda. Eles eram meio que conflitantes. Mas na maior parte das vezes eu gostava de poder variar os estilos.

— Amor, tá viva ainda? – ouvi a voz de Karina do outro lado da porta. Deixei que ela entrasse em meu quarto.

— Estou! Só estava acabando de me trocar – comentei sorrindo.

— Uau! Está gatíssima! Vai arrasar hoje com as gatinhas! – ela piscou pra mim.

— É – sorri de canto.

Se ela soubesse que era uma gatona que eu queria conquistar... Eu planejava contar para Karina sobre ela, mas eu tinha certeza de que logo que abrisse a boca seriam horas conversando sobre o assunto. Ela iria querer saber de tudo, opinar, e capaz de ela mesma mandar mensagem para a loira só para ver minha reação. E como Karina estava tão animada para sair, resolvi que não era o momento para aquilo.

— Mas vamos, já faz mais de uma hora que marquei com o Marcelo, ele deve estar cansado de tanto esperar – a ruiva foi se encaminhando para a porta.

Saímos de casa rumo ao metrô. Eu estava morando em Higienópolis e não era muito longe da Linha Amarela. Eu estava sem carro e Karina não dirigia, mas o metrô estava tranquilo, por conta daquele horário. A boate que iríamos chamava Bubu Lounge e, pelo que Karina me disse, era um local LGBT e naquele dia teria muitas meninas. Eu estava realmente animada para conhecer a casa e quanto mais me aproximava mais eu ficava ansiosa. Estava sentindo que aquela seria uma ótima noite.

Descemos do metrô e enquanto esperávamos na esquina da rua da casa de Marcelo, eu ficava observando as coisas ao meu redor. Havia um bar do outro lado da rua, várias casas muito bonitas, uma padaria... Havia uma avenida, de frente para onde estávamos, e estava movimentada. Eu olhava o tempo todo para o relógio, receosa de ficarmos ambas ali sozinhas esperando por ele, de noite. De repente, algo me chamou a atenção. Olhei na direção da avenida, observando uma moça de costas. Era alta, loira e completamente linda. Sua roupa me chamara à atenção. Calça justa, delineando bem suas pernas e um *scarpin* nos pés. Eu sempre achei tão sexy esse tipo de salto! E ela usava um blazer preto também, que brilhava conforme as luzes dos carros a atingiam.

Senti uma sensação de *déjà vu*, e logo entendi o porquê. Um carro parou do lado contrário de onde ela estava, obrigando-a a se virar de frente, e só então eu divisei Anastácia. Ela olhou para mim, demorou-se alguns segundos, e eu não consegui esconder minha surpresa, arregalando os olhos e abrindo a boca. Por baixo do blazer ela usava uma blusa vermelha com um enorme decote entre os seios e, apesar disso, continuava extremamente elegante. E muito sexy. Ela abriu um enorme sorriso em minha direção e, enquanto ela caminhava os poucos passos até o carro, senti como se desfilasse para mim. E tão rápido ela desviou seu olhar, deu a volta no carro e entrou pelo lado do passageiro. Tão perto... E ao mesmo tempo tão longe! Ela não me olhou mais, ainda que pudesse caso quisesse, só olhando pela janela. O carro deu partida e ela se foi.

— Leona! – o grito no meu ouvido e o puxão no meu braço me fizeram despertar para a realidade. Olhei assustada para a ruiva de cara fechada que me puxara e um moreno surpreso com a situação. — Eu falei vamos embora! Tá querendo ser assaltada, é? – ela bufou, começando a andar, para que fizéssemos o mesmo.

— Desculpa, eu fiquei perdida em pensamentos – comentei, sem conseguir parar de pensar na cena que eu acabara de presenciar.

Não preciso nem dizer que a partir daquele momento minha noite estava terminada, não é? Por mais que eu tentasse dançar no ritmo da música, não conseguia tirar Anastácia de meus pensamentos. Com quem ela estaria? Onde estaria indo? Por que eu a encontrara ali? Às vezes a gente acha que o universo conspira ao nosso favor, mas às vezes a impressão é exatamente contrária. Encostada na parede da boate eu via minha amiga descer até o chão, rindo junto com Marcelo, com um copo de cerveja nas mãos. Olhei para o meu próprio copo com vodka e energético e tomei mais um gole. Quando ela olhou pra mim forcei um sorriso, dançando um pouco. Mas para minha sorte Karina já estava bêbada e não prestava atenção no que eu estava fazendo. Quando me dei conta, uma moça linda estava ao meu lado, perguntando-me se eu estava sozinha. Adivinha? Sim, ela era loira, mas devia ter a minha idade mais ou menos. Olhei bem pra ela... Realmente, era linda... Não era exatamente quem eu queria, mas...

Antes que eu pudesse completar meu pensamento, a moça segurou em minha cintura, prensando-me na parede e aproximou-se, beijando meus lábios e forma intensa. Sorri e retribui o beijo. Por que não? Mas na metade do caminho percebi meu erro. Rapidamente troquei de lugar, deixando-a encostada na parede, e voltei a colar meus lábios nos dela. Coloquei uma das mãos em sua nuca, arranhando de leve, e entrelacei meus dedos nos fios loiros, puxando-os com um pouquinho de força, até que ela colocasse a cabeça para trás. Em minha mente outra cena se desenrolava, com outra loira em meus braços, e era o que estava me movendo naquela noite. Voltei a passar minhas mãos pela cintura dela, sorrindo em seguida e dando selinhos em seus lábios. A garota sorria, tentando voltar a me beijar, mas eu gentilmente a afastei. Para ser mais convincente, tomei mais um gole da bebida e fui dançar ao lado de Marcelo.

Quem eu estava querendo enganar? Eu estava irritada, só não sabia se de ciúmes ou de inveja de quem quer que estivesse naquele carro com Anastácia. Talvez um pouco dos dois. Voltamos ao bar e eu peguei mais um copo de energético com vodka, e continuei bebendo, enquanto imagens dela vestida daquele jeito voltavam à minha mente. Após uns três copos eu já estava meio tonta e alegre, então não foi difícil me soltar um pouco e conseguir relaxar. Para falar a verdade, eu odiava perder o controle das coisas, da situação. Por isso eu sempre soube meu limite para bebida, poucas vezes fiquei bêbada. Mas naquela noite eu já não me importava, era exatamente aquilo que eu queria: relaxar um pouco.

Saímos da boate quase seis horas da manhã. Estava amanhecendo. Conforme andávamos pela rua até a estação de metrô podíamos ver as pessoas começando seu dia, fazendo exercícios, passeando com o cachorro... E nós três voltando acabados da noitada. Marcelo logo ficou em sua casa, já que morava ali perto, e eu e Karina nos separamos. Cheguei em casa com muita dor nos pés, um pouco de dor de cabeça e uma vontade gigantesca de me jogar na cama e nunca mais sair de lá. Conforme me despia das roupas do dia anterior, torci o nariz, eu fedia a cigarro, bebida e outros cheiros ruins. Ia tudo para o cesto no banheiro. Eu precisava de um bom banho, mas cansada do jeito que estava, coloquei a primeira camisola que eu achei e me joguei na cama. Peguei o celular para colocar para despertar mais tarde naquele domingo e só então

percebi que havia uma mensagem nova.

"Espero que a sua noite tenha sido tão divertida quanto a minha... ;)" Foi exatamente essa mensagem que me fez querer jogar o celular na parede! Fiquei imaginando o quão boa deveria ter sido. Respirei fundo, tentando trazer um pouco de razão para a minha cabeça. Ela só estava querendo me provocar... Só isso. *"Ah, se foi... Mas garanto que se divertiria muito mais caso estivesse comigo."* Respondi com um sorriso no rosto. *"humm precisa de um pouco mais para me interessar."* Fechei a cara ao ler o que ela escrevera. Eu não estava em condições de elaborar muito minhas cantadas... Mas respirei fundo e respondi de modo que achei que ela fosse gostar. *"Eu não te deixaria dormir enquanto não te fizesse enlouquecer de prazer."*

Demorou poucos segundos até a próxima mensagem. *"Se pudesse ver como eu estou agora, você que iria enlouquecer. Boa noite, garota, até uma próxima."* Soltei um grunhido de frustração. Ela estava brincando com a minha cara, não é? Mas não iria ficar assim... *"Eu não vou apenas ver, como vou tocar, beijar e devorar."* Apertei o botão de enviar e aí não tinha mais volta. Não era isso que ela queria? Esperei ansiosa pela resposta, que não tardou a vir. *"... agora fui eu que tive um orgasmo... rs..."* Eu comecei a rir, relembrando da primeira vez que a vi e da nossa primeira conversa. Mas se o que ela queria era brincar, era isso que ela teria. *"Boa noite, loira. Até uma próxima."* Não recebi outra mensagem e sorri satisfeita. Certeza que ela esperava uma nova investida da minha parte. Sorri, relaxando na cama, e então dormi.

Só fui acordar quase cinco horas da tarde. E só então percebi como eu estava faminta. Fui até a geladeira e peguei uma caixa de lasanha para dois. Coloquei no micro-ondas e abri uma latinha de Coca-Cola. Sentei na sala, em frente à TV, e fiquei almoçando – ou seria jantando? – enquanto assistia a algum programa que estava passando. Fui olhar minhas mensagens no celular e tinha várias da Karina, perguntando se eu tinha morrido, pois passara o dia todo sumida. Respondi rapidamente que tinha dormido o dia todo e que só tinha levantado naquele momento. Voltei a olhar as mensagens que eu trocara com Anastácia naquela manhã e quase me afoguei na privada de tanta vergonha! Tudo bem que eu não era nenhuma santinha, mas eu mal a conhecia! Não era acostumada a falar tantas bobagens sobre sexo com quase desconhecidos. Segurei a vontade de mandar uma mensagem para ela e deixei o celular de lado.

Mais tarde resolvi pintar e tirei de algumas caixas meus pincéis e tintas. Peguei uma das telas em branco que eu havia levado e coloquei no cavalete. Como eu sempre estava pintando alguma coisa, essas foram as primeiras coisas que eu levei para o apartamento. Forrei o chão do segundo quarto com jornal velho, coloquei a *playlist* de músicas disco para tocar e comecei a pintar. Ainda não fazia muita ideia do que eu ia desenhar, mas comecei a ir pincelando com as cores na tela enquanto seguia o ritmo da música. Aos poucos uma rosa foi surgindo, em meio a outras rosas em um jardim. E dentre as rosas, apenas um girassol, bem amarelo, bem bonito.

Não vi as horas passarem, quando me dei conta já era quase dez da noite. Voltei para a cozinha e fui fazer um lanche para mim, enquanto ia dançando junto com a música, quando o apito do meu celular interrompendo a melodia fez meu coração pular no peito. Saí correndo para pegar o aparelho em cima da mesa, e minhas suspeitas se confirmaram. Sorri instantaneamente. Mas logo que abri a mensagem fiquei de queixo caído, ficando vermelha logo em seguida. Sem saber se sentia tesão ou raiva.

— Filha da puta! – falei em voz alta, segurando forte o celular, ainda um pouco sem ar pela

surpresa do que eu acabara de ver.

Anastácia tinha me mandado uma foto dela. Deitada na cama. Enrolada no lençol. Com um sorriso sacana no rosto. Quase dava para ver os seios dela. E embaixo, a seguinte legenda: *"Você quer brincar, não quer? Isso é o que você perde, quando tenta ganhar."*

Capítulo 04

Eu estava entediada de ficar em casa, sem fazer nada. Domingo geralmente era um dia que eu tirava para mim, ficava vendo televisão, mexendo no computador, vendo filme... Às vezes eu marcava de sair com alguém... Isso quando por algum motivo eu não tinha trabalho para resolver, o que às vezes podia acontecer. Já passava do meio-dia e eu não havia tido fome ainda. Passava os canais na televisão sem ter nada que eu gostasse, até que Janaína entrou na sala. Olhou-me surpresa. Eu estava jogada no sofá, de calça *legging* e blusa de manga comprida, com o cabelo enrolado em um coque.

— Se eu soubesse que não ia trabalhar hoje, nem tinha vindo – ela comentou se sentando no sofá ao meu lado.

— Não sei... Não acordei com muita disposição hoje... – dei de ombros, focando na televisão, mas sem prestar muita atenção.

— Pra você ficar assim, aconteceu alguma coisa – ela já se ajeitou no sofá, tirando as sapatilhas e colocando as pernas dobradas em cima da almofada.

— Advinha quem eu encontrei ontem na inauguração? – ela não me respondeu, apenas revirou os olhos, já sabendo o que eu ia dizer. — Exatamente, Lucas. E claro que ele tinha que tentar roubar a cena para ele... E fazer um daqueles comentários lamentáveis e inconvenientes.

— Você não devia se importar com ele, ainda mais por estarem fora da vida um do outro há tempos.

— Eu sei... Mas não consigo. Você sabe... Ele vive tentando me diminuir ou desprezar, e eu não posso deixar barato. Eu tenho que mostrar pra ele quem manda. – eu sorri para ela e ela sorriu de volta.

— Você sempre tem que mostrar quem manda, não é, Anastácia? – ela balançou a cabeça negativamente.

— Claro que eu tenho. Não deixo que ninguém mande em mim. Ninguém mais tem as rédeas da minha vida a não ser eu mesma.

— E você está certa, não questiono isso... – ela deixou a frase no ar, como se tivesse mais coisas a dizer. E tinha. — Mas às vezes você chega a exagerar um pouco... Tem horas que poderia apenas se deixar levar.

— Talvez – dei de ombros. — E eu me deixo levar... – voltei a sorrir, mas dessa vez com outras intenções. — Principalmente se for pra cama. Adoro me divertir e sair sem compromisso nenhum.

— Sei bem disso. Volta e meia chego aqui e você está acompanhada. Eu já nem pergunto. – ela suspirou um pouco constrangida.

— É bom mesmo não perguntar! Senão ainda posso te convidar para participar – ela me lançou um olhar intrigado e um sorriso de canto.

— Céus, não! Imagina ter você mandando até mesmo na cama? Ninguém merece! – ela levantou as mãos para cima, enquanto ria, fazendo-me rir também. Dei um tapinha no seu braço.

— Tem gente que gosta, sabia? – cruzei os braços.

— Sim, eu sei. Já vi alguns caras com quem você saiu que só faltava ficarem de quatro e latirem.

— Teve um que fez isso mesmo – eu falei direta e ela arregalou os olhos. — Com coleira e tudo... Gozou só de me ver toda estilo *dominatrix*.

— Ana! – ela tratou de tapar os ouvidos, com a boca aberta e os olhos arregalados. — Eu não quero saber dos detalhes da sua vida sexual, pelo amor de Deus! Já me basta ver coisas que eu preferiria não ver! – comecei a gargalhar com sua reação exagerada.

— Para, vai Ni, até parece que eu não sei que você curte umas coisas diferentes também. Lembra que te acompanhei no *sex shop* uma vez? – cutuquei-lhe na barriga e ela suspirou.

— Como poderia esquecer? Nunca mais consegui entrar lá sem o dono ficar me olhando esquisito...

— O que é contraditório... Ele sendo dono de uma *sex shop* não deveria se chocar com tão pouco.

— De qualquer forma, águas passadas – ela disse olhando o horário em seu relógio de pulso. Colocou as sapatilhas de volta, ficando de pé. — Preciso ir agora, mas estou sempre com o celular. Se precisar de mim, já sabe. E amanhã cedo estou no escritório.

— Ok, qualquer coisa te ligo.

Depois que Janaína saiu resolvi fazer alguma coisa pra comer. Fiz um chá gelado para mim, torradas com geleia e peguei uma fruta. Enquanto comia sentada à mesa da cozinha relembrava a conversa com minha assistente. Todo aquele papo sobre sexo me fizera lembrar de Leona e de como ela havia me deixado na mão noite passada. Eu havia voltado sozinha para casa e dormi uma parte da noite. Acordei de madrugada e já que não tinha nada para fazer, mandei uma mensagem para ela, que logo depois me respondeu. Imaginei que tivesse voltado da boate naquela hora. Conforme as mensagens chegavam eu estava realmente ficando de bom humor, excitada, achando que pudesse rolar uma conversa bem interessante, até que ela me desejou boa noite e encerrou o papo. Só de me lembrar disso eu já ficava levemente irritada. No jogo da sedução era eu quem dava as cartas e não o contrário. Ela achava o quê? Que só porque ela era mulher iria ganhar essa fácil? Mas não ia mesmo!

Enquanto eu voltava para o meu quarto já sabia exatamente o que fazer. Tirei a roupa para tomar um banho de banheira e antes de ir para o banheiro deitei na cama, pegando meu celular e tirando uma foto, mandando para ela. Sorri triunfante quando percebi que ela visualizou e não respondeu. Ah, como eu gostaria de ver a cara dela nesse momento! Saber o que ela estava pensando e o que diria. Levei o celular para o banheiro, colocando uma *playlist* de músicas pop rock e fui tomar banho. Eu sempre gostei de água bem quente, era muito relaxante, ainda mais após um dia cansativo de trabalho. Enquanto deixava a água envolver meu corpo, minhas mãos passeavam devagar por toda minha pele, tocando-me de forma leve, fazendo-me fechar os olhos. A sensação era tão boa, e minha mente vagava por entre lembranças e desejos, até que a imagem de Leona se formou em minha cabeça. Seu corpo, seus olhos, sua boca... Seu jeito atrevido... Eu estava com tanto desejo que nem mesmo fiz questão de afastar aqueles pensamentos. Deixei-me levar, imaginando seu toque, seu beijo, seu gosto... Até atingir o ápice do prazer e finalmente me satisfazer.

O resto do domingo não passou de mais uma sessão de filme e algumas besteiras que eu comi. Segunda-feira de manhã eu já estava de pé e a caminho do escritório. Minha semana seria bem cheia. Eu estava para fechar um contrato com um novo artista, correndo atrás para conseguir alugar um espaço para a exposição em novembro – e sim, precisava ser com bastante antecedência, são lugares bem concorridos. Havia ocorrido uma queda nas vendas de quadros e precisávamos de algo novo para mostrar ao público. Mal cheguei ao meu escritório na Avenida Paulista, um prédio discreto com portas de vidro escuro com um letreiro logo em cima "Galeria Bittencourt – Arte e Decoração", quando Janaína já me encontrou na porta e começou a andar ao meu lado, enchendo-me de recados.

— O Bruno já ligou umas duas vezes e pediu para você retornar. A Camila Oliveira perguntou se você já vendeu aquele vaso clássico que ela queria tanto, e disse que vai querer mesmo ficar com ele. E o Gabriel já está enlouquecendo precisando de mais uma assistente. Ele quer saber se você autoriza que ele faça uma seletiva.

— Pode deixar que retorno a ligação do Bruno, ligue para a Camila e diga que tivemos propostas para essa peça. Ela geralmente tenta barganhar. Se quer tanto, vai aumentar o preço de oferta para poder ficar com ele. E sim, autorizo. Estamos precisando mesmo de mais uma pessoa para nos ajudar no escritório. Apesar da queda desse mês, estou planejando uma nova exposição para o fim do ano e se der tudo certo, vamos precisar mesmo de ajuda.

Entrei em minha sala e Janaína voltou para a dela, que tinha uma porta que dava para o meu escritório, assim ela podia falar comigo sempre que precisasse. Passei o dia inteiro resolvendo problemas do trabalho e só saí para me encontrar com uma das artistas que queria me mostrar seu novo projeto. Era bom, mas não o suficiente para sustentar uma exposição sozinha. Isso estava me preocupando. Nosso último evento havia sido em abril e desde então só tínhamos vendido artigos e peças de decoração. Com relação às telas, as vendas estavam baixas. No dia seguinte eu fui ver alguns espaços nos Jardins, gostei de alguns, mas os preços eram bem altos. Por causa disso, minha semana acabou sendo bem agitada e eu estava bem estressada. Quinta-feira recebi uma ligação de Marina, uma das minhas amigas de faculdade que haviam sobrado mesmo após os anos, convidando-me para tomar um chope naquela noite. Agradeci mentalmente, eu estava mesmo precisando relaxar um pouco.

Enquanto eu estava revendo os últimos contratos antes de sair, recebi uma mensagem de Leona. "*Está ocupada?*" Quase havia me esquecido dela, devido a tanta correria. "*Um pouco... Muito trabalho essa semana.*" Respondi, voltando a atenção para a leitura que eu fazia, mas o bipe do celular me desconcentrou de novo. "*Que pena... Quer sair comigo amanhã à noite?"* Voltei a ler a mensagem, ponderando sobre o que responder. Eu estava com vontade de sair com ela, de conversar, saber o que aquela garota tanto queria comigo. Eu estava louca para me divertir com ela, mas tinha dúvidas se ela sabia mesmo onde estava se metendo.

Não sei por que, mas sentia que devia avisá-la disso. Engraçado que eu não me importava muito em brincar com os homens. Talvez fosse o fato de ela ser mulher ou de ser mais nova do que eu... De qualquer forma, respondi um "talvez" para ver o que ela ia dizer. "*Em uma sexta à noite? Prometo ser a melhor companhia do seu final de semana ;)"* Eu sorri com a resposta e me decidi. Se era isso que ela queria, por que não? Que ela podia ser uma companhia bem divertida ela já tinha me mostrado... Só me restava saber se era tão boa assim na cama quanto sua propaganda tentava me convencer.

Demorei mais uma meia hora até terminar tudo e finalmente fui para casa. Passei em um banho rápido, arrumei-me e fui me encontrar com Marina. Marcamos em uma choperia na Vila Mariana, um lugar bom e tranquilo. Eu cheguei e ela já estava lá, sentada ao balcão, mexendo no celular. Ela não mudara muito desde a época da faculdade. Continuava com o corpo cheinho, os cabelos curtos e castanhos sempre repicados, sempre usando roupas de cores quentes. Logo que eu me aproximei ela já me viu e se levantou para me cumprimentar.

— Ane! – ela colocou seus braços ao redor do meu pescoço, me dando um abraço apertado e dois beijos. Ela era a única pessoa que sempre me chamava de Ane, com sotaque americano, não importava o quanto eu a corrigisse.

— Marina! Quanto tempo! – após os cumprimentos sentei-me num banquinho ao seu lado. Pedimos dois chopes. — O que tem feito? Você sumiu!

— Ah eu estava em viagem na Europa – ela sorriu, tomando um gole de chope. — Passei alguns meses por lá, visitando alguns museus, amigos... E escrevendo, coletando material. — ela era dona da revista “Moda & Cia.” e sempre estava em sintonia com as tendências de lá de fora.

— Ai que ótimo! Bem que uma viagem dessas me faria bem. Faz tanto tempo que não saio do Brasil. Tanto trabalho por aqui... – suspirei.

— Realmente, amiga, está precisando relaxar. Parece muito tensa. Falando nisso, há quanto tempo não vê um *boy*? Nas festas onde eu fui tinha um monte. Podia escolher qual eu quisesse – ela riu, tomando mais um gole da bebida.

— Faz um tempo, viu? Estou com umas propostas na mesa no momento... – sorri abaixando o olhar, sentindo-me corar um pouco ao pensar naquela garota. — Um pouco... Diferentes...

— Diferentes, é? De que tipo? – ela pareceu mais curiosa, virando o corpo levemente em minha direção.

— Do tipo aventura – foi tudo o que eu disse e ela sabia que era tudo que ia conseguir de mim. Eu não falava muito sobre coisas que eu não tinha muita certeza e era difícil arrancar uma confissão ou algo mais profundo sobre mim.

— Se quiser minha opinião, vai fundo, Ane! Qualquer que seja essa aventura. Você nunca se repreendeu por tentar algo diferente, vai começar agora?

— Não mesmo! – respondi. — Já chega na época da adolescência que minha mãe me repreendia o tempo inteiro.

— Sua mãe era osso duro de roer, né? Nunca mais a vi, mas tenho quase certeza de que ela não mudou muito.

— E aquela ali muda? Não. Só mudou as formas de me criticar. Quando eu era mais nova era por algumas razões, hoje é por outras. Minha sorte é que ela está morando em outro estado e parou de querer ter tanto contato depois de eu a ignorar algumas vezes. De vez em quando viajo para vê-la, mas sempre com a desculpa de que estou lotada de trabalho, então não posso ficar muito.

— Sei como é... Ainda lembro quando ela descobriu que você havia faltado na aula para dormir na minha casa e ainda apareceu com uma tatuagem... – ela mal acabou a frase e começou a rir. — Lembra como ela ficou puta e queria gritar, mas ao mesmo tempo não queria perder a

compostura na frente dos meus pais?

— Com certeza lembro! Principalmente as marcas da mão dela que ela deixou depois quando cheguei em casa... – bufei, mas voltei a sorrir. — Mas foi mesmo engraçado. Aliás, acho que isso foi sempre algo que ela odiava que eu fazia. Eu saía por aí para fazer o que queria e falava o que eu achava, sem me importar com os outros. Isso a deixava em cada situação! Ela queria me matar!

Passamos o resto da noite relembrando nossa época da escola e da faculdade, em como nossos pais queriam nos controlar e o quanto nos divertimos nessa época. Foi bom poder descontrair um pouco, sem a pressão do trabalho, sem jogos, nem nada disso, apenas uma boa conversa com uma velha amiga. Às vezes eu me esquecia de como isso era bom e necessário para melhorar nosso humor.

Capítulo 05

Alguns dias haviam se passado e estava quase no final da semana seguinte. Desde então eu não havia mais falado com Anastácia e ela também não dera sinal de vida. Passei meus dias andando por São Paulo entregando currículos. Eu ainda não tinha arranjado um trabalho e, apesar de sermos uma família com boas condições financeiras, meus pais não tinham negócio próprio em que eu pudesse trabalhar. Aliás, eu nem queria, já que pretendia seguir no ramo das artes mesmo. Havia deixado currículos em curadorias de arte, lojas de quadros e pinturas, vendas e revendas e até mesmo em floriculturas! Voltava para casa ao final do dia, cansada, e só comia algo e ia dormir. Nas folgas continuava pintando aquela tela que eu começara, do girassol em meio às rosas. Viver em São Paulo estava sendo quase como eu imaginei que seria. Apesar de ter saído poucas vezes para me divertir, sabia que nos finais de semana isso seria fácil. Estava perto dos meus amigos e eu adorava essa variedade de pessoas, situações e lugares que somente São Paulo tinha.

E, claro, eu estava esperando encontrar uma namorada para mim, talvez uma que durasse dessa vez. Eu havia achado o amor da minha vida muito cedo, mas infelizmente ela não era quem eu achava que era. Tínhamos uma química incrível e namoramos por dois anos, mas as brigas eram constantes. Ela morava em outro estado e parecia não ter tempo para viajar para me ver, nem mesmo disposição. Já estava cansada de ser a única tentando, não valia a pena. Após alguns rolos e paqueras, nada muito sério, eu finalmente havia achado a pessoa que iria passar o resto da minha vida. Era da minha própria cidade. E fora por ela que eu passara muito tempo na fossa. Ela havia me traído com uma ex dela, brigamos muito feio e após uns meses longe, acabei aceitando-a de volta. Pior coisa que eu fiz em toda a minha vida. Não bastasse o primeiro chifre, levei mais dois. Depois disso passei muito tempo em negação, achando que o amor não valia a pena. Quis desistir de achar alguém que fosse gostar de mim. Passei por uma fase muito difícil e meio obscura...

Até que um dia parei e pensei sobre minha vida, minha situação... Eu sempre quis conhecer o mundo, ir embora da minha cidade, conhecer tantas pessoas diferentes... O que eu ainda estava fazendo parada ali? Falei com meus pais e vendi o apartamento que eu tinha em minha cidade natal, transferi a faculdade, achei um lugar bom em São Paulo e me mudei de vez. A única coisa que me intrigava naquele momento e que parecia ser certo, mas bem fora do lugar, era Anastácia. Eu não tinha dúvidas de que alguma coisa iria sair disso, mas ela parecia tão difícil... Todos os dias eu olhava meu celular na esperança de que ela pudesse ter me mandado uma mensagem, mas nada havia. Confesso que agora eu estava muito mais curiosa do que no começo. Claro que ela era muito sexy e meu maior desejo era estar em sua cama... Mas eu queria muito mais do que isso. Como eu lhe havia dito, queria conhecê-la, saber do que ela gostava... O que queria... Ouvir suas experiências... Eu precisava retomar o contato.

"*Está ocupada?*" Mandei a mensagem na quinta-feira à noite, enquanto jantava. Demorou uns bons minutos até que ela me respondesse. "*Um pouco... Muito trabalho essa semana.*" Fiquei um tanto decepcionada, imaginando que provavelmente não conversaríamos. "*Que pena... Quer sair comigo amanhã à noite?*" Resolvi perguntar logo de uma vez. Eu estava achando muito pouco conversar com ela através de mensagens. Queria vê-la, olhar em seus olhos... Ouvir sua voz... "*Não sei... Tenho estado bem ocupada...*" Eita mulher ocupada! "*Em uma sexta à noite? Prometo ser a melhor companhia do seu final de semana ;)*" Eu esperava mesmo que sim, apenas imaginando se ela já tinha feito planos. "*Então te encontro naquele bar,*

pode ser?” E sua resposta me deixou com um sorriso no rosto. *“Claro. Amanhã às 21h. Beijos, loira.” “Beijos, Leo.”* Eu a imaginava falando meu nome em voz alta e nunca gostei tanto de um apelido como estava gostando do meu. Aliás, tudo naquela boca parecia ser mais gostoso.

Nunca esperei tão ansiosamente para um fim de semana quanto eu esperava por aquele. Tive que recusar alguns convites de saída dos meus amigos dizendo que eu já tinha um compromisso, e ele era inadiável. Karina foi a que mais insistira, querendo de todas as formas descobrir o que eu tinha marcado e para onde ia, e o mais importante: com quem. Logo eu teria que contar-lhe sobre Anastácia, ou seria capaz de ela me matar se soubesse de outra forma. Na sexta-feira voltei a sair por São Paulo para entregar currículos durante a parte da manhã. Estava um dia bonito, ensolarado. Voltei para casa na hora do almoço e fiz um pouco de macarrão com carne picada para comer. E na parte da tarde voltei a fazer o que mais gostava: pintar. Terminei o quadro que eu havia começado e quando olhei em meu celular já eram quase seis horas da tarde. Eu precisava começar a me arrumar. Apesar de não demorar tanto assim, sabia que o trânsito em São Paulo era complicado. Dependendo de pra onde ia e quais conduções você teria que pegar, seria bom sair com uma ou duas horas de antecedência. E ainda assim correr o risco de chegar atrasada.

Tomei um bom banho e quando entrei em meu quarto, parei um pouco para me admirar no espelho. Eu não era muito alta, tinha um corpo levemente gordo e encorpado. Ajeitei meus cabelos ondulados atrás das orelhas, mordisquei o lábio e suspirei, duvidando de mim mesma por alguns segundos. “É, Leona, você precisa de muito para conseguir conquistar uma mulher daquelas..." Voltei-me para o meu guarda-roupa e escolhi uma calça jeans escura, blusa preta decotada e sandálias prateadas. Passei um dos meus perfumes favoritos, um pouco doce, e ajeitei meus cabelos com creme para que ficassem um pouco mais cacheados. De maquiagem apenas lápis, delineador, rímel e um batom rosa escuro. Após checar pela milésima vez se eu estava com tudo no lugar, saí de casa. Peguei o metrô um pouco cheio ainda, pelo fato de serem oito horas de uma sexta-feira. Mas eu não estava me importando naquele dia. Meu estômago estava se revirando de ansiedade, e milhões de bobagens se passavam pela minha cabeça. E se ela não aparecesse?

Depois de quase meia hora, eu estava novamente naquele bar chamado Bistrot de Paris, na rua Augusta. Ele era um local meio escondido, mas bem sofisticado. Havia a parte do bar, onde tinha um balcão com várias banquetas, e a parte de restaurante, com várias mesas tanto do lado de dentro quanto algumas do lado de fora. Entrei e me sentei a uma das mesas, enquanto esperava. O garçom veio e eu pedi apenas um vinho. Passados vinte minutos do horário combinado, a ansiedade me dizia que ela não iria aparecer. Eu tentava me convencer de que podia apenas estar atrasada. Resolvi esperar mais vinte minutos e se ela não aparecesse e nem mandasse mensagem, eu iria embora. Foi então que ela apareceu.

Ela tinha acabado de entrar e eu não conseguia parar de olhá-la. Ainda me surpreendia em como ela podia ser tão bela e elegante. Dessa vez estava com um vestido comprido em tons de azul escuro, com uma estampa toda craquelada. Incrível como aquele tom de azul caía bem em sua pele! E o vestido era decotado em formato de ‘V’. Usava brincos de argola prateados e alguns acessórios também. Sim, eu sei de tudo isso, pois fiquei olhando-a até sentir seus olhos sobre mim e, com um sorriso no rosto, encaminhar-se em minha direção. Levantei rapidamente, tentando sorrir e não parecer tão abobada. Conforme nos abraçamos senti o seu perfume.

— Boa noite, Leo – ela me cumprimentou com dois beijos no rosto.

— Boa noite, loira – ela me olhou divertida e abriu um sorriso, enquanto se sentava de frente para mim. O garçom voltou em nossa mesa e ela também pediu um vinho suave para si.

— Você está linda – comentei, enquanto a observava.

— Obrigada, você também. E não, não é um elogio retórico – ela arqueou uma sobrancelha e eu senti corar. Pode parecer bobo, mas ela me achava linda.

— Obrigada... – Ficamos em silêncio por alguns instantes, até que ela voltou a dizer:

— Então, gostou da minha foto? – ela se debruçou apoiando os cotovelos sobre a mesa e me olhou com um sorriso malicioso. Bem direta... Então também fui.

— Se gostei? Emoldurei e coloquei na parede do meu quarto, assim te desejo toda noite antes de dormir – sorri ao perceber que ela havia adorado a resposta.

— Bom saber, posso mandar mais, então... – ela voltou a se recostar na cadeira.

— Claro! Mas eu adoraria era se me mandasse a modelo original – respondi tomando um gole do vinho.

— Adoraria, é? Precisa mais do que isso para ter a original – o garçom se aproximou e nossa conversa se interrompeu. Pedimos o prato do dia e mais duas taças de vinho. Quando ele se afastou, eu voltei a olhá-la.

— Ok, vou falar a verdade. Eu não adoraria, não amaria, não desejaria... Eu quero a original – respondi com convicção e pude perceber um brilho em seus olhos. Ela mordiscou o lábio inferior, tentando não sorrir tão abertamente.

— Tem certeza do que você quer, *garota*? – e antes que eu pudesse responder, ela fez um movimento de cabeça, pedindo para eu a esperar terminar. — Você não sabe onde está se metendo... Pode não gostar do que encontrar no caminho... Isso *se* chegar até lá – ela pareceu um pouco séria demais pro meu gosto.

— Sim, eu tenho certeza. Falando sem toda a safadeza, que por sinal eu adoro – dei um sorrisinho –, você me fascinou e eu quero muito conhecer você.

— Você sabe que eu não gosto de mulheres, não sabe? – ela voltou a alfinetar, e eu continuei sorrindo.

— Eu sei. Mas você gosta de mim.

— Talvez... – ela deu de ombros.

Nossos pratos chegaram e começamos a jantar. Por alguns momentos a conversa ficou esquecida e logo outros assuntos surgiram. Eu comentei que havia me mudado há pouco tempo, que tinha saído com alguns amigos, que estava procurando um emprego... E ela me contou como estava trabalhando sem parar durante aquela semana em sua empresa, apesar de não ter me dito o que fazia. Havia alguns eventos que ela precisava comparecer e coisas do tipo. Quando o jantar terminou, logo ao sairmos recebemos a brisa levemente gelada da noite. O céu estava estrelado, bonito, com algumas nuvens. Olhei uma vez mais para Anastácia e ela parecia ainda mais bonita.

— Tem um lugar aqui perto que eu gosto muito de ir quando estou sozinha – ela comentou,

dando alguns passos para frente na continuação da rua. Acompanhei-a.

— O que é? – perguntei, mas ela não me respondeu.

Andamos por dois quarteirões e viramos em uma esquina. Havia um pequeno pátio, com algumas árvores grandes, alguns bancos para se sentar, luminárias... Uma ou outra loja, alguns cafés, mas todos fechados àquela hora da noite. O clima era bem agradável e fresco. Ela se sentou em um dos bancos de pedra e eu me sentei ao seu lado.

— Eu gosto de vir aqui para pensar. Relaxar um pouco. De vez em quando tomo um café... Às vezes leio... Apesar de no meu bairro ter algumas praças muito bonitas, nenhuma delas me faz me sentir assim...

— Em paz – eu completei. Ela me olhou intensamente por alguns instantes e sorriu.

— Sim, em paz – ela recostou-se no banco virando-se levemente para mim e cruzou as pernas. — E sabe por que eu preciso de paz, Leo? – eu estremecia todas as vezes que ela falava meu nome.

— Por quê? – perguntei virando-me para ela também, tentando não olhar para os seus lábios.

— Porque eu sou o caos. Eu sou tempestade – seus olhos se escureceram e eu estremeci. Apesar de saber que deveria temer aquela informação, tudo o que eu sentia naquele momento era mais admiração.

— Incrível... – comentei. — E eu acho que entendo. Posso não ser uma tempestade, talvez uma trovoada... – brinquei e ela deu uma risada. — Mas sou tão controlada em tantos aspectos da minha vida, tão travada que acabo desejando que alguém me...

— Domasse? – olhei-a surpresa, percebendo um sorriso no canto dos lábios e aquele olhar... Voltei a estremecer, e sabia muito bem que aquilo não era frio.

— Não era bem isso o que eu ia dizer... – eu estava meio sem jeito, sorrindo nervosa.
— Mas é o que quer, não é, Leona? – ela me olhou de forma intensa de novo, colocando uma mão em minha coxa. Fiquei muda! Apesar de querer muito responder, eu estava muito nervosa. Em minha mente eu tinha respostas perfeitas e sagazes, mas em situações como aquela eu me perdia e nada dizia. Ela voltou a insistir:

— Se eu não tiver a minha resposta... Realmente, você não teria competência para me ter ao seu lado – e sim, do modo como ela falou ficou claro o duplo sentido na frase. Eu precisava agir, e rápido. Engoli em seco, respirei fundo, abri o sorriso mais sacana que consegui e respondi:

— Eu quero. Quero ser domada por você, Anastácia. É só o que eu quero desde que lhe conheci. Eu quero você – passei a língua pelos lábios, encarando as íris castanhas.

Ela se aproximou, passando a mão pelas minhas pernas, e eu fiquei completamente sem ar. De repente, ela se levantou e deu a volta no banco, ficando bem atrás de mim. Debruçou-se sobre meus ombros, seus cabelos loiros caíram por sobre meu corpo. Ela afastou meus cachos para o lado e beijou meu pescoço. Gemi baixinho instintivamente e fechei os olhos. Ela voltou a sussurrar em meu ouvido, enquanto suas mãos iam acariciando meu corpo, por cima da roupa, nos seios, barriga, e descendo...

— Sabe qual outro motivo de eu gostar daqui? – sua voz rouca tão perto do meu ouvido me fez soltar um grunhido em resposta. — Porque é meio escondido e quase não se vê ninguém... Ainda mais a essa hora da noite. – sua mão desceu por entre minhas pernas e ela apertou meu sexo por cima da calça. Soltei um gemido mais alto. Segurei em seu pescoço e virei a cabeça para o lado, capturando seus lábios nos meus, sentindo pela primeira vez os lábios de Anastácia. O beijo tornou-se intenso, ela tinha um gosto viciante. Mas antes que eu pudesse continuar, parou e começou a sorrir.

— O que foi? – perguntei confusa.

— Eu só queria saber se você ia se preocupar por estarmos aqui ou se iria se deixar levar... Tive minha resposta. – ela se endireitou e deu alguns passos até parar ao meu lado.

— E isso é bom? – sorri já me levantando também.

— Digamos que você ganhou seu bilhete premiado por esta noite. – começamos a andar lado a lado, voltando para o mundo real e a rua cheia de pessoas e barulhos de carros.

— E qual é o meu prêmio? – perguntei curiosa. Ela se virou para mim, mordiscou o lábio inferior e finalmente me respondeu:

— A modelo original.

– o –

Eu me sentia como se estivesse dentro de um sonho e não queria acordar. Tinha medo de que a qualquer momento a ilusão se desfizesse e eu me visse em meu apartamento sonhando acordada. Mas para a minha sorte, ou azar, tudo aquilo era bem real. Anastácia estava de carro e eu fiquei boquiaberta quando paramos em frente a uma Mercedes-Benz conversível prateada que estava num estacionamento. Era um carro lindo e com certeza combinava com ela.

— Não tem medo de roubo não? – perguntei surpresa.

— Eu gosto de viver perigosamente. – ela me lançou um sorriso e entramos no carro. Ligou o rádio logo em seguida, e o CD que estava lá dentro começou a tocar uma música animada.

A viagem até a casa dela foi um pouco demorada devido ao trânsito de São Paulo, mas não me importava naquele momento. Eu estava naquele carro ao lado daquela loira e isso era o mais importante. De vez em quando eu a observava com o canto dos olhos e percebia que ela sorria quando sentia que eu a estava olhando. Fui observando os prédios e ruas da cidade, sentindo o vento em meu rosto, meus cabelos... E eu só conseguia pensar em como tudo aquilo havia acontecido em tão pouco tempo. Sempre tive tanto medo de que aquela cidade não fosse exatamente tudo o que eu sonhara, tudo o que eu sempre quisera... E lá estava eu, surpresa com o fato de que havia ganhado muito mais do que eu desejava.

Quando ela entrou na região de Pinheiros descobri o porquê eu a havia visto naquela noite perto da boate. Ela morava por ali. Da avenida em que estávamos ela virou à direita e dirigiu mais algumas ruas, até virar novamente, mas dessa vez para a esquerda, e girar a Mercedes em direção à garagem de uma casa. Por fora parecia uma daquelas casas de catálogo de revistas. Dois andares, toda pintada de branco, com alguns detalhes em vermelho, sacadas nas janelas do andar de cima e um jardim enorme na frente. Descemos na garagem e ela fez questão

de que entrássemos pela frente da casa. Eu a seguia com um nervosismo aparente no rosto. Logo que eu pisei naquela casa, meu queixo caiu. Realmente, era enorme! Havia um hall de entrada, com um lustre grande. Pude visualizar uma sala do lado esquerdo, do lado direito deveria ser uma copa, pela parte da mesa que pude visualizar, e ao fundo havia uma porta e do outro lado, uma enorme escada.

Mas é claro que ela não perdeu tempo em me mostrar a casa. Segurou em minha mão e me guiou até a escada, dizendo que depois teríamos tempo de sobra para aquilo. Eu nada disse, ainda muito surpresa com tudo aquilo. A escada dava em um corredor, uma sala ampla e quatro portas: na primeira delas havia um banheiro espaçoso, depois dois quartos e a última em que paramos em frente. O quarto de Anastácia. Ela abriu a porta e entramos. Era um quarto bonito, mas diferente do que eu imaginara. As paredes eram em um tom champanhe e tinha alguns quadros pendurados. Uma cama *king size* ao centro, com mesinhas de cabeceira uma de cada lado. Um armário do lado direito ao lado de uma porta, acredito que deveria ser seu *closet*. Do outro lado uma escrivaninha e uma penteadeira, com espelhos e muitos acessórios em cima. Havia uma vela em cima da penteadeira, que deixava o quarto com um aroma delicioso.

— Tenho bom gosto? – só então me dei conta de que estivera tempo demais observando o local ao meu redor. Anastácia estava parada perto da cama, com os braços cruzados em frente ao peito. Não sabia se ela estava irritada ou um pouco surpresa por eu estar reparando.

— Sim... É lindo! – comentei e logo voltei a me focar no que era importante. — Mas não tão lindo quanto você.

— Obrigada – ela sorriu.

Sem cerimônia nenhuma ela desceu as mangas do vestido pelos ombros, despindo-se lentamente. A roupa desceu pelo seu corpo e ficou ao chão, e então ela simplesmente tirou os pés de dentro dele e o chutou para o lado. Por alguns segundos eu fiquei admirando-a. Ela tinha o corpo extremamente lindo. Usava uma lingerie vermelha por baixo dele, rendada. Tinha os seios fartos e uma barriga saliente, as coxas grossas e pernas bem torneadas. Retirou a sandália de salto, deixando-a do lado. Ela mordiscou o lábio inferior e me olhava com desejo. Eu fiz menção de me aproximar, mas ela mexeu a cabeça negativamente, ainda sorrindo.

— Nada disso, senhorita. Sua vez.

Eu engoli em seco, um pouco insegura em fazer aquilo com ela me analisando daquela forma. Mas quem era eu para dizer não para aquela mulher? Retirei minha blusa, jogando-a no chão. Apoiei-me na parede para tirar as sandálias e depois abri os botões da calça jeans e a deslizei pelas pernas, fazendo com que caísse ao chão também. Eu estava apenas de calcinha e sutiã pretos. Anastácia ficou alguns segundos me olhando, observando... Não soube ao certo o que ela estava pensando. Porém, pela sua expressão, parecia gostar do que via. Naquele momento, minha cabeça estava girando e eu não sabia muito o que fazer. Estar com uma mulher daquelas seminua na minha frente estava me tirando toda a coragem que eu tinha minutos atrás.

Ela continuou me fitando, mas sendo direta do jeito que era, não esperou mais. Andou até a cama e se sentou, cruzando as pernas. Aproximei-me a passos lentos, sentindo meu coração quase saltando pela boca. Minhas mãos tocaram em suas coxas, sentindo sua pele macia. Fechei os olhos por alguns segundos, só para encontrar suas íris escuras de desejo assim que os abri novamente.

— O que você quer provar, garota? – ela perguntou me desafiando.

— Que eu posso te dar o que você quer – continuei sustentando seu olhar.

— E o que eu quero? – ela respondeu, arqueando uma sobrancelha.

Não respondi de imediato. Coloquei minha perna entre suas coxas, deitando-me por cima de seu corpo. Senti o cheiro do seu pescoço, beijando-o levemente. Desci os beijos para o colo dos seios, dando leves mordidas, depois pressionei minha perna entre as suas. Um gemido baixo saiu dos seus lábios. Passei a língua pela extensão de seus seios, por cima do sutiã, sentindo os bicos durinhos, fazendo-a gemer de novo. Eu queria experimentar cada parte daquela mulher, mas no momento eu estava bem nervosa e concentrada. Queria provar que eu podia lhe dar prazer. Desci minha mão onde estava minha coxa, sentindo sua calcinha completamente molhada.

Finalmente me ajoelhei entre suas pernas. Ela se apoiou na cama, olhando-me de forma desafiadora. Parecia ainda não acreditar no meu potencial. Passou as mãos pelo meu cabelo, deixando seus dedos se entrelaçarem em meus cachos. Eu puxei sua calcinha, fazendo-a deslizar por suas pernas e a joguei em algum lugar. Arranhei suas coxas de leve, abrindo-as, dando leves beijos e sentindo-a estremecer. Voltei a olhar em seus olhos e, com o sorriso mais malicioso que consegui, respondi:

— O que você quer? Receber o mesmo prazer que você dá. – e sem deixar que ela retrucasse, enchi-me de coragem e encaixei minha boca em seu sexo.

Experimentei o que eu estava louca de vontade de experimentar, e ela era exatamente como eu havia imaginado: gostosa. Deixei que minha língua explorasse seu sexo, fazendo-a começar a gemer baixinho, até que aos poucos começou a realmente sentir prazer. Dependendo de como eu fazia, ouvia seus gemidos aumentarem e sentia os leves puxões que ela dava em meus cabelos. Apesar de ameaçar descer o corpo no colchão, ela mantinha-se firme ali, onde podia continuar me observando devorá-la. Quando percebi que ela estava chegando ao clímax, eu parei, mordiscando sua coxa. Recebi um puxão nos cabelos que me fez olhar pra ela.

— Não para – ordenou ofegante com os olhos escurecidos.

— O que você quer? – foi a minha vez de perguntar. — Eu quero que me diga. Peça. – ela pareceu hesitar um pouco, mas por fim, sorriu e sussurrou:

— Me faz gozar...

Não precisou pedir duas vezes. Voltei a chupá-la com vontade, mas dessa vez introduzi dois dedos em seu sexo ao mesmo tempo em que a devorava. Sem conseguir parar de se contorcer, ela finalmente se deitou no colchão, rebolando em minha boca. E eu continuei, até ela explodir em um orgasmo e finalmente gozar. Seu corpo ficou parado, enquanto ela estremecia de vez em quando, completamente ofegante. Deitei-me ao seu lado, passando minhas mãos lentamente por seu corpo suado. Eu observava seu rosto e ela parecia estar em êxtase, com um sorriso no rosto. Virou-se para mim, olhando em meus olhos, e por um momento toda sua postura de durona pareceu desaparecer. As linhas do seu rosto diminuíram, ela parecia relaxada. Levou sua mão até meu rosto, acariciando minha bochecha. Passou os dedos pelos meus lábios e então sua mão segurou em minha nuca, puxando-me para um beijo.

— Você... Acertou – ela admitiu.

— Acertei, é? – sorri satisfeita. — Não teria como errar... Com uma modelo tão sexy e bela como você. – ela sorriu com meus elogios.

— Obrigada. Mas, agora, é a minha vez. – ela se levantou. — Vem.

— Pra onde? – perguntei confusa.

— Não pergunte, só faça. – ela ordenou.

Senti meu corpo todo se arrepiar. Levantei-me ainda sem saber direito por quê. Anastácia puxou-me pelo braço para perto da porta do closet, empurrando-me até a parede atrás de mim. A proximidade daquele corpo no meu me fez estremecer. Ela colocou a coxa entre as minhas e aproximou o rosto do meu.

— Seu corpo é tão bonito... – ela disse em uma voz rouca, mordiscando a pele de meu pescoço.

— O-obri-gada – consegui dizer ofegante, um pouco insegura. Minhas mãos passeavam por suas costas, arranhando levemente.

— O que você quer... Leona? – ela disse baixinho, sentindo meu corpo inteiro arrepiar. Desceu as mãos e arranhou minhas coxas. Mordeu meu queixo, voltando a me olhar nos olhos. — Eu quero que me diga... – seus olhos faiscaram.

Ela estava fazendo o mesmo jogo que eu fizera com ela. Parecia gostar de dar prazer aos outros, isso eu pude perceber. Eu queria responder, mas as palavras não saíam, apenas pequenos gemidos por entre meus lábios. Ela apertou sua coxa entre as minhas e voltou a ordenar.

— Diga.

— Eu quero que você me devore – eu a encarei.

Os olhos de Anastácia faiscaram de desejo e seus lábios se abriram em um sorriso malicioso. Ela aproximou o rosto ainda mais do meu, colando sua boca na minha, beijando-me intensamente. Suas mãos desceram a calcinha que eu usava, enquanto ela se ajoelhava à minha frente. Ela mordia meus quadris, o começo das minhas coxas e me provocava, passando a boca perto do meu sexo. Eu estava enlouquecendo com aquilo e já não segurava mais os gemidos, que ficavam cada vez mais altos. Finalmente ela fez o que eu queria, e nas vezes em que eu abria os olhos ela estava lá, observando-me contorcer de prazer com o sexo em sua boca. Passei a mão em seus cabelos loiros e deixei que meus dedos segurassem com força em alguns fios, dando leves puxões quando eu não conseguia mais aguentar. Meu corpo todo começou a tremer e eu finalmente gozei. Eu estava em êxtase, com um sorriso de orelha a orelha, quando ela se levantou e encostou seu corpo ao meu. Roçou seus lábios nos meus, beijando-me levemente.

— E não é que eu gostei... – ela sorriu encostando a testa na minha. — Você realmente é uma delícia.

— Eu sabia que ia gostar... – sorri de volta, mas no momento em que minhas mãos voltaram a passear atrevidas por seu corpo, as suas fizeram o mesmo, e logo seus dedos estavam acariciando meu sexo.

— Lembra que eu te disse que não imaginava o que meus dedos podiam fazer...? – ela

perguntou, enquanto mordia a extensão do meu ombro até meu pescoço.

— Uhum...

— Agora você vai sentir – ela virou-me de costas e eu soltei um grunhido irritado, apoiando minhas mãos espalmadas na parede.

Não houve tempo para outros protestos, ela voltou a colar seu corpo ao meu, esfregando-se, beijando meu pescoço, meus ombros, minha nuca e o começo das minhas costas, enquanto sua mão voltou a se instalar entre minhas pernas. Ela estimulava meu sexo e introduziu os dedos devagar. Como ela podia sequer imaginar que aquele tipo de posição me deixava completamente doida? Eu já não conseguia mais pensar, apenas gemer, remexer, rebolar contra seu corpo e sentir prazer. Ela parecia estar adorando cada parte daquilo e novamente, em investidas rápidas, fez com que eu atingisse o orgasmo e gozasse mais uma vez. Retirou os dedos molhados de dentro de mim, e com a outra mão enrolou meu cabelo, puxando-o para que eu pendesse a cabeça para trás. Lambeu meu pescoço, fazendo-me estremecer. Ela sorriu e deixou que eu me virasse de frente para ela. Estava satisfeita de ter me mostrado que realmente era exatamente aquilo que eu esperava e mais.

Após alguns segundos com o corpo ainda encostado ao meu, Anastácia se afastou, voltando a sentar em sua cama. Ela me olhava de uma forma... Não sei explicar, mas era diferente. Alguma coisa havia mudado. Sem dúvida nenhuma tinha sido o melhor sexo da minha vida. E, pra ser bem sincera, eu achava que também tinha sido o dela.

— Sabe o que eu costumo fazer agora? – ela me perguntou, encarando-me. Balancei a cabeça, aproximando-me e sentando-me ao seu lado; ela continuou. — Mando a pessoa embora, já que cada um teve o que queria, e durmo sozinha. – vislumbrei uma sombra de tristeza em seus olhos.
— Você não vai dormir sozinha hoje. Vai dormir comigo – respondi.

— Eu não perguntei se você queria ficar, apenas lhe contei um fato – ela sorriu, dando de ombros.

Voltando a ter confiança, acariciei seus cabelos, o seu ombro, a maçã do seu rosto... Eu não podia deixá-la sozinha, não naquela noite, não depois de tudo que acontecera.

— Mas eu vou ficar. Já que ainda não é hora de dormir – aproximei o rosto, encostando a minha testa na dela, sussurrando: — Eu quero experimentar mais de você, Anastácia. – ela fechou os olhos e eu continuei: — Você é linda, extremamente linda, e a mulher mais gostosa que eu já vi... – ela sorriu maliciosa. — Eu quero você.

Por alguns segundos, ela ponderou sobre o que eu havia acabado de dizer. Seus dedos acariciaram meu rosto e ela sorriu.

— Por esta noite, eu sou toda sua.

Nós ficamos por mais umas boas horas ali e o tempo parecia ter parado. Nada mais existia para mim, a não ser Anastácia. Fiz todas as vontades dela, e ela continuou fazendo as minhas, entre toques, beijos e mordidas. Quando não aguentamos mais e o cansaço nos consumiu, adormecemos juntas em sua cama. Dormi por um bom tempo e quando acordei, não fazia ideia de que horas eram. Por causa das pesadas cortinas do quarto, não dava para ver se era muito cedo ou muito tarde. Olhei para o lado e Anastácia estava recostada na cama, com o lençol

cobrindo partes do seu corpo. Ela parecia estar com o olhar perdido, devia estar completamente imersa em seus próprios pensamentos. Os meus? Que a qualquer momento eu ia acordar daquele sonho. Mas o que estava me incomodando, e que provavelmente incomodara a noite toda, fora o fato de que para ela aquilo era para ser apenas mais um caso, sem significado... O que foi confirmado quando ela percebeu que eu estava acordada e seus olhos cruzaram com os meus.

— Eu devia ter lhe mandado embora – apesar do que disse, ela sorria.

— E perder o melhor sexo da sua vida? Não... – dei de ombros, fazendo-a rir.

— Hum tenho que concordar que foi muito bom mesmo, sabe bem o que faz. – ela virou-se de lado, descendo um pouco na cama para poder ficar com os olhos na mesma altura dos meus.

— Claro que sei! – sorri e passei os dedos carinhosamente pelo seu rosto, desenhando seu queixo com o indicador. Ela suspirou, fechou os olhos e logo voltou a abri-los. Parecia quase vulnerável... Quase. Ela rapidamente segurou em meu queixo com força, fazendo-me olhá-la nos olhos.

— Leona, Leona – ela mordiscou o lábio e eu estremeci. — Você... Você não faz ideia... Acho que você devia ir embora – ela finalizou com um sorriso ameaçador no rosto. Se eu estava receosa? Sim. Com medo do que aquilo poderia significar? Com certeza. Mas depois da noite que tivemos ali, eu não podia ir embora. Sentia que não deveria ir.
— Eu não vou – encarei-a séria. Ela riu baixinho, balançando a cabeça.

— Isso não passou de apenas uma noite. Sexo sem compromisso, assim como com todos os homens que já passaram pela minha cama – ela disse sem cerimônia enquanto me observava. E riu divertida quando percebeu o ciúme crescendo em meus olhos. Virei a cabeça para que ela me soltasse.

— Pode até ser... – eu me ajeitei, sentando-me enquanto ainda a observava, dando de ombros. — Mas nenhum deles a fez se sentir assim. Eu sei, não adianta negar – ela tinha um sorriso congelado no rosto.

— O quanto você aguenta? – ela me perguntou e eu sabia que ela queria dizer muita coisa por detrás dessa simples pergunta.

— Mais do que você imagina – respondi em um sorriso. E para cortar o clima pesado que havia se instalado, continuei: — Mas se é apenas sexo sem compromisso... Por que estamos perdendo toda a diversão? – voltei a me deitar ao lado dela.

— Tem razão, ainda quero me divertir muito com você, *garota*. – ela enfatizou a última palavra, me fazendo rir, enquanto voltava a me beijar e acariciar. Ela estava me avisando muito bem das profundezas em que eu estava entrando e parte de mim queria realmente ir embora e voltar para a minha vida que estava apenas começando. Mas a outra parte queria ficar e se aprofundar cada vez mais em Anastácia. Não preciso dizer qual das duas eu quis ouvir, não é mesmo?

Capítulo 06

Eu tentava me convencer de que devia relaxar e apenas aproveitar aquele momento, mas algo dentro de mim me avisava que eu deveria ter cuidado, ir devagar, como se alguma coisa não estivesse certa. Talvez fosse esse tal de sexto sentido que algumas pessoas têm tão apurado. Ao meu lado, Leona dormia profundamente e por alguns segundos deixei que meus olhos admirassem seu corpo nu entre os meus lençóis. Um sorriso surgiu em meu rosto. Ela era muito bonita. E sem dúvida nenhuma era diferente dormir com uma mulher. Sempre estive acostumada ao corpo dos homens, ao jeito deles de beijar, de me tocar e de me desejar. E Leona... Ela havia me tocado de um jeito muito mais apaixonado, muito mais intenso, com carinho e tesão. Eu havia gostado de experimentar, o sexo realmente havia sido incrível. Muito mais do que eu imaginara. E isso me assustava um pouco. A intensidade com que tudo acontecera.

Eu avisara Leona diversas vezes sobre onde ela estava se metendo. Talvez porque sentisse que não seria justo com ela caso não desse certo. Mas a verdade era que eu estava questionando a mim mesma se era isso mesmo que eu queria. Eu nunca havia ficado com uma mulher antes, então estava cheia de dúvidas. No começo, fiquei com receio de não saber fazer direito. Não sobre o que ocorrera, o sexo era ótimo, e isso era o que importava. Na verdade, não tinha importância se era ou não com uma mulher. Mas de alguma forma aquilo havia mexido comigo e eu me perguntava se isso era normal no sexo entre duas mulheres. Os homens ligam mais para o próprio prazer e para eles mesmos do que para suas parceiras. São raros os que realmente se preocupam em dar prazer às mulheres. Eu estava acostumada com isso, por ter sido assim minha vida inteira. Claro que vários dos homens com quem eu saíra tinham me dado prazer, mas nunca daquela forma.

Aquela garota fizera questão de ter certeza de que eu também estava gostando de tudo que fazíamos. Ela queria retribuir. Seus toques eram ora gentis ora selvagens sentindo toda a extensão do meu corpo, prestando atenção nos locais em que me fazia estremecer. Apesar de perceber que dessa forma tudo acontecera de um jeito ainda mais prazeroso, trazia um envolvimento que eu não estava acostumada e não queria. Logo que ela acordou eu havia dito que devia tê-la mandado embora. E deveria mesmo. Sua insistência em ficar aumentava ainda mais minha vontade de deixá-la ficar. Eu só queria que ela entendesse que se ficasse, estaria ciente de que era apenas algo casual. Satisfação e prazer, nada mais. Quando ela me garantiu que havia entendido, não pude mais negar o que eu tanto queria: beber mais de Leona.

Quando ela finalmente acordou, após mais uma dose de prazer e sono, seu sorriso se alargou logo que me viu, fazendo com que eu sorrisse de volta.

— Boa tarde, Leo. – passei meus dedos pelos cachos que cobriam seu rosto.

— Boa tarde, Loira. Faz muito tempo que está acordada? – ela se espreguiçou na cama.

— Na verdade, não. Só estava aqui pensando em tudo o que aconteceu – sorri maliciosa.

— Hum... E você gostou? – ela mordiscou o lábio, um pouco insegura, o que me fez rir. Passei os dedos pelo seu corpo por cima do lençol e me inclinei, beijando seus lábios.

— Sim, muito. Bem melhor do que eu esperava.

— Assim você me deixa na vontade de novo – ela gemeu baixinho, protestando quando parei o

contato da minha mão.

— Não acha que chega? Deixa um pouco para depois, garota – ela bufou ao ouvir a palavra e eu sorri.

Antes que pudéssemos falar algo mais Janaína apareceu na porta. Leo, em um reflexo, puxou o lençol ainda mais para poder cobrir seu corpo e, tenho que dizer, minha assistente sabia mesmo ser profissional. Se ela estava surpresa por eu estar com uma mulher, não demonstrou nem um pouco.

— Anastácia, desculpe incomodar, só vim avisar que ia trabalhar aqui em seu escritório, mas se quiser posso voltar mais tarde.

— Não, tudo bem. Nós vamos ficar um pouco mais por aqui, mas não atrapalha não. Mais tarde eu desço para falarmos de trabalho. Aliás, vamos comer alguma coisa, porque estamos famintas! – soltei uma risadinha, o que a fez rir nervosamente. Ela balançou a cabeça, dizendo:

— Imagino. Eu trouxe um bolo de nozes para você experimentar. Se quiser, está em cima da mesa. – e, sem mais delongas, ela saiu do quarto, fechando a porta. Rapidamente Leona me olhou de olhos arregalados e disparou:

— Não me diga que estava fingindo ser hetero esse tempo todo e que tem uma esposa da qual eu deveria sair correndo?

— Não seja boba! – eu ri, batendo de leve em sua coxa. — Se fosse o caso, eu nunca teria lhe trazido para minha cama. Essa é a Janaína, minha assistente. Ela tem a chave da minha casa e sempre está por aqui, mas já me pegou em situações bem mais constrangedoras do que essa.

— Constrangedoras como? – ela apertou os olhos completamente curiosa.

— Digamos que já fiz vários joguinhos sexuais e fetiches de alguns caras que apareceram por aqui. – sorri maliciosa observando-a mordiscar o lábio inferior em desejo. — Não me diga que você também curte? – arqueei uma sobrancelha.

— Depende... – ela me olhou marota e sentou-se na cama. — Você pode descobrir se quiser.

— O que não vai ser difícil – dei de ombros e finalmente me levantei da cama.

Coloquei um hobby por cima do corpo e pedi que ela me esperasse. Desci as escadas e realmente Janaína estava trancada no escritório. Ela me conhecia bem demais e sabia que eu só iria conversar sobre o ocorrido com ela quando Leona tivesse ido embora. Fui até a cozinha e preparei uma bandeja para nós duas com suco de laranja, pedaços do bolo que minha assistente trouxera, algumas torradas e bolachas e levei até o quarto. Ela me esperava sentada entre os lençóis. Sentei-me nos pés da cama, com a bandeja entre nós duas, e ela logo disse:

— Isso é injusto.

— O que é injusto, Leo? – perguntei fitando-a.

— Eu nua aqui e você aí, vestida. Eu quero te ver...

— Já não me viu o suficiente? – eu sorri, mas resolvi lhe fazer a vontade. — Se é o que deseja... – retirei o hobby, deixando-o em cima da cadeira da penteadeira e voltei a sentar-me, dessa vez

recostada na cabeceira da cama.

Ela se sentou do outro lado, de frente pra mim, e começamos a comer. Estávamos conversando e de repente ela se levantou, indo até a sua bolsa, que estava jogada perto da poltrona. Quando se virou para mim segurava um bloco de desenho e um lápis nas mãos. Olhei-a surpresa, perguntando:

— O que vai fazer?

— O que eu faço de melhor. Além do sexo, claro... – ela riu divertida, sentando-se na cama novamente. — Desenhar.
— Desenhar? – arqueei uma sobrancelha. — O quê?

— Você – ela me olhou decidida, sorrindo. — Como eu já lhe disse, você é uma mulher extremamente linda. É quase que uma necessidade registrar esse momento.

— Interessante... – um sorriso se formou em meu rosto e rapidamente meu lado empresária começou a falar mais alto. Eu estava mesmo precisando de uma nova artista para minha galeria. Só me restava saber se ela era mesmo boa.

Eu me deitei de lado, apoiando o cotovelo na cama e deitando a cabeça em minha mão, enquanto a observava. Suas mãos deslizavam pela folha em branco conforme ela ia desenhando os primeiros traços. Conhecendo bem o processo, eu nada dizia, apenas observava. Ela estava bem concentrada, prestando atenção nos detalhes, mas de vez em quando um sorriso aparecia em seu rosto quando ela admirava alguma parte do meu corpo. Isso me fez sorrir, eu nunca havia sido modelo de alguém antes. Após um tempo, passei minha perna de leve em seu corpo, provocando-a. Ela sorriu, acariciando minha pele com a mão livre, dizendo:

— Tenho vontade de te desenhar desde o dia em que te vi pela primeira vez.

— Sério? – mordisquei o lábio, com um meio sorriso.

— Sim. Quando algo me fascina me deixa muito inspirada... E foi o que aconteceu. – ela sorriu e voltou a rabiscar no papel. Após mais um tempo desenhando, ela suspirou, olhando de volta para mim. — Terminei.

— Deixa eu ver como ficou? – sorri para ela.

— Claro... Mas não repare se não estiver tão bom. É só um esboço, depois vou melhorá-lo.

Ela me entregou o bloco de folhas e, no momento em que meus olhos pousaram no desenho, senti várias coisas ao mesmo tempo. Estava lindo! E realmente tinha uma semelhança. O esboço parecia leve, mas soube captar minha personalidade forte nos poucos detalhes que ela adicionou, o que me espantou. O toque de sensualidade que havia no desenho me fez me sentir lisonjeada. Ela tinha muita técnica e eu estava curiosa para ver mais do que ela podia fazer.

— Eu amei. Está lindo! – comentei e ela sorriu tímida, encolhendo os ombros.

— Obrigada... Com uma modelo tão boa como você, não é tão difícil.

— Você faz faculdade do que mesmo, garota? – perguntei como se fosse ao acaso e ela fez uma careta, mas ainda assim respondeu.

— Artes. Tenho mais um ano ainda para me formar. Eu desenho e também faço pintura em quadros.

— Não me diga? – a surpresa foi tanta que até me sentei na cama. Seria muito irônico que justamente a moça com quem eu resolvera sair era tudo o que eu estava precisando para melhorar meus negócios.

— É sim, qualquer dia eu te mostro meus quadros. – ela sorriu divertida.

— Com certeza quero ver.

Ela pegou o bloco e o lápis e se levantou, colocando-os dentro da bolsa. Então no momento em que pegou o celular ela começou a xingar. Pelo que disse havia muitas mensagens e ligações perdidas de família e amigos. Achei graça de, em apenas um dia, tanta gente estar atrás dela assim. Comigo isso só acontecia pelo celular do trabalho ou quando estava a ponto de acontecer uma catástrofe no escritório. A primeira ligação que ela retornou foi da mãe e, enquanto elas conversavam, eu a provocava, acariciando sua perna e seus braços. Por um momento me senti como uma adolescente de novo, escondendo-me da mãe do namorado. Esse pensamento me fez rir. Após desligar o celular, conversamos mais um pouco e ela chegou a perguntar sobre minha mãe, mas eu logo cortei o assunto. Minha mãe era complicada, o tipo de pessoa completamente difícil de lidar, e eu não queria acabar o clima com aquele assunto. Mas já estava quase anoitecendo e eu realmente precisava tratar de negócios.

No caminho da casa de Leona eu relembrava tudo o que havia acontecido e como havia me sentido. Eu havia gostado bastante daquele final de semana e gostaria de repetir a dose. Ela era extremamente habilidosa na cama e uma boa pessoa para se conversar. Eu precisava disso, de ambos, aliás. Logo quando parei em frente ao prédio onde ela morava ficamos alguns segundos em silêncio. Olhei para ela sorrindo e disse:

— Não exploramos ainda toda a sua habilidade sexual, então eu terei que te sequestrar de novo.

— Hummm eu adorei essa ideia. Pode me sequestrar quantas vezes quiser! – ela estendeu os braços, rendendo-se, esperando que eu lhe colocasse as algemas, o que me fez rir.
— Ótimo. Nos falamos então.

Após algum tempo eu já estava de volta em casa. Fui direto para o escritório. Naquela sala era onde eu trabalhava, tinha minha escrivaninha, meu computador, um sofá e uma minibiblioteca. Estando naquele ambiente eu me sentia mais concentrada quando precisava resolver as coisas do trabalho em casa. Janaína estava sentada no sofá no momento em que eu entrei, com vários papéis a sua volta. Ela levantou os olhos, olhando-me por cima dos óculos, assim em que abri a porta. Sorri para ela, fechando a porta atrás de mim, e sentei-me à escrivaninha, à sua frente. Eu sabia que ela estava morrendo de curiosidade, mas ao mesmo tempo ela sabia que eu não gostava de perguntas e satisfações. Se eu estivesse pronta para compartilhar, eu contaria.

— Ainda me espanto com o quão profissional você consegue ser – comentei, inclinando-me e apoiando o cotovelo na mesa, mexendo em alguns fios de cabelo.

— Não sei por que, depois desses anos todos – ela sorriu. — E aquela era...? – a pergunta ficou no ar, na expectativa de uma resposta.

— Leona. Eu a conheci num bar mais ou menos uma semana atrás. Foi a primeira vez que dormi com uma mulher. E não é ruim não, viu? Você devia experimentar – sorri e pisquei para ela, só de sacanagem.

— Só que não com você, lógico, né? – ela arqueou uma sobrancelha, como se me repreendesse.

— Por quê? Não estou à sua altura? – endireitei as costas, deixando meu busto para frente, e ela riu.

— Você é até mais do que eu posso aguentar. Mas a questão é que eu deixaria de ser tão profissional, não acha? Nunca dá certo misturar prazer com negócios... E eu gosto muito do meu trabalho para desperdiçá-lo por apenas uma aventura. – ela deu de ombros e por um momento essa frase me deixou pensativa.

— Ela desenha, sabia? É talentosa... Eu vi um de seus desenhos – recostei-me na cadeira, cruzando as mãos em cima da minha barriga.

— Eu já até sei o que pensou. Se quiser minha opinião, só se ela for realmente talentosa para valer a pena. Se não... – ela organizou os papéis que estavam espalhados.

— Talvez ela seja...

Eu sabia que nossa conversa estava terminada ali. A partir de então começamos a tratar de negócios. Havia algumas coisas que eu precisava assinar, assuntos da galeria para resolver para o dia seguinte, e marcar algumas entrevistas. Passamos boa parte da noite resolvendo, pois no outro dia eu já tinha vários compromissos marcados e passaria mais tempo fora do que lá dentro. Em alguns momentos inevitavelmente aquela morena me vinha à cabeça. Na verdade, fiquei pensando sobre o que Janaína me falara. Eu ainda precisava averiguar se Leona era mesmo tão talentosa quanto parecera, mas caso fosse, minha vontade de trabalhar com ela como artista iria aumentar, eu me conhecia. Quando reconhecia um bom talento eu não queria largar de maneira nenhuma, ainda mais se isso fosse ajudar a minha galeria. Eu estava disposta a conhecer mais dela e de seu trabalho para saber se valeria a pena.

Capítulo 07

— Puta que pariu! – eu comentei ao olhar para o celular.

Já era sábado de tardezinha e eu ainda estava na cama de Anastácia. Ficamos conversando uma boa parte do dia e tomamos café da tarde na cama. Comentei-lhe sobre a minha faculdade, quando ela me perguntou o que eu fazia, e que eu estava fazendo Artes, havia transferido da minha cidade natal para São Paulo, que as aulas começavam em agosto e eu estava contente por faltar pouco para me formar. Apesar de tirar sarro por eu ainda estar na faculdade, como se isso enfatizasse o termo “garota” que tanto gostava de usar, ela parecia interessada nas coisas que eu lhe contava. Só então, quando finalmente percebi que estava entardecendo, levantei-me da cama e fui até minha bolsa, que ficara em cima de uma poltrona desde a noite anterior.

— O que houve? – ela perguntou, sentando-se na cama.

Dez mensagens e duas ligações perdidas de Karina. Três mensagens e uma ligação perdida de Bruno. Quatro mensagens de Marcelo. Duas mensagens da minha tia. Sete ligações perdidas da minha mãe. Adivinha qual deles me fez entrar em desespero?

— Acho que meu pessoal pensou que fui raptada, só pode! – voltei para a cama dela, sentando-me na beirada. Ela se aproximou, colocando a cabeça sobre meu ombro, observando o que eu fazia no celular.

— O que não é de todo mentira – ela sorriu. — Vai responder quem primeiro?

— Quem você acha? Minha mãe, lógico – respondi como se não houvesse nenhuma outra resposta possível.

Acessei a agenda do meu celular e cliquei no nome da minha mãe. Enquanto eu esperava que ela atendesse, Anastácia deitou-se na cama, perto de mim, observando-me, com um sorriso no rosto. Passava a mão pela minha perna, acariciando levemente. E eu já estava começando a me perder na beleza daquela mulher quando o grito da minha mãe do outro lado do telefone me fez acordar pra realidade.

— Leona, não tem mais família não?

— Oi mãe. Desculpa, eu...

— Você era pra ter nos ligado esses dias todos e nem sinal de vida! Nem pra dizer se está bem, se precisa de alguma coisa, se está viva... Nem para saber como estamos!

— Eu sei, eu sei... É que passei esses dias atrás de emprego e fazendo minhas coisas, acabou não dando tempo. E hoje... Eu estive ocupada... – comentei desviando os olhos para a loira ao meu lado, que sorriu, sussurrando um ‘bem ocupada’.

— Sei... Bem, eu queria saber se está tudo bem, e avisar que no próximo final de semana nós vamos fazer uma viagem a São Paulo e queríamos te ver.

— Ah sim, sem problemas, podemos sair no próximo... – a loira mordiscou o lábio inferior e apertou minha perna com as unhas. Tive que conter um gemido. — Mãe... Eu preciso ir, prometo ligar de novo depois. – após alguns protestos do lado dela, finalmente desliguei o celular.

— Sua mãe fica muito no seu pé, não é, *garota*? – ela logo me perguntou, recostando-se na cabeceira da cama, com uma sobrancelha arqueada.

— Não, não é tanto assim. – mostrei-lhe a língua. — É só que eu prometi que ligaria para avisar como tudo estava indo e acabei esquecendo. Ainda mais que ela quer me encontrar no próximo fim de semana... Sabe como é... Mães...

— É, eu acho que sei – seu semblante ficou mais sério e eu achei aquilo esquisito.

— O que houve? – perguntei preocupada, tocando seu braço de leve.

— Minha mãe nunca foi exatamente maternal. Mas deixemos isso pra lá – ela sorriu e se levantou da cama. — Vem, vamos, eu vou te deixar na sua casa.

— Está me expulsando? – fiz um gesto exagerado de surpresa. Ela riu, pegando uma calça jeans que estava em cima da poltrona e a colocando. Colocou um sutiã rendado e veio até mim, dando-me leves beijos nos lábios.

— Estou... Preciso trabalhar, de verdade. E com você aqui, vai ser muito difícil. Além do mais acho que a senhorita tem explicações a dar aos seus amigos. – ela me provocou, dando de ombros.

— Não são explicações, senhorita independente – levantei-me também colocando a roupa do dia anterior.

Saímos de sua casa e eu expliquei onde morava, pra cima da Avenida Higienópolis. Quando ela parou na porta do meu prédio, ficamos algum tempo sem nada dizer. Ela se virou para mim, com um sorriso no rosto. Aos poucos eu estava aprendendo a desvendar seus sorrisos. Quando ela se virava assim dava para perceber que ia dizer algo, e geralmente era algo bem direto.

— Não exploramos ainda toda a sua habilidade sexual, então eu terei que te sequestrar de novo – esse era o seu jeito de dizer que queria me ver novamente.

— Hummm eu adorei essa ideia. Pode me sequestrar quantas vezes quiser! – estendi os braços em sua direção, com os pulsos juntos, como se fosse me algemar.

— Ótimo. Nos falamos então – ela se aproximou e me beijou.

Quando entrei em meu apartamento e joguei-me no sofá, fiquei pensando em tudo o que me acontecera naquele final de semana. Parecia muito surreal para ser verdade. E apesar de eu ter conseguido saciar meus desejos por ela, percebia que eu só havia ficado mais fascinada por aquela mulher. Peguei o celular, liguei para Karina e, após ouvir algumas reclamações exageradas sobre meu sumiço, confessei que precisava conversar e contar-lhe exatamente tudo o que tinha me acontecido naquela semana. Não precisei dizer duas vezes. Duas horas depois estávamos ambas sentadas no chão da sala, com uma pizza e uma Coca-Cola grande entre nós. Contei-lhe tudo do começo, sobre como conheci Anastácia, o dia em que eu a havia visto perto da boate, nosso primeiro encontro e como eu fora parar na cama dela. Minha amiga ouviu tudo com a boca aberta.

— Sua sortuda de uma figa! – ela começou a rir batendo a mão na própria perna. — Por isso que sumiu! Também, quem em sã consciência não sumiria com uma mulher dessas por perto? – ela

sorriu pra mim, dando uma piscadinha.

— Exatamente – sorri, mordendo um pedaço da pizza de calabresa. — Quando contei pro Bruno, no dia em que a conheci, ele me disse algo sobre eu estar encrencada... E eu acho que estou – fiz uma careta.

— Sim, você está. Lindamente encrencada. Você não conhece muito sobre a vida dela, conhece? – e com uma negativa minha, ela continuou. — Então, não sabe se ela só quer se divertir. Pra começo de conversa, ela é hetero, até onde sabemos.

— Eu sei. Mas ela gostou de mim. – tomei um gole da Coca.
— Verdade, mas sabe que só gostar não leva a nada. Acho bom ir com um pouco de calma... Deixar que ela venha até você, ver onde você está pisando, essas coisas.

— Tem razão...

— Mas e aí – ela se animou novamente, sentando-se de pernas cruzadas. — Ela é muito boa na cama? Como foi?

Comecei a rir e confirmei. Ficamos conversando por mais um bom tempo, compartilhando detalhes. Karina me contou sobre seu rolo com uma menina que não se resolvia se queria ou não ficar com ela, sobre as brigas com a ex-namorada que não saia do pé dela, e coisas do tipo. Quando já estava de noite e minha amiga já havia ido embora, liguei para os meus pais e comentei sobre minha experiência em São Paulo, as saídas com meus amigos... Só ocultei o fato de ter conhecido Anastácia. Apesar de saber que, se continuasse assim, não demoraria muito para que eles descobrissem sobre ela. Meus pais sabiam sobre minha sexualidade desde que eu era adolescente, e aceitavam numa boa. Então eu não precisava esconder namoradas e muito menos paqueras. Aliás, minha mãe havia sofrido junto comigo quando houve términos de namoro. E por terem me feito sofrer, ela nunca gostara muito de minhas ex-namoradas. Somente uma delas, Marina, era o seu xodó. E exatamente essa havia terminado comigo de modo tranquilo, sem traições ou coisas assim.

Os dias foram se passando e eu mal falei com Anastácia. Trocamos algumas mensagens, mas como ela bem me disse, estava bastante ocupada naquela semana. Eu tentei dar um tempo, fazer as coisas que eu tinha que fazer. Levei alguns documentos da transferência que ainda faltavam para a faculdade, continuei pintando outro quadro que eu havia começado, conversava com meus amigos... Infelizmente eu ainda não havia tido resposta de emprego, mas continuei levando meus currículos. Agosto chegou e eu comecei a ter menos tempo de sobra, já que voltei para a faculdade. Geralmente voltava para casa depois do almoço, mas às vezes apenas quase anoitecendo. No tempo livre eu revezava entre pintar e estudar. Em uma dessas noites eu estava lendo um texto sobre um dos pintores clássicos e estava quase dormindo sentada, cansada demais para prestar muita atenção, mas precisava ler. Enquanto tentava me manter acordada, meu celular apitou.

"Nesse frio não existiria melhor coisa do que um vinho, lareira e você para o meu jantar..." Um sorriso instantâneo se formou em meu rosto, e eu corri responder. "*Ia ficar melhor ainda com um banho quente e delicioso...".* Não preciso dizer que meu sono passou como em um passe de mágica. *"Eu falo em jantar e você já pensa em mim nua? Rs"* Eu me levantei para pegar um leite quente para mim e respondi. "*Devorar você nua ou vestida são ambas possibilidades muito gostosas e viáveis."* Demorou alguns minutos até que sua resposta viesse

dessa vez, e eu fiquei imaginando se ela estaria ocupada, se estava falando com alguém, e minha ansiedade começou a bater. *"E isso vai acontecer antes do que imagina... ;)"* e logo após a mensagem ela me mandou uma foto na qual aparecia apenas a mão dela segurando a taça de vinho, com as roupas no chão e a parte de baixo da banheira. Aquela mulher me deixava completamente louca! Ah se eu pudesse estar com ela naquele momento... Mas então voltei a olhar para o texto que estava esquecido no chão. Eu realmente precisava terminar aquele e ainda tinha mais dois para ler.

No outro dia eu saí atrasada de casa e, para piorar, o dia estava cinzento e frio, por isso me agasalhei toda e entrei na segunda aula. Pelo menos foi a tempo da aula em que a professora iria fazer perguntas sobre os textos lidos. Apesar das olheiras embaixo dos olhos, eu consegui responder a maioria das perguntas dirigidas a mim. Na hora do almoço comi um salgado na cantina, conversando com duas colegas de classe, Camila e Maria. Elas eram primas e bem engraçadas, muito inteligentes e adoravam conversar. Logo no primeiro dia já puxaram conversa comigo e desde então tínhamos sentado todos os dias na hora do almoço ou intervalo para conversar. Enquanto elas estavam no meio de uma discussão do assunto da aula anterior, eu estava quase dormindo com a cabeça em cima da mesa, até que meu celular vibrou na minha calça. Peguei o aparelho e por um segundo imaginei ser Karina, mas para minha surpresa era Anastácia. *"Só me responda uma coisa: tem algo marcado agora à tarde?"* Sorri e respondi rapidamente. *"Não. Por quê?"*

— Quem é o bofe? – perguntou Maria de repente, ganhando minha atenção.

— Hein?

— Ué, pra você ficar tão animadinha assim do nada sendo que estava quase dormindo... – a outra de cabelos loiros curtos respondeu.

— Ah... Não é ninguém – comecei a rir, recebendo o olhar curioso de Maria. Ela tinha um sorriso no rosto redondo como se tivesse descoberto a América.

— A não ser que não seja um bofe... – antes que ela pudesse concluir o que ia dizer, meu celular vibrou na minha mão e eu rapidamente chequei a mensagem. *"Estou aqui fora te esperando. Vem logo!"*

— Eu preciso ir. – lancei um sorriso amarelo para as duas, pegando minha bolsa e minhas pastas e me levantando. — Depois a gente se fala. – mandei beijos no ar e saí rapidamente, ouvindo ambas comentando baixinho sobre o que teria acontecido.

Pela expressão que eu vi no rosto da ruiva, Maria sabia que ela tinha acertado na mosca. Não que eu me incomodasse que soubessem da minha sexualidade, aliás, eu não fazia questão nenhuma de esconder. Eu só esperava para contar para as pessoas, e compartilhava com amigos apenas. Com elas ainda não havia dado tempo de comentar coisas muito pessoais, salvo que ambas tinham namorado. De qualquer forma não me preocupei muito, já que rapidamente percorri a distância até a porta da faculdade com o coração pulando de felicidade. Quando passei pelos portões logo vi o Mercedes parado quase em frente, com Anastácia encostada na lateral do carro, esperando-me. Várias pessoas que estavam por ali não tiravam os olhos do carro e da loira que ali estava. Ela vestia uma calça jeans justa, sapatos de salto, uma blusa simples e jaqueta marrom de couro. Os cabelos loiros estavam lisos e com óculos escuros no topo da cabeça. Ela abriu um enorme sorriso quando me viu me aproximar.

— É hoje que me torno popular! Saindo da faculdade com uma Mercedes dirigida por uma loiraça como você – comentei entrando no carro. Ela deu a volta e sentou-se no banco do motorista.

— Boa tarde para você também, senhorita popular – ela sorriu.

— Me sinto como se estivesse em um filme – comentei animada.

— Ah, é? Que tipo de filme? – ela trocou as marchas e começou a dirigir.

— Um daqueles de comédia romântica, sabe? Quando o cara leva a garota pra passear de carro, para um restaurante, e toca aquela música de fundo...

— Não sabia que você era *esse* tipo de garota – comentou rindo.

— Como assim, *esse* tipo de garota? – perguntei desconfiada.

— Comum. Que chora assistindo filme de cachorro, que fica eufórica quando o carinha finalmente se apaixona pela garota...

— Ei! Que coisa feia, Ana, você me julgando dessa forma! – censurei-a. — Em primeiro lugar, não teria nada de errado em ser *esse* tipo de garota. – reforcei. — Mas pra sua informação, eu não choro assistindo filme de cachorro.

— Ah, não? – ela lançou-me um olhar desconfiado.

— Não. Eu choro assistindo desenhos da Disney – respondi sorridente e Anastácia caiu na gargalhada. — Vai me dizer que você nunca chorou na morte do Mufasa?
— Eu lá tenho idade para assistir a desenhos, Leona? – ela me olhou indignada, ainda rindo.

— Desenhos são pra todas as idades! Eles têm muitos ensinamentos. Um dia ainda te farei assistir os que eu gosto! – comentei animada e ela balançou a cabeça. — Aliás, pra onde está me levando? – perguntei só então parando para prestar atenção no caminho. Estávamos perto da Avenida Paulista.

— Surpresa. Logo saberá. E acho que vai gostar – ela sorriu novamente, mordiscando o lábio inferior.

Capítulo 08

— Você me trouxe para um café? – Leona me perguntou ao pararmos em frente a uma cafeteria chamada Fran's Café, na Haddock Lobo.

— O que você esperava? – eu sorri, achando graça do jeito dela. Dei alguns passos à frente, já que ela não se mexeu. — Acha que eu só vivo de sexo, por acaso? – perguntei, deixando-a sem graça.

— Não é isso, é que você fez um suspense – ela deu de ombros.

Entramos na cafeteria. Eu gostava de ir lá para tomar um café de vez em quando. Ficava perto de onde eu trabalhava e era um bom ambiente. A fachada era marrom, com janelas de vidro e toldos na frente. A cafeteria possuía dois andares. No andar de baixo, havia algumas mesinhas do lado de fora e do lado de dentro. Encaminhei-me para o balcão e perguntei a Leona o que ela gostaria de tomar. Após analisar o cardápio, fiz o pedido: um Café Latte Barista para mim e um Café Canela para ela. Escolhi uma das mesinhas redondas perto da janela. Sentamos uma de frente pra outra, eu de costas pra janela e ela na minha frente. Por um momento ficamos em silêncio. Ela olhava através da janela. Logo uma das funcionárias trouxe os nossos pedidos. Esperei um tempo para ver se Leona iria puxar conversa, mas como não o fez, resolvi quebrar o gelo.

— Você só é cheia de atitude na cama, por acaso? – provoquei, ganhando sua atenção.

— Claro que não. – ela sorriu, tomando mais um gole do café. — Eu só estava observando o local.

— Não gostou? – mordisquei o lábio inferior, e ela logo tratou de me responder.

— Gostei sim! Aliás, eu adoro café. Sem querer você acertou. – ela sorriu. — É que é um local mais calmo e geralmente eu tendo a me acalmar também.

— Então tudo bem. Pensei em te trazer aqui porque não é longe do meu trabalho e eu finalmente tive uma folga... Pensei em conversarmos um pouco. – aproximei-me da mesa, apoiando o cotovelo em cima do tampo.

— Ótimo, eu estava querendo ver você mesmo... Nua. – ela me deu um sorriso safado. — Mas te ver de roupa também é muito bom.

— Boba. – fiz uma careta pra ela. – E eu que achava que eu que era safada... Você me supera, Leo!
— Nah eu não falo de sexo o tempo todo, pra sua informação. Posso falar sobre muita coisa... O tempo, faculdade, amigos, sonhos, viagens, realizações, namoros... Você que manda.

— Quantas possibilidades – ironizei, tomando mais do meu café e a encarando. – Eu que mando, não é? Então vamos lá... Me fale sobre seus namoros. Já namorou homens? Ou só mulheres?

— Nunca namorei homens. E namoradas eu tive umas três... Por aí... Fora um ou outro rolo mais sério. – ela deu de ombros.

— Por quê? Não gostou de nenhum? – voltei a insistir.

— Na verdade, eu gostei de um menino na época da escola. Achava ele legal, bonitinho, gentil...

Mas foi só. Desde que eu beijei uma amiga minha, pela primeira vez, sabia exatamente do que gostava. Então nunca mais fiquei com homens.

— Você fala com uma naturalidade... – eu comentei surpresa.

— É que pra mim é natural. Meus pais me aceitam numa boa. E eu já sai do armário há um tempo já...

— E foi difícil se aceitar? Tenho alguns amigos que passaram por muitas dificuldades até conseguirem... – comentei por fim.

— Mais ou menos. No começo foi um pouco difícil. Por ser tudo novo, eu ainda estava entendendo tudo o que se passava... Mas foi como se tudo finalmente tivesse se encaixado, sabe? Como se finalmente aquela peça que faltava pra eu me entender tivesse entrado no lugar.

— E suas namoradas...?

— Bem, com uma delas foi bem difícil. Na verdade, a primeira pela qual me apaixonei. A família dela não sabia, éramos adolescentes. Foi bem difícil mesmo. Brigamos muito porque ela não se aceitava. A mãe dela descobriu e ela tentava fingir que era hetero, tentava me afastar, mas depois voltava pra mim... E então me maltratava... Foi horrível. – o rosto dela ficou sério, com uma expressão de tristeza. Arrependi-me de ter tocado naquele assunto.

— Imagino que tenha sido. – foi o que eu consegui responder. — E deve ser uma situação bem difícil mesmo, eu não sei se conseguiria passar por isso... Quero dizer, se aceitar. – eu comentei, enquanto refletia sobre o assunto.

— Não? Por quê? – ela rebateu e eu me assustei um pouco com a rapidez. Ela me olhava com uma sobrancelha levantada, mas eu não entendia o porque.

— Ah... Não sei... O preconceito... Você ser tão diferente de todo mundo... Levar uma vida diferente... Ter que esconder...

— Vida diferente? Mas eu não levo uma vida tão diferente assim... – ela rebateu de novo. — Faço faculdade, me divirto, vou a bares, tenho amigos, família, namoros, pretendo casar um dia, quem sabe ter um cachorro... Trabalhar...Viajar...
— Você leva muito para o lado pessoal, sabia? – comentei, recostando-me na cadeira e cruzando os braços em frente ao peito. — Eu quis dizer no geral...

— Eu entendi, só estou dizendo que nem sempre é tão difícil quanto parece. Muitas vezes só nos lembramos dos casos de dor e sofrimento que nós, lésbicas, passamos. Mas nossas histórias vão muito além. Nossas histórias também falam de amor, felicidade e aceitação.

Após seu pequeno discurso ficamos em silêncio, parecia que o clima havia ficado tenso, pesado. Não havia muito uma explicação do porquê aquela situação havia se transformado em quase uma discussão, mas havia acontecido. E tudo o que eu menos queria naquele momento era um clima daqueles. Eu estava procurando por uma conversa legal, um bom momento ali com ela, e o tempo estava passando. Sinceramente, eu não sabia o que dizer. Nunca havia pensado nesse assunto direito e muito menos tinha vivido algo assim.

Ela levantou os olhos e me encarou, em um mudo pedido de desculpas. Sorriu pra mim e eu sorri de volta, ainda sem nada dizer. Quando percebeu que eu não seria a primeira a falar

dessa vez, Leona começou a fazer caretas, e eram tão engraçadas que eu não estava conseguindo segurar o riso. Abaixei a cabeça, tentando não olhar pra ela, e esperei alguns segundos. Achando que ela já havia parado, olhei para ela, e comecei a gargalhar.

— Leona! – eu disse entre as risadas. Ela tinha pegado dois canudinhos e colocado um em cada narina. Comecei a ficar vermelha e não sabia se estava morrendo de vergonha alheia ou se estava morrendo de rir da graça que ela fizera. Talvez um pouco de ambos. — Para com isso!

— Eu venci. – ela me olhou triunfante, retirando os canudinhos e colocando-os sobre a mesa.

— Venceu? Se você quis dizer que venceu em ser idiota e criança, venceu mesmo. – dei de ombros, tentando controlar o riso e ficar séria.

— Você gargalhou que nem louca, vai. Se eu sou criança, você é mais ainda. – ela mordiscou o lábio inferior com um sorriso convencido nos lábios.

— Se acha que eu sou criança... – comentei, pegando minha bolsa e me levantando. Parei ao lado dela, ainda sentada, olhando-me curiosa. — Então não podemos repetir aquela delícia de final de semana. – debrucei-me sobre a mesa, ficando com o rosto bem perto do dela, e pude observar seus olhos rapidamente descerem para o meu decote. Ela engoliu em seco e eu me endireitei.

— Opa, criança? Que criança? Imagina... Só vejo duas adultas aqui – ela disse sorrindo com o rosto corado. Levantou-se, pegando sua bolsa, e me seguiu para fora do local.

— Você é interesseira mesmo, não é? – começamos a andar lado a lado. Viramos a esquina e continuamos caminhando na Avenida Paulista.

— Até parece que você não quer o mesmo que eu... – ela sorriu, roçando sua mão na minha, o que fez aparecer um sorriso no canto dos meus lábios.

Eu havia deixado meu carro em um estacionamento a duas quadras dali, mas me peguei desejando que tivesse sido mais longe. Estava entardecendo, o céu estava alaranjado, ainda que o frio permanecesse. Leona sorria ao meu lado, nossas mãos de vez em quando se tocavam de leve e continuávamos conversando. Na esquina, enquanto eu esperava o sinal abrir para atravessar, percebi que ela saiu do meu campo de visão. Virei-me de costas e a vi encostada ao muro amarelo da casa da esquina. Olhei para o sinal, que já estava aberto, sorri e voltei-me para ela novamente, percorrendo a distância até Leona.

— Por que parou? – observei seus cabelos encaracolados emoldurando seu rosto, pareciam mais claros à luz do sol. Ela tinha um sorriso nos lábios.

— Eu não queria ir embora ainda. – mordiscou o lábio inferior e então abriu um largo sorriso, pegando o celular do bolso. — Acabei de perceber que não temos nenhuma foto juntas...

— É verdade. Mas quer tirar foto aqui? – olhei em volta, sem entender. — Podíamos ter tirado dentro da cafeteria...

— E por que não? – dei de ombros.

Encostei-me ao muro ao seu lado e ela encostou sua cabeça em meu ombro. Automaticamente encostei a minha cabeça na dela e sorri. Ela estendeu o braço e tirou a foto, logo depois trazendo o celular para perto para vermos o resultado. A foto havia ficado ainda mais

bonita com o efeito iluminado que aquele entardecer trazia.

— Eu adorei – comentou e eu concordei com a cabeça. Ela me passou a foto por mensagem e eu peguei meu aparelho, colocando nossa foto juntas como contato. Enquanto eu fazia isso, ela passou seu braço pela minha cintura. — Eu queria ir tanto pra sua casa hoje...

— Infelizmente não vai dar – respondi. Ela me olhava triste com um biquinho nos lábios. Senti uma enorme vontade de beijar sua boca, mas me contive. — Mas se quiser podemos sair no fim de semana... Eu reservo ele inteirinho pra você. – pisquei pra ela, mordiscando o lábio inferior.

— Então... Nesse fim de semana eu já tinha marcado de sair com a Karina e meu outro amigo, o Marcelo...

— Uma pena... Só porque eu ia deixar você fazer o que quisesse comigo. – provoquei passando a língua nos lábios. Ela engoliu em seco e começou a se abanar, fazendo-me rir.
— Assim você me mata, Ana! Se você quiser sair com a gente, eu terei o maior prazer em ter você comigo. De lá posso voltar com você... – ela me olhou cheia de desejo e completou: — Mas é uma boate LGBT... Não sei se gostaria de ir...

— Pra ser sincera, nunca fui, mas sempre tive vontade.

— Ótimo! Então você vai comigo! – ela abriu um largo sorriso.

— E por falar em ir, vamos logo, garota, ou vamos criar raízes daqui a pouco – brinquei, afastando-me do muro em que estávamos encostadas e a puxei pela mão.

Peguei o carro no estacionamento e fomos embora. Eu havia combinado de deixá-la no apartamento dela e eu ia voltar para casa logo depois. Enquanto dirigia, comecei a perceber que eu não havia perguntado nada sobre a arte dela. De qualquer forma, se fossemos sair no fim de semana, eu teria tempo pra isso. Logo que parei o carro em frente ao prédio dela, Leona me lançou um olhar profundo, mordiscando o lábio inferior. Eu sabia exatamente o que ela queria. Por um momento pensei se seria apropriado beijá-la ali, dentro do meu carro, na rua... E em segundos me repreendi. Por que estava tão receosa? Logo eu, que nunca me importei muito com essas coisas! Sorri pra ela, inclinando-me em sua direção, encostando meus lábios nos seus. Ela tinha uma boca bem desenhada, com o lábio de baixo cheio. Senti sua respiração descompassada e rocei meus lábios nos dela. Sua boca se entreabriu e, após alguns segundos, finalmente nos beijamos. Só então me dei conta do quanto eu estava querendo beijar aqueles lábios de novo! O quanto sentia falta daquele beijo e o quão bom ele podia ser.

— Se me der mais beijos como esse... – ela sussurrou contra minha boca, ainda um pouco ofegante. Esperei que ela continuasse, roçando nossos lábios de leve. — Eu vou ter que te devorar aqui no carro mesmo...

— Humm... – gemi baixinho, abrindo um largo sorriso ao ouvi-la. — Até que não é uma má ideia. Quem sabe da próxima vez... – e assim, de repente, cortei o contato, endireitando-me no carro e deixando-a um pouco perdida ainda no momento anterior. — Agora vai. Até a próxima, Leo.

— Você é malvada... Mas eu gosto. – ela riu e desceu do meu carro. Fiquei ali esperando que ela entrasse em seu prédio e só então dei partida e voltei pra casa.

Mas no instante em que estacionei o carro já me arrependi. Preferia ter passado o resto do dia com Leona. Havia outro veículo parado ali, uma camionete preta. Já senti a irritação subindo. Coloquei meu carro na garagem e entrei em casa. Fui direto para o escritório, eu sabia que ele estaria lá. Quando apareci na porta já o vi sentado na poltrona de couro. Suas pernas estavam cruzadas, com o cotovelo apoiado no braço da poltrona, os dedos passando pelo cabelo curto e já grisalho. Na outra mão um copo com uísque. Ao me ver, seus olhos negros cintilaram e ele sorriu, cumprimentando-me.

— Como vai, minha rainha?

— Muito bem, na verdade. E você, pai? – aproximei-me dele, dando um beijo em sua testa, para depois sentar-me à minha mesa. Tentei manter um sorriso cordial no rosto.

— Na medida do possível. – ele deu um sorriso nervoso. — Você sabe... Sua mãe deixa qualquer um com os nervos à flor da pele.

— Sim, sei muito bem disso. – continuei com o sorriso congelado no rosto, esperando-o continuar. Eu sabia que ele tinha algo pra dizer. Infelizmente ele nunca vinha me visitar apenas para verificar como eu estava. Todas as vezes que ele vinha era para trazer algum recado ou me pedir alguma coisa.

— Pois então... Eu viajarei semana que vem para os Estados Unidos por causa do trabalho e sua mãe não quis vir comigo, apesar de eu ter insistido. Ela tem se lamentado que vai ficar sozinha... E, você sabe...

— Pai, eu não... – mas ele me interrompeu.

— Ela já decidiu. Disse que vai passar a semana aqui com você. – ele tomou o resto da bebida e isso me fez lembrar de que era eu que estava precisando de um gole.

— Odeio quando ela faz isso! Faz o que quer sem se importar com a opinião dos outros. Eu estou ocupada com a galeria, não posso ficar atrás dela. – recostei na cadeira, cruzando os braços em frente ao peito, irritada.

— Eu sei, eu sei... Mas ela disse que não vai lhe atrapalhar.

— Eu não estarei aqui no final de semana. Se ela vier, que venha na segunda-feira. – ficamos ambos em silêncio. Meu pai sempre fora um homem muito atraente, mas o tempo já estava cobrando seu preço. Havia rugas em suas mãos e ao redor dos olhos, e os cabelos grisalhos estavam começando a rarear. — Você sabe que não nos damos bem. – mas a verdade ia muito além disso. Ambos sabíamos desse detalhe, mas preferíamos não tocar no assunto.

— Sim. Mas ela é sua mãe. – essa era sempre sua resposta para tudo. Como se essa desculpa pudesse livrá-la de toda a culpa que ela tinha.

— Mas nunca agiu como uma – falei com amargura.

— Ela só quer o seu bem. – ele tentou mais uma vez, mas eu me levantei.

— Deixei de acreditar nessas bobagens há muito tempo. – sorri tristemente. — Eu vou me recolher. Se quiser ficar, o outro quarto está disponível. Janaína vem amanhã cedo para trabalharmos. Boa noite. – dei as costas e saí do cômodo. Eu estava começando a sentir um

pouco de dor de cabeça, já prevendo toda a irritação que eu iria ter na semana seguinte.

Capítulo 09

Sinceramente às vezes eu me perguntava que merda eu tinha na cabeça. Estava sendo um dia perfeito com Anastácia, conversando, tomando um café, eu estava conhecendo um pouco mais sobre ela – ou quase, já que ela mais perguntou sobre mim do que o contrário – e então eu estrago tudo com aquelas bobagens sobre se esconder ou não dentro do armário. Não que não fosse relevante, com certeza era, e minha opinião era bem válida, eu não me arrependia de tê-la emitido. Eu só não precisava ter dado todo aquele discurso naquele momento, não é mesmo? Aliás, eu não fazia ideia do por que havia me irritado tão facilmente com o comentário dela. Talvez porque ela reproduzia o discurso comum de que é difícil viver sendo homossexual, de que nossa vida era sofrida e tudo mais. É claro que é difícil conviver com o preconceito, que muitos LGBTs sofrem todos os dias e que, para muitos, permanecer no armário é uma questão de sobrevivência. Mas nossa vida não se resume só a isso. Nós temos sonhos, desejos e também buscamos amor e nossa felicidade.

Deixando o discurso de lado, o que mais me incomodava talvez fosse o fato de ela dizer que não conseguiria passar por todo esse processo. Eu não queria admitir o que aquilo poderia significar, ainda mais para uma mente romântica e fantasiosa como a minha. De qualquer forma, eu havia conseguido fazê-la rir e dissipado aquele clima ruim. E agora, largada em minha cama, eu não conseguia parar de olhar para a nossa foto no meu celular. Tinha ficado tão bonita! Aliás, ela era tão linda... E até que combinávamos. Eu tentava parar de pensar nessas besteiras, mas estava se tornando impossível. Como eu não conseguia dormir, levantei-me e peguei meu bloco de desenho e meus lápis. Encarei o esboço que eu havia feito dela naquele dia e um sorriso apareceu em meu rosto. Aos poucos comecei a desenhar os detalhes, os fios de cabelo caídos pelo corpo, por cima dos seios... Os traços do seu rosto, do corpo delineado... E quanto mais eu desenhava, mais vontade eu tinha de desenhá-la. Terminei o desenho de madrugada e adormeci com bloco e tudo em cima da cama.

Acordei cansada, com um pouco de mau humor e o frio que não dava trégua. Eu já mencionei que não sou tão fã assim do frio? Mas como não havia alternativa, coloquei um sobretudo, botas e cachecol e fui para a faculdade. Duas aulas chatas sobre a História da Arte, porque a professora era muito enrolada para explicar, e eu já estava quase dormindo com a cabeça na carteira. No intervalo Maria encostou sua carteira na minha, dando-me uns cutucões nas costelas.

— Você não sabe ser mais sutil não? – perguntei, massageando o local, com uma careta.
— Ai como você é dolorida! – ela rolou os olhos, e então sorriu pra mim. — Só vim te perguntar como é ser a sensação da faculdade!

— Hein? Que sensação? – perguntei confusa, endireitando-me na cadeira e olhando pra ela. Esfreguei os olhos, tentando me manter acordada.
— Você não percebeu que está todo mundo te olhando? – ela abafou um riso, e eu olhei a minha volta. Várias pessoas da sala me observavam, principalmente os meninos, sorrindo, e alguns fizeram ‘joinha’ com a mão quando os encarei.

— Eu não tinha percebido... Mas o que esse povo está olhando? Será que minhas olheiras estão tão feias assim?

— Digamos que você e sua loira não foram muito discretas ontem ao saírem numa Mercedes-

Benz bem em frente ao portão da faculdade. – ela sorriu maliciosa e só então me lembrei! Eu até mesmo havia brincado com Anastácia sobre isso... De ser popular... Mas não imaginava que tinham prestado tanta atenção assim.

— Puta que pariu! – soltei, batendo a mão na testa.

— Então esse era o seu “bofe” de ontem? – Camila perguntou, juntando-se ao grupo. Eu não sabia da onde ela tinha surgido, não estava prestando muita atenção antes. A loira tinha um sorriso divertido nos lábios finos.

— É... Mais ou menos – comentei, coçando a cabeça. Eu não estava muito a fim de entrar naquele assunto, principalmente porque não estava muito de bom humor. Porém as duas só iriam sair dali depois que eu contasse.

— Está bem na fita, hein novata? – olhei para o lado e percebi um garoto se aproximando. Eu já o havia visto na sala, sentava sempre no fundo, meio largado, gostava de conversar, mas era bem tranquilo. Tinha os cabelos na altura dos ombros, pretos, olhos fundos e era magro e alto.

— Aquela é sua namorada? – apesar da careta que a menina que me perguntou fez, ela parecia estar interessada. E quando percebi, eu estava rodeada por umas cinco pessoas.

— De onde vocês surgiram? É arrastão? – perguntei espantada e eles riram. Novamente quem veio me explicar foi Maria.

— Ué, Leo. Como eu disse, muita gente viu vocês lá, e só de ver vocês duas juntas já deu pra sentir a química.

— Jura? – perguntei com minhas esperanças renascendo. — Eu também achei que temos química – comentei, e aí todos voltaram a rir.

— Sabia! – Camila rebateu, batendo na mesa. — Agora desembucha, Leo. Conta tudo!

E, respirando fundo, sem muita alternativa, contei de forma resumida como havia conhecido Anastácia e nossos encontros, claro, deixando de lado a parte do sexo ardente, só comentando que havia dormido com ela. Cada um deles parecia ter uma opinião diferente sobre o assunto. A moça, uma loirinha chatinha da nossa sala, descobri se chamar Letícia, era a que mais me criticava pelo meu modo de agir logo quando conheci a Ana. Camila ria e se divertia com meu jeito debochado; o garoto, que descobri se chamar Júlio, continuava estupefato por eu estar saindo com uma gata como a Anastácia, e a única que mal emitia opinião era Maria. Mas seu jeito de me olhar, como se guardasse um segredo, algo do qual compartilhássemos, já me dava pistas o suficiente para eu imaginar o que seria.

— E como é sair com uma mulher mais velha? – perguntou Camila, de repente.

— Ah não deve ser muito diferente – comentou Marcela, puxando sua carteira para mais perto. Era uma de minhas colegas também, acho que a única da minha sala assumidamente lésbica. Logo que ela entrou na sala e percebeu o teor da conversa, aproximou-se. — Mulher é tudo igual! Uma delícia. – passou a língua pelos lábios e começou a rir.

— Eu também acho – comentou Júlio. — Pra mim tanto faz. Pode ser mais velha, mais nova, alta, baixa, magra, gorda... Sendo mulher, está ótimo! – todos voltaram a rir.

— Na verdade... É diferente – no exato momento em que comecei a falar todos os olhos se voltaram pra mim, esperando ansiosos para que eu continuasse. — Eu só havia saído com moças da minha idade mais ou menos. E saindo agora com ela, que deve ser uns dez ou doze anos mais velha do que eu... É bem diferente. A mulher é mais independente, geralmente tem uma personalidade formada já, uma vida da qual ela toma conta, responsabilidades e tudo mais. Não tem toda aquela insegurança que alguém que está começando a vida tem. Tem experiências... Acaba tendo umas conversas mais profundas... E acho que o relacionamento acaba sendo mais maduro, sabe? – eu parei de falar e todos me olhavam espantados.

— Sei... Pra mim isso parece papo de quem está apaixonada! – Maria finalmente falou, soltando uma risada, que foi seguida por todos.

— Ah, gente... – eu ia argumentar, mas a professora da próxima aula estava parada em nossa frente, de braços cruzados, com um olhar fuzilante.

— O intervalo já terminou se não perceberam. Se quiserem ficar conversando, podem ir lá pra fora, mas não vão atrapalhar minha aula.

Estava desfeita a rodinha a minha volta. Só sobrou Maria, que continuou sentada ao meu lado. Enquanto a professora explicava sobre as várias técnicas de pintura, a ruiva rabiscava no meu caderno. *"Estou curiosa..."* Foi o que ela escreveu e eu já sabia sobre o quê. Rabisquei: *"Vamos a uma boate LGBT amanhã. Quer ir?"* E dessa vez ela só concordou com a cabeça. E assim a aula continuou. Voltei depois do almoço pra casa. Estava um pouco desanimada. Eu havia enviado vários currículos e nenhum havia chegado ainda. Estava recebendo uma mesada dos meus pais para me ajudar a me sustentar, mas queria poder trabalhar com alguma coisa e poder ter meu próprio dinheiro novamente. Até porque São Paulo não era uma cidade fácil e o custo de vida era bem alto. Li um pouco dos textos que a professora mandara e comecei um trabalho que era para dali a um mês. Mas por mais que eu tentasse não conseguia tirar Anastácia da cabeça. Voltei a pegar meu bloco de desenho e comecei outro esboço, dessa vez de um momento aleatório que ficara gravado em minha mente, do seu rosto, a sua postura... E comecei a desenhar.

Novamente passei boa parte do dia desenhando e quando me dei conta já estava entardecendo. Preparei um lanche pra mim na cozinha e sentei-me para ver televisão. Dali alguns minutos meu celular apitou. *"Esses dias têm sido tão estressantes... Gostaria que estivesse aqui."* Eu sorri, sentindo uma alegria imensa por dentro. Tomei mais um gole do suco de maracujá e respondi. *"Eu te faria relaxar... Minhas mãos e boca têm um efeito muito prazeroso... ;)"* Terminei de comer meu lanche e deitei no chão, com a cabeça apoiada na almofada; meu celular apitou de novo. *"Hummm eu quero! Estou precisando da sua língua também..."* Não preciso dizer que estremeci ao ler aquela mensagem, não é? Mas ao mesmo tempo... Não resisti! Tive que fazer uma brincadeirinha. Tirei uma foto fazendo careta, com a língua pra fora, apertando os olhos e franzindo o nariz e mandei pra ela, com a legenda: *"Minha língua é toda sua."* Demorou mais alguns minutos e quando abri o aplicativo do celular, não era uma mensagem escrita, ela havia mandado um áudio. Toquei na tela do celular e meus ouvidos se encheram com sua risada gostosa.

— *Olha que eu corto ela fora e roubo pra mim.* — ela disse entre risos e eu a respondi, por áudio também.

— Só a língua? Tem mais coisa boa que você pode roubar só pra você... Devia me sequestrar inteira.
— E eu vou... Amanhã você não me escapa. Mal posso esperar pra te ver amanhã de novo, Leo. — sua voz ficava tão sexy falando meu nome desse jeito... Sensual... Baixo, rouco... Eu escondi o rosto no travesseiro, sentindo-me uma adolescente de novo.

— Já está com saudades, loira? – eu mandei, mas dessa vez já se haviam passado dez minutos e nada de resposta. Será que ela não queria admitir? Ela tinha ouvido meu áudio. Mandei um segundo. *— Porque eu estou morrendo de vontade de sentir seu cheiro outra vez, seu gosto... Sua pele contra a minha... Seu corpo macio...* – ela visualizou e eu esperei uns minutos. Finalmente me respondeu.

— Não faz assim, Leo... – sua voz parecia ofegante, houve uma breve pausa em sua fala, e depois ela continuou. *— Fico desejando você aqui, oh, bem onde minha mão está...*

Senti meu corpo todo estremecer de desejo e minha mente já imaginou mil e uma imagens de Anastácia deitada em sua cama, completamente sexy, enrolada naqueles lençóis e se tocando pensando em mim. Senti meu coração se acelerar e meu rosto ficar vermelho. Era incrível sentir que uma mulher daquelas estava me desejando. Era uma boa massagem para o ego.

— Logo eu estarei aí, pra satisfazer todos os seus desejos – eu respondi.

Ficamos conversando mais um pouco e depois de um tempo ela se despediu. Aproveitei a brecha e liguei para Karina, contando-lhe que Anastácia ia com a gente na boate e ela adorou a notícia. Principalmente porque íamos de carro. Ela estava animada para conhecer a mulher que mexera tanto com a minha cabeça. Depois que desliguei o telefone, fiquei deitada pensando em tudo que estava acontecendo e acabei adormecendo.

Acordei cedo na sexta-feira, imaginando que eu logo fosse chegar na faculdade, mas me irritei logo que peguei o metrô. Tudo estava lento e lotado por causa de problemas na linha. Meu celular apitou, acusando o recebimento de um e-mail. Abri a caixa de entrada e senti meu coração pular de alegria ao ler “Galeria Bittencourt”. Será que era uma resposta de emprego? Tentei clicar no corpo da mensagem, mas o 4G do meu celular não estava funcionando. Desliguei e liguei novamente, nada. Frustrada, guardei o aparelho no bolso.

Cheguei à faculdade um pouco mais tarde do que eu queira, resmungando por conta do tempo perdido, pensando se ainda dava tempo de tomar um café na cantina. Maria já estava por lá, sentada em uma das mesinhas. Aproximei-me da ruiva e me sentei de frente pra ela. Lembrei-me do e-mail, mas assim que coloquei o celular em cima da mesa e o desbloqueei, Maria começou a falar.

— Eu não sei o que aconteceu ontem. Toda essa sua história misteriosa com essa mulher tem me feito pensar bastante sobre muita coisa.

— Bem, eu não havia comentado isso com vocês porque estamos sempre falando sobre a faculdade e ambas têm namorado – dei de ombros.

— Sim, eu tenho. Mas a relação está um pouco desgastada, exatamente por fazer muito tempo. E, sei lá, estou curiosa... É um tópico que nunca havia me ocorrido. Tenho amigas lésbicas e tudo mais, mas nunca tinha pensado na possibilidade, até agora.

— Olha, não precisa ficar tão apreensiva quanto a isso. Pode ser que você apenas ache legal, tenha curiosidade ou sinta-se atraída por uma mulher, mas isso não significa que você seja lésbica.

— Imagina se eu for? Como... Depois de tanto tempo saindo com caras? Sem nunca ter me interessado por ninguém? – ela arregalou os olhos, falando rápido, nervosa.

— Calma, Ma, você não tem certeza de nada ainda. Dê tempo ao tempo. Vamos sair, você vê como se sente... Às vezes nem é nada demais. E, se for, você vai descobrir como lidar com isso. – sorri tranquilizando-a. — Vamos lá tomar um café que eu estou precisando!

Em minha mente milhões de pensamentos começaram a se formar. Observar minha amiga cheia de dúvidas daquela forma me fazia lembrar de Anastácia. Ela também era hetero, até onde eu sabia. Sempre se interessara por homens... Como será que ela estaria lidando com a situação de estar saindo com uma mulher? Isso era uma coisa que eu ainda não havia perguntado para ela. Será que tinha medo também? Eu podia perceber em alguns detalhes que ela tinha receio de parecer o que não era, ou será que era? De qualquer forma, as pessoas têm mania de querer colocar as outras em uma caixinha, aliás, eu mesma fazia isso. Mas a verdade é que existe uma enorme variedade dentro do espectro sexual e de gênero.

Muitas mulheres e homens podem sentir desejo pelo mesmo sexo e isso não os caracteriza como homossexuais. Também existem os bissexuais, que gostam de ambos os sexos, e os pansexuais, que abrem ainda mais as possibilidades de relacionamento ao reconhecerem outros tipos de sexualidade. No caso da Anastácia, ela havia se interessado por mim e, até onde eu sabia, nunca havia questionado sua sexualidade antes. Será que ela se questionava agora? Eu não conseguia segurar meus pensamentos e sentimentos, mas percebia o caminho perigoso e tortuoso para o qual eles seguiam. Eu estava assumindo que ela sentia mais por mim do que um simples desejo... E de que tudo aquilo era mais do que uma simples aventura. Eu poderia estar muito enganada. E se esse fosse o caso, a queda seria grande.

Capítulo 10

Enfim era sexta-feira. Logo de manhã eu já estava no escritório e havia cancelado dois encontros para aquele final de semana. Eu já sabia como ia ser na outra semana e de maneira nenhuma que eu ia perder dois dias praticamente inteiros com Leona. Além de estar com ela eu poderia finalmente descansar um pouco e não pensar no estresse que estaria me esperando. Antes do horário do almoço Janaína anunciou que Lucas queria me ver. O que será que aquele traste queria comigo? Havia reaparecido das cinzas para quê? Mas autorizei que ele subisse. Depois de alguns minutos ele apareceu em minha sala. Sorriso falso nos lábios, aquele porte esnobe dele, terno claro, sapatos combinando... E eu continuei ali, atrás da minha mesa, sentada com a postura reta e um sorriso congelado no rosto.

— O que o traz aqui, Lucas? Está com saudades por acaso? – brinquei, arqueando uma sobrancelha.

— Anastácia, linda como sempre, ainda achando que o mundo todo gira à sua volta – ele riu, aproximando-se e se sentando na cadeira à minha frente, cruzando as pernas.

— Tem certeza que está falando de mim? Ou de si mesmo? – sorri, esperando que ele fosse logo ao assunto.

— Eu só achei que nosso último encontro não foi tão agradável assim e não queria que ficasse aquela má impressão entre nós – ele comentou ajeitando a gravata.

— A má impressão sobre você começou antes mesmo de nos separarmos – cruzei os braços.

— Então... – ele fez questão de ignorar meu comentário. — Eu queria saber se está interessada em uma parceria. Fiquei sabendo que está atrás de espaços para uma nova exposição e eu tenho um lugar que seria perfeito. Se você aceitasse, promoveria meu espaço e ao mesmo tempo posso trazer alguns contatos para prestigiarem seu evento. Daria mais atenção ao seu trabalho, e eu sei que você está precisando – um sorriso irônico surgiu em seu rosto. Ele mexeu nos cabelos loiros e eu revirei os olhos.

— E quem disse que eu quero fazer negócios com você? Ou esqueceu que está sempre desprezando meu trabalho? Me diminuindo? – eu disse séria.

— Essa não era minha intenção – ele tentou, apesar de eu saber que era uma mentira descarada. — Se caso aceitar o acordo, prometo parar com as piadinhas sem graça e os comentários maldosos – ele sorriu de canto.

— Preciso conversar com Janaína e depois lhe dou uma resposta. Caso eu aceite, haverá um acordo com todos os itens muito bem detalhados e discriminados.

— Por mim, sem problemas.

— Então, se não se importa, ainda tenho muitas coisas a fazer. Depois entro em contato – respondi, dando a entender que havíamos terminado. Ele se levantou agradecendo e saiu da minha sala.

Meu primeiro impulso era não aceitar o que ele me propunha, mas eu sabia que havia necessidade de pensar naquela proposta. Eu estava precisando de mais visibilidade para minha galeria e sabia que ele conhecia muita gente importante do mundo das artes para trazer à

exposição. Alguma coisa me dizia que não seria nada fácil, que algo possivelmente daria errado, mas eu não sabia precisar o quê. Saí para almoçar ali por perto, enquanto fazia algumas ligações e depois voltei para o escritório. À tarde Janaína veio conversar comigo, querendo saber o que Lucas queria. Contei-lhe sobre nosso encontro e seu primeiro pensamento foi igual ao meu: não ia dar certo. Mas ela achara que eu agira de forma correta dizendo que ia pensar e, principalmente, querendo fazer um contrato com tudo detalhado. Resolvi todas as coisas que precisavam ser resolvidas e avisei Janaína de que eu estaria fora o final de semana inteiro. Iria desligar o celular do trabalho, mas ficaria com o pessoal ligado. Ela ficaria encarregada de resolver qualquer eventual problema que pudesse acontecer e, se fosse algo muito grave, ela me ligaria.

No começo da noite voltei para casa para começar a me arrumar. Havia combinado de pegar as meninas no apartamento de Leona lá pelas dez e meia da noite. Tomei um banho demorado e quando voltei para o meu quarto fiquei em dúvida do que colocar. Fazia um tempo que eu não ia para boates e eu nunca havia ido a uma voltada para o público LGBT. Não fazia ideia do que esperar. Resolvi colocar uma das minhas calças justas pretas, com um sapato de salto também preto, e uma blusa da mesma cor mais soltinha, sem mangas. Um colar de várias voltas prateado, brincos de argola, e umas pulseiras pratas também. Sequei o cabelo, deixando-o mais liso, e delineei bem os olhos com o lápis preto. Quando voltei a me olhar no espelho gostei do que vi. Eu tinha que admitir que havia me superado de novo e um sorriso apareceu em meu rosto. Esperava que Leona não apenas gostasse do meu visual, mas me desejasse. Passei o mesmo perfume da noite em que eu a havia conhecido e estava pronta.

Cheguei à casa dela com uns quinze minutos de atraso. O porteiro avisou que eu já estava lá e ela autorizou que eu subisse. Terceiro andar, apartamento 36. Logo que o elevador se abriu e eu me encaminhei para a direita, a porta já estava aberta com uma moça muito ansiosa me esperando. Ela estava completamente linda! Os cachos castanhos estavam mais definidos, emoldurando seu rosto; ela usava uma blusa vermelha justa de mangas compridas, uma calça jeans escura e uma sandália de salto. Não vou mentir, fiquei parada alguns segundos apenas a admirando, e quando meus olhos cruzaram com os dela, percebi que ela estivera fazendo a mesma coisa. Aproximei-me dela, dando um beijo em seu rosto, bem próximo à boca.

— Você está linda, Leo – sussurrei e recebi um sorriso tímido em troca.

— Obrigada. E você está incrivelmente linda – ela retribuiu o elogio, afastando-se para que eu pudesse entrar. Não deu tempo de prestar muita atenção ao apartamento, a não ser que era bem decorado e muito bonito, pois uma ruiva que estava sentada no sofá logo se levantou, com um sorriso enorme no rosto.

— Finalmente vou conhecer a gostosa Anastácia? – ela sorriu e eu olhei de relance para Leona, que estava mais vermelha que um pimentão, logo dando um jeito de protestar.

— Pelo amor de Deus, Karina, não me mata de vergonha!

— Querida, não precisa de tanto pudor, é só olhar pra ela. Se não fosse sua, eu até pegava – ela piscou pra mim e eu comecei a rir. Que história era aquela de ‘sua’? Achei graça e entrei na brincadeira.

— Se você for tão gostosa quanto a Leona, podemos até combinar de ficarmos as três... – eu disse piscando para ela e passando a língua nos lábios.

— Nossa! Agora eu entendi porque você se rendeu toda, amiga! – a ruiva começou a se abanar e rir, enquanto Leona parecia um pouquinho enciumada, eu diria. Ela apressou-se em se aproximar e passar o braço pela minha cintura.

— Karina, sua linda, se você não fosse minha amiga, eu já teria te matado – a castanha sorriu sem graça, e eu estava adorando aquilo. A moça levantou os braços e balançou a cabeça, como se não quisesse problema nenhum para o seu lado, e eu aproveitei pra passar o braço em volta da cintura de Leona, virando-me de frente pra ela, captando seu olhar no meu. Com um sorriso, eu lhe disse:

— Eu não preciso de mais ninguém além de você, Leo – e finalizei com um beijo intenso em seus lábios vermelhos.
— Uau! Gente, eu ainda estou aqui! – a voz de Karina soou insistente depois de mais um beijo e soltei Leona a contragosto.

— Pode deixar, teremos a noite toda pra nos divertirmos. – desci a mão pelas costas da morena, dando um leve tapinha em seu bumbum.

— Então vamos porque o Marcelo já deve estar nos esperando – ela comentou, colocando-nos para fora do apartamento.

No carro Leona havia sentado ao meu lado e Karina atrás. Passamos para pegar o Marcelo e a ruiva conversavam animados no banco de trás. Enquanto isso, Leona me contava sobre seus projetos na faculdade, as aulas chatas e seus colegas. A boate ficava na zona oeste da cidade e, pelo que haviam me falado, tocava um pouco de tudo: pop, funk, *flashback*. Deixei o carro no estacionamento mais perto e fomos para a festa. Enquanto esperávamos na fila, eu já via o público diferenciado. Drag queens na porta da boate, casais de meninas e meninos e os *looks* variavam bastante. Achei interessante ver o público jovem com roupas bem descoladas, bem coloridas e estampas bem diferentes. Algumas pessoas usavam roupas bem estilosas enquanto outras usavam regata e shorts. Uma moça ruiva se aproximou, parecendo meio tímida, e Leona abriu um enorme sorriso, abraçando-a. Então ela nos apresentou.

— Anastácia, essa é uma amiga minha da faculdade, Maria. Maria, essa é a Anastácia. – ela mordiscou o lábio e a ruiva me olhou de cima a baixo.

— Então você é a famosa Anastácia... Prazer! – demos as mãos e eu respondi-lhe sorrindo.

— Por que todo mundo me diz que sou famosa? O que você andou espalhando por aí, Leo? – perguntei arqueando uma sobrancelha.

— Eu? Ué, você que apareceu na minha faculdade pra me buscar, esqueceu? Várias pessoas me perguntaram sobre você.

Então Leona apresentou Karina e Marcelo para a sua colega e todos começaram a conversar. Eu percebia a tal Maria me observando de vez em quando, parecia muito curiosa. De tempos em tempos Leo comentava algo com ela, enquanto eu ficava só observando no meu canto. Após alguns olhares de algumas moças que passaram por nós, percebi o jeito desconfortável de Leo, que logo parou de prestar atenção na conversa para se voltar pra mim, e achei particularmente bonitinho que estivesse com ciúmes. Ela havia ensaiado algumas vezes pegar em minha cintura enquanto falava, tentando me tocar levemente quase sem querer, mas parecia não saber o que eu ia achar. Apesar do meu próprio receio por estarmos em público,

busquei a mão dela e a segurei na minha, fazendo com que ela me olhasse. Sorri pra ela, com uma leve piscadela. O sorriso que Leo me devolveu me alegrou.

Demorou um pouco para que entrássemos na festa, mas uma vez lá dentro, tudo começou a se desenrolar. Havia muita gente e, conforme o tempo passava, enchia ainda mais. Mas eles pareciam não se incomodar com isso. Fomos direto pegar uma bebida e depois resolvemos parar perto do DJ. Eu até que estava gostando das músicas que tocavam, era bem animado, e eu estava relaxando aos poucos. Era diferente estar naquele tipo de ambiente. Apesar de alguns olhares, ninguém havia chegado em mim, principalmente porque Leona estava sempre ao meu lado. E os homens que passaram por mim só paravam pra dançar junto comigo. Eu estava achando aquilo o máximo. Karina e Marcelo pareceram se esquecer da gente e começaram a dançar e a beber, aproveitando o momento. Leona parecia dividida entre fazer o mesmo e dar atenção a mim. Parecia um pouco nervosa, eu diria. Talvez até mais do que eu. Podia perceber que ela queria tomar a frente, especialmente por ela conhecer aquele lugar e eu não, mas sentia-se desconfortável porque não sabia como eu reagiria. Eu sempre fui muito direta, então não esperei que ela se resolvesse. Logo que tive a oportunidade, com uma das minhas músicas favoritas, segurei em sua cintura e comecei a dançar com o corpo bem próximo ao dela.

— Relaxa – eu falei alto em seu ouvido, e ela balançou a cabeça afirmativamente.

A partir desse momento, tudo pareceu acontecer com naturalidade. Eu comecei a me soltar também, dançando uma música após a outra, de forma solta e relaxada. Deixava o corpo bem próximo ao de Leona, dançando no mesmo ritmo que ela, aproveitando para passar as mãos pela sua cintura e suas pernas. Em um momento, quando ela ficou de costas pra mim, segurei-a firme, encaixando-me nela, enquanto nossos quadris se mexiam ao som da música, e beijei seu pescoço, sentindo-a estremecer nos meus braços. Ninguém parecia prestar muita atenção em nós duas, principalmente porque havia uns dois ou três casais a nossa volta que faziam o mesmo, e eu estava adorando aquilo. Pela primeira vez eu estava em um lugar com Leona sem ser em minha casa que eu poderia tocá-la, abraçá-la, beijá-la sem ter que me preocupar com olhares tortos. Em um momento ela quis sair um pouco lá pra fora, após voltar a pegar um drinque, então saímos. Encostei-me à parede, com Leona em minha frente, para conversarmos.

— Está gostando? – ela me perguntou, voltando a tomar mais um pouco da sua bebida.

— Muito, pra falar a verdade. É melhor do que eu esperava. – sorri pra ela. — Fazia tempo que eu não dançava tanto assim e eu amo dançar – confessei.

— Arrasa, gata! – o amigo dela se aproximou de nós, abraçado em Karina, olhando-me de cima a baixo. — Leona, querida, como você esconde uma mulher dessas da gente?

— Eu não escondi! – ela protestou. — Ela só não é do babado. – ela fez uma careta e imediatamente ele se virou pra mim.

— Como assim não é do babado? – ele colocou as mãos na cintura.

— Tu viu, viado? – a ruiva comentou, tomando mais um gole do copo que tinha em mãos. — Leo está poderosa, conseguiu arrastar uma hetero pra cá.

— Assim que se fala, garota! – ele deu uma batidinha no ombro dela, e voltando-se pra mim de novo, continuou: — Está certa, gata, o lado colorido da força é muito mais divertido. Anda com a gente que é sucesso!

— Vocês viram a Maria? Não a vejo faz um tempo... – Leona comentou, tentando nos tirar do foco da conversa.

— A última vez que a vi, ela estava lá no meio da galera dançando. Deve estar se divertindo, bem! – ele voltou a falar, quase sendo interrompido por Karina.

— Meu Deus, é a minha música! Eu preciso dançar, vamos! – a ruiva saiu puxando o moreno pra dentro da boate de novo.

— Gostei deles – comentei. — Vocês são todos muito divertidos.

— Lógico, são meus amigos, né, loira? – ela piscou pra mim, toda convencida.

Revirei os olhos e virei a cabeça e então percebi uma moça me olhando insistentemente. Ela não se aproximou, mas no momento em que percebeu que eu retribuí o olhar, ela sorriu de forma maliciosa, arqueando uma sobrancelha. Leona também percebeu e pude notar que estava enciumada. Minha vontade era de mostrar para ela o quanto eu não queria ninguém mais naquela noite. Mas eu queria ver como ela iria reagir em uma situação como aquela. Voltei a olhar para Leona e ela sorriu pra mim, aproximando-se e prensando seu corpo contra o meu, roubando um beijo, que foi ficando cada vez mais intenso e cheio de desejo. Uma de suas mãos foi até minha cabeça e ela arranhou minha nuca, puxando meu cabelo de leve. Colocou sua coxa entre as minhas, fazendo uma leve pressão, e então sussurrou em meu ouvido:

— Você é minha, Ana. Mesmo que só por hoje... Você é – e voltou a me beijar, deixando-me arrepiada e sem ar.

Logo que nos afastamos começou outra música que eu gostava, e não perdi a deixa. Empurrei-a levemente para longe de mim, afastando-me da parede e, andando de costas, comecei a chamá-la com os dedos, com um sorriso no rosto, mexendo os ombros no ritmo da música. Ela começou a rir e se aproximou de mim, segurando em minhas mãos e me seguindo para dentro da boate. Era uma daquelas músicas dos anos 2000, na época eu tinha uns vinte anos, e vivia dançando esse tipo de música. Dessa vez comecei a fazer caretas e a movimentar os braços e as mãos, em uma dança completamente maluca e inventada. Era como se eu voltasse a ser adolescente de novo. Leona me acompanhava, rindo dos meus movimentos. Ficamos de costas uma pra outra remexendo e dançando no ritmo da música. Tocou umas duas ou três nesse mesmo estilo e então mudou para algo mais eletrônico. Eu e Leona começamos a diminuir o ritmo ao mesmo tempo, enquanto as pessoas a nossa volta continuavam dançando, e nos encaramos. Ela segurou em minhas mãos e eu segurei nas dela, ficamos sorrindo uma para outra. Eu não sabia o que estava sentindo, apenas uma felicidade imensa. O momento era perfeito. E eu me permiti sentir-me uma adolescente boba novamente.

Já era quase de manhã quando saímos da boate. Como eu havia bebido apenas no começo, sentia-me bem para dirigir, apenas estava muito cansada, com dor nas costas e nos pés. Karina e Marcelo estavam praticamente desmaiados no banco de trás do meu carro. Deixei ambos na casa do Marcelo e peguei a avenida para o apartamento de Leona. Ela estava um pouco risonha, cansada também, mas não parava de fazer piadas e rir o tempo todo. Como ela não tinha carro, colocamos o meu na garagem que seria a do apartamento dela, e eu a ajudei a entrar em casa. Estava com os sapatos pendurados na mão esquerda, tentando achar a chave dentro da bolsa. Logo quando entramos ela largou os sapatos e a bolsa no chão e se jogou no sofá. Sentei-me ao seu lado e ela logo se ajeitou no meu colo.

— Nossa, estou bem cansada – comentei, retirando os sapatos de salto. — Meus pés estão me matando!

— Eu também... Mas foi muito bom! – ela sorriu, olhando-me nos olhos.

— Foi sim, eu adorei ter saído com vocês – comentei. Ela começou a passar a mão pelas minhas pernas, com um sorriso safado no rosto e eu segurei em suas mãos. — Nem vem, garota. Se é isso que você quer, primeiro um banho. – fiz uma careta.

— Você não pareceu reclamar quando eu te prensei na parede – ela sorriu e se virou, ficando com o rosto perto da minha barriga. Levantou um pedaço da minha blusa e começou a beijar minha pele.

— Oras, pra tomar um banho ali só se fosse de bebida, o que, aliás, tomamos. – respondi ao lembrar do estado deplorável das nossas roupas. Mas eu estava começando a gostar dos carinhos. Puxei seus cabelos de leve, para que ela parasse. — Depois de um banho eu deixo você fazer o que quiser... Mas só depois do banho.

— Adoro! Você toda gostosa no meu banheiro, um sonho se realizando! – ela disse e se levantou, fazendo-me rir.

Apesar de o banho ter sido demorado, foi bem diferente do que eu esperava. Tinha certeza de que ela ia se aproveitar de estarmos ambas nuas embaixo do chuveiro, mas na verdade foi mais engraçado do que sensual. O banheiro era pequeno e ela ficava o tempo todo querendo trocar de lugar comigo para pegar o sabonete, o xampu, a bucha, cada hora era uma coisa. Trocávamos beijos e carícias, mas logo ela estava me ensaboando e desenhando nas minhas costas com os dedos por cima da espuma. Quando terminamos, as duas devidamente limpas e cheirosas, enrolamo-nos em duas toalhas brancas e fomos para o quarto dela. Era simples, mas muito bonito e bem mobiliado. Uma cama de casal, uma cômoda com uma televisão em cima, uma escrivaninha, quadros nas paredes...

— Claro que meu quarto não é nada comparado ao seu, mas... – ela deu de ombros ao perceber que eu estava observando o local. Ainda estávamos paradas uma ao lado da outra.

— Ele é perfeito – sorri em resposta. — Só falta uma coisa...

— O quê? – ela parecia intrigada, o que só me fez dar um largo sorriso ao dizer:

— Eu.

Tirei a toalha que envolvia meu corpo e joguei em cima da cadeira da escrivaninha. Deitei na cama dela, de costas, esfregando-me em seu lençol, completamente nua. Ela admirava cada detalhe do meu corpo e eu podia ver seus olhos cintilarem. Comecei a me remexer na cama, virando para os lados, espreguiçando-me, até deitar de bruços, com a cabeça no travesseiro dela, só esperando que ela viesse. A toalha dela teve o mesmo destino que a minha e ela se aproximou, sentando-se na beirada da cama, deslizando os dedos devagar pela linha das minhas costas. Não dizíamos nada, era como se soubéssemos que palavras não eram necessárias naquele momento. Eu sabia o quanto Leona admirava meu corpo, não era algo apenas sexual, então eu estava deixando que ela o fizesse o quanto quisesse. Suas mãos passaram pelos meus ombros, alisaram os fios do meu cabelo, depois voltaram para as costas, descendo até meu bumbum. Finalmente após um tempo me admirando ela deitou seu corpo junto ao meu, atrás de mim, abraçando-me, e sussurrou em meu ouvido:

— Você é linda, Anastácia... – e beijando meu pescoço, ela continuou. — E toda minha... – o que me fez estremecer, fechando os olhos.

— Tem certeza, Leo...? – perguntei em um sussurro. E para a minha surpresa, não veio hesitação da parte dela.

— Uhum – ouvi-a murmurar em resposta.

E então tudo aconteceu como tinha que acontecer, de uma forma muito natural. Eu não briguei pelo controle, não tentei satisfazê-la, não naquele momento pelo menos. Apenas me entreguei de corpo e alma àquele momento. Suas mãos exploravam todo o meu corpo, tocando-me nos lugares certos, misturando carinhos junto com suas mordidas e beijos ardentes. Eu continuei na mesma posição em que estava, sentindo a mão de Leona descer pelas minhas nádegas até meu sexo, tocando-o de leve, estimulando-me. Ela se inclinou, mordendo minhas costas, distribuindo beijos, enquanto seus dedos faziam leve movimento de vai e vem. Arqueei as costas, empinando o bumbum, agarrando o lençol com as mãos, sentindo cada vez mais prazer. Seus dedos começaram a entrar mais rápido, fazendo-me gemer mais alto, sentindo meu corpo inteiro estremecendo, eu estava quase no ápice... Mas então ela parou, deixando-me louca, completamente frustrada e irritada.

— Leona – minha voz saiu rouca e baixa, demonstrando minha irritação. E como ela não se pronunciava, virei-me de frente pra ela, com os olhos faiscando de raiva, apenas para encontrar um enorme sorriso e um profundo olhar emoldurados pelos cabelos castanhos cacheados.

— Você não manda em mim, Anastácia – ela disse com voz firme. Isso me pegou de surpresa. — E hoje... Eu mando em você. – ela se deitou ao meu lado, apoiando-se no cotovelo, e a outra mão desceu em meu sexo de novo.

— Está brincando comigo, não é, *garota*? – provoquei, tentando tocar em seus seios, mas ela parou de me estimular para segurar meu pulso, impedindo-me de fazer qualquer coisa.

— Deixa eu terminar – pareceu mais um pedido dessa vez, ao qual eu cedi, desistindo de tentar qualquer coisa.

Ela voltou a estimular meu sexo, enquanto beijava meu corpo, meus seios, dando algumas lambidas e mordidinhas, e a combinação daquilo tudo estava me enlouquecendo. Eu voltei a gemer, contorcendo-me na cama, agarrada aos lençóis, às vezes arranhando o corpo dela, agora novamente entregue. Seus movimentos voltaram a se intensificar, e a sensação de prazer que eu sentia era cada vez maior. Sem conseguir mais aguentar, atingi o ápice, o orgasmo, sentindo meu corpo todo estremecer e contorcer. Com um sorriso no rosto, quando voltei a olhar Leona, percebi que ela me observava maravilhada. Ela retirou os dedos de mim, passando-os levemente pelo meu sexo, fazendo-me rir, e então os levou à boca. Eu estremeci mais uma vez.

— Você não tem medo do perigo, Leo? – provoquei-a, quando ela voltou a deitar ao meu lado, passando as mãos pela minha cintura.

— Eu só queria te ver gozar, loira. Você fica com uma expressão deliciosa no rosto, sabia? – ela começou a rir e eu senti ficar vermelha e um pouco sem graça.

— Isso não vale... Eu também quero te tocar, te ver gozar... – dei beijinhos pelo seu rosto, encostando meu nariz em sua bochecha.

— Mas vai ter muito tempo pra você fazer isso, prometo – ela me respondeu, aninhando-se em meu corpo, entrelaçando nossas pernas. — Estou com sono, mas não quero dormir. Não quero acordar e ver que é tudo um sonho... – ela disse tão baixo que eu mal a podia ouvir.

— Não é um sonho. Quando você acordar eu ainda vou estar aqui... A não ser que você tenha uma namorada ciumenta da qual eu precise me esconder... – respondi. Ela começou a rir, claramente se lembrando de que me dissera isso no dia em que me conhecera.

— Não, não. No momento eu só tenho você.

Em pouco tempo ela já estava dormindo em meus braços. Infelizmente para mim, apesar do cansaço, o sono estava demorando um pouco para chegar. Muita coisa estava acontecendo ao mesmo tempo e eu estava bem confusa com tudo aquilo. Muitas sensações diferentes, muitos sentimentos conflitantes... E embora eu tentasse me convencer de que deveria me deixar levar, era como se houvesse uma voz dentro de mim me alertando sobre onde eu estava entrando. Eu sempre fui uma pessoa bem decidida, bem resolvida, bem direta, e me sentir perdida desse jeito era uma coisa nova e bem desesperadora para alguém como eu, tão prática e decidida. Voltei a olhar Leona em meus braços, com uma expressão tranquila, e voltei a sorrir. Era bom tê-la comigo. Ela me fazia rir e me fazia sentir bem. Eu tentava controlar os meus pensamentos, pois não queria estragar aquele momento tão perfeito com milhares de dúvidas e medos. Finalmente o cansaço começou a me vencer e eu me aconcheguei ao corpo dela, sentindo o cheiro dos seus cabelos, alisando seus braços, e então adormeci.

Capítulo 11

Demorei um pouco para abrir os olhos. Eu havia dormido tão bem! Apesar de estar sentindo um pouco o corpo dolorido, estava muito bom ficar naquela cama, e eu logo me dei conta do porquê. O corpo dela estava junto ao meu, seu braço ao redor da minha cintura; olhei para Anastácia, ela tinha uma expressão tão calma no rosto... Devia estar sonhando. Sorri, sentindo-me a garota mais sortuda do mundo com aquela loira dormindo profundamente em meus braços. Afastei-me dela devagar, com cuidado para não acordá-la, e troquei de roupa. Após ir ao banheiro, lavar o rosto e escovar os dentes, fui para a cozinha. Coloquei o café pra passar e fui checar o que eu tinha na geladeira; não era muito, para falar a verdade. Um pacote de pão de forma pela metade, algumas fatias de presunto e queijo, suco de laranja, e o café. Eu não estava esperando visita, então não havia comprado nada. Morando sozinha, eu não gostava de ter muita comida porque acabava estragando. Comecei a arrumar os lanches, colocando o presunto e o queijo, depois cortando no meio. Voltei-me para esperar o café terminar de passar no coador para colocar na garrafa. Eu estava tão concentrada em meus próprios pensamentos que levei um tremendo susto ao sentir alguém me tocar.

— Bom dia, Leo – a loira me abraçou por trás, beijando meu pescoço. — Assustou, foi?

— Bom dia, loira! Assustei – fiz biquinho. — Eu estava aqui tão distraída fazendo o café que nem vi você chegar... Ah! E você estragou minha surpresa – bufei, colocando o café em duas xícaras e me virando pra ela. — Eu ia levar na cama pra você...

— Não precisa – ela sorriu e se apoiou no balcão da cozinha, pegando a xícara de café e tomando um gole. — Hm... Está bom! Forte, como eu gosto – ela sorriu, esfregando os olhos.

— Opa que ótimo que já acertei! – aproximei-me dela olhando para os lanches que eu havia deixado em cima do balcão. — Então... Esse é o nosso pobre café da manhã – sorri sem graça. — Não passei no supermercado ainda.

— Você acha o quê? Que eu sou uma daquelas riquinhas chatas, esnobes e cheia de frescuras? – ela arqueou uma sobrancelha, pegou um dos sanduíches e o mordeu.

— Não foi isso que eu disse. É só que... – tentei me defender, mas ela logo voltou a falar.

— Sabia que eu já sobrevivi de *fast food* e de misto quente quando adolescente?

— Sério? – perguntei surpresa. — Não imagino você sobrevivendo só de misto quente – ri incrédula, sentando-me num banquinho ao lado dela, tomando um gole do meu café.

— Seriíssimo! Com quinze anos eu vivia saindo com meus amigos e mal jantava em casa. Conclusão? Vivia comendo porcaria na rua. Minha mãe queria me matar! – ela começou a rir, mordendo mais um pedaço do lanche. — Ela sempre foi muito chata com essas coisas e brigava comigo quando eu fazia isso. Ameaçava, dizia que ia me deixar sem comer pra aprender... Tirar minha mesada...

— E ela fez isso?

— Tecnicamente, sim. Depois de uns três anos, quando entrei na faculdade, ela não me dava muito dinheiro pra gastar, era só pra pagar o necessário. Mas eu não ligava, e isso era o que mais a irritava. Foi então que passei a comer misto quente. Era o mais barato na cantina da faculdade.

Meus amigos viviam me levando besteiras na hora do intervalo – ela tinha um sorriso divertido nos lábios.

— Nossa, não sabia disso. Você parece ter sido bem do contra quando jovem, não? Do tipo que faz o que quer e quando quer... – Anastácia me olhou séria e eu me corrigi: — Jovem você ainda é, óbvio! – revirei os olhos, fazendo-a rir.

— Melhor assim. Mas sim, era por aí. Eu sempre fui muito independente, e de personalidade muito forte, então não aceitava ordens muito bem. E minha mãe é uma pessoa extremamente difícil... – ela parou por um minuto, como se ponderasse se deveria ou não continuar. Eu esperei curiosa que ela continuasse, e ela por fim o fez. — Nós brigávamos o tempo inteiro e ela sempre tentava me punir de alguma forma, mas não fazia muito efeito.

— Nossa, complicado... Você comentou que foi casada duas vezes, como foi? – aproveitei que ela estava disposta a falar e comecei a perguntar. Ela se debruçou no balcão, olhando pra mim.

— No começo minha mãe adorou. Ela gostou do meu primeiro marido, o Lucas. Ele era bonito, bem-sucedido, fazia sucesso com as mulheres e era considerado um bom partido. Eu comecei trabalhando como sua secretária e ele acabou se interessando por mim. Mas ele é extremamente machista, narcisista e acha que tudo gira à sua volta. Quando comecei a ter o meu próprio negócio ele não gostou e tentou de todas as maneiras fazer com que eu desistisse da ideia. E eu disse que se essa era a posição dele, eu pediria o divórcio. Como ele não mudou de opinião... – ela bufou e deu de ombros, pegando mais café da garrafa que eu havia deixado no balcão. — Quando minha mãe ficou sabendo, achou um absurdo o que eu fiz. Trocar um homem tão “bom” como ele por um simples capricho. Que lugar de mulher é ao lado do seu homem, e não na frente dele.

— Ihhh... Ela é dessas? – perguntei com uma careta, pegando um pedaço do sanduíche.

— Sim. A família da parte da minha mãe é centenária. Família rica, de geração em geração, com um nome a zelar e cheia de tradições. Imagina a felicidade da minha mãe ao ter uma filha com dois divórcios? – ela sorriu triunfante, zombando da situação.

— Imagino! Ela deve ter dado pulos de alegria – brinquei, fazendo-a rir. — Ainda mais se ela souber que a filha gostosa dela está dando uns pegas gostosos nessa garota aqui! – arqueei uma sobrancelha, balançando os ombros e cabeça.

— Você é louca, Leo? – ela começou a gargalhar. — Quer que minha mãe enfarte? Aí é que ela me deserda mesmo!

— Se ela deserdar... – puxei-a pela mão, fazendo com que ela se aproximasse e ficasse entre minhas pernas. Sorri, olhando para o seu rosto logo acima do meu. — Você vem morar comigo, adota minha família como a sua e a gente vive de misto quente e café – pisquei os olhos diversas vezes com um sorriso no rosto.

— Se fosse simples assim... – ela suspirou e beijou minha testa delicadamente, abraçando-me. — Mas chega de falar disso. Está me fazendo perder todo o tesão com o qual acordei.

— Como assim acordou com tesão e não me disse nada? – fiz cara de espanto, afastando-me para poder olhá-la. Ela começou a rir da minha cara, dando um tapinha na minha perna.

— Só assim pra chamar a sua atenção, né, Leo? – ela me deu um rápido beijo nos lábios e nos levantamos. Lavei as poucas coisas que usamos e deixei-as no escorredor.

Anastácia se jogou no meu sofá sem a menor cerimônia, e eu achei graça do seu jeito meio espalhado. Mas logo que eu fui me sentar ao seu lado ela olhou para frente, apontando para a porta ao lado da do meu quarto.
— O que tem ali? – mal perguntou e já havia levantado, andando até lá.

— É tipo meu ateliê... – não deu tempo para eu completar, ela abriu a porta e entrou no cômodo. Eu a segui, entrando logo atrás dela. – Está meio bagunçado, espero que não se importe... – e realmente estava. Tinha meu cavalete num canto, jornais pelo chão, uma bancada com pincéis misturados e algumas tintas, duas telas pela metade, uma no cavalete, e dois quadros prontos do outro lado.

— Você fez tudo isso? – ela me perguntou surpresa. Andou até as telas que estavam prontas.

— Sim... Gostou? – mordisquei o lábio, apreensiva. Eu não gostava que vissem meu trabalho assim, de supetão. Mas agora com essa reação dela eu estava mais insegura do que irritada.

— Você tem mesmo talento... São lindas! – um dos quadros era uma pintura a óleo de uma mulher no campo de vestido branco e chapéu nos cabelos escuros. E o outro era o do girassol em meio às rosas vermelhas. Ela pareceu se interessar por esse último. — Esse é especialmente lindo – ela se sentou no chão, e eu pensando que ela ia se sujar, ia ficar com a roupa manchada, mas não ousei dizer nada, pois o seu olhar fixado na tela já me dizia que todos esses pensamentos eram bobagens.

— Obrigada – sorri tímida, finalmente lhe respondendo. Sentei-me ao seu lado, enquanto ambas olhávamos para a pintura.

— O que você estava pensando quando pintou? – ela me perguntou sem tirar os olhos da tela. Eu respirei fundo, sem olhá-la, e respondi.

— Eu amo vermelho e amo a intensidade das paixões. E entre as paixões, e o ardente vermelho das rosas do amor, surgiu um único girassol, diferente, com o seu amarelo-dourado iluminando, transformando-me. – por um momento reinou o silêncio. Eu já estava ficando completamente ansiosa e nervosa sobre o que eu acabara de dizer. Será que havia sido bom ou uma completa idiotice? Atrevi-me a olhar para o lado, e só então percebi os olhos da loira embaçados. — Ana? – mas ela pareceu não me ouvir, continuava olhando fixamente para a pintura. Voltei a chamar.
— Anastácia?

Ela se levantou, ainda sem olhar para mim, e saiu do cômodo. Ainda meio atordoada com a saída repentina, fui atrás dela, mas ela bateu com a porta do banheiro na minha cara. Comecei a bater na porta, chamando seu nome, sem entender o que estava acontecendo. Será que ela havia ficado chateada com algo que eu dissera? Será que não gostara? E por que estava se escondendo de mim? Eu não conseguia entender... Novamente tentei chamá-la.

— Ana... Por favor, o que houve? Me deixa entrar... – após alguns segundos ouvi o barulho da porta sendo destrancada e ela a abriu.

— Me desculpe, eu... Não sei o que me deu. Idiotice... – ela havia enxugado as lágrimas e tinha uma expressão séria no rosto.

— Não tem problema – tentei segurar em sua mão, mas ela não deixou. Passou por mim e sentou-se no sofá. Fui atrás dela. — Foi algo do que eu disse? Me desculpa se você não gostou... Não queria te chatear – parei perto dela, com as mãos cruzadas, sem saber o que fazer ou dizer. Talvez isso a tenha feito repensar sua atitude, pois ela me puxou para o seu colo. Encostei a cabeça em seu ombro e ficamos assim durante um tempo, até ela começar a falar.

— O que você disse foi... Maravilhosamente lindo. E... – ela pareceu hesitar um pouco, e então completou a frase. — Apaixonado. – ela passou os dedos pelos cachos do meu cabelo e eu fechei os olhos por um instante. — Foi tão... Sincero. E eu gostei tanto daquele quadro... Que sua resposta me pegou desprevenida.

— Se você gostou... – eu sorri, levantando a cabeça e olhando diretamente nos olhos castanhos. — Eu não vejo qual é o problema.

— Leo... Lembra o que já conversamos? Sobre ser apenas... Desejo? Sexo? Algo casual? – ela falou com doçura, e seria perfeito... Se não fosse eu e minha cabeça dura para estragar.

— Sim, eu lembro. Mas não está sendo só isso – encarei-a, dizendo firme. — Se fosse, o que você estaria fazendo aqui ainda? – seus olhos ficaram mais escuros e ela fechou a cara. Naquele momento comecei a entender a expressão de tempestade que ela usara em nosso primeiro encontro.

— Tem razão. Está na hora de eu ir embora – ela me empurrou levemente do seu colo e se levantou logo em seguida, marchando a passos firmes até meu quarto.

Fiquei ali parada no meio da sala, a respiração pesada, um pouco assustada com a atitude dela, sem saber o que fazer direito. Após alguns segundos, que pareceram eternos, ela saiu calçando os sapatos de salto, com a mochila que ela trouxera em mãos, e com a bolsa pendurada no ombro. Ela passou por mim feito um furacão, sem nem mesmo me dirigir a palavra, e no instante em que destrancou a porta, passou por ela e a fechou com fúria, foi que minha ficha caiu. Saí correndo, quase tropeçando no tapete, e rapidamente cruzei a distância até a porta. Mas ao invés de abri-la, eu bati com as mãos espalmadas na madeira, gritando:

— Anastácia! – e esperei, com os olhos arregalados, o coração quase saltando da boca. E se ela tivesse pegado o elevador? E se tivesse ido de escada? Eu tinha medo de abrir a porta. Não ouvia o barulho do salto, aliás, não ouvia barulho algum. Voltei a dizer: — Ana... Está aí? – bati a cabeça na porta, com raiva de mim mesma, tentando segurar o choro.

— *Estou* – ouvi seu tom de voz seco do outro lado.

— Por favor... Volta... Eu não quero que você vá – eu pedi, tentando engolir o choro, que eu sabia que não podia impedir.

Ouvi o barulho e vi a maçaneta se mexer, então me afastei da porta. Ela se abriu e logo vi Anastácia entrando de volta no apartamento. Ela mal me olhou, jogou a bolsa e a mochila no chão, virou-se, trancando a porta, e quando virou para mim novamente já estava me puxando pela cintura, colando seu corpo ao meu e beijando-me com urgência. Ela estava ofegante, parecia ter chorado também, apesar de disfarçar bem. Seus braços me envolviam e ela me apertava contra seu corpo. Ao final do beijo mordeu meu lábio inferior, depois me olhou profundamente.

— Por um momento achei que fosse me deixar – eu disse baixinho. Ela continuou me olhando,

como se pensasse no que ia dizer.

— Eu ia. Deveria. – ela respirou fundo. — Eu não sei mais o que estou fazendo... Você está me enlouquecendo, garota – ela sorriu de canto, colocando uma mão na testa, olhando-me pelo canto dos olhos.

— Estou, é? Bom saber disso – sorri, calando-a com um beijo. — Aliás... – comecei a puxá-la pelas mãos até o sofá. — Como você ia deixar essa artista linda e talentosa e gostosa que você descobriu? Frustrada pela noite de sexo selvagem que não teve? – eu me sentei no sofá e fingi cara de brava. Ela começou a rir, deitando-se em cima de mim, com as pernas entrelaçadas nas minhas.

— Artista muito convencida por sinal... Mas sexo eu posso arrumar em outro lugar. Garanto que deve ter muitas mulheres por aí doidinhas pra me experimentar – ela passou a língua nos lábios me provocando. Senti o ciúme me invadir, mas sabia que ela só queria ver minha reação, então respondi:

— Pode ser... Mas garanto que nenhuma delas vai te dar o prazer que eu te dou, minha loira – passei os dedos pelos fios dourados do cabelo dela, acariciando de leve as suas bochechas.

— Humm... Tenho que admitir que… Nossa! Você me deu um enorme prazer ontem. – ela fez uma carinha fofa, com um sorriso satisfeito nos lábios, que eu rapidamente beijei.

Depois disso, tudo parecia ter voltado ao normal. Passamos uma boa parte do resto da tarde assistindo à televisão, juntinhas deitadas no sofá. Apesar da atitude intempestiva da loira, e de ela se recusar a aceitar o que parecia tão óbvio, estava muito claro o que estava acontecendo entre nós duas. E apesar das minhas enormes dúvidas e inseguranças, saber que ela havia escolhido ficar quando simplesmente podia mesmo ter ido embora me mostrava um pouco do que ela queria. Anastácia parecia querer ir devagar, querer explorar um pouco mais daquela situação ao invés de mergulhar de cabeça, mas a vida às vezes não segue a nossa vontade. Ela simplesmente faz o que acha que é melhor e você muitas vezes fica perdido e desprevenido. Como diz o ditado popular, é pego de calça curta.

A campainha tocou e eu e a loira nos entreolhamos. Quem poderia ser? Só pensava em Karina, querendo que saíssemos para jantar, querendo nos convidar para sair ou fofocar. Levantei-me do sofá, deixando-a ali ainda deitada, e fui abrir a porta. Qual não foi minha surpresa ao olhar pelo olho mágico e ver quem estava do outro lado. Será que eu devia falar alguma coisa? Certeza que a loira ia pirar, mas de nada ia adiantar meu aviso, só se ela se escondesse dentro do armário ou tentasse pular a janela. Esse pensamento me fez rir. Não era bem de uma namorada que ela estava fugindo, mas da minha...

— Surpresa! – a mulher mais velha que estava parada à porta logo que eu a abri me disse, com um sorriso aberto. Ela tinha os cabelos da cor dos meus, óculos de grau e era um pouco mais alta.

— Mãe? O que você está fazendo aqui? – perguntei um pouco nervosa, captando com minha visão periférica a loira dando um pulo do sofá, sentando-se, provavelmente com o coração aos pulos.

— Se minha filha desnaturada não me liga, eu tive que vir ver com meus próprios olhos que você está bem. E inteira. – ela deu alguns passos em minha direção, segurando em ambos os meus ombros.

— Sempre exagerada – revirei os olhos, fechando a porta atrás dela, enquanto ela continuava a falar.
— Seu pai veio para uma reunião ontem à noite e eu vim junto. Quase te visitamos ontem, mas já estava muito tarde e... – quando a ouvi parar de falar, rapidamente me virei e percebi que ela havia avistado Anastácia sentada no sofá. A loira continuava de costas, imóvel. — Não sabia que tinha visita, filha... – ela me olhou com um sorriso malicioso e numa careta demonstrou sua aprovação.

— É... Eu tenho. – sorri sem graça, indo na frente, com minha mãe me seguindo até o meio da sala. A loira se levantou, ajeitando o short no corpo, lançando-me um olhar desesperado. Eu quase comecei a rir, mas sabia que se o fizesse seria uma mulher morta e sem sexo de madrugada. — Mãe, essa é a Anastácia. Anastácia, essa é a minha mãe, Tatiana.

— Prazer, senhorita Anastácia – minha mãe apertou sua mão.

— Prazer todo meu, senhora Tatiana – ela sorriu sem graça.

— Pode me chamar de Tati. Agora entendo o porquê de ela ter sumido esse tempo todo... – ela deu uma risadinha e eu podia sentir o desconforto da loira de longe. — Mas me diga, como minha filha conseguiu laçar um partidaço como você?

— Mãe!!! – eu gritei, querendo me esconder debaixo da terra se isso fosse possível. Anastácia abriu a boca diversas vezes, sem conseguir dizer nada, e eu sentia cada vez ficar mais e mais vermelha. — Pelo amor de Deus, assim ela vai embora e nunca mais volta!

— Ué, se ela vai ser da família, já precisa se acostumar – minha mãe deu de ombros, e a loira arregalou os olhos, surpresa. Eu comecei a rir de nervoso, querendo que as palavras da minha mãe se concretizassem, mas ao mesmo tempo, querendo sumir de vergonha.

— Ana, desculpa minha mãe... Ela é louca assim mesmo – eu mordisquei o lábio inferior, tentando me comunicar com Anastácia apenas pelo olhar. Eu realmente queria que ela ficasse, mas não queria que fosse desconfortável. Ela me olhou por alguns segundos, suspirou e finalmente sorriu.

— Se eu te contar a cantada barata que ela me deu quando me conheceu, a senhora não vai acreditar! – a loira respondeu, fazendo um gesto com a mão, com um sorriso divertido nos lábios.

— Anastácia! – olhei pra ela com uma vontade gigantesca de esganá-la! Sério, você não conta essas coisas pra sua mãe! Naquele momento me lembrei de como ela gostava de joguinhos e de provocações e quase que me arrependi de querer que ela ficasse. Eu estava sentindo que eu virar alvo de um complô das duas contra mim. Não que fosse algo ruim, especialmente por ela poder conhecer um pouco mais sobre a minha vida, só era muito vergonhoso.

Capítulo 12

Não vou mentir que não entrei em pânico quando descobri que a pessoa que havia entrado no apartamento era a mãe de Leona. Por que tanto medo? Nem eu mesma sabia. Sentia-me como uma adolescente de novo, com meus dezessete anos, na frente da mãe do namorado. Mas naquela época eu era rebelde e não me importava muito com aquele tipo de situação, ainda mais porque não era obrigada a socializar com adultos. Geralmente era um "oi, estamos indo para a festa" e variações com "estamos subindo" para o quarto ou qualquer coisa assim. Quando conheci meu segundo marido foi diferente o primeiro contato com a sua família, em um jantar na casa dele, com todos os conformes. Mas naquela situação com a mãe de Leona eu me sentia intimidada, sem graça e desconfortável por estar tão à vontade quando ela chegou. Principalmente porque eu não planejava conhecer a mãe dela tão cedo. Era um tipo de contato e intimidade que eu estava querendo evitar. Primeiro aquela briga sem pé nem cabeça mais cedo e agora isso... Era só o que me faltava! Estava começando a achar que eu não deveria ter ido.

Por alguns momentos eu fiquei em silêncio, apenas observando o modo como a mãe dela se comportava, deixando Leona completamente envergonhada e provavelmente querendo sumir da face da Terra. Aquela mulher era divertida, já dava para perceber de onde Leona havia puxado aquela personalidade desbocada. Era um pouco esquisito vê-la falar com tanta naturalidade sobre a filha estar com uma mulher em casa, mas não vou dizer que não gostei. Estava preparada para uma situação constrangedora, o que não aconteceu, a não ser para Leona, fato que me fez rir. Era interessante e engraçado vê-la com tanta vergonha por causa da mãe. E quando ela me lançou aquele olhar, querendo que eu ficasse, ao mesmo tempo em que percebeu que eu estava desconfortável, tomei uma decisão. Quem está na chuva é pra se molhar e, já que não tinha como eu fugir daquela situação, resolvi virar o jogo para o meu lado.

— Se eu te contar a cantada barata que ela me deu quando me conheceu, a senhora não vai acreditar! – eu respondi por fim, observando a morena me olhar como se quisesse me matar. Claro que eu não ia contar os detalhes, era só pra deixá-la sem graça também.

— Olha, eu juro que não foi isso que eu ensinei pra essa garota – ela riu, e logo em seguida voltou a falar. — Fica à vontade viu? Passei só pra ver se minha filha está viva... – ela lançou um olhar repreendendo a outra, o que me fez sorrir. — Mas não quero atrapalhar vocês.

— Ah sim, ok então, mãe, podemos nos falar amanhã... – ela foi dizendo, tentando puxar sua mãe pelo braço. Onde estava a graça naquilo?
— Imagina, a senhora não atrapalha em nada não – eu respondi recebendo outro olhar matador de Leona. — Por mim, pode ficar. Se a dona da casa não se importar, claro. – ambas olhamos para ela e eu pisquei. Do jeito que era marruda, capaz de fazer greve de sexo, mas pra ser sincera eu não perderia aquela oportunidade de jeito nenhum.

— Bom... É... Claro que pode ficar, mãe. – ela deu um sorriso amarelo. — A gente estava pra sair pra comer alguma coisa...

— Ah, Leo, sem problemas, eu posso fazer um jantar pra gente! Assim a Anastácia já experimenta minha comida, que modéstia à parte, todo mundo adora! – a mãe dela riu, colocando a bolsa em cima do sofá.

— Tenho certeza de que vou gostar. – sorri de volta. Enquanto a mãe dela se encaminhava para a cozinha, Leona se aproximou de mim, encarando-me furiosa, o que me fez rir.

— Sua filha da... – ela começou a dizer entre os dentes.

— Olha essa boca suja, sua mãe não te deu educação não, Leona? – ironizei.

— Você me paga, loira! Vai dormir hoje no chão do banheiro – ela esbravejou.

— Até parece que vai conseguir resistir a ficar só comigo durante a noite toda. – pisquei pra ela, dando um tapinha em sua bunda enquanto eu passava para ir para a cozinha.

Fiquei ajudando a mãe de Leona na cozinha enquanto ela fazia uma lasanha para nós com o resto de presunto e queijo que havia na geladeira, isso após criticar a filha por ela não ter nada de comestível dentro de casa, especialmente tendo uma visita. Ficamos conversando enquanto ela cozinhava, e Leona ficava a nossa volta, ajudando em uma ou outra coisa, de vez em quando me olhando quando sua mãe estava de costas. Eu havia gostado daquela mulher, era bem divertida e a conversa fluía fácil. Ela me perguntava uma ou outra coisa, mas acabou contando mais sobre sua vida e sobre a filha, claro, o que deixava esta sem graça.

Tatiana me contou de quando a Leona era criança e costumava sair pela casa apenas de calcinha e que gostava de cantar pelos cantos, fazia uma bagunça gigantesca... E eu ia guardando tudo na memória para depois encher o saco dela. Quando a lasanha ficou pronta nos sentamos para comer e só então comecei a comentar um pouco mais sobre minha vida. Apesar de eu ser bem fechada com relação à minha vida pessoal, era fácil falar com a mãe dela, as informações simplesmente saíam, era como se ela nos deixasse à vontade.

— Você já foi casada? – a mãe dela me perguntou colocando mais um pedaço da lasanha na boca.

— Duas vezes – respondi apenas, tomando um gole do vinho.

— E nunca tinha se relacionado com mulheres? – ela me perguntou e eu respondi brevemente que não. Ela respirou fundo, colocou os talheres no prato e me encarou. — Então eu tenho que ser direta com você.

— Mãe, não começa. Não é a hora – Leona interveio, olhando séria para a mãe, parecendo um pouco desconfortável. Eu não fazia ideia do que ela queria me dizer.

— Leo, me deixa falar. Eu tenho certeza que ela não vai se importar ou se ofender – os olhos escuros de Tatiana se encontraram com os meus e eu respondi:

— Não, claro que não. Fique à vontade.

— Pois bem. Eu gostei de você, Anastácia. Apesar da diferença de idade, você parece ser uma pessoa bem madura, sensata e muito divertida. Com uma personalidade forte e agradável. Já percebi porque Leona gostou tanto de você – ela sorriu pra mim e eu sorri de volta. Apesar dos elogios, eu sabia que havia um “mas”, sempre havia, e logo ele apareceu. — Mas eu sou bem protetora com relação à minha filha. Pense bem nas suas atitudes, porque não vou deixar que você a magoe. E apesar de eu ter simpatizado com você, não deixo que ninguém passe por cima dela.

Ficamos as três por alguns segundos em silêncio. Naquele momento, eu não tive como fugir do que estava acontecendo. Não havia como fingir que nada existia ali. A mãe dela era bem segura e direta, como havia dito, e seu olhar para mim era como de alguém que soubesse

exatamente o que estava rolando. Quando eu lhe disse que nunca havia saído com mulheres, ela logo percebeu o quanto aquela situação era nova e diferente para mim. E como mãe, era compreensível que ela quisesse proteger a filha. Eu lhe dava toda a razão.

Leona evitava olhar pra mim, focando-se em seu prato vazio, brincando com um pedaço de presunto que havia ficado pra trás. Naqueles poucos segundos que se arrastaram muita coisa passou pela minha cabeça. Estava uma confusão de sentimentos dentro de mim. Por um lado eu tinha medo de tudo aquilo, medo das consequências, de passar por situações desagradáveis por causa daquilo. Por outro lado, Leona era quem estava me fazendo bem em muito tempo, e todos aqueles momentos bons que passávamos era tudo o que eu ansiava.

— Entendo – eu finalmente disse, encarando-a. — Eu vou ser bem sincera com a senhora também. Eu não sei ainda o que está acontecendo comigo e não tenho um posicionamento sobre isso. Eu gostaria de ir bem mais devagar, pra ser franca. Então, infelizmente, não posso fazer uma promessa que talvez eu não vá cumprir – ao final da frase olhei para Leona, que me encarava, prendendo a respiração. — Leona é uma pessoa incrível e eu adorei conhecê-la, conhecer a senhora... Mas...

— O que eu penso não importa? – ouvi a voz de Leona e imediatamente olhei para ela. Estava séria, respirando fundo, e parecia um pouco irritada. Como nada dissemos, ela continuou. — Você se lembra do nosso primeiro encontro, Ana? Lembra-se da nossa conversa? – eu assenti, e ela continuou. — Você me perguntou se eu tinha certeza. E o que eu respondi?

— Que você tinha – disse, engolindo em seco.

— Agora me resta saber se você tem. – ela sorriu de canto. — Mas mesmo que ainda não tenha achado a resposta... A minha continua a mesma – agora seu sorriso se alargou e eu não sabia o que lhe responder.

— E tenha certeza... – sua mãe de repente disse, inclinando-se em minha direção, colocando sua mão delicadamente em cima da minha. — Que independente da sua escolha, você terá o nosso apoio no que precisar – e terminou com um sorriso.

— Obrigada – e no mesmo momento em que eu disse percebi minha voz embargada.

Eu não queria chorar, não mesmo. Odiava demonstrar aquele tipo de emoção na frente de outras pessoas, e eu já havia feito um papelão naquele mesmo dia quando Leona me falou sobre aquele quadro. Mas eu simplesmente não conseguia me segurar. Aquilo era algo que eu nunca tivera. Apoio. Passar aquelas horas com a mãe dela havia tocado fundo dentro de mim, pois eu nunca tivera aquela relação com a minha própria mãe, nem mesmo com meu pai, que sempre tentava pôr panos quentes em tudo e, no final, sempre cedia aos caprichos de minha mãe. Eu tinha medo de não saber lidar com aquela situação, de voltar atrás, medo do preconceito, de tudo o que eu ouvia de meus amigos e conhecidos. Eu sabia que muitos deles não tinham apoio, de ninguém, assim como eu não tivera, emocionalmente falando, e receber aquele carinho por meio das palavras da mãe dela mexera com minhas emoções. As lágrimas começaram a cair mesmo eu não as autorizando, e eu me peguei tentando enxugá-las rapidamente.

— Me desculpem – tentei sorrir, e meus olhos se encontraram com os de Leona. Ela sorriu como se tentasse me confortar de longe. — E obrigada, de novo.

— Bem... – a mãe dela se ajeitou, sorrindo. — Agora que já agitei as coisas por aqui, já fiz

minha filha passar vergonha... Eu vou indo. Vou deixar vocês se entenderem – ela deu uma piscadela pra mim e eu comecei a rir. Leona revirou os olhos, sem nada dizer. — Vou ligar para o seu pai vir me buscar.

Enquanto ela lavava a louça, íamos conversando ainda sobre a infância de Leona e depois de uma meia hora ela resolveu ir embora, dizendo que ia esperar o seu marido na portaria. Despedimo-nos com um abraço apertado. Depois que ela foi embora, fiquei sem saber o que dizer, e Leona tomou a frente. Levou-me para o seu quarto e deitamos em sua cama, lado a lado. Ela me olhava sorrindo, acariciando meus cabelos, com o corpo junto ao meu.

— Você mentiu pra mim – eu falei, fazendo-a me olhar surpresa.

— Eu? Quando? No quê? – ela me perguntou preocupada, parando o carinho.

— Você me disse que sua vida não era diferente por ser lésbica. Mas ela é sim – comentei sorrindo, e ela parecia ainda mais confusa. — Eu nunca tinha experimentado tantas emoções fortes em um mesmo dia... – ela começou a rir com minha confissão. — É sério! É assim com todas as lésbicas? Porque se for...

— Sua boba! Eu quase fiquei bem preocupada agora... Mas não, acho que nós, lésbicas, só somos como todas as pessoas são... Passando por mil e um sentimentos todos os dias. – ela sorriu e voltou a acariciar meus cabelos. — Mas eu não me arrependo não, viu? Aguento numa boa esses sentimentos, porque mulher é muito bom! – ela riu e me deu um beijo.

— Bem, isso você me mostrou muito bem – voltei a sorrir e beijá-la novamente.

O resto do tempo que passei no apartamento de Leona foi um presente para mim. Após todas as emoções fortes de sábado, domingo passou tranquilamente. Conversamos bastante, aquilo fazia com que eu conseguisse me abrir um pouco mais com ela, e claro, Leona sempre me fazia rir com suas tiradas engraçadas, seu jeito meio palhaça e as coisas que fazia. Ela quis me desenhar de novo, e me pediu que ficasse de costas pra ela, debruçada na janela. Eu estava com um blusão caído de um dos lados no ombro, e ela adorou. Achou conceitual, *hipster*. Quando surgiu esse assunto eu voltei a me lembrar de que queria que ela pudesse ser minha nova artista, e então Janaína me veio à mente. As coisas entre eu e Leona ficavam cada vez mais intimas e complicadas e eu tinha medo de que isso pudesse interferir na minha decisão de tê-la como artista. Eu estava quase convencida de que tinha que ser ela, precisava ver algumas telas a mais, mas eu já tinha a certeza de que ela tinha talento e eu havia gostado.

Já era de noite quando eu finalmente decidi ir embora, apesar de não querer. Eu sabia que tinha que enfrentar a realidade uma hora ou outra, mas preferia passar mais tempo naquele refúgio com Leona. Ela me acompanhou até o estacionamento, para que eu pegasse meu carro, e fomos conversando, tentando não pensar muito no assunto. Inevitavelmente quando chegamos à Mercedes ela me olhou chateada, mordendo o próprio lábio inferior. Passei a mão de leve por seu rosto, com um sorriso nos lábios.

— Não faz essa cara, Leo. Você vai me ver de novo...

— Eu sei... Mas gostaria que você pudesse ficar mais – ela fez um biquinho nos lábios e me deu vontade de beijá-la, mas não o fiz.

— Você vai me ver de novo antes que possa começar a sentir minha falta. – pisquei pra ela,

dando um abraço logo em seguida. Mal sabia eu o poder daquelas palavras. — Até mais, garota – rocei os lábios em sua bochecha e ela estremeceu.

Enquanto eu dirigia não conseguia parar de me lembrar de tudo o que acontecera durante aquele final de semana. O caminho não era longo e àquela hora da noite de domingo não tinha muito trânsito, então antes que eu pudesse me dar conta já estava chegando. Eu me sentia bem, mais leve, e só então percebi que eu estivera... Feliz. Mesmo com toda aquela montanha-russa emocional, eu estava feliz. Felicidade essa que logo se apagou conforme eu entrei na sala da minha casa. Instalada no sofá, usando um conjunto de risca de giz escuro impecavelmente passado, ela estava de pernas cruzadas, rosto sério e expressão dura. A mulher levantou uma sobrancelha assim que me viu, olhando-me de cima a baixo, e eu já sabia que estava me julgando pela roupa que eu estava usando. Eu estava com um short jeans novamente e uma camiseta preta, algo bem simples, que eu vestira o dia todo.

— Estava me perguntando se minha filha ia se lembrar de que tem uma casa. – sua voz era fria.
— Onde você estava? – eu odiava aquele tom. Suspirei, retrucando.

— Eu gostaria de ter me esquecido disso – deixei a bolsa em cima do sofá e me encaminhei para a cozinha. Ouvi sua voz um pouco distante ao dizer:

— Não me deixe falando sozinha, Anastácia. Onde está a educação que eu te dei? – ela veio atrás de mim. — Eu perguntei onde você estava. – peguei um pouco de água da geladeira, perguntando se ela queria alguma coisa e, como sempre, ela recusou.

— Na casa da Leo – e como ela continuava me encarando, continuei. — Uma amiga minha, não importa. Você não vinha só amanhã, Marta? – eu raramente a chamava de mãe, preferia chamá-la pelo seu nome, assim como ela fazia comigo na maioria das vezes.

— Seu pai vai sair muito cedo e imaginou que de manhã você já estaria na galeria. Então me trouxe hoje. Mas eu não queria, pois imaginei que você tivesse... Visita – ela disse a última palavra com desprezo, referindo-se a algum homem que eu pudesse trazer pra casa. Ela não sabia exatamente que eu levava gente para dormir lá, mas tinha conhecimento de que eu namorara vários após me divorciar.

— Poderia ter – sorri irônica. — Sabe que não gosto que cheguem à minha casa sem avisar, eu já falei. Pode ser que encontrem uma situação um pouco... Constrangedora – desafiei-a. Ela me olhou desaprovando, balançando a cabeça negativamente.

— Eu não te criei pra vagabundear por aí, Anastácia. Devia ter um pouco de respeito por si mesma.

— Isso se você tivesse me criado, o que nós duas sabemos que não aconteceu – encarei-a com mágoa na voz.

— Você sabe muito bem que eu fiz o que eu pude. A culpa não é minha se você sempre teve esse seu caráter desviado. Não me espanta que seus maridos não tenham aguentado você por muito tempo – um sorriso de escárnio apareceu em seus lábios pintados de batom escuro.

— Sabe por que você gosta tanto deles? Porque são que nem você, não valem nada. Só servem para me magoar e rebaixar. Mas eu não precisava deles, assim como não preciso de você – respondi deixando o copo em cima da pia e passando por ela, sem olhá-la, sentindo o choro preso

na garganta. — Eu vou dormir. Sinta-se à vontade, até mesmo pra ir embora se quiser – e já me encaminhei para as escadas, subindo para o meu quarto.

Capítulo 13

O final de semana havia sido incrível! Esse era o meu sentimento enquanto eu deitava na cama. O cheiro da loira ainda estava no meu travesseiro, por isso o abracei forte, deixando minha mente divagar... Minha nossa senhora! O e-mail! Levantei de um pulo, alcançando o celular na mesinha de cabeceira e abri minha caixa de entrada. Li o e-mail que dizia o seguinte:

"Prezada Leona,

Estamos interessados em seu currículo. Há uma vaga para assistente de escritório em nossa galeria e você se encaixa em nosso perfil. Há possibilidades de crescimento dentro da empresa. Marcamos uma entrevista para segunda-feira às 9h, na Av. Paulista, 1580 – São Paulo. Tratar com Gabriel.

Atenciosamente, Galeria Bittencourt – Arte e Decoração."

Comecei a rir sozinha, sem acreditar que eu havia conseguido uma entrevista! Rapidamente joguei o nome da galeria no Google, recebendo vários resultados da pesquisa em poucos segundos. Comecei a ler os títulos até que um em particular chamou minha atenção: "Anastácia Bittencourt recebe prêmio de empreendedorismo". Não... Não podia ser... Cliquei nas imagens e apareceram umas cinco ou seis fotos logo na primeira linha, em todas eu podia vislumbrar aqueles cabelos loiros, olhos castanhos e lábios vermelhos. Mano do céu! Voltei para as mensagens e digitei para a Karina: "Você não vai acreditar! A Anastácia é dona de uma galeria de arte, socorro!".

Eu estava eufórica! Ainda sem acreditar no que o destino havia me reservado. Comecei a pensar em como seria trabalhar para ela, vê-la no ambiente de trabalho todos os dias, poder ficar mais perto e... E... Jesus! Eu tinha dormido com a minha quase chefe! Ainda não era chefe, mas eu tinha que ter pensamento positivo, certo? Quer coisa mais clichê do que isso? De qualquer forma, eu não me arrependia. Eu não fazia ideia de quem a Anastácia era e ela também não me conhecia, não tinha por que ficar me preocupando com isso.

A ansiedade estava me consumindo e mal dormi naquela noite, acordando cedo na segunda-feira, a entrevista estava marcada para aquela manhã. Eu estava tão animada! Eu queria causar uma boa impressão, então coloquei uma camisa social, um sapato de salto baixo e uma calça jeans escura. Passei um pouco de maquiagem e rímel nos cílios, arrumei os cabelos, passei um perfume e uma hora antes eu já estava saindo de casa.

Apesar de a Avenida Paulista não ser muito longe, eu morria de medo de por algum motivo justo naquele dia as coisas dessem errado. Preferia chegar cedo e ficar esperando a me atrasar. Depois que desci do metrô andei alguns quarteirões e logo avistei o local. Um prédio discreto com portas de vidro escuro com um letreiro logo em cima "Galeria Bittencourt – Arte e Decoração", eu estava no lugar certo. Respirei fundo, tentando engolir o nervosismo. Eu havia sonhado tanto com a reação de Anastácia, imaginando-me trabalhando para ela, que ia me decepcionar caso não fosse contratada. Entrei e logo me deparei com um espaço amplo e bem decorado. Havia uma recepção com duas moças atrás de um balcão. Encaminhei-me para a mocinha que estava atrás do balcão.

— Bom dia. Meu nome é Leona Carvalho, eu vim para a entrevista de emprego com o Gabriel – a moça sorriu e pareceu checar a agenda.

— Só aguardar, senhorita Leona, que já será atendida – ela respondeu. Ofereceu-me algo para tomar, mas eu recusei gentilmente.

Do lado esquerdo havia uma sala de espera e eu me sentei ali, em uma das cadeiras de estofado escuro. Comecei a observar os quadros nas paredes, todos muito bonitos e de bom gosto. Havia alguns vasos de plantas e uma escultura em cima da mesa de centro, onde também estavam algumas revistas sobre decoração. Ali também estavam duas moças, muito bem vestidas, assistindo à pequena televisão de plasma na parede. De vez em quando alguém passava pela sala, sempre muito apressado, de um lado para o outro. Apesar de extremamente nervosa, eu tentava aparentar calma, atentando-me para não fazer nenhum tique nervoso ou coisa do tipo. Depois de uns quarenta minutos uma moça vestida impecavelmente apareceu e chamou meu nome, pedindo-me para segui-la. Levantei-me e ela me levou até uma sala do outro lado do salão, anunciando minha entrada. Dentro do cômodo atrás de uma mesa estava sentado um homem alto, que se levantou logo que eu entrei. Ele tinha um sorriso simpático no rosto e me cumprimentou.

— Prazer, Gabriel. Desculpe-me o atraso, manhã cheia hoje.

— Imagina, sem problemas. Leona. – ele fez um gesto para que eu me sentasse de frente para ele.

— Estou aqui com seu currículo e gostaria de saber mais sobre você. Está escrito que você faz faculdade de Artes e mudou-se recentemente para São Paulo. Tem alguma experiência? E estuda em que período do dia?

— Período matutino. Trabalhei com meu pai em minha cidade natal na parte administrativa durante uns dois anos, por isso tenho um pouco de experiência nessa parte mais burocrática. Como falta um ano para me formar, tenho uma boa base teórica sobre Arte e eu também sou pintora amadora. Desenho e tenho alguns quadros meus, então também conheço sobre pintores, técnicas e qualidade de telas e pinturas.

— Interessante, com certeza esse é um diferencial. Fale-me um pouco sobre você.

— Sou uma pessoa organizada, proativa, tenho bom gosto para estética e decoração... Sou atenciosa e zelosa em relação ao trabalho, lido muito bem com pessoas e também faço trabalho de escritório.

— Muito bem – ele sorriu pra mim. — O cargo para assistente é de R$ 1.000,00 com benefícios como convênio médico, vale-transporte e cesta básica. Mas sempre há espaço para crescimento aqui dentro e, claro, aumento de salário. Como você estuda de manhã, seu horário de trabalho seria meio período, das 13h até às 20h. Algum problema?

— Não, está ótimo para mim.

— Certo – ele disse por fim. — Uma última coisa. A senhora Bittencourt é uma mulher extremamente direta e bem exigente com relação à sua galeria. Apesar de se reportar a mim, caso fique com a vaga, ela está sempre em contato com os funcionários. No geral, todos que trabalham aqui se dão bem com ela, e ela trata todos bem.

— Entendo – respondi ansiosa. Eu conhecia bem a exigência dela... — Garanto que ela vai simpatizar comigo e com certeza nos daremos bem – até demais –. Quanto a ser exigente, eu não

me incomodo. Sou determinada e insistente, então tenho certeza de que posso aguentar – sorri tentando passar confiança, esperando que minha resposta não tivesse parecido muito pretensiosa.

— Perfeito! Gostei bastante de você, senhorita Leona. Pedirei que aguarde novamente na sala de espera enquanto vou conversar com a secretária da senhora Bittencourt e então vamos te chamar.

— Muito obrigada – eu saí da sala dele com um sorriso enorme no rosto, tentando conter a ansiedade. Eu parecia ter acertado, ele havia gostado de mim. Voltei a me sentar na cadeira e esperei por uns quinze minutos. Então eu vi Gabriel se aproximando de mim com um sorriso no rosto.

— Você parece ter tido sorte, Leona. Eu gostei muito de você, mas pra te contratar preciso de um aval da dona da galeria. Liguei para a assistente dela e tem um espaço em sua agenda, ela vai te atender agora mesmo – eu sorri pensando em como eu tivera mesmo sorte!

— Melhor ainda! Muito obrigada – respondi. Ele pediu que eu o acompanhasse. Andamos até o lado direito da recepção, parando no pé de uma escada.

— Suba essa escada. Chegando lá em cima, só seguir pelo corredor até a última porta à direita, que é o escritório da senhora Bittencourt. Só entrar, ela já estará esperando por você.

Agradeci e comecei a subir os degraus, um pouco nervosa e curiosa pra saber a reação da Anastácia. Achei graça do modo que ele falou sobre ela... “Bem direta e exigente”. Realmente a loira era bem direta! E eu imaginava que fosse exigente também, já dava para ter uma noção da sua personalidade forte. Ainda me lembrava das palavras que ela usara no nosso encontro “*eu sou tempestade*”. Andei pelo corredor de piso frio, observando os quadros pendurados ao longo da parede de cor salmão. Havia várias salas e eu podia ver algumas pessoas trabalhando em cada uma delas. Quanto mais perto eu chegava, mais meu coração batia acelerado no peito.

Quando estava quase chegando, cruzei com uma moça alta e magra, com os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo. Ela me parecia familiar... Mesmo por detrás dos óculos de aro preto que usava pude perceber seus olhos se arregalarem ao me ver, mesmo que por alguns segundos, e só então eu tive certeza de onde já a tinha visto antes. Conforme entrei no escritório, tentei me convencer a ficar calma e controlar as borboletas no estômago; a sala era espaçosa, com uma escrivaninha de tampo de vidro bem à minha frente. De trás de um armário nos fundos ouvi uma voz.

— Só um minutinho. – só de ouvir a voz da loira senti meu corpo se arrepiar inteiro. – Desculpe-me, senhorita... – ela parou de falar logo que seus olhos castanhos pousaram em mim e se arregalaram. E na minha frente, recém-saída detrás do armário, estava Anastácia, usando um vestido roxo que ia abaixo dos joelhos. — Leona? – sua voz estava uma oitava acima do normal.

— Surpresa em me ver, loira? – eu perguntei arqueando uma sobrancelha.

— O que você faz aqui? Como descobriu onde eu trabalho? – ela parecia perdida e confusa e mal prestou atenção no que eu acabara de falar. Ainda estava parada no mesmo lugar, olhando-me sem nada entender.

— Eu vim para a entrevista de emprego... – abri um largo sorriso.

— Seu sobrenome é Carvalho?

— E o seu é Bittencourt? – rebati a pergunta.

— Não é possível! – ela começou a rir e se aproximou de mim, finalmente me dando um abraço apertado. Depois se sentou atrás da mesa e eu sentei de frente para ela. — Que incrível coincidência! Então você é a moça que encantou o Gabriel com sua personalidade... – ela mordiscou o lábio inferior, sorrindo para mim.

— E você é a mulher extremamente direta e exigente da qual ele me alertou. – arqueei uma sobrancelha, rindo logo em seguida. — Isso porque você me disse ontem que não demoraríamos a nos encontrar! Está virando vidente...

— Nossa, é mesmo! Eu disse!

— É por isso que estava tão interessada em minha arte! Tão fascinada com minhas telas... Por que não me disse antes no que trabalhava? Que tinha uma galeria...? – perguntei um pouco intrigada.

— Primeiro porque eu sou uma pessoa bem reservada, já sabe disso, e você nunca me perguntou. Sim, eu fiquei extremamente interessada, você tem talento, garota. Pra te falar a verdade, eu estou precisando de uma artista e pensei em você, mas queria ver mais sobre o seu trabalho antes de conversar sobre isso.

— Obrigada. Nossa! Pensou mesmo em promover meu trabalho? Agora fiquei lisonjeada – sorri um pouco corada.

— Sim. Quem sabe... – ela sorriu de volta. — Mas sobre trabalhar aqui como assistente... Não sei – ela pareceu um pouco incomodada e eu pude imaginar o porquê. — Acho que não vai dar certo... Não posso ter um caso com uma funcionária – ela falou baixinho dando um sorrisinho.

— Mas ninguém vai saber... Prometo ser discreta – pisquei para ela. — Juro que não vou te assediar no trabalho e nem incomodar... Serei profissional. – endireitei-me na cadeira, levantando a cabeça.

— Ahã, sei... – ela recostou-se na cadeira, cruzando os braços, com um sorriso divertido nos lábios. — Tenho receio de te colocar aqui dentro, por vários motivos. Não tenho dúvidas de que será uma boa funcionária... Mas que vai me distrair, você vai.

— Talvez, já que você não consegue resistir à minha gostosura. – eu provoquei e ela revirou os olhos.

— Sério, Leona.

— Ok. Eu preciso trabalhar, preciso me sustentar aqui em São Paulo sem meus pais. E aqui é uma galeria, dentro da minha área. Eu tenho qualificações que se encaixam, me dou bem com você e seu funcionário gostou de mim... Entendo do ramo e posso ser uma ótima funcionária. E você conhece mais sobre minha arte... Pode ter certeza de que serei profissional, e nosso envolvimento é algo pessoal e só diz respeito a nós duas – eu falei tudo de uma vez, um pouco ansiosa, tentando convencê-la. Aquela era uma das melhores galerias da cidade e seria ótimo pra mim se eu conseguisse trabalhar ali.

— Tudo bem – ela disse após me analisar por alguns segundos. — Você venceu. Está contratada. – ela sorriu abertamente. — E veio tão gata assim só pra impressionar?

— Ué, e todo aquele medo de eu não ser profissional, de dar bandeira... – perguntei surpresa, ao qual ela me respondeu com uma expressão maliciosa.

— Eu sou sua chefe. Posso falar o que eu quiser. Inclusive te provocar. E você tem que continuar com cara de paisagem como se nada tivesse acontecido.

— Ei! Isso é assédio, sabia? – cruzei os braços em frente ao peito. — Eu posso te processar.

— E perder a chance de continuar comigo? Duvido. – ela sorriu, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos na mesa. — Você começa na quinta-feira. Sua sala vai ser ao lado da do Gabriel. Ele vai te mostrar tudo e vai te passar o que você precisa aprender. O serviço não é muito, mas a galeria é relativamente pequena. E então vamos ver se você é mesmo competente. Agora eu preciso voltar a trabalhar.

— Sim, senhora – respondi levantando-me. — Te vejo logo então – pisquei para ela, mandando um beijo no ar. Ela riu e balançou a cabeça de um lado pro outro.

Saí da galeria quase pulando de alegria. Deus havia ouvido minhas preces! Eu não só havia conseguido um emprego, como estava bem perto de Anastácia. Ainda era uma surpresa gigantesca que todo aquele mistério sobre a profissão dela havia se desvendado ser uma galeria de arte. E dentro da minha área. Se eu contasse para alguém, não iam acreditar. Parecia ser surreal! Eu finalmente poderia vê-la mais vezes, já que ela estava sempre cheia de trabalho. Eu estava tão feliz e radiante que minha vontade era sair correndo pela Avenida Paulista gritando e cantando, mas me segurei, contentando-me em apenas continuar sorrindo feito idiota. Meu celular tocou e eu atendi. Era Bruno, perguntando por que eu não havia ido pra faculdade, dizendo como eu tinha sumido desde aquele dia, e que estava com saudades. Como ele estava sem vontade nenhuma de assistir à próxima aula, combinamos de nos encontrar por ali, em um restaurante, já que era quase onze horas da manhã. Realmente fazia tempo que eu não o via, a última vez fora no dia que eu conhecera Anastácia. Aliás, ele não fazia ideia de tudo que havia acontecido! Eu precisava atualizá-lo sobre minha vida.

Nós nos encontramos em um barzinho ali perto para tomar um chope enquanto conversávamos. Ele me contou que estivera fazendo um trabalho para a faculdade para o começo daquele semestre e mal tivera tempo pra sair ou se divertir. Até mesmo seu namorado já havia reclamado que eles estavam se vendo pouco durante aquele mês. Logo quando acabou de me atualizar sobre o que estava acontecendo na vida dele, perguntou-me curioso sobre a minha. Resumi para ele toda a minha aventura com Anastácia e sobre como tudo parecia ter virado a meu favor. Ele ouviu tudo com olhos arregalados e expressão surpresa e divertida.

— Mas você é sortuda, hein menina? Nunca conheci um caso como o seu – ele começou a rir. — Mas, mentira que vai trabalhar na galeria dela! – ele tomou o resto da bebida que havia no copo.

— Verdade! Acredita? Pior que ela não me contou que trabalhava lá... Coincidência! – comentei rindo também.

— Coincidência, não! Isso aí já é destino! – ele me tocou no braço, com um sorriso enigmático no rosto. — Agora estou morrendo de vontade de conhecer essa Anastácia. Precisamos sair!

— Talvez seja... – mordisquei o lábio inferior, considerando essa possibilidade. — Eu vou te apresentar a ela e você vai adorá-la!

Ficamos conversando por mais de uma hora e então nos despedimos. Passei no supermercado perto de casa, comprei algumas coisas que faltavam e algo para fazer no almoço. Eu estava bem animada com tudo o que acontecera naquela manhã. Enquanto cozinhava o arroz, peguei o celular e entrei no grupo da minha sala na faculdade para ver o que tinha acontecido nas aulas, e já anotei os trabalhos que a professora havia pedido. Peguei os papéis que Gabriel havia me dado com tudo o que eu tinha que fazer para poder começar a trabalhar, contrato, carteira de trabalho, exame médico, tudo certinho, e coloquei dentro de uma pasta. Cozinhei um pouco de carne de panela na pressão e almocei, tomando um pouco de suco de caixinha que eu havia comprado. Meu celular tocou e quando eu atendi, era Maria.
— Está viva! Você sumiu na festa sexta-feira! – eu comentei, logo depois de nos cumprimentarmos. — Sério? Me conta tudo!

Ficamos conversando um bom tempo no telefone. Maria me contou que conheceu uma moça naquele dia na balada. Ela quase ficou com a menina, mas como tinha namorado, não quis trair, mesmo que fosse só um beijo. Mas dançou com ela, ficaram conversando boa parte da noite e trocaram telefone. De lá ela havia ido embora de táxi. Durante o final de semana as duas ficaram conversando por celular e mensagens, e Maria acabou tirando algumas das dúvidas que ela tinha com relação à sua sexualidade.

Ela me contou que conhecera seu namorado quando adolescente, apaixonou-se por ele e vice-versa e ficaram juntos desde então. Maria nunca se questionara sobre o que queria da vida ou se ela se encaixava no padrão que lhe fora imposto. Apesar de ter amigos LGBT's, ela nunca se perguntara se aquilo se aplicava em sua vida. As pessoas sempre costumam colocar a heterossexualidade como um padrão desde a infância, renegando qualquer outro tipo de sexualidade. Dessa forma, muitas pessoas nunca se questionam sobre si mesmas, apenas seguem o padrão que elas conhecem: a heterossexualidade. Maria ainda estava confusa sobre o porquê nunca se interessara por garotas antes, mas após aquele final de semana, alguns pontos estavam mais claros para ela.

Assim que desliguei a ligação percebi que tinha duas mensagens da minha mãe dizendo que queria falar comigo. Eu sempre ficava com um pé atrás quando ela dizia que queria conversar, pois éramos ambas muito teimosas. Geralmente, nossas discussões sobre assuntos polêmicos duravam horas. Combinamos de nos encontrar em um café na Avenida Brigadeiro, perto da estação do metrô.

— Pra variar, está atrasada – ela me disse assim que eu cheguei.

— Nossa, boa tarde pra você também! – Pendurei a bolsa na cadeira, sentando-me logo seguida.
— Como sempre, saí em cima da hora e o metrô ficou parado mais de dez minutos.

— Mas você sabe que tem que sair mais cedo.

— Eu sei, mãe – revirei os olhos. — Vou querer um cappuccino, e você?

— Também – fizemos nosso pedido e, assim que a garçonete foi embora, minha mãe começou.
— Então, filha, eu queria falar sobre a Anastácia.

— Eu sabia. Então, o que achou dela? – mordisquei o lábio inferior.
— Primeiro, para de balançar a perna! – minha mãe me censurou. Revirei os olhos, parando o movimento. — Eu gostei da moça, ela parece ser bem simpática. Achei que ela é divertida e

inteligente.

— Sim, ela é!

— E muito bonita.

— Muito – balancei a cabeça afirmativamente.

— E bem mais velha.

— Nem tão mais velha assim – protestei. A garçonete voltou com nosso pedido e minha mãe esperou que ela saísse para continuar:

— Leona, mais de dez anos de diferença é bastante coisa.

— Não é tanto assim, mãe. Você sempre me disse que depois dos vinte a diferença diminui porque ambas as pessoas já são adultas – respondi dando de ombros.

— Sim, filha, eu disse. Mas a Anastácia já foi casada duas vezes, então ela tem muito mais experiência que você.

— E daí? Já vivi muita coisa que ela também não viveu – rebati, tomando um gole do meu cappuccino.

— Eu sei – ela respirou fundo, tentando manter a calma. – Mas você não pode ignorar que ela...

— Você sabe que eu sempre gostei de mulheres mais velhas – comentei com um sorriso no rosto.

— Leona! Vai me deixar terminar? – Tatiana fechou a cara daquele jeito típico que ela fazia quando eu era criança.

— Tá.

— Então, você não pode ignorar essa diferença. Por mais que você goste de mulheres mais velhas, você precisa ir com calma. Uma coisa é gostar, outra coisa é entrar em um relacionamento.

— Você acha que teremos um? – segurei em seu braço, com um sorriso bobo.

— Talvez... – ela disse de forma misteriosa, com um sorriso no rosto.

— Me fala! Você viu alguma coisa? – minhas mãos estavam geladas e parecia que meu coração ia sair pela boca.

— O que eu vi é que vocês têm um longo caminho pela frente, cheio de decisões. Ela pode ser o que você tanto procura, mas não consigo ver além. Tudo dependerá de como vocês irão conduzir essa situação.

— Entendi... Mas você acha que eu devo insistir?

— Se é isso que você quer, sim. Mas saiba que não será fácil.

— Eu sei, eu sei... Nada é fácil – suspirei, terminando minha bebida.

Todas as vezes que eu tinha uma dúvida com relação a grandes decisões ou grandes passos a dar eu perguntava o que meus pais achavam, em especial a minha mãe. Além da

experiência de vida, ela tinha um sexto sentido bem apurado. Parte da minha família era espírita e acreditávamos que tudo sempre tinha uma ligação. Minha mãe muitas vezes ouvia algumas coisas, tinha uma boa intuição e conseguia interpretar meus sonhos. Quase sempre ela acertava em seus conselhos e previsões. Muitas vezes eu os ouvia, refletia sobre a situação e tentava tomar a melhor decisão.

Tudo o que conversamos me fez me lembrar de Anastácia e todas as coisas que aconteceram naquele final de semana. Por ela ser mais velha, sua visão era um pouco diferente da de Maria, e sua personalidade decidida também pesava, mas ela estava tão confusa quanto minha amiga. Acredito que não estava com medo por estar saindo com uma mulher, mas sim por estar tendo sentimentos por uma quando isso nunca acontecera antes. Além, é claro, do fato dos preconceitos que as pessoas LGBTs sofrem todos os dias. Ainda que alguns de nós tivéssemos a vida privilegiada, como a minha, por exemplo, o mundo como um todo via-nos como um problema, algo diferente e incomum. Não natural.

Somos condicionados desde pequenos a seguir um padrão imposto pela sociedade, mesmo nascendo diferentes, e acabamos reproduzindo esses padrões em nossa vida, nossa fala, nosso cotidiano. Anastácia podia ser independente, rebelde, mais madura e tudo mais, mas ainda assim demonstrava receio em sofrer represália por estar com uma mulher. E ainda que não se desse bem com a mãe, esse parecia ser um grande problema para ela.

Já haviam me alertado para não me apaixonar por uma hetero, pois isso trazia problemas e muita dor de cabeça. Anastácia já fora casada duas vezes e nunca tivera um relacionamento amoroso com uma mulher, então era tudo novidade para ela. Apesar do receio de que ela pudesse pular fora a qualquer momento, especialmente quando me avisara de que não podia prometer não me magoar... Eu já sabia quais sentimentos nutria por ela e decidi arriscar. Eu iria ajudá-la e tentar ter paciência para que ela conseguisse se entender e passar por todos os sentimentos internos que eu sabia que ela ia passar. Até então, apesar das pequenas brigas, tudo estava saindo às mil maravilhas, mas eu sabia muito bem que não iria demorar muito para os problemas aparecerem. E esperava conseguir lidar com eles quando isso acontecesse.

Capítulo 14

Depois de um tempo que Leona saíra da minha sala, uma Janaína completamente confusa e ansiosa entrou em minha sala.

— Anastácia, eu juro que eu não... – ela começou a se justificar, entre os sons do salto alto batendo no chão conforme ela se aproximava da minha mesa.

— Eu sei, eu sei, você não sabia – respondi e ela parou um pouco para respirar. — Aliás, acho que nem ela mesma não sabia!

— Sério? – ela franziu o cenho.

— Sim. A surpresa foi mútua quando nos encontramos em minha sala – eu sorri em resposta. Ela se sentou em uma das cadeiras de frente pra mim.

— Imagino. E ela vai trabalhar aqui? – eu fiz um aceno positivo com a cabeça e Janaína voltou a falar preocupada. — Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Ultimamente eu não tenho mais certeza de nada – confessei, afundando-me em minha cadeira. — Mas ela é talentosa, vamos ver se vai se dar bem aqui, se vai aprender o serviço... E você vai poder ver por si mesma o talento dela. Quem sabe não é tudo o que eu precisava.

— Talvez. – ela deu de ombros e trocou de assunto. — Lucas me mandou o contrato. Ele se apressou e já fez um para te mostrar. Estou analisando e depois mando uma cópia pra você.

— Estou achando que essa vai ser a única saída, infelizmente. – revirei os olhos. Uma parceria daquelas com meu ex-marido era a última coisa que eu queria fazer.

Quando finalmente fiquei sozinha em minha sala foi que eu consegui pensar direito sobre tudo o que estava acontecendo. Eu havia ficado contente que mesmo sem querer Leona fosse ficar mais perto de mim. Eu tinha uma agenda agitada, e era complicado sair para poder vê-la o tempo todo. Agora, por mais ocupadas que estivéssemos, eu sempre poderia vê-la nem que por alguns minutos todos os dias. E estar com ela me deixava de bom humor, o que seria uma benção naqueles dias com minha mãe em casa. Para minha sorte, no momento eu estava com bastante trabalho, isso fazia com que eu pensasse menos no que me esperava ao final do dia. Sinceramente eu não sabia por que Marta insistia em ficar na minha casa, quando tudo o que ela fazia era me criticar até que começássemos a brigar. Seria bem melhor se ela tivesse ficado sozinha dentro da casa dela. Naquela noite eu cheguei em casa e ela não estava, havia deixado um bilhete dizendo que ia jantar fora. Dei graças a Deus por isso. Tranquei-me em meu quarto e não sai até o dia seguinte.

No outro dia trabalhei bastante durante a parte da manhã e tive que sair algumas vezes para me encontrar com alguns clientes e possíveis lugares para alugar. A situação estava difícil, alguns pediam um valor muito alto, e eu estava ficando sem muitas opções, restando-me como melhor proposta a de Lucas. O dia foi bem puxado e saí da galeria quase nove horas da noite. Estava muito cansada, tudo o que eu queria era tomar um bom banho, jogar-me na cama e descansar. Mas minha mãe parecia ter planos bem diferentes daqueles para mim. Quando entrei em casa me deparei com Marta sentada no sofá, completamente arrumada – aliás, eu nunca a vira desarrumada ou descabelada em toda a minha vida – com Ricardo sentado ao seu lado. Ele passou a mão pela cabeça quando me viu, tinha os cabelos raspados. Um sorriso apareceu em seu

rosto e seus olhos verdes pareceram cintilar ao me ver chegar. Uma reação bem diferente da minha, que se pudesse mandava-o para fora da minha casa aos chutes e pontapés.

— Anastácia, que bom que você chegou! Estávamos falando de você... – quando ela tinha esse tom cordial na voz boa coisa não era.

— O que você faz aqui? – perguntei dirigindo-me a Ricardo. Ele se levantou, ensaiando dar alguns passos para frente, mas como eu não saí do lugar, ele permaneceu parado.

— A dona Marta me ligou, dizendo que estava na cidade, fazendo uma visita... Pensei então em passar pra ver como você estava. Faz tanto tempo que não nos falamos...

— Eu prefiro que continue assim. Ela não devia nem ter se dado ao trabalho – dei de ombros, deixando minha bolsa em cima da poltrona, mas sem menção de me sentar.

— Tenha modos, Anastácia.

— A casa é minha, mãe – eu sustentei seu olhar furioso e continuei. — Eu e Ricardo nos separamos faz tempo e não há nada para ser conversado – virei-me para ele, sem intenção nenhuma de sorrir. — Desculpe se minha mãe o fez vir aqui à toa, mas peço que saia. Eu já mandei você parar de me procurar. Sabe bem disso.

— Você deixou bem claro no último ataque que você deu – ele respondeu, a raiva transparecendo em suas palavras. — Pelo menos dessa vez não vai jogar vasos em mim, vai? – minha mãe fez uma expressão de espanto, e eu a ignorei.

— Você não vai tentar me agarrar à força, vai? – respondi com os olhos faiscando de raiva e o queixo levantado. Ele não me respondeu, então voltei a falar. — Saia. – ele se despediu da minha mãe e mal me olhou quando saiu da minha casa.

— Você sempre estraga tudo, não é mesmo, Anastácia? Ele só estava lhe fazendo um favor, poderia lhe chamar pra sair, vocês podiam se entender...

— Eu não pedi favor nenhum. E eu não quero sair com ele. Não quero me entender com ele. Eu já o tirei da minha vida uma vez, e não pretendo tê-lo de volta. Nem que fosse o último homem do mundo!

— Claro que não – ela disse calma, calma até demais. — Você prefere ser essa puta de luxo e ter cada dia um na sua cama – ela tinha prazer em me magoar. Senti a raiva crescer dentro de mim, ainda que aquelas palavras ardessem como um tapa no rosto.

— Pelo menos eu me assumo puta. Diferente de você, Marta, que finge ser a puta de um homem só.

Eu mal acabei a frase e minha visão periférica captou algo voando em minha direção. Abaixei rapidamente, ouvindo a louça se quebrar na parede atrás de mim, espalhando cacos por todo o chão. Olhei para a mulher à minha frente, com o rosto vermelho retorcido em uma expressão de ódio, respirando pesadamente. Agora sim estávamos conhecendo a verdadeira Marta Bittencourt.

— Eu deveria ter te ensinado uma lição quando era pequena.

— Deveria. Porque hoje você nada pode fazer. Essa casa é minha, Marta. Eu faço o que eu quiser

e durmo com quem quiser. Você fica se quiser. Mas se for por mim, poderia ir embora agora mesmo.

Não dei chances para que ela respondesse. Peguei minha bolsa e andei a passos largos atravessando a sala até a escada e subi correndo para o meu quarto. Quando me dei conta, eu chorava de raiva. Bati com as mãos fechadas na porta, descontando um pouco do ódio que eu sentia. Fora com aquela mulher que eu crescera, eu nem sabia se aquilo podia ser chamado de mãe. Palavras como puta, vagabunda e variantes foram as descrições sobre mim na adolescência. Ela costumava me dizer como eu não ia chegar a lugar algum com aquela rebeldia, e que alguém precisava me colocar em meu lugar. Desprezava-me como filha, nada do que eu fazia era bom o suficiente para ela. Nem mesmo quando me tornei dona de uma das melhores galerias de São Paulo... Ter dois divórcios e nenhuma "família" eram o suficiente para que ela voltasse a me dizer o quão fracassada eu era. O som do meu celular tocando me despertou da minha crise de fúria. Peguei o aparelho com as mãos tremendo, e nem precisei olhar no visor para saber quem era. Sentei-me no chão, com as costas escoradas na porta, e atendi.

— Leo... – eu disse com voz de choro e sua voz animada logo deu lugar à preocupação.

— Ana? O que houve? Está tudo bem?
— Não... Briguei feio com minha mãe – eu ri entre as lágrimas, uma vez mais me sentindo uma adolescente. Só porque eu me orgulhava tanto de ser tão madura e dona do meu próprio nariz.

— Nossa... Quer me contar?

— Ela me disse coisas horríveis, que eu já deveria estar acostumada. Não quero repetir. Eu só queria falar com você... Você me faz rir – confessei, fungando, enxugando as lágrimas com as costas da mão.
— Você está comigo porque eu sou sua palhaça oficial? – ela parecia indignada e isso me fez rir um pouco. *— Agora sim... Sua risada é linda, loira. Tem que rir mais do que chorar!*

— Sim, é minha palhaça – eu sorri mais uma vez, já parando de chorar. — Obrigada, Leo. De verdade. Com você ao meu lado, eu consigo rir mais.

— Então vai rir todos os dias, porque agora eu vou estar no seu trabalho. Tá ferrada, hein, minha loira? Não vai conseguir me largar... Vou grudar que nem música-chiclete.

— Para ser sincera, não tenho a menor vontade de te largar. Você é gostosa de pegar. Mas estou até vendo, vai adorar o Gabriel, e aí nem vai se lembrar de mim – brinquei, mordiscando meu lábio inferior.

— Como se fosse possível te esquecer, Ana – eu fechei os olhos momentaneamente, sentindo meu coração se aquecer, e sorri.

— Vou indo dormir, Leo. Obrigada por tudo.

— Você vai ficar bem? – eu afirmei que sim. *— Durma bem, Ana. E se cuida. Eu... Eu... Bem, até mais* – ela se despediu após hesitar por alguns segundos.

Desliguei o celular com aquilo martelando em minha cabeça. Eu podia imaginar o que ela ia dizer, e meu coração palpitava loucamente dentro do peito. Apesar de eu agradecer por ela não ter dito naquela noite, uma parte de mim estava ansiosa por aquelas palavras. Despi-me para

tomar um banho e relaxar para tentar dormir e, enquanto isso, mais calma, começava a me lembrar de muita coisa. Minha infância não havia sido fácil, nem mesmo a adolescência. Minha sorte fora não ter entrado em nenhum tipo de vício quando mais nova, apesar de terem me oferecido. Em muitas brigas com minha mãe eu tinha vontade de sumir, fugir, nunca mais voltar... Beber até não sentir mais nada. Mas algo dentro de mim me impedia, lembrando-me de que eu deveria ser forte e enfrentar aquelas situações para sair de cabeça erguida. E foi o que eu fiz. Casar com Lucas foi uma das saídas que eu encontrei para sair de casa. Ele era bonito, rico, bem-sucedido e paquerador. Minha mãe o adorou. Mas ele se mostrou tão insuportável quanto ela, machista e controlador, e logo que eu pude larguei dele.

Como eu estava sem dinheiro, voltei para casa dos meus pais. Foi outro inferno, dessa vez com minha mãe me lembrando do quão burra eu era por ter largado de um bom partido como ele. Eu já estava começando um pequeno negócio de arte quando ela me apresentou Ricardo. Parecia uma boa pessoa, gentil, de boa família rica. Ele mostrou-se fascinado por mim e eu me apaixonei. Minha mãe fez questão de nos casar tão logo quanto possível, e ele parecia não se incomodar que eu estivesse trabalhando em um negócio próprio. Mas o tempo me mostrou quem ele realmente era. Ciumento, controlador e, principalmente quando bebia, mostrava sua verdadeira personalidade. Era grosseiro e queria que tudo acontecesse do seu jeito, inclusive na parte sexual. Mesmo quando eu não queria, ele tentava de todas as formas me levar pra cama.

Nas primeiras vezes ele aceitou o “não”, mas em um dos dias em que tinha bebido além da conta, tentou me forçar. Desesperada, eu tentava afastá-lo, manter-me longe do sofá ou da cama, contorcia-me para que ele me largasse, e quando eu consegui, percebi que ele ia tentar de novo. Sentindo-me sem saída, joguei o primeiro vaso que vi na minha frente na parede atrás dele. Ele se assustou e eu peguei um cinzeiro na mão, pronta para jogar e dessa vez acertar no meio da sua cabeça. Ameacei que se caso ele tentasse qualquer coisa contra mim, eu ia jogar sem dó. Assustado, ele prometeu nada fazer e dormiu no sofá naquela noite.

No dia seguinte, eu fui pedir o divórcio. Estava casada com ele há dois anos. Voltei para a casa dos meus pais, mas apenas por alguns meses. Com um pouco da poupança que eu tinha guardado, aluguei um apartamento para mim no centro da cidade e continuei trabalhando. Meu pai, por causa do trabalho, mudou-se para o Rio Grande do Sul, com minha mãe, e eu continuei ali. Janaína era uma amiga minha da faculdade, que acabou acompanhando algumas coisas e sendo minha confidente para muitas outras. Nesse tempo ela passava os dias me ajudando no trabalho. Eu lhe ofereci uma parte na galeria, quando finalmente estava pronta, mas ela não aceitou. Disse que preferia ser minha assistente, assessora, e assim podia sempre me ajudar sem que o trabalho nos atrapalhasse. E ela estava comigo desde então. Única pessoa em que eu sempre confiei.

Durante toda a minha vida eu havia desistido de ter relacionamentos. Ninguém prestava. Eu namorei e fiquei com vários homens, mas apenas isso. Podiam vir na minha casa, dormir, comer... E depois de um tempo, eu os mandava embora, desfazia o namoro. Não queria ninguém fixo, ninguém que viesse a me conhecer, decepcionar e me machucar. Aprendi que se eu quisesse ser quem eu era, não podia ter ninguém ao meu lado.

Era dolorido saber que sua própria mãe era a pessoa que mais lhe machucava, e por muito tempo isso foi uma ferida aberta sempre voltando a sangrar. No fundo eu sempre quis sua aprovação, e talvez jamais fosse conseguir. Ela tinha uma visão distorcida sobre mim, acho que porque nunca me conhecera de verdade, ela nunca quis. Apesar dos insultos, no fundo eu sabia

que eu não era nada daquilo. Dormir com quem eu quisesse não me fazia uma prostituta, eu não me vendia por dinheiro; só me fazia ser dona do meu corpo e da minha vontade. Ela tinha uma visão ultrapassada e preconceituosa sobre o que era ser uma mulher. Especialmente com relação aos homens e à família. Mas eu não ia deixar que ela me obrigasse a ficar com quem quer que fosse. Não ia aceitar que ninguém me maltratasse daquela forma, eu não ia ficar calada. Nem mesmo com relação a ela, minha mãe. Exatamente por isso eu saíra de casa e me desligara da minha família.

Quando Leona apareceu, eu não pretendia ter nada além do casual com ela. Mas as coisas foram crescendo e tomando proporções gigantescas. Ela era diferente e não simplesmente por ser mulher. Ela era diferente das outras pessoas e me fazia me sentir especial. Seu olhar sobre mim não era somente desejo, eu podia perceber, e aquilo me fazia bem. Era uma mistura do desejo e ardor do sexo com o carinho e a beleza da paixão. Seu jeito de falar comigo, seu cuidar, o modo como ansiava em me fazer rir... Como estava sempre querendo ficar comigo... Naquele momento deixei todas as dúvidas e medos de lado e me deixei aproveitar aquela sensação boa de ter alguém que se importava comigo. Eu não podia deixar que aquela situação familiar saísse ainda mais do controle. Havia uma razão para eu ter me afastado e meu relacionamento com Leona era mais um indício de que eu deveria manter ainda mais distância de Marta. Não poderia permitir que ela falasse qualquer coisa para a Leona. Eu havia tomado uma decisão.

Capítulo 15

Quando ouvi a voz de choro de Anastácia senti meu corpo retesar e a preocupação tomar conta. Para ser sincera, em todo aquele tempo junto com ela eu nunca a havia visto tão vulnerável. Eu queria muito saber o que havia acontecido, mas ela não quis me contar por telefone, então eu fiz o que fazia de melhor: fazê-la rir. Ela pareceu relaxar um pouco, mas continuei preocupada. Eu não fazia ideia do quão feia podia ter sido aquela briga, e ansiava por encontrá-la e descobrir o que havia acontecido. Uma vontade enorme de consolá-la e de segurá-la nos braços tomava conta de mim. Os dias se passaram e eu não pude encontrá-la, a não ser na quinta-feira, quando fui para o meu primeiro dia de trabalho. Fui para a faculdade de manhã, voltei para casa e almocei rapidamente, tomando um banho e trocando de roupa. Peguei o metrô da Linha Amarela descendo na rua Consolação e me encaminhei para a galeria.

Realmente Anastácia tinha razão, Gabriel era uma pessoa muito divertida e logo nos demos bem. Minha sala ficava ao lado da dele, e logo que eu cheguei, ele já me explicou algumas coisas que eu deveria fazer. Planilhas, relações das peças vendidas e que havia no estoque, os quadros que foram vendidos, clientes novos e antigos, entre outras coisas. Passei uma boa parte da tarde ocupada com o serviço, e de vez em quando Gabriel vinha me perguntar se eu tinha alguma dúvida, como tudo estava indo. Em um dos intervalos para tomar um café, ele me apresentou a uma moça chamada Marília, uma das que eu vi no dia da entrevista. Ela era alta, negra, com o cabelo cacheado curto, e um sorriso muito bonito. Lembrava-se de mim e foi muito simpática ao me mostrar a galeria e depois ficar junto comigo tomando um café em uma das salas de descanso que havia ali. Explicou-me que os funcionários iam para lá nos intervalos, para conversar, tomar um café, ou ler... Eu podia ficar à vontade. Marília também comentou que Anastácia às vezes também ficava por ali, nas vezes em que não almoçava fora. Conheci mais duas funcionárias, Liliane e Helena, e gostei delas também.

Já deviam ser umas sete horas da noite e a galeria estava quase vazia. Quem ficava naquele horário, pelo que Gabriel me contara, era ele, Janaína e Anastácia. Como eu era assistente dele, também ficaria. Eu estava trabalhando bastante e nem vira a loira naquele dia, minha esperança era vê-la quando estivesse de saída. Então eu vi a morena alta de óculos aparecer na porta da minha sala. Sorri para ela, um pouco sem graça, afinal fora ela que me vira nua na cama de Anastácia.

— Então você é a famosa Leona – ela sorriu, adentrando a sala e sentando-se em uma das cadeiras de frente para a minha mesa.

— Achei que não fosse me reconhecer vestida – sorri sem graça, fazendo-a rir.

— Do jeito que Anastácia fala sobre você, não tem erro.

— Ela fala sobre mim? – perguntei curiosa, mas a morena deu de ombros e trocou de assunto.

— Ela me disse que você é talentosa e ficou bem interessada na sua arte. Eu sempre faço uma pré-seleção antes de passar pra ela. Então eu gostaria de ver seus quadros e suas técnicas.

— A maior parte deles está em casa, se quiser depois pode passar lá com a Anastácia e dar uma olhada.

— Prefiro ir sozinha se não se incomodar – eu prendi a respiração. Ela percebeu e, rindo, voltou a falar. — Não é isso que está pensando, não sou louca de dar em cima da queridinha da minha

chefe. E pra te falar a verdade, não é minha praia.

— Também não era a da Anastácia... – suspirei aliviada, piscando para ela. — Mas sem problemas, pode passar lá a hora que quiser.

— Ótimo – apesar de ela estar sorrindo, sua expressão parecia séria. — Eu conheço a Anastácia há anos, desde a época de faculdade. Além de sua assessora, sou talvez sua melhor amiga. Eu sei de muita coisa que ela já passou, e foram tempos difíceis. Eu sei que ela sabe se cuidar, e parece gostar muito de você. Ela não precisa de outra decepção na vida dela, se é que você me entende. Nem na vida profissional, muito menos na pessoal.

— Entendo – eu havia entendido o recado que ela queria me dar. E se Janaína estava tomando essa atitude, demonstrava o quanto se importava com a amiga e como a queria bem. — Ela é muito importante para mim e não pretendo ser uma decepção na vida dela. Muito pelo contrário.

— Eu quero vê-la feliz e, se você conseguir isso, terá minha total colaboração – ela sorriu, relaxando sua postura.

— Está roubando minha nova contratada? – ouvimos a voz de Anastácia, que acabara de chegar. Um sorriso instantâneo apareceu em meu rosto.

— Só vim ver se ela está precisando de alguma ajuda, ou se já se adaptou ao trabalho – Janaína olhou para mim com um sorriso cúmplice e eu concordei. — Mas eu já estava de saída – ela se levantou.

— Até amanhã.

Anastácia se despediu e logo que a morena saiu da sala, fechando a porta atrás de si, ela se sentou de frente pra mim, debruçando-se sobre a mesa, com um mínimo sorriso no rosto. Salvei os documentos que estavam abertos no computador e voltei a encará-la. Perguntei se gostaria de sair dali, e ela disse que não. Logo precisaria voltar para casa. Ficamos nos encarando por alguns minutos e percebi as lágrimas descendo pelas suas bochechas agora vermelhas. Ela parecia cansada, exausta emocionalmente, e isso me deu um aperto no peito. Minha vontade era correr para abraçá-la, mas eu sabia que não devia fazê-lo. Inclinei-me sobre a mesa, em sua direção, esticando meus braços e segurando suas mãos nas minhas.

— Esses dias foram um inferno em casa. Marta, minha mãe, tem ficado lá, e eu não tenho tido paz e nem espaço para respirar ou pensar. Depois daquele dia que te liguei, insisti para que ela fosse embora, decidida a terminar com aquela situação. Mas ela me pediu dois dias, disse que amanhã meu pai volta de viagem e então ela irá embora.

— Eu posso oferecer minha casa. Se quiser, pode ficar lá. – passei meus dedos polegares pela sua mão, em um carinho, e ela sorriu.

— Obrigada, Leo, mas eu não posso. Sei que tenho que ficar. A casa é minha. Se eu sair, deixo a mensagem de que ela ainda está no controle, e não está – ela suspirou, sem largar minhas mãos.

— Tudo bem. Pelo menos ela vai embora logo. Mas pode ir pra minha casa sempre que quiser – eu sorri em resposta.

— Obrigada – ela soltou nossas mãos, levantando-se. Suspirou fundo, recompondo-se. — Mais uma noite. Até amanhã, minha querida – ela sorriu e aquilo me pegou de surpresa.

Ela observou um sorriso se formar em meus lábios e nada mais disse, saindo logo em seguida da minha sala. Já estava quase no meu horário de ir embora, então desliguei tudo e passei na sala de Gabriel. Estando tudo certo, voltei para casa. Apesar de Anastácia não me dizer exatamente o que havia acontecido, eu estava com uma enorme vontade de conhecer aquela mãe dela. Não só conhecer, como confrontá-la. Como que uma mãe podia ser tão cruel com a própria filha? Ainda mais com uma mulher incrível como a Anastácia era. Não percebi que eu estava tão cansada até chegar em casa e cair na cama. Nem me lembrei de que eu mal havia comido alguma coisa. Acordei de madrugada com fome e comi um pedaço de bolo com leite quente, voltando a dormir.

Nos outros dias fui para a faculdade, assistindo às aulas e rascunhando alguns trabalhos durante os intervalos, pois à tarde eu ia trabalhar. Mal vi Anastácia, e podia perceber que ela estava um pouco tensa e lotada de trabalho. Em compensação, eu conversava cada vez mais com as outras assistentes da galeria e isso me mantinha ocupada nos intervalos.

O sábado chegou e eu ansiava para poder me encontrar com Anastácia. Necessitava tocá-la, estar com ela, beijá-la... Tudo que na galeria eu não podia fazer, muito menos insinuar. Mas quando liguei para ela no sábado de tardezinha, ela me disse que não poderia me encontrar naquele final de semana.

— *Não vai dar, Leo. Eu tenho um evento para ir agora à noite* – ela me respondeu, e eu desanimei completamente.

— Não dá para sair de lá e vir pra minha casa? Eu espero... – insisti.

— *Não. Não sei que hora eu vou sair, e nem com quem* – eu não esperava por essa última parte. Senti o ciúme me invadir e não consegui me controlar.

— Com quem? Como assim com quem? – ela suspirou cansada do outro lado, tentando manter a calma e a paciência.

— *Eu não sei com quem vou sair de lá porque às vezes um dos empresários pode ter interesse na galeria ou em alguma parceria, e eu preciso aproveitar essas oportunidades.* – apesar de aquilo fazer total sentido dentro da minha cabeça, o que eu estava sentindo naquele momento se sobrepunha à razão.

— Entendo... Interessante que essas oportunidades se estendam pela madrugada inteira – ela resmungou do outro lado da linha, eu devia tê-la tirado do sério.

— *Leona, minha vida não gira em torno de sexo, já lhe disse isso. Se quiser, eu posso passar na sua casa amanhã, senão, eu te vejo na segunda-feira.*

— Ok. Espero você amanhã – respondi, não querendo dar o braço a torcer, e desligamos o telefone.

Eu estava com raiva, muitas coisas se passavam pela minha cabeça. Sentia muitos ciúmes dela. Ainda que estivéssemos saindo, não tínhamos um relacionamento sério e isso me perturbava. Anastácia era livre e eu tinha medo de que ela pudesse ficar com outras pessoas. Eu sabia que estava sendo irracional, principalmente depois de tantos indícios de que ela estava gostando de sair comigo e não planejava estar com qualquer outra pessoa, mas é difícil entender isso no momento da raiva. Aproveitei esse sentimento para ir até meu estúdio no outro quarto do apartamento e coloquei uma tela nova no cavalete. Peguei o celular e selecionei uma das minhas

playlists de rock, deixando que a música enchesse o ambiente e me desse ainda mais inspiração. Voltei até o quarto, pegando as tintas e os pincéis, e me deixei levar pelos sentimentos. Às vezes eu esboçava primeiro no bloco de desenhos, às vezes desenhava à mão, mas em outras eu gostava de ir direto para a tela e pintar o que eu quisesse. Algumas vezes não saia nada de interessante, mas em outras vezes...

Eu usava variações de amarelo e dourado, misturando com marrom claro e mais escuro, e aos poucos uma imagem foi se formando. Algo selvagem, com a mesma ferocidade que eu sentia dentro de mim. Descontei toda aquela energia e todo aquele sentimento na pintura, e finalmente depois de algumas horas eu estava bem mais calma e relaxada, até mesmo cansada, sentindo-me esgotada. Sorri ao olhar para o quadro; não estava pronto ainda, mas por hora eu iria parar. Estava satisfeita com o rumo que ele estava tomando e isso estava me dando ideias. A campainha tocou e eu fui atender, com uma ponta de esperança de que fosse Anastácia, mas sabendo ser impossível. Encontrei uma Janaína descontraída, com os cabelos negros soltos, de calça jeans e camiseta, à minha porta. Ela me olhou de cima abaixo e eu imaginei que devia estar suja de tinta.

— Cheguei em boa hora, talvez? – ela sorriu, adentrando o apartamento. Fechei a porta atrás dela, retribuindo o sorriso.

— Na verdade, sim. Eu tive uma súbita inspiração e estava pintando.

— Ótimo. Posso ver? Se não tiver problema...

— Claro – mostrei-lhe o quarto e ela entrou primeiro, comigo logo atrás. Seus olhos passaram pelo cômodo, olhando as telas que estavam no chão: a da moça e a das rosas. Depois de uns minutos ela se voltou para o quadro que eu estava pintando e se demorou nele.

— Gostei de como está ficando... Intenso – ela comentou.

— Obrigada. É, eu estava bem inspirada quando comecei – disse apenas, sem comentar o por quê. Ela se encaminhou para a sala e eu a segui.

— Anastácia estava mesmo certa, você tem talento. Gostei bastante do que vi. E acho que esse tem potencial, em especial.

— Obrigada – sorri tímida. — Sim, ele é diferente. Vou guardá-lo.
— Eu acho que você realmente tem potencial para expor sua arte na galeria. Vou conversar com a Anastácia e, caso dê tudo certo, vamos conversar com você. O seu trabalho na galeria como assistente será um, e você como nossa artista será outro. Tudo bem?

— Sem problemas. Seria tudo, pra mim, ter minha arte exposta numa galeria tão importante.

Despedimo-nos com Janaína dizendo que tinha algumas coisas pra fazer nesse sábado. Fiz uma sopa com macarrão e cubinhos de carne para mim e jantei assistindo à televisão. Não estava mais tão chateada, só um pouco entediada, sem ter nada pra fazer, sem querer fazer nada. Recebi mensagens de Karina, mas as ignorei. Não estava a fim de ir pra lugar nenhum. Peguei o celular, joguei o nome de Anastácia no Google e comecei a olhar suas redes sociais. Fiquei me torturando ao olhar aquelas fotos magníficas dela enquanto a imaginava na festa sabe-se lá Deus com quem. Quando cansei, abri meu notebook e fiquei deitada na cama assistindo a séries até adormecer. Fui acordar quase meio-dia de domingo, com o celular tocando na mesinha de

cabeceira. Atendi com um “alô” meio molenga, mas logo despertei ao ouvir a voz do outro lado.

— *Isso é hora de acordar, garota?*

— Você não estava aqui pra me chamar cedo... – minha voz ainda denotava uma pequena implicância, o que fez Anastácia rir do outro lado.

— *Põe uma roupa e desce que estou aqui na portaria te esperando.*

Desligamos o telefone e eu rapidamente coloquei uma calça jeans, um tênis All Star e uma camiseta vermelha. Passei lápis preto nos olhos e um gloss nos lábios, passando um perfume, e saí de casa, pegando minha bolsa e meu celular. Anastácia estava encostada na guarita, usando um vestido branco com detalhes em vermelho até os joelhos, os cabelos loiros com alguns cachos leves formados e maquiagem leve. Ela sorriu quando me viu e eu fui cumprimentá-la.

— Você é rápida, não? – ela me abraçou. — E cheirosa. – sorri bobamente.

— Quando me interessa. – dei de ombros, seguindo-a até seu carro. — E pra onde vamos?

— Dar uma volta.

Logo quando entramos no carro ela colocou uma música alta e fomos cantando junto enquanto ela dirigia. Ela me levou até o Morumbi Shopping. Como não havíamos comido nada, fomos andando até a praça de alimentação. Escolhemos um dos restaurantes e pegamos nossa comida, sentando a uma das mesas. Ficamos conversando e ela me contou como havia sido a noite anterior, sobre as pessoas que encontrou, alguns contratos que fechou naquele evento. Enquanto a ouvia, eu me repreendi mentalmente, imaginando que se ela não tivesse ficado, teria perdido ótimas oportunidades. Foi uma conversa tranquila e divertida.

Depois fomos ao cinema, assistimos a um filme de ação que estava passando, mas para ser sincera, nenhuma de nós prestou muita atenção. Aproveitamos o fato de estarmos na sala de cinema escura para ficarmos juntas. Demos as mãos e eu encostei minha cabeça em seu ombro. De vez em quando roubávamos um beijo aqui e ali. Estar com Anastácia naquela tarde de domingo tinha me feito esquecer da minha irritação e de todos aqueles pensamentos ruins.

No fim da tarde voltamos para o meu apartamento e ela aceitou subir um pouco. Eu mal tranquei a porta e me virei, Anastácia estava parada em frente ao balcão me olhando fixamente. Eu não estava entendendo o que estava acontecendo, mas não tive tempo de perguntar. Ela disse:

— Senta – apontou para a bancada. Tentei argumentar, mas ela foi direta ao me cortar e repetir:
— Eu disse *senta*.

Engoli em seco, obedecendo. Subi no banquinho e me sentei em cima da bancada, encarando-a. Ela tinha uma expressão predadora no rosto, bem diferente da tarde agradável que tivemos. Ela sorriu e tirou as alças do vestido, deslizando-as pelos ombros macios, e na mesma hora lembrei-me do dia em que fizemos sexo pela primeira vez. Seus olhos continuaram fixos nos meus conforme o vestido descia pelo seu corpo, ficando caído ao chão. Por baixo havia uma combinação de lingerie vermelha de renda. Senti minha boca ficar seca, a respiração ficar mais pesada, e mordisquei o lábio inferior. Eu ainda não havia entendido o que ela queria, mas havia me deixado sem ação.

— Você não vai sair daí até eu mandar, ok? – e como eu não respondi, ela voltou a perguntar. — Ok? – eu fiz que sim com a cabeça. E ela continuou. — Esse corpo é meu. E eu o dou pra quem eu quiser – ela disse firme. Concordei com a cabeça. — Ninguém põe a mão em mim se não for da minha vontade. Homem nenhum. Mulher nenhuma. Entendido? – ela olhava intensamente em meus olhos e eu voltei a concordar, com o corpo tenso, retesado.

— Eu...
— Shhh! – ela me interrompeu, colocando o dedo indicador em frente aos lábios. — Eu não terminei – ela aproximou-se de mim devagar e eu estava toda arrepiada. Seu rosto estava pertinho do meu e ela segurou em meu queixo firmemente, obrigando-me a olhá-la nos olhos. — E no momento, Leona, eu não quero mais ninguém, a não ser você.

Senti um arrepio percorrendo meu corpo da cabeça aos pés, como se eu tivesse encostado o dedo na tomada. Eu me perdi na imensidão dos seus olhos, na proximidade do seu corpo, e senti seus lábios sobre os meus. Beijei-a com intensidade, com paixão, com meus sentimentos em ebulição. Quando nos separamos, ela se afastou de mim, e eu ia descer quando Anastácia, com apenas um gesto, me fez continuar no lugar. Ela colocou o vestido de volta enquanto eu a olhava confusa. Pegou a bolsa e destrancou a porta do apartamento, já que a chave estava na fechadura.

— Até amanhã, garota – piscou pra mim. Eu estava muito indignada, sentada lá em cima da bancada feito uma idiota.

— Sua filha da... – a porta se fechou antes que eu pudesse concluir a frase.

Capítulo 16

Ciúmes. Era só o que me faltava. Eu já havia me livrado de muitos pretendentes ciumentos e controladores. Era até compreensível sua insegurança, mas eu estava fazendo de tudo para que Leona percebesse que no momento eu não queria estar com mais ninguém a não ser com ela. Eu fiquei imaginando como seria se ela tivesse que ir a um daqueles eventos comigo, nos quais os homens sempre davam em cima, ou me elogiavam. Por mais que eu quisesse evitar essas situações, sabia que elas aconteceriam, especialmente se ela se tornasse minha nova artista. Conforme os dias foram passando o trabalho no escritório parecia ser muito mais leve do que de costume. Eu ainda tinha muito trabalho, mas sempre dava um jeito de passar pela recepção e ver como Leona estava se saindo.

Gabriel era só elogios para o seu trabalho, dizendo que ela não se atrasava, havia se adaptado rapidamente e parecia estar gostando. As outras pessoas que trabalhavam comigo que haviam conversado com ela também pareciam ter gostado; diziam que ela era simpática e atenciosa. Todas as vezes que eu ouvia essas coisas um sorriso de orgulho se formava em meus lábios. Era muito bom que ela houvesse se entrosado com o pessoal. E como ela havia me prometido, era bem profissional. Todas as vezes em que me via passar seus olhos expressavam alegria e às vezes ela sorria pra mim, sorriso o qual eu retribuía, mas nada dizia. Leona só conversava comigo no fim do expediente quando eu ia até sua sala.

Janaína me contou que havia ido até a casa dela e gostara muito dos quadros que vira. Comentou que ela tinha mesmo talento e que ela concordava que eu devia apostar em Leona como nossa artista para a próxima exposição. E isso me levava a outro assunto: Lucas. Analisamos o contrato, minha assistente consultara um advogado, e estava tudo dentro dos conformes. Ele ia me ceder o espaço para a exposição e todo o serviço incluso, por um preço simbólico, e estavam discriminados os principais investidores e artistas que ele conhecia e iria convidar. Ele também havia colocado, como eu pedira, que se caso houvesse qualquer tipo de insulto de sua parte até o último dia de evento, aquele contrato estava desfeito e ele pagaria multa.

Eu já havia assinado, mas Lucas veio pessoalmente ao meu escritório pegar o contrato. Janaína tentara avisá-lo de que eu estava ocupada, mas ele insistiu. Eu pedi para que ela o segurasse lá embaixo que eu desceria num minuto. Dessa forma, ele não precisaria subir e demorar mais do que o necessário. No momento em que eu descia o último degrau da escada, avistei o loiro encostado ao balcão da recepção, com sua atenção presa em algo. Segui o seu olhar e observei Leona cruzando o cômodo, entrando em sua sala.

— Quem é essa moça espetacular? – ele perguntou logo que eu me aproximei. Senti um incômodo ao vê-lo se referir a Leona daquela forma.

— Minha nova funcionária, está ajudando o Gabriel – eu disse seca, colocando os papéis em cima do balcão.

— Ela é linda... Será que tem namorado? – ele perguntou com um sorriso sedutor no rosto.

— Não é da sua conta. – respondi seca e ele me encarou confuso. Tentei disfarçar a raiva que estava começando a sentir. — Você é comprometido, pelo o que eu saiba.

— Sim, mas isso não me impede de olhar ou desejar. – ele continuou quando ela passou uma vez

mais, agora vindo em nossa direção, olhando curiosa para a figura masculina ao meu lado. Não havia pior momento para que ela viesse falar comigo.

— Licença, Anastácia, tem um minuto? – ela me perguntou. Minha vontade era dizer que não tinha, mandá-la de volta para dentro da sala no mesmo minuto, mas não tive tempo.

— Prazer, Lucas – o loiro se apresentou, ao perceber que Leona o observava curiosa. Ele olhou-a de cima a baixo, sem conseguir parar de sorrir. Que inconveniente. Estendeu a mão para cumprimentá-la, mas como estava com uns papéis nas mãos, ela apenas sorriu.

— Leona.

— O nome é tão bonito quanto à dona – ele piscou para ela, que sorriu sem graça.

— Só um minuto – respondi e, virando-me para meu ex-marido, entreguei-lhe os papéis. — Está tudo assinado já. Obrigada por vir. Se precisar de qualquer coisa, só me ligar. – fui até um pouco rude na resposta, mas não me importei.

— Falando nisso... Quem é o artista da vez? – ele me perguntou ainda lançando olhares furtivos para a morena. Se eu pudesse arrancar aqueles olhos azuis dele...

— Você está olhando para ela. Leona – respondi sem sorrir.

— Quer dizer que além de linda, é talentosa? Também, com mãos tão bonitas e delicadas como as suas... Posso imaginar o que elas podem fazer... – um brilho malicioso passou pelos seus olhos e eu sentia vontade de calar aquela boca dele, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Leona se manifestou.

— Pode mesmo? Podem funcionar muito bem para dar socos em babacas como você – ela disse fria. Os olhos dele se arregalaram em resposta. Sorri de leve, sentindo orgulho de Leona e da sua resposta atravessada.

— Você está precisando ensinar suas assistentes a se calarem diante de seu chefe – ele disse com uma expressão fechada, dirigindo-se a mim. — Mas apesar disso, até que gostei... Ela é bem esquentadinha – percebi que a Leo tinha se irritado e parecia se segurar para nada dizer. Olhou-me pedindo permissão, a qual eu concedi com um leve aceno de cabeça.

— Eu não preciso ser calada. E esquentadinha é minha mão na sua cara – ela arqueou uma sobrancelha, desafiando-o.

— Devia escolher melhor seus assistentes, por isso que essa galeria não vai pra frente... – ele falou com desprezo, mas eu logo levantei o dedo indicador, indicando os papéis que ele estava na mão.

— Pense bem nas suas palavras, Lucas. Esse contrato está assinado e validado – pisquei pra ele. — Agora se nos der licença... Tenho assuntos a tratar. Nada que você possa entender... – sorri de canto. Ele despediu-se irritado e saiu da galeria sem mais delongas.

— Quem era o babaca? – Leona me perguntou logo que ele saiu.

— Meu ex-marido – respondi, observando uma expressão de surpresa surgir em seu rosto, sendo substituída logo em seguida.

— Filho da... – eu a interrompi, fazendo um aceno de cabeça. Ela se calou, mas continuava irritada. Apesar de eu não gostar muito de ciúmes, achei graça no jeito dela.

— Ele vai me ceder o espaço para a nossa exposição. Que, aliás... Precisamos conversar sobre quais quadros você vai expor.

— Vem comigo pra casa... Eu te mostro – ela piscou pra mim, com um sorriso no rosto. Olhou para os lados, certificando-se de que não havia ninguém por perto, nem mesmo a recepcionista, que havia saído por um segundo. — Mostro tudo o que quiser ver...

— Assim não tem como resistir – dei uma risada, mordiscando o lábio inferior. — Pode deixar, senhorita Leona. Agora anda, vai trabalhar. Vai, vai!

Ela sorriu divertida e voltou para a sua sala. Eu voltei ao meu trabalho, sem conseguir parar de pensar na cena que se desenrolara. Apesar de eu ter adorado as respostas que ela dera a Lucas, eu o conhecia, e sabia que ele não ia deixar barato. Não costumava deixar que as mulheres falassem daquela forma com ele, principalmente quando ele gostava delas. Eu não era muito ciumenta, mas havia sentido ciúmes de Leona quando ele a cantara. Quando deram oito horas passáei na sala dela, e então fomos juntas para o seu apartamento, apenas passando antes no supermercado. Como eu de vez em quando passava ou dormia lá, já havia deixado algumas roupas minhas. Para nosso jantar eu fiz uma carne assada com arroz, batata e legumes. Leona me contava sobre o que estava achando da galeria, sobre as conversas das outras assistentes, e como estava gostando do trabalho. Eu a observava, alegre, adorando saber que ela se sentia bem no ambiente da galeria. Terminamos de comer e lavei os pratos.

— Ana... – ela hesitou ao me chamar. Eu tinha acabado de me sentar no sofá, com ela ao meu lado.

— Diga, Leo – sorri gentilmente, sentindo suas mãos segurarem nas minhas.

— Eu sei tão pouco sobre você... Não me contou direito sobre sua mãe... Nem sobre seus casamentos – ela mordiscou o lábio inferior, incerta.

— Eu não quero falar sobre isso – suspirei cansada, já sentindo a tensão em meu corpo.

— Eu gostaria de saber – ela apertou suas mãos nas minhas e eu voltei a suspirar.

— É muita coisa para uma garota como você suportar – tentei ser firme, ainda que sentisse que não ia conseguir.

— Sou mais forte do que pareço – aqueles olhos me encaravam como se quisessem me desnudar a alma, e eu estava prestes a deixar.

Comecei a contar-lhe sobre a briga que eu e minha mãe tivemos, de forma detalhada, e ela se assustou com os termos que foram usados na discussão. Contei sobre como minha mãe me tratava desde criança, sobre como era difícil conviver com ela, diariamente sendo insultada, ouvindo que nada do que eu fazia era suficiente. Contei-lhe sobre meus casamentos, o quanto minha mãe os prezava e me desprezava por tê-los desfeito. Falei sobre como foi o casamento com Lucas, o porquê eu pedira o divórcio, depois sobre como me casara com Ricardo e de como tudo terminara. Ela ouvia a tudo com atenção, com uma expressão de tristeza no rosto e as lágrimas descendo pelas suas bochechas. Eu tentava não chorar, mas sentia minha voz

embargada, sentindo ser cada vez mais difícil continuar a falar. Eu nunca havia me aberto assim para ninguém, nem mesmo para Janaína. Por alguns segundos eu parei de falar, com dificuldade de respirar, e só então ela falou, com a voz quase falha.

— E você enfrentou tudo isso sozinha?

— Sim. Ser reservada faz parte de quem eu sou... Mas nunca houve ninguém, Leo. Ninguém para estar lá por mim – senti minha voz ceder, um nó na garganta que mal me deixava continuar.

— Eu estou aqui por você, Anastácia – ela respondeu tentando me passar segurança. Sorri, achando fofo por ela tentar me ajudar.

— Obrigada, Leo. Mas... Acho que... – ela me interrompeu.

— Eu estou aqui. Olhe pra mim – ela segurou mais forte em minhas mãos, fazendo-me olhar em seus olhos. Respirou fundo, e aquela demora estava me matando de ansiedade. — Você é incrível, Anastácia. A mulher mais incrível que eu já conheci em toda a minha vida. Você é bonita, muito bonita, supersexy, mas também é muito mais do que isso. Você é *linda*. Decidida, esperta, mandona, o que eu adoro, por sinal – ela sorriu e eu ri entre as lágrimas. — Batalha pelos seus sonhos, trabalhadora, inteligente e muito, muito forte. Você é misteriosa, Anastácia, um enigma. Talvez por isso tão poucos te conheçam de verdade – um sorriso sincera apareceu seus lábios trêmulos.

— Eu... Obrigada... Ninguém nunca me conheceu de verdade, Leo – as lágrimas desciam livres, e eu já não conseguia conter aquele emaranhado de emoções dentro do peito.

— Eu quis te conhecer desde o primeiro dia em que te vi, lembra? Queria lhe desvendar... Descobrir quem você é. Você me fascina, loira. – seus olhos brilharam, e eu senti meu corpo estremecer. Estava ficando difícil respirar, pesado.

— E você conseguiu – abaixei a cabeça, sorrindo. Ela se inclinou em minha direção, encostando sua testa na minha, tão próximas, mas sem nos olharmos.

— Feche os olhos, Ana. E só abra quando eu disser – ela me pediu, e eu obedeci. Eu sentia sua pele encostada na minha, com o calor emanando do seu corpo. Respirei fundo, e só então ouvi sua voz, mais baixa que o normal, quase sussurrando. — Eu amo você, Anastácia – senti meu corpo todo estremecer, a respiração ficando mais rápida, o coração acelerado. — Eu quero você, loira. Só pra mim. E eu não quero estar com mais ninguém. Eu quero ser sua. Me deixa te desvendar, Anastácia. Me deixa te amar – a última frase saiu quase inaudível, e eu já não conseguia segurar a tempestade de sentimentos que eu me tornara.

— Eu te disse isso na primeira vez em que fizemos amor, Leona – eu respondi baixinho, mas com firmeza. Agora eu não precisava mais esconder, não precisava mais negar o que estava tão claro dentro de mim. — Eu sou sua. E agora... Você é minha. Eu... Eu também amo você – suspirei, sendo preenchida por uma alegria e um alívio imensos. Ela começou a rir, sua testa quase desencostando da minha, conforme seu corpo se agitava.

— Verdade? É sério isso, loira? Mesmo? Posso acreditar?

— Por acaso está insinuando que eu estou mentindo? – perguntei desconfiada, quase desencostando nossas testas. — Posso abrir os olhos, afinal? Ou vamos ficar assim eternamente?

— Claro que pode! – ela respondeu apressada, e logo que abri meus olhos, afastando-me, ela se jogou em cima de mim, beijando-me com paixão, distribuindo beijos por todo o meu rosto, fazendo-me gargalhar.

— Para! Sua louca, para com isso! – eu respondi, e quando ela finalmente se acalmou, continuou deitada em cima de mim, com a cabeça recostada em meu peito, abraçando-me. Eu alisava seus cabelos, passando meus dedos pelos cachos castanhos.

— Aqui é tão confortável... – ela falou, ajeitando sua cabeça.

— Claro, você está deitada nos meus seios – arqueei uma sobrancelha.

— Eles são macios. – ela riu. – É sério! – ela virou-se de frente, encaixando o rosto entre meus seios, esfregando-se em mim.

— Leo! – eu comecei a rir, segurando em seus cabelos e puxando-os, afastando seu rosto. — Tá louca, garota? – ela não me respondeu. — Leo? Morreu aí, foi? – voltei a sorrir, cutucando sua barriga.

Ela soltou uma risadinha, mas não me respondeu. Ajeitou-se em cima de mim, indo um pouco mais pra cima, ficando com o rosto bem próximo ao meu. Encostou seu nariz em meu pescoço, respirando em mim, fazendo minha pele arrepiar. Começou com leves mordidas em meu pescoço, depois mordiscou o lóbulo da minha orelha, e eu arrepiava com seus toques leves. Aos poucos Leona voltou a descer, beijando o colo dos meus seios, abaixando as alças da minha blusa, mordendo meu ombro direito, depois o esquerdo, demorando-se nos carinhos. Eu gemia baixinho, com as mãos passeando por seus cabelos, arranhando de leve suas costas. Segurei em seus ombros, tentando puxá-la para cima, e quando seu corpo se inclinou, com ela se apoiando no braço do sofá, com sua cabeça bem acima da minha, segurei em seu rosto com ambas as mãos, trazendo-a para um beijo intenso e demorado.

Suguei seu lábio inferior, mordiscando-o, e voltei a beijá-la apaixonadamente. Ela se entregou àquele beijo, deixando o corpo pesar sobre o meu, e eu coloquei minhas pernas por sobre as suas, prendendo-a a mim. Deixei-me levar pelos meus sentimentos, beijando seu pescoço, seu rosto, seu ombro, por vezes apenas encostando os lábios e a ponta do nariz na sua pele quente. Leona se arrepiava inteira, gemendo baixinho de olhos fechados. Então ela voltou a deitar a cabeça em meu ombro, com o nariz e a boca encostados em meu pescoço, e eu passei as mãos por debaixo da sua blusa, acariciando levemente suas costas, deixando que meus dedos escorregassem por sua pele. Estávamos em completa sintonia, ligadas não apenas pelo desejo, mas também pelo carinho, por um sentimento muito maior. Ficar deitada assim, com o corpo tão colado ao dela, trazia uma sensação boa, de conforto, de pertencimento, de encaixe. Algo completamente diferente de tudo o que eu já experimentara.

Após um tempo Leona se levantou, com um sorriso no rosto, segurando-me pela mão. Eu retribuí seu sorriso, levantando-me e seguindo-a sem questionamentos. Não havia necessidade de palavras. Ela me levou até o seu quarto e, dessa vez, sem nenhuma pressa, ela me despiu. Retirou cada peça de roupa que cobria o meu corpo, e então me cobriu de beijos gentis e apaixonados. Ao mesmo tempo eu comecei a retirar as roupas dela, devagar, com seu corpo roçando no meu. E quando deitamos em sua cama, voltamos a juntar nossos corpos. As carícias eram intermináveis, os beijos apaixonados, conhecendo o corpo uma da outra. Os toques, ainda que às vezes ousados, foram bem diferentes dos das outras vezes.

Explorei seu corpo inteiro na ponta dos meus dedos, e só então deixei que minha língua trilhasse o mesmo caminho, fazendo com que ela externasse em gemidos todo o prazer que eu lhe proporcionava. De vez em quando meu nome se instalava em sua boca, fazendo-me sorrir. Experimentei seu gosto como se fosse a primeira vez, e foi então, quando seu corpo todo estremeceu, quando ela finalmente explodiu em prazer, com o seu corpo suado e satisfeito, contorcendo-se na cama, completamente linda, que eu finalmente entendi a completude que eu sentia ao estar com Leona.

Capítulo 17

Eu não queria acordar. Tinha medo de que tudo não passasse de um sonho. Senti os braços macios de Anastácia por cima do meu corpo, enquanto ela ainda dormia tranquilamente. Abri os olhos devagar, esfregando-os, e sorri ao vê-la tão linda ainda de olhos fechados. Fiquei admirando-a por alguns minutos, enquanto me lembrava de todas as coisas que foram ditas na noite anterior. Senti meu estômago se revirar de ansiedade e mordisquei o lábio inferior, colocando minha mão sobre a boca para não soltar gritinhos de alegria. Após tanto tempo perto dela eu havia finalmente dito o que estava demorando a dizer. Eu já sabia que a amava há algum tempo, mas tinha tanto medo de que ela não sentisse o mesmo... Ou de que não me retribuísse, ou de que tivesse receio e me afastasse... Eu estava preferindo ficar quieta sobre meus sentimentos a perder o contato quase diário com aquela loira. Mas fazer com que ela me contasse sobre sua vida só me dera a dose de coragem necessária para externar meus sentimentos.

Como que uma mulher tão incrível e especial como Anastácia passara por tudo aquilo? Eu não conseguia entender como dois machistas e cretinos como seus ex-maridos puderam fazê-la sofrer daquela forma. Ao ouvi-la contar sobre como crescera com sua mãe, sobre como ela se sentia desprezada e como tudo aquilo a magoava, eu não consegui ficar calada. Precisava dizer-lhe como eu a admirava, o quanto ela era incrível e especial e, principalmente, o quanto eu a amava. Ouvir que ela retribuía meus sentimentos foi uma alegria tremenda, e aquela noite de amor que tivemos foi como se nada mais precisasse para ser perfeito. Eu estava apaixonada, completamente apaixonada por aquela mulher, e queria lhe dar o mundo. Ela tinha beleza, tinha dinheiro, tinha poder, mas não tinha amor. E era exatamente o que eu queria lhe dar. Mostrar-lhe o quão feliz ela podia ser, o quão apaixonada podia se tornar, o quão especial ela era. Passei os dedos pelo seu rosto, sem conseguir parar de sorrir, encostando meu nariz em sua pele, sentindo seu cheiro bom.

— Bom dia, meu girassol – eu lhe disse no minuto em que seus olhos castanhos se abriram. Ela sorriu, fazendo uma careta, espreguiçando-se na cama.

— Eu prefiro quando me chama de minha loira. – ela me puxou para um beijo calmo, e então sussurrou contra meus lábios. — Mas entendi a referência, e gostei.

— Eu só quis ser romântica – dei de ombros, acariciando seus cabelos. — Mas posso te chamar de minha loira, minha gostosa... Minha mulher... – mordisquei o lábio inferior, um pouco insegura.
— Um pouco cedo pra isso, não acha? – ela arqueou uma sobrancelha. — Tô com fome...

— Ué, vem me comer – pisquei pra ela, colocando suas mãos em meus seios. Ela riu, acariciando-os e depois mordiscou meu ombro.

— Não é dessa fome que estou falando, sua safada – ela sentou-se na cama.

Fomos para a cozinha e eu fiz um café, enquanto Anastácia arrumava nossos lanches. Era sábado de manhã, e para minha alegria ela não tinha nenhum compromisso naquele final de semana. Tomamos café na sala, enquanto assistimos a algum programa na TV, e ela parecia completamente à vontade. Era como se fizesse parte da minha rotina, apesar de não dormir lá sempre, estávamos mais em meu apartamento do que em sua casa. Meu celular começou a tocar e eu me levantei, pegando o aparelho em cima da bancada e atendendo-o. Era Karina, comentando que me via muito pouco, querendo saber o que estava acontecendo em minha vida,

se eu estava disponível naquela noite... Voltei a sentar-me no chão ao lado da loira, sussurrando-lhe quem era ao telefone, e ela pediu para que eu colocasse no viva-voz.

— A Leo talvez esteja um pouco ocupada esta noite... – Anastácia comentou, olhando-me com um sorriso malicioso no rosto.

— *Quem está falando?*

— Aqui é a namorada dela – a loira voltou a falar e eu senti as tais borboletas no estômago uma vez mais.

— *Anastácia? Espera, namorada? COMO ASSIM?* – ela perguntou completamente animada. — *LEONA! ME CONTA TUDO.*

— Isso mesmo que você ouviu, Kah!

— *Como assim isso mesmo que eu ouvi? Eu quero a história completa!* – ela respondeu impaciente do outro lado, fazendo-me rir.

— Quer sair com a gente hoje à noite? – Anastácia perguntou.

— E vamos sair? – perguntei surpresa. — E aquela história de que estaríamos ocupadas?

— Vamos, eu decidi – ela afirmou, e do outro lado da linha Karina tirou sarro, dizendo já saber quem mandava na relação.

Após marcarmos um horário e local para nos encontrarmos, combinei com Bruno e o namorado e Maria e Camila para nos encontrarem lá também. Anastácia serviu-se de mais café e, enquanto o tomava, eu corri no meu quarto e voltei com um bloco de desenho, um lápis, borracha e apontador, e ela me encarou, sem entender. Comecei a desenhá-la, sentada no sofá, com as pernas cruzadas, com a xícara de café entre as mãos, e os cabelos caindo por sobre os ombros, formando pequenas ondas. Ela me olhava de forma intensa e eu queria captar aquele olhar.

Depois de algum tempo desenhando-a, quando o esboço principal já estava pronto, ela estava cansada de ficar no mesmo lugar. Um sorriso misterioso passou pelo seu rosto, ela virou-se no sofá, ficando de joelhos e de costas pra mim, e olhou-me por cima do ombro. Rapidamente virei a folha, rabiscando os primeiros traços das suas costas, do tecido da sua camisola, do olhar e do sorriso que ela me lançava. Eu sabia, desde o primeiro dia que a desenhara, que ela gostava de servir como minha modelo. Gostava de posar pra mim. E aquilo estava virando um hábito. De vez em quando Anastácia fazia uma posição diferente, às vezes mais sedutora, às vezes fazendo careta, e deixava que eu registrasse o momento em meu bloco de desenho.

— Vem aqui – ela ordenou, após um tempo, e eu larguei meus pertences no chão, sentando-me ao seu lado no sofá.

— O que você está fazendo? – perguntei confusa, conforme ela tirava minha camiseta. — Depois a safada sou eu!

— E quem disse que eu vou fazer sexo? Você é mesmo safada, sempre pulando para essa opção... Agora fica quieta – eu obedeci, enquanto ela arrumava meu cabelo, deixando alguns cachos por cima dos ombros.

Ela se levantou e deu alguns passos, sentando-se no chão exatamente onde eu estava. Pegou meu bloco de desenho, virou algumas páginas e parou para me observar. Só então eu me toquei de que ela ia me desenhar. Fiquei um pouco sem graça no começo, um pouco tímida, mas ela sorria pra mim, mordiscando o lábio de vez em quando, olhando-me com desejo, e aos poucos comecei a entender aquele sentimento de ser admirada e a vergonha foi passando. Quando ela terminou, trouxe-me o desenho para que eu visse, sentando-se ao meu lado. Estava lindo! Ela também era muito talentosa, e eu jamais soubera disso. Havia desenhado a parte de cima do meu corpo, com alguns cachos caindo em cima dos seios, meu cabelo mais volumoso... Abracei-a, agradecendo, distribuindo vários beijos em seu rosto até que ela me mandasse parar.

Fomos tomar banho juntas, e era divertido quando isso acontecia. Por mais que Anastácia me provocasse, para me tirar dos eixos, eu sempre retribuía com alguma brincadeira boba e a fazia rir, tirando sua concentração para me seduzir. Depois fomos nos trocar para sair à noite e eu escolhi um vestido azul claro, enquanto a loira não se decidia sobre o que deveria usar. Sugeri-lhe o short branco que ela trouxera, pois ela tinha pernas lindas que mereciam ser mostradas. Apesar de hesitar um pouco, acabou cedendo e colocou o short, optando por uma blusa laranja de gola alta. Usou sapatilhas dessa vez, o que não me fez ficar muito mais baixa do que ela. Caso não tenha mencionado, Anastácia era um pouco mais alta do que eu, e de salto alto ficava ainda mais.

Demoramos para sair, pois ficávamos conversando e namorando enquanto nos trocávamos. Fomos para a rua Augusta, tínhamos escolhido um dos barzinhos que ficavam no meio da calçada e, quando chegamos, avistei a mesa cheia com meus amigos. Karina foi a primeira a sorrir e acenar para mim, esperando que nos aproximássemos. Ela me deu um abraço forte, enquanto todos começavam a falar ao mesmo tempo, e eu só conseguia ouvir “Uau, ela é linda!”, “essa é a Anastácia?”, “quem é ela?”, “gente, você tá atrasada, tem relógio não?”, entre outras coisas. Havia dois lugares ao lado de Karina, e eu e Anastácia paramos bem atrás das cadeiras. Estavam sentadas Camila e Maria, do lado de Bruno e o namorado. Olhei para todos, com os rostos ansiosos, apertei a mão de Anastácia, e finalmente falei:

— Pessoal, essa é minha namorada, Anastácia.

— Arrasou, gata! – comentou Bruno, logo depois que pedimos duas cervejas. — Quem diria que ela não só se lembrou de você, como também gamou?

— Pra você ver, ela não conseguiu resistir – comentei sorrindo, dando de ombros. Eu me sentei, com Anastácia ao meu lado.

— Na verdade, você fez questão de não me deixar esquecer da garota irritante que eu conheci – ela me provocou, sorrindo.

— Ui! Adorei! – Camila soltou, começando a rir. — Como que você aguenta ela?

— Eu consigo fazê-la ficar quietinha – a loira piscou pra mim e todos começaram a rir, fazendo com que eu quisesse me enfiar em um buraco.

— Ei! Vida privada, já ouviu falar? – fingi irritação. — Aliás, quem manda nisso aqui sou eu – brinquei.

— Até parece, Leona! – dessa vez foi Karina, virando-se para mim, tomando um gole da sua cerveja. — É visível que você fica de quatro por essa mulher.

— Quase que literalmente – comentou Maria, com o rosto corado, fazendo todos rirem.

— Essa eu gostaria de ver... – Anastácia arqueou uma sobrancelha, divertida, fazendo com que todos fizessem “ohhhh” em conjunto.

— Vamos mudar de assunto? – tomei um gole do meu copo.

— Leona!!! – Camila me chamou a atenção, batendo com as mãos na mesa, assustando todo mundo. Ela parecia animada. — Não vai acreditar! Minha priminha linda saiu do armário! – ela olhou para Maria, que ficou ainda mais vermelha, parecendo reflexo da cor do cabelo.

— Obrigada por anunciar – ela franziu o cenho.

— E daí? Todo mundo aqui é gay, Maria! Menos eu... – Camila apontou pra si mesma, voltando a rir. — Mas se aparecesse uma loira dessas na minha frente, te juro que eu virava facinho, facinho...

— Então vem, Camila! Mulher é bom demais, gente! – comentou Karina, o que logo fez com que Bruno protestasse.

— Fica hetero mesmo, amiga, homem que é bom! Posso atestar!

— Se fosse tão bom assim, Anastácia não tinha trocado de lado – rebateu Camila.

— Aliás, isso eu tenho que perguntar: não sentiu falta de nada não, Anastácia? – Karina perguntou diretamente para a loira ao meu lado, e eu arregalei os olhos, querendo bater na minha amiga. Eu não sei por que ainda me surpreendia com sua falta de semancol. Todos na mesa olharam para minha acompanhante, curiosos pela sua resposta.

— Se querem mesmo saber, os dedos da Leona fazem um bom trabalho – um sorriso malicioso apareceu em seu rosto, e eu bati com a mão na testa, querendo sair correndo dali e me esconder de vergonha. Por mais que eu estivesse acostumada a sexualizar tudo nas conversas com meus amigos, estar com Anastácia ali como namorada me deixava tímida e sem jeito. — Mas até que pode rolar uns brinquedinhos se ela quiser...
— Ana! – eu quase engasguei com o gole de cerveja que tinha acabado de tomar, fazendo com que todos caíssem na gargalhada. — O foco era a Maria – a ruiva olhou para mim desesperada.

— Não! O foco é você e sua nova namorada – ela me fuzilou com o olhar.

— Isso mesmo! – comentou Karina, atraindo os olhares de todos para si. — Seja bem-vinda ao nosso grupo de amigos, Anastácia! Sinta-se à vontade para zoar todos nós e deixar a nossa Leo apaixonada e mansinha, mansinha. Todos nós agradecemos.

— Karina, sua idiota! – bati em seu ombro, fazendo-a rir.

— Ok, falando sério. Você faz nossa amiga feliz e isso nos deixa feliz. Então... – ela levantou o copo de cerveja. — Um brinde ao novo casal! – todos brindaram e, de canto de olho, observei um sorriso enorme no rosto da minha loira.

— Obrigada – ela começou, colocando o copo de volta na mesa, e todos pressentiram que Anastácia iria dizer algo sério, especialmente porque ela tomou fôlego, parecendo um pouco nervosa, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Tudo isso ainda é muito novo para mim... E significa muito ser tão bem recebida assim no grupo de vocês. Eu realmente não

esperava... Que fosse tão... Natural... Eu... – ela começou a se enrolar nas palavras, e eu segurei sua mão por cima da mesa, tentando lhe passar confiança.

— E não é – Karina comentou, fazendo com que olhássemos para ela. Ela estava séria, o que acontecia poucas vezes. — Cada um de nós tem lutas diárias contra o preconceito, tentando viver da melhor forma, o mais normal possível, sem que sejamos julgados ou condenados por isso. Não é fácil, nunca é. Mas cada conquista é celebrada. E quando estamos juntos, nada pode nos parar. Buscamos a felicidade, mesmo que nos pequenos momentos – todos concordavam com as cabeças, sem nada dizer.

— Eu não sei se eu conseguiria... – Anastácia confessou, gentilmente soltando minha mão, os braços para baixo, colocando as mãos no colo. Uma expressão séria tomou seu rosto. Eu engoli em seco, e meu olhar cruzou com o de Bruno. Naquele mesmo instante pensamos a mesma coisa.

— Quando não for mais possível conviver com essa mentira, você conseguirá – Karina terminou, olhando para Anastácia. A loira sustentou o olhar, com a respiração alterada. Todos podíamos sentir a pequena tensão na mesa, e então dei graças a Deus por Camila ser uma palhaça.

— Gente, não consigo mais esconder: eu sou lésbica! – minha colega atraiu a atenção para si, e logo uma conversa mais animada e menos pesada tomou conta da mesa.

Eu não conseguia entender como tudo podia acontecer em tão pouco tempo. Anastácia mudava de uma hora para outra. Ela parecia bem receptiva sobre toda essa nova parte, aceitando sair com meus amigos, conversando com eles, indo para bares comigo, mas então, de repente, mudava de posição, ficava na defensiva, com receio das outras pessoas, demonstrando que talvez não conseguisse lidar com aquilo. Estava me deixando bem confusa, para falar a verdade. Apesar da tensão, tentei relaxar, segurando em sua mão, fazendo brincadeiras, tentando deixá-la mais confortável. Quando tudo terminou, voltamos para meu apartamento, e a loira permaneceu calada durante o caminho. Aquilo estava me matando de nervosismo. Tentei puxar conversa algumas vezes com ela, mas sem sucesso. Entramos em casa e eu já não aguentava mais aquele silêncio.

— O que foi aquilo que aconteceu hoje lá no bar? – perguntei logo que entramos em meu quarto.

— Nada – ela se limitou a dizer, tirando os sapatos e deixando-os ao lado da cama. Tirou os brincos e o colar, colocando-os em cima da minha penteadeira.

— Você ficou esquisita. Parecia tudo certo... – falei ainda na defensiva.

— Leo... – ela suspirou, parecendo cansada. Sentou-se na minha cama e olhou pra mim, séria. — Isso tudo é muito novo para mim. Não me sinto segura e eu não gosto de estar nessa posição. Tenha paciência, sim? – ela sorriu de canto e eu me aproximei. Seus braços envolveram minha cintura e ela acariciou meu rosto gentilmente.

— Tudo bem... Mas eu prefiro que fale comigo. Se não quiser ir a qualquer lugar, não se sentir bem... Me fala. A gente não vai – mordisquei o lábio inferior, deixando meus dedos se entremearem em seus cabelos loiros. — Mas e aí, gostou dos meus amigos?

— Muito doidos, que nem você – ela sorriu. — Mas eu gostei deles. Foi bom termos saído... Foi bom pra relaxar, me divertir.

Acabamos de nos trocar, deitamos na cama e entre carícias ficamos conversando uma

boa parte da noite. Eu gostava daqueles momentos tranquilos, onde nossos assuntos podiam ser dos mais variáveis. Desde lembranças das nossas vidas a pensamentos, desejos, sentimentos ou seriados favoritos. Apesar de Anastácia ser mais reservada, quando ficávamos em momentos tão íntimos como aquele, ela se deixava levar e abaixava suas barreiras. Sentia-se confortável em partilhar um pouco mais da sua história comigo. Durante a noite eu não consegui parar de pensar no que havia ocorrido. Minha vontade era falar com ela sobre suas inseguranças. Eu gostava de ser direta, era isso ou aquilo, mas sabia que começar a falar sobre aquela noite iria começar uma discussão. Anastácia não parecia receptível para essa parte dela mesma, e eu sinceramente não queria estragar um momento tão bom com ela. Segurei minha vontade e tentei deixar para lá, apesar de saber que aquilo havia me incomodado muito.

Capítulo 18

Estávamos quase no fim da semana uma vez mais e eu havia visto Leona pouquíssimas vezes naqueles dias. Havia muito trabalho a ser feito e eu tivera que passar várias noites com Janaína em meu escritório em casa resolvendo problemas. E sabia que se levasse Leona para lá, eu iria fazer de tudo, menos trabalhar. A morena também tinha os trabalhos de faculdade e passava o resto do dia na galeria. Eu sentia sua falta imensamente e aquilo me incomodava, apesar de estar tão perto dela, tinha que ser bem natural com relação à sua presença. Eu estava em minha sala, lendo as primeiras folhas de uma pilha de documentos, quando meu celular apitou. *"Estava pensando em você, minha loira..."* Eu sorri, digitando uma mensagem para ela. *"Você devia estar trabalhando, Leo."*

Deixei o celular de lado tentando ler mais algumas linhas, mas quando ele apitou novamente eu voltei a sorrir ansiosa, sabendo que já tinha me distraído. *"Eu sei, mas hoje está tedioso aqui, o que posso fazer se ao pensar em arte e obra-prima me lembro instantaneamente de você?"* Mordisquei o lábio inferior, sentindo-me corar. *"Hmmm eu gostava mais quando você era mais sexy do que melosa..."* Eu ri, provocando-a. Claro que eu estava adorando todo o carinho e o mimo com que ela me tratava. *"Admita, loira. Você ama ser minha musa inspiradora, especialmente quando eu sou tão melosa assim..."* Era a mais pura verdade e eu não tinha como negar. *"Sorte a sua que eu me derreto com seu charme, amor. Agora volte a trabalhar rs"* Coloquei meu celular de lado, tentando me concentrar no trabalho.

Mensagens como aquelas começaram a ser constantes entre nós e, para falar a verdade, elas animavam meu dia. Faziam com que meu estresse diminuísse durante o expediente. Às vezes as mensagens eram românticas, outras engraçadas... Às vezes com leves provocações sexuais... Leona me contava que o Gabriel costumava passar em sua sala e conversava com ela, fazia brincadeiras, fofocas, e eu ria dos seus relatos. Ela gostava dele e por mais que estivesse tentada, não contava da sua vida amorosa. Naquele dia na hora do almoço eu resolvi fazer uma surpresa para Leo e, ao invés de sair pra almoçar, desci as escadas e fui encontrar o pessoal na sala de descanso. Quando cheguei, observei que no sofá conversando estavam o Gabriel, a Leona e uma das recepcionistas, Liliane. Ela era de baixa estatura, pele morena, os cabelos lisos e compridos. Estava sentada ao lado de Leona, e conversava animadamente, tocando em seu braço. Comecei a me sentir irritada assim que me aproximei do grupo, tentando sorrir.

— Olá, pessoal. O que temos para comer hoje? – perguntei tentando parecer natural. Leona sorriu quando me viu.

— Olha quem veio dar o ar da graça! Tem bolo na geladeira, a Marília que trouxe – respondeu Gabriel. — Está uma delícia!

— Então, Leo, como eu estava te contando... – a moça voltou a falar, tentando ganhar sua atenção novamente.

Eu abri a geladeira e cortei uma fatia de bolo para mim, pegando-a na mão mesmo e, logo que fechei a porta, encostei-me ao balcão, de frente para os três sentados no sofá. Eu tentava demonstrar desinteresse, já que não estava interada na conversa, enquanto percebia os olhos de Leona de vez em quando se encontrarem com os meus. Quando isso acontecia, ela sorria timidamente, e tentava voltar a prestar atenção à conversa. Liliane era uma moça nova, bem prestativa e simpática, gentil, e isso fazia com que atendesse bem aos clientes que ali chegavam.

Eu sabia que ela tinha um namorado e morava sozinha, e nada mais. Apesar de saber que seria improvável que ela estivesse dando em cima da Leona, eu estava incomodada com aquela aproximação toda. Quando terminei de comer o bolo, não consegui me conter. Bati as mãos nas laterais da calça jeans que eu vestia e passei perto deles, com um sorriso cordial.

— Bom mesmo! – comentei. Os três se viraram para mim e sorriram. — Como vai, Liliane?

— Tudo certo, Anastácia – ela sorriu simpática. — Eu estava aqui contando pra Leona sobre aquelas lojinhas que eu te falei outro dia. Achei umas roupas lindas e diferentes por um preço ótimo!

— Precisando de roupas novas, Leona? – arqueei uma sobrancelha, provocando-a.

— Na verdade, sim. Muitas das minhas roupas mais básicas acabam ficando sujas de tintas e cheias de manchas.

— Lá tem uns vestidos lindos de frente única, acho que podem ficar bem em você. – Liliane deu uma olhada de cima a baixo no corpo de Leo e aquilo me fez arder de raiva. Respirei fundo, tentando me controlar.

— Sério? Preciso ir lá ver. Será que ficaria mesmo bom? O que acha, Anastácia? – Leo perguntou pra mim, com um sorriso no rosto, cruzando os braços na frente do peito. Minha vontade era dizer como eu adoraria aquele tipo de vestido por poder tocá-la e abraçá-la passando minhas mãos por suas costas, mas me limitei a um:

— Eu acho que ficaria incrível. Bem, me deem licença, preciso ir – sorri e pisquei para Leo, passando por eles e me dirigindo à minha sala.

Meu celular pessoal tocou, era meu pai. Suspirei, sentindo meu bom humor indo por água a baixo. Ele veio me perguntar o que acontecera naquela semana que minha mãe passou em casa, pois ela estava insuportável e dizendo o quão mal-educada eu era e como a havia tratado mal. Contei-lhe o que Marta havia feito, que tinha chamado Ricardo e me insultado primeiro. Ele prometeu que ia conversar com ela, mas eu sabia que aquilo não teria muito efeito. Nunca tivera. Fiquei me perguntando como seria se Carlos soubesse do meu relacionamento com Leona. Ele nunca gostara dos meus maridos, para ser sincera, e seu desejo sempre fora que eu encontrasse alguém que gostasse de mim e pudesse fazer tudo por mim. Imaginava que ele fosse gostar de Leo, do seu jeito atrevido e direto, e iria se divertir com suas palhaçadas. Eu gostaria de levá-la para um almoço com ele, para conhecê-lo, mas tinha minhas dúvidas de que isso um dia fosse possível. O que me fazia lembrar daquele dia no bar.

Eu sabia que Leona se incomodava com essa minha insegurança, mas eu não conseguia evitar. Uma coisa era sair com ela para bares e boates que o público LGBT frequentava, conhecer seus amigos... Outra coisa era sair com ela para outros lugares, para os eventos que eu precisava ir, conhecer pessoas influentes, andar na rua... Por mais que muitas pessoas não gostassem do fato de eu tomar a frente em relação aos negócios, era natural e muitas vezes esperado me ver ao lado de homens, pessoas influentes no mundo das artes, colegas, amigos... Por mais que eu gostasse de quebrar as regras sociais, eu sabia que o jogo de interesses em que eu vivia demandava brincar com as aparências, a sedução e os negócios. Estar com uma mulher mudava tudo. Eu tinha receio de que pudesse perder oportunidades e novos parceiros com aquele relacionamento. Pelo menos no meu círculo de conhecidos influentes não havia mulheres

lésbicas, apenas homens gays, que acabavam sendo mais aceitos talvez por conta dos estereótipos.

Por muitas vezes eu chegava em casa pensando em como estava me sentindo desconfortável comigo mesma, por estar em uma posição tão insegura. As palavras da amiga de Leona me vinham à mente e eu sentia raiva. Não queria admitir que aquilo estava me incomodando. Naquela noite voltei para casa com Janaína. Estávamos no escritório, ambas sentadas no sofá de couro, conversando sobre os preparativos para a exposição. Precisávamos decidir algumas coisas com antecedência, contratos de locação, vários outros pormenores, mas eu simplesmente não conseguia me concentrar e logo isso se tornou visível.

— O que houve, Ana? – a morena me perguntou, fitando-me por cima dos óculos. Ela estava sentada de pernas cruzadas, curvada, de frente para mim.

— Nada, eu... – tentei argumentar, mas seu olhar de “eu não acredito” me desarmou. Respirei fundo, com o braço apoiado no encosto do sofá, encostando minha cabeça nele. — Ok... Tenho estado muito confusa... E isso me incomoda.

— Eu imagino. Aliás, como tem sido com Leona? Sabe que não sou de perguntar, mas não posso deixar de comentar que estou curiosa. – ela sorriu, retirando os óculos para limpá-los, colocando-os de volta.

— Incrível, pra ser bem sincera. Muito melhor do que eu esperava –sorri bobamente. — Eu... Bem... Ela disse que me ama – Janaína fez uma expressão surpresa e ansiosa. — Foi um momento bem tenso, mas romântico ao mesmo tempo – mordisquei meu lábio inferior, fechando os olhos por apenas alguns segundos.

— Uau! E aí, o que você respondeu?

— Que eu a amava também...

— Quem diria... A Anastácia sedutora solteirona finalmente apaixonada e amando! – ela me provocou, rindo logo em seguida. — Eu fico feliz por você, amiga. Feliz por você estar bem.

— É, ela me faz bem, Jana. É muito atenciosa, romântica e me faz sentir especial.

— Olha, nunca imaginei que ia te ver assim. – ela encostou a cabeça na parede onde o encosto do sofá estava. — Mas o que te incomoda?

— Eu estou com medo – finalmente admiti para outra pessoa e para mim mesma. — Medo de perder coisas que eu conquistei por causa desse relacionamento...

— Não acha que está sofrendo antes da hora? – ela me perguntou séria. — Mas pense bem. Eu estou ao seu lado desde o começo e sei o quanto você precisou lutar e se sacrificar para ter a posição que tem hoje.

— É exatamente esse o meu medo...

— Mas também sei o quanto sofreu por causa de amor e das pessoas erradas. E se ela for a pessoa certa, Ana? Valeria a pena?

A pergunta ficou no ar por algum tempo. Muitas coisas passaram pela minha cabeça, muitas dúvidas. Eu não ia conseguir mais me concentrar então Janaína deu aquela noite por

encerrada. Deixamos para resolver o resto no dia seguinte. Depois que ela foi embora eu fui até a cozinha, pegando uma garrafa de vinho e servindo uma taça para mim. A campainha tocou e eu chequei o horário no relógio que ficava ali no cômodo. Já era quase onze horas da noite, quem poderia ser? Janaína tinha chave e, se tivesse esquecido algo, era só ter entrado de novo. Andei até a sala e abri a porta, dando de cara com uma Leona sorridente e animada.

— Leo! O que faz aqui? Veio sozinha? – perguntei preocupada, deixando-a entrar e fechando a porta logo atrás de si. Ela tinha passado perfume e eu senti aquele cheiro bom logo depois que ela passou.

— É assim que me cumprimenta? – Leona colocou as mãos na cintura, fazendo pose. Eu abracei-a, cumprimentando-lhe com um beijo saudoso nos lábios. — Vim sozinha sim, queria lhe fazer uma surpresa.

— Eu adorei. Janaína saiu agora a pouco e eu estava me sentindo um pouco sozinha mesmo nessa casa enorme – confessei. Puxei-a pela mão, levando-a até a cozinha, onde eu tinha deixado minha taça de vinho. Servi uma para ela também.

— Para ser sincera, também tenho sentido muito sua falta, loira. – ela me abraçou por trás, beijando meu pescoço, e eu sorri. Percebi que ela parou de falar e tinha o olhar fixo na porta da cozinha que dava para a parte de trás da casa. — O que foi?

— O que tem lá fora? – ela perguntou curiosa e me soltou, seguindo até a parte de trás. Eu fui atrás dela. Havia um jardim, todo o espaço era de grama baixa, e tinha uma piscina que eu raramente usava. E foi ali que ela parou. — Como assim você tem uma piscina e eu nunca percebi?

— Você nunca se importou em querer sair muito do meu quarto quando vem aqui... – respondi dando de ombros.

— Vamos nadar? – ela me olhou esperançosa e ansiosa.

— Agora? Está muito tarde pra isso, Leo. E um pouco frio também. – tentei puxá-la para dentro, mas ela se desvencilhou do meu braço.

— Sim, agora! E daí? Eu te esquento – ela sorriu e retirou a camiseta laranja que usava.

— Acho melhor não, Leo. Vamos entrar...

— Está ficando velha, Anastácia? – ela me provocou, tirando a calça e jogando-a longe, desafiando-me. Encarei-a por um minuto, pensando, e então me decidi.

— Vamos ver quem é a velha aqui – respondi já tirando minha calça jeans e a camiseta folgada que eu usava, jogando-as no chão.

Leona me observava divertida, eu sabia que ela adorava me ver cheia de atitude daquele jeito. Retirei o sutiã e a calcinha e, completamente nua, pulei na piscina. Quase me arrependi, a água estava gelada e eu comecei a resmungar logo depois que voltei à superfície. Estava morrendo de frio e Leona ria da minha cara zangada. Mas não demorou muito para que ela fizesse o mesmo e pulasse na piscina, dessa vez me fazendo rir ao constatar que a água estava realmente gelada. Logo depois de ela emergir, seu corpo se juntou ao meu, prensando-me contra a borda da piscina, beijando-me de forma apaixonada.

— Me lembre de virmos para a piscina mais vezes – ela sorriu beijando meu pescoço.

— Com certeza vou lembrar... Ter você assim, toda nua e molhadinha pra mim? – eu provoquei, sentindo seu corpo se arrepiar com meu toque em sua pele. Ela voltou a me beijar, roçando seu corpo no meu.

— Você gosta? – ela sussurrou.

— Se eu gosto? Eu adoro... – mordisquei seu queixo, colocando minhas mãos em volta da sua cintura. — Leo... Nesse sábado vai ter uma exposição que eu preciso ir... – ela me olhou desconfiada, mas esperou que eu continuasse. — E eu queria que você fosse comigo.

— Mesmo? – ela me perguntou esperançosa.

— Sim. Você é minha artista oficial agora, é bom que vá comigo, que conheça alguns investidores, alguns pintores e donos de outras galerias. Mas... – eu hesitei e ela me encarou. — É apenas isso. Minha artista.

— Ana – ela suspirou irritada, soltando-me, nadando para o outro lado da borda. Fiz o mesmo, mergulhando um pouco, voltando à superfície perto dela. Leona estava de costas, com os braços apoiados na borda.

— Leo... – eu a abracei por trás, descansando minha cabeça em seu ombro. — Eu sei o que você queria, mas eu ainda não posso. Você vai ver como são esses eventos e é importante para mim, para nós, que eles gostem de você e do seu trabalho – ela permaneceu em silêncio e eu continuei. — Espero que entenda... E eu quero você do meu lado.

— Eu sei... Mas é frustrante. Eu não queria ter que esconder. – ela se virou pra mim, encarando-me. — Quero poder sair com você como minha namorada, sem ter que ficar me policiando ou fingindo uma coisa que não sou.

— Me desculpe, querida. Eu entendo. Eu também gostaria, mas no momento ainda não posso fazer isso – ela parecia ter perdido todo o bom humor.

— Espero que seja temporário. Eu não vou me esconder, Anastácia. Não posso passar minha vida inteira assim... E eu quero ficar com você, amo você, e quero poder mostrar isso pro mundo. Como a minha mulher é linda e incrível e perfeita. – ela colocou as mãos em meu rosto, acariciando minha pele úmida, e sorriu.

— Mas... Precisa mostrar...? Se exibir...? – quando dei por mim já tinha falado, e ela rapidamente se zangou comigo.

— Anastácia! – Leona fechou a cara, indignada. — Não sei nem por onde começar a bronca. Não é se mostrar, nem se exibir. Só quero o direito de poder sair com minha namorada pelas ruas, ir ao cinema, ao shopping, assim como todo mundo. Andar de mãos dadas... E que tom foi esse aí? Pelo que eu saiba, você é a primeira a se exibir – ela me provocou.

— E daí? Você se incomoda com isso? – perguntei irritada.

— Na verdade, não. Posso ser ciumenta, mas acredito que você pode se vestir como bem entender. E não vejo problema em se exibir, vestir-se de modo tão sexy como você faz... – ela voltou a me olhar cheia de desejo.

— Vamos ver – eu respondi. Ela continuou dizendo que não, mas eu já a conhecia o suficiente para saber que provavelmente ela se incomodaria.

Capítulo 19

Naquele sábado à noite eu estava na casa de Anastácia novamente. Eu já estava pronta e esperava sentada na poltrona em seu quarto, ansiosa demais para conseguir ficar quieta. Ela ainda estava se arrumando, e estava deslumbrante. Por um momento meus olhos pousaram em seu corpo, coberto por um vestido vermelho comprido, justo, marcando suas curvas, com pouco decote, mas com uma abertura nas costas. Era salpicado de pedras brilhantes, fazendo pequenos desenhos nas laterais e cintura. Seu cabelo caía em ondas pelos seus ombros. Ela estava colocando um par de brincos e, quando terminou, encarou-se no espelho de corpo inteiro, admirando-se. Eu sorri por um breve momento, observando-a. Mas eu estava preocupada e nervosa e não conseguia esconder. Ela olhou para mim e seu rosto se iluminou. Aproximou-se, colocando as mãos nos braços da poltrona, e me deu um selinho nos lábios. Encostou sua testa na minha e aquilo me acalmou um pouco.

Anastácia não disse nada, não havia muito mais o que dizer. Seria a primeira vez que eu iria a um daqueles eventos e ia ter que me segurar e ser apenas sua artista. Ela me prometera que tentaria ao máximo ficar junto comigo, mas não era garantido. No momento em que deixamos sua casa deixamos também sua zona de conforto e toda nossa intimidade. Como ela já havia me contado, Gabriel foi buscá-la, e apesar de ele nada saber, como trabalhávamos juntos, conversava animado sobre os mais variados assuntos. Por um momento eu ri das suas piadas e consegui conversar um pouco, até chegarmos à exposição. Ele estacionou o carro ali perto e saímos os três. Eu andava ao lado de Anastácia e, antes de entrar, ela apertou minha mão, apenas por um momento, mas foi o suficiente para eu saber que ela queria dizer que tudo estaria bem. O lugar era muito bonito, um espaço pequeno, mas bem arrumado. As peças estavam dispostas no meio do salão, e os quadros pendurados nas paredes. Havia várias pessoas por ali, todas muito bem vestidas, com taças de champagne nas mãos.

Quando entramos muitas pessoas cumprimentaram Anastácia de longe, que sorria em resposta. Ela avistou o artista que estava expondo e logo fomos até ele. Ela parecia muito à vontade e esbanjava simpatia. Comentou como eram bonitos os quadros, que finalmente ele havia tido coragem de mostrá-los e que ele tinha muito talento. Só então ela se virou pra mim, colocando a mão em minhas costas, apresentando-nos.

— Paulo, essa é a Leona, minha mais nova artista. É pintora e desenhista, e muito talentosa por sinal – o moreno sorriu, era mais alto do que eu. Estendeu sua mão, cumprimentando-me, sorridente, parecendo interessado.

— Prazer, senhorita. Sério? Preciso ver seus quadros! Anastácia sabe como eu adoro conhecer novos colegas – ele piscou pra mim.

— Claro que eu sei. E você faz muito além de conhecer. – ela sorriu simpática e eu continuava com um sorriso congelado no rosto. — Aliás, faremos uma exposição com a nova coleção no início do próximo ano, estou lhe contanto em primeira mão. Poderá ver por si mesmo. Não é, Leona? – ela me olhou, incentivando-me a falar.

— Com certeza. Espero que possa ir à exposição, estaremos lhe esperando. E eu adorei seus quadros, são muito bonitos – respondi tentando parecer simpática.

— Um convite desses não tem como recusar. Se me dão licença, preciso ver os outros convidados – ele sorriu e se afastou, indo recepcionar mais pessoas à entrada. A loira se virou

para mim, confidenciando:

— Esse é o Paulo Fabbert e essa já é sua quinta exposição. Ele tem se mostrado uma pessoa bem influente, adora ir às exposições e compartilhar das técnicas de outros artistas. Ele conhece muita gente e com certeza, se gostar do seu trabalho, irá querer levar outras pessoas para lhe conhecer.

— Por isso esse excesso de simpatia – comentei e ela revirou os olhos, divertida. — E é assim com todos eles?

— Geralmente, sim. São pessoas bem egocêntricas, adoram elogios e nunca lhe dão nada se não receberem algo em troca. Está vendo aquela moça loira ali? – ela apontou discretamente para uma moça loira de vestido preto que estava admirando um dos quadros. — Ela é mulher de um dos donos de uma filial de bancos daqui de São Paulo. Adora arte, e o marido faz tudo o que ela quer. É convidada para todas as exposições de arte e é tratada como se fosse uma rainha, porque se ela gostar de alguma obra, ela compra, não importando o preço.

— E você vai me apresentar pra ela também?

— Sim, mas não é o momento. Ela não gosta de bajuladores, como se implorassem um convite. Além do fato de que ela não gosta muito de mim. – Ana fez uma careta e eu arqueei uma sobrancelha, encarando-a. Ela revirou os olhos, ao se explicar. — Seu marido gosta de mim e todas as vezes que me vê dá um jeito de se aproximar e me passar alguma cantada, mesmo que discreta. Não importa o quanto eu tente cortá-lo. E ela odeia não ser o centro das atenções. Por isso eu mando Janaína para encontrá-la em algum lugar, como se fosse coincidência, e assim, sem querer, comentar sobre o artista que estamos lançando. Geralmente ela já relaciona com alguma técnica que a mulher goste, chamando sua atenção.

— Mas ela vai às suas exposições? Mesmo não gostando de você? – perguntei confusa.

— Sim. Apesar de não me suportar, a arte é mais importante pra ela. Só que ela não leva o marido. Ela sabe que sempre acabo descobrindo artistas muito bons, então ela se veste de uma falsa simpatia por breves momentos, e acaba sempre comprando algum quadro comigo.

— Que mundo pequeno – ouvimos uma voz masculina perto de nós e logo nos viramos para ver um homem de estatura baixa, óculos de aro, e postura impecável. Ele sorria para nós, mas pude perceber seu olhar ardente para o corpo de Anastácia.

— Dr. Olavo, mundo pequeno mesmo – ela o cumprimentou com dois beijos no rosto, curvando-se, e pude perceber a mão dele em sua cintura.

— E a senhorita... – ele sorriu para mim e quando pretendia me cumprimentar da mesma forma, apenas estendi-lhe a mão, ainda que sorrindo.

— Leona. Prazer em conhecer.

— Prazer todo meu – ele me deu uma piscadela e senti antipatia por ele.

Por um momento eles começaram a conversar e eu me senti excluída da conversa. A todo instante ele dava um jeito de tocar em Anastácia, seu braço, sua cintura, suas mãos... Elogiava-a... E por mais que eu pudesse perceber que ela estava desconfortável e tentava se desviar dos toques, ainda que cordialmente, eu não conseguia aceitar aquilo. Estava irritada com aquela situação e, como sabia que era importante pra ela, afastei-me com a desculpa de que iria

dar uma olhada na exposição. Caminhei um pouco, observando as pinturas nas paredes. Os quadros eram pinturas abstratas, de cores vivas, e me peguei imaginando o que significariam. Até que eu havia gostado das pinturas. Parei em frente a um quadro tingido de vermelho em vários tons, do mais claro ao mais escuro, como se a pintura estivesse escorrendo em toda a sua extensão.

— Entediante, não acha? – voltei-me para a dona da voz. Uma moça negra, com os cabelos compridos e cacheados presos no alto da cabeça, e olhos escuros estava parada ao meu lado. Ela estendeu-me uma taça de bebida, a qual eu aceitei.

— Um pouco, pra ser sincera – comentei, observando-a. Ela era bonita, usava uma saia cinza de cintura alta, blusa branca de mangas compridas, e tinha um sorriso lindo.

— Primeira vez? – ela arqueou uma sobrancelha e eu concordei. — Normal. Na minha primeira estava tão chato que eu me concentrei nas taças de *champagne* e saí de lá achando tudo extremamente divertido... Menos a parte de quase ser colocada pra fora – ela começou a rir e eu ri junto, adorando sua risada.

— Você fez isso? Difícil imaginar uma mulher como você pagando um mico desses.

— Pra ser sincera... – ela sorriu e olhou para os lados, certificando-se de que ninguém estava ouvindo-a. — Na maior parte das vezes estou de tênis e camiseta, e sou desastrada desde criança. Você não acreditaria em quantos micos já paguei.

— É muito mais confortável – comentei. — Ah! Eu com certeza gostaria de ouvir mais sobre seus micos!

Ela me contou algumas de suas histórias, e eu, prestando atenção a cada detalhe, ria junto com ela ao final de cada uma. Aquela mulher era bem divertida e eu já estava em minha segunda taça. De repente, senti uma mão envolvendo minha cintura de forma firme, e por um segundo olhei assustada para o lado. Anastácia já estava parada junto a mim e, apesar de estar sorrindo, eu já sabia decifrar seus olhares. Ela parecia... Desafiadora? Sentia-se... Ameaçada? Eu não tinha certeza, mas o modo como ela me segurava com certeza me dizia algo.

— Eu te deixo sozinha por alguns minutos e você some.

— Ela estava comigo – a moça respondeu, olhando-a nos olhos, sustentando o olhar mortal de Anastácia. — Eu vim lhe fazer companhia, não quis deixá-la sozinha, ainda mais em sua primeira vez. – ela piscou pra mim, o que me fez sorrir.

— Obrigada, Bruna. Mas não há necessidade. Ela veio comigo – disse firme, e rapidamente concluiu: — Como minha artista – por um breve momento me senti bem, mas no minuto seguinte estava morrendo de raiva.

— Sim. Iremos fazer uma exposição no ano que vem e você está convidada para ir ao evento. Eu adoraria se você fosse – comentei.

— Com certeza eu vou. Quero conhecer mais sobre sua arte. Vai ser interessante. – a moça sorriu pra mim e Anastácia logo respondeu:

— Esperamos você lá. Agora nos dê licença – e saiu me puxando pela mão para o outro lado da galeria. Paramos em um canto, lá no fundo, e Anastácia se virou para mim, parecia furiosa.

— Eu te deixo um segundo e você já vai logo se engraçar justo com a Bruna? – ela me fuzilava com o olhar e eu não estava entendendo nada.

— Ué, você estava toda interessada no mão-boba lá, achei melhor deixar vocês dois “tratarem de negócios”. E o que tem a Bruna? Ela foi bem simpática em conversar comigo sem nem me conhecer – respondi impaciente.

— Simpática? – ela perguntou irônica. — Simpatia só se for para te levar pra cama – ela soltou e eu finalmente entendi sua irritação.

— Quer dizer que... – eu comecei a rir.

— Sim – ela estava com uma expressão séria.

— Devia ter deixado, já que hoje você não é nada mais que minha chefe – comentei sarcástica e ela voltou a me olhar furiosa.

— Não brinque comigo, Leona.

— Admita, Ana. Você está morrendo de ciúmes.

— Eu não... – mas eu a cortei.

— Admita – ficamos nos encarando por alguns segundos, uma sustentando o olhar da outra, até que fomos interrompidas.

— Ora, ora se não são minhas mulheres favoritas – ambas nos viramos ao ouvir a voz de Lucas. Ele se aproximou com as mãos nos bolsos, usando um terno branco e sapatos pretos, impecavelmente vestido, e um sorriso convencido nos lábios.

— Como se isso fosse verdade. – a loira deu de ombros. — O que você quer?

— Não seja tão dura, Anastácia. Só vim me desculpar com a Leona pelo modo que eu a tratei naquele dia. – e virando-se para mim, continuou. — Você tem razão, eu fui um babaca. Espero que aceite minhas sinceras desculpas.

— Desculpas aceitas.

— Se me permite dizer, você está linda nesta noite. Aliás, ambas... Anastácia está deslumbrante, como sempre. – ele a olhou com cobiça, e meu ódio por aquele cara só aumentou.

— Ela é deslumbrante – eu comentei antes mesmo que pudesse me segurar. Ele me olhou curioso, mas apenas concordou.

— Sim, com certeza. Eu gostaria de saber se você não aceitaria jantar comigo numa noite dessas. – ele sorriu pra mim, tentando ser agradável, e logo Anastácia interveio.

— Lucas, eu já pedi para você parar. A Leona não está disponível.

— Ah, não? – ele me olhou curioso, e apesar do olhar desesperado da loira para cima de mim, eu estava tão irritada com sua postura naquela noite, que desmenti.

— Estou sim. Mas infelizmente trabalho até tarde e não vai... – ele me interrompeu.

— Ah, tenho certeza que Anastácia pode te liberar um dia mais cedo. E quero conversar sobre

seu trabalho, sobre a exposição que pretende fazer...

— Eu não... – eu tentei protestar. Sair com o ex-marido de Anastácia era a última coisa que eu queria na vida. Eu sentia raiva dele e do modo como a tratava. Mas Lucas me interrompeu novamente.

— Eu não vou aceitar um ‘não’ como resposta. Anastácia sabe como posso ser insistente – ele sorriu, e eu ia retrucar, mas ela foi mais rápida.

— Vamos ver – Anastácia respondeu contrariada.

Ele se despediu de nós e não demorou muito para que fôssemos embora. Anastácia estava novamente quieta. Voltamos para sua casa e ela entrou batendo as portas, como um furacão. Estava morrendo de raiva, e eu sabia que não deveria mexer com ela, mas não consegui me segurar. Eu a segui até o seu quarto, subindo as escadas atrás dela.

— Você devia mesmo aprender a ficar calada! – ela disse ríspida logo que eu entrei no quarto.

— Eu não sabia que ele ia me chamar pra sair!
— Isso mesmo, você não sabia, você não o conhece, por isso mesmo que devia ter me deixado lidar com ele.

— Do mesmo modo que você lidou com aquele velho nojento? – cruzei os braços em frente ao peito.

— O que você quer dizer com isso? – ela me encarou, parando o que estava fazendo.

— Eu não quero dizer, eu estou dizendo. Lembra-se do que me disse? Que ninguém põe a mão em você se você não deixar? Então você deixa?

— Não! Eu não deixo, eles simplesmente... – ela tentava argumentar, gesticulando, mas eu já estava de saco cheio.

— Não, Ana. Você deixa. Eles não têm que te tocar se você não quiser. Não me venha com essa de “são apenas negócios”. Você não é um negócio! Você é minha namorada, e eu não gosto de ver esses caras passando a mão em você! Me dá raiva!

— Isso porque me disse que não ia ter ciúmes – ela sorriu irônica.

— Não são ciúmes. Eu sou ciumenta, mas isso é falta de respeito. Não só comigo, que estou com você, mas com você mesma – eu lhe respondi já um pouco mais calma. Por alguns minutos nos encaramos intensamente. Eu podia perceber que eu a havia atingido com minhas palavras.

Ela me deu as costas, pensativa, retirando o vestido e colocando-o no cabide. Apesar de não gostar de deixar assuntos inacabados, eu estava cansada demais para continuar aquela conversa. Estava chateada, magoada, e não queria mais discutir. Eu ficava poucas vezes em sua casa, mas havia deixado algumas roupas minhas por lá. Peguei a roupa de dormir e me deitei em sua cama, virando-me para o lado. Anastácia nada mais disse, trocou-se e, após ir ao banheiro, deitou-se na cama também, do lado direito. Ficamos uma de costas para a outra, e eu demorei a dormir, refletindo sobre tudo o que havia acontecido. Eu entendia seu medo, entendia seu receio, e odiava pressioná-la, mas eu havia prometido para mim mesma que não viveria daquela forma. Eu podia não saber muito do mundo em que Anastácia vivia, mas sabia que aquilo era uma

prisão para ela. E eu não queria ser enclausurada, muito pelo contrário. Queria ajudar a libertá-la.

Capítulo 20

No momento em que coloquei a cabeça no travesseiro, não pude mais segurar as lágrimas. Eu sabia que Leona estava ouvindo, nossas costas estavam juntas, uma contra a outra, mas nenhuma de nós queria ser a primeira a virar. Eu estava com tanta raiva quando chegamos em casa! Foi a primeira vez que senti ciúmes de Leona e só então entendi o que ela vinha sentindo. Sempre achei que ela não tinha nada para me ensinar, especialmente por ser tão nova e ter tido tão poucas experiências, e lá estava eu, aprendendo milhares de coisas todos os dias com Leona. E apesar de eu não querer admitir, ela estava certa. Eu havia saído de dois casamentos em que me tratavam mal, em que os homens me tratavam como objeto, e estava orgulhosa por ter tomado uma atitude. Tinha orgulho por ter construído uma carreira, por ser dona do meu próprio nariz, por não ter ninguém mandando em mim. Mas não percebi que estava seguindo o mesmo tipo de comportamento que eu tanto tentara quebrar. Eu nunca me incomodei de sair com outras pessoas, de dormir com vários homens, porque era o que eu queria. Se eu queria sexo, e ele queria sexo, qual o problema?

Mas aquelas situações nos eventos eram completamente diferentes. Eu deixava que homens flertassem comigo e aguentava as situações simplesmente porque era mais fácil, porque nenhum deles levava a sério uma mulher no comando. Quão burra eu estava sendo? Havia fugido de Lucas por ele pensar dessa forma, mas eu continuava tentando agradá-los com medo de que não fosse aceita naquele meio. Eu estava revoltada, com raiva de mim mesma por ter me permitido isso. Por não ter visto que apesar de querer quebrar aquelas convenções sociais, eu estava participando de uma. E eu odiava ter brigado com a única pessoa que estava me fazendo tão bem nos últimos tempos. Eu amava aquela garota, e para ser sincera, não estava feliz como nós estávamos tendo que nos relacionar. Apesar do medo, eu tinha vontade de poder sair e andar com ela e apresentá-la para as pessoas. Leona já havia me dito que não queria se esconder, e eu sabia o quão infeliz ela estava em ter que fingir que não éramos um casal. Minha cabeça doía, e eu estava exausta, cansada demais para considerar qualquer coisa.

Quando acordei, naquele domingo de manhã, vi-me sozinha na cama. Por alguns segundos fiquei com receio de que ela tivesse ido embora, mas visualizei sua mochila e suas roupas da noite anterior em cima da poltrona e suspirei aliviada. Levantei-me da cama, perguntando-me onde ela poderia estar. Conforme desci as escadas já comecei a sentir o cheiro do café que vinha da cozinha. Aquilo me fez sorrir, trazia uma sensação de conforto e familiaridade. Entrei no cômodo e logo vi Leona de pé, de costas pra mim, em frente ao balcão da pia, passando o café. Seus cabelos estavam embaraçados, e ela estava de pijama ainda, mas estava tão bonita! Eu gostaria de poder acordar com ela assim todas as manhãs. Aproximei-me dela e segurei em sua cintura, abraçando-a por trás cheia de carinho. Pude sentir seu corpo se retesar e depois relaxar.

— Me desculpa, meu amor – eu sussurrei, dando um beijo em seu pescoço.

— Eu tô brava com você. – ela tentou fazer uma careta, mas com outro beijo começou a sorrir.

— O que eu posso fazer pra você me desculpar? Hein? – agarrei-me mais ao seu corpo, distribuindo beijos pelo seu pescoço e rosto, enquanto ela ria.

— Minha resposta seria café, mas eu já estou fazendo. Você dormiu a manhã toda – ela bufou e revirou os olhos.

— Se é assim... – tirei o bule de suas mãos e peguei duas xícaras no armário. Coloquei um pouco em cada xícara e entreguei-lhe uma delas. — Pronto, aqui está seu café, Leo – sorri marotamente.

— Engraçadinha. – ela me deu um beijo rápido nos lábios. — Você estava chorando ontem, loira? – seus dedos acariciaram a linha do meu maxilar, e eu suspirei, quase fechando os olhos com o carinho.

— Eu fiquei pensando em tudo o que me disse... E percebi quantas decisões erradas tenho tomado – respondi sincera, olhando-a nos olhos.

— Me desculpe por ontem também, Ana. Eu estava frustrada e com raiva – ela desabafou, tomando um gole do café. Eu fiz o mesmo, sorrindo logo depois.

— Ambas estávamos. Mas obrigada, Leo. – eu sorri, e para dar uma melhorada no clima, continuei. — Ah e você me disse que podia ser uma trovoada... Até que é uma tempestade e tanto! – ela começou a rir gostosamente.

— Estou aprendendo com você, Anastácia furacão. Aliás, isso parece nome de funkeira.

— Nossa! Não! – revirei os olhos fazendo uma careta. Era um tipo de música que eu não apreciava. O celular dela vibrou no bolso e ela logo pegou o aparelho. Começou a digitar uma mensagem e eu logo perguntei. — Quem é?

— Minha mãe – ela me respondeu ainda olhando as mensagens. — Disse que está em São Paulo e queria me ver.

— Fala para ela vir aqui. A gente pode sair pra almoçar – eu respondi e Leona me olhou espantada, arregalando os olhos.

— Você está louca, Ana? O que tinha nesse café?

— Que foi? – dei de ombros, sorrindo. — Apesar de sua mãe já me conhecer, está na hora de ela saber que estamos oficialmente juntas. Não acha?

— Tem certeza...? – apesar da pergunta, pude perceber um brilho em seu olhar e um sorriso enorme abrindo-se em seu rosto. Concordei retribuindo o sorriso e seus dedos ágeis digitaram a mensagem. — Minha mãe aceitou, como sempre. Disse que passa aqui lá pelas 13h.

— Ótimo. Tem um restaurante aqui perto que serve uma comida deliciosa, acho que eles vão gostar.

— Tenho certeza que sim – ela se jogou em meus braços e me beijou diversas vezes no rosto, fazendo-me rir. — Odeio brigar com você. Se ainda tivesse um bom sexo depois da briga...

— Estava demorando. – dei um tapinha em sua bunda e ela riu.

Subimos para trocarmos de roupa, algo bem casual. Eu optei por um short e uma blusa soltinha preta e salto alto, e Leo resolveu colocar um macacão jeans com uma camiseta e tênis. Enquanto eu estava no quarto recebi algumas mensagens de Janaína, comentando sobre o evento da noite passada, várias pessoas gostaram de Leona e estavam interessadas em ver seu trabalho. Ela achava que seria interessante disponibilizar um dos quadros que não estariam na coleção para o público ver. Respondi-lhe que podíamos pensar nisso e escolher uma das obras.

Estávamos na sala esperando que os pais de Leona chegassem e ficamos conversando. Começamos a decidir quais quadros ela ia expor, o que ela estava pintando, quantas pinturas já tinha... Ela gostava de pintar e desenhar mulheres, geralmente em situações cotidianas, retratando suas expressões no momento em que as via, ou que as imaginava. Leo já tinha dez quadros prontos, e eu estava pensando em torno de vinte para a exposição. Havia alguns meses ainda, estávamos quase em outubro e eu estava pensando em deixar para meados de fevereiro.

— E então, como está indo o trabalho? – perguntei, sentada ao seu lado no sofá, com suas pernas sobre as minhas.

— Muito bem, na verdade. Eu gosto bastante das meninas de lá, e elas parecem gostar de mim também. São bem simpáticas, engraçadas...

— Fico feliz que esteja gostando tanto da galeria. Trabalho com essa equipe já faz um tempo e gosto muito deles. – ouvimos um carro buzinando do lado de fora e nos levantamos.

Entramos no carro, na parte de trás. O pai de Leo me cumprimentou, ele estava na direção, parecia simpático. Usava óculos escuros, tinha cabelos pretos já com alguns fios brancos, e um corpo atlético. Ao seu lado estava a mãe dela, Tatiana. Ela estava toda animada por sairmos. Eu indiquei um restaurante que tinha pensando em na região de Pinheiros, e eles concordaram. O pai dela, que eu descobri se chamar Sérgio, disse já ter ido àquele restaurante algumas vezes. Sentada ao lado de Leo, eu segurava sua mão na minha, com as pernas cruzadas, enquanto íamos conversando sobre a cidade. A mãe dela comentou como estava contente de poder vir visitar a filha várias vezes, de que seu marido também gostava de São Paulo e de que eles estavam felizes por eu ter dado uma oportunidade para Leona na galeria. Ela comentava animada sobre o seu trabalho, e eu fiquei apenas escutando na maior parte do tempo.

O restaurante era um local agradável, estava com pouca gente. Apesar de pequeno, era um local íntimo e muito aconchegante. Escolhemos uma mesa perto da janela, em frente ao ar-condicionado, para quatro pessoas. Sentei-me ao lado de Leona, de frente para a mãe dela, com o seu Sérgio ao seu lado. O restaurante era à la carte, e pedimos as bebidas e filé a JK com os acompanhamentos. Depois de uns vinte minutos de conversa, o nosso pedido chegou.

— Então, filha, como têm sido esses tempos? Com o trabalho? – perguntou dona Tatiana, colocando um pedaço de carne na boca.

— Cansativo. Estudo de manhã, trabalho à tarde... E no tempo livre faço os trabalhos de faculdade e as pinturas e desenhos – Leona respondeu, terminando a Coca-Cola do seu copo e servindo mais da lata.

— Estamos preocupados de que seja muita coisa pra administrar – comentou o pai dela, tomando um gole do refrigerante, com o rosto sério.

— É puxado, mas eu consigo – ela respondeu confiante.

— E você, Anastácia? Leona me contou que você é dona da galeria. Que mundo pequeno, não? – a mãe dela comentou, com um sorrisinho no canto dos lábios.
— Sim. Quando nos conhecemos, eu não fazia ideia de que ela pintava.

— Há quanto tempo está no ramo? – perguntou Sérgio.

— Alguns anos... Oito, para ser exata. No começo era uma galeria pequena... Aos poucos fomos aumentando. Vocês deviam passar lá qualquer hora pra conhecer – sorri simpática. — Aliás, após ver os quadros de Leona, eu decidi expor seus trabalhos em minha galeria – eu sorri, observando a alegria tomar seus rostos de repente.

— Mas que ótima notícia! – a mãe dela foi a primeira a falar.

— Estamos orgulhosos de você! – seu pai sorriu sinceramente e eu senti um aperto no peito. Essa era uma frase que eu sempre desejara ouvir, mas nunca ouvira.

— E essa não é a única boa notícia... – Leo comentou, colocando sua mão sobre a minha em cima da mesa, entrelaçando nossos dedos. Dona Tatiana percebeu o gesto, abrindo um sorriso enorme no rosto. – Queríamos contar que... Anastácia é minha namorada – esperamos alguns segundos, e eu engolia em seco, nervosa com a reação deles.

— Eu sabia! – a mãe dela começou a rir de alegria. — Eu não disse que você ia entrar pra família? – ela piscou pra mim e eu comecei a rir.

— Eu... Fico feliz por vocês – o pai dela parecia mais contido. — Ainda não a conheço muito, Anastácia, mas Leona fala muito bem de você. Como minha esposa gostou de você, acredito que eu também vá gostar – ele sorriu ao final da frase.

— Você está oficialmente bem-vinda à família. – a mãe dela respondeu alegre, levantando o copo para fazermos um brinde.

— Muito obrigada, de verdade – eu sorri, tentando não me emocionar com a reação deles.

O almoço foi bem agradável, depois disso começamos a conversar sobre o trabalho do pai dela, e eles me convidaram para viajar para a sua cidade natal, para conhecer a casa deles. Eu também os convidei para conhecer minha casa e minha galeria, disse que as portas sempre estariam abertas para eles. Passamos um tempo juntos e eles tiveram que ir embora, já que eram quatro horas de viagem até sua cidade. O pai dela nos levou para minha casa novamente, e no caminho dona Tatiana ligou o som do carro, cantando músicas dos anos 70 em alto e bom som. Eu já podia ver da onde Leona tinha puxado aquele lado cantora e dançarina. No banco de trás do carro ela queria se esconder de vergonha, principalmente quando sua mãe me pedia para cantar junto. Seu Sérgio fingia braveza, mandava-a ficar quieta, mas isso foi só até começar a tocar uma música do Van Halen, e lá estava ele cantando também. Eu ria das caras e bocas de Leona. Quando chegamos em casa, eles se despediram de nós, prometendo-nos fazer uma nova visita logo que possível.

— Ai, Ana, desculpa meus pais... Eles são doidos de pedra! – Leona entrou falando, jogando-se no sofá da sala.

— Estou acostumada, eu convivo com você, esqueceu? – levantei uma sobrancelha, juntando-me a ela no sofá.

— Ei! – ela reclamou, deitando a cabeça no meu colo, enquanto eu acariciava seus cabelos castanhos.

— Mas eu gostei deles... São bem legais. E reagiram muito bem quando você contou.

— Ah, sim... Eles estão acostumados com isso. Já conheceram outras namoradas minhas – ela

respondeu dando de ombros.

— E eles não disseram nada sobre eu ser mais velha? – mordisquei o lábio inferior.

— Não muito, nada além das preocupações de mãe. Ela sabe que eu gosto de mulheres mais velhas, e isso não faz muita diferença pra eles.

— Sabe... Eu gostei mesmo de conhecê-los, e gostaria que pudesse ter pais assim. – suspirei, sentindo uma pontada de tristeza. Leona passou a mão pelo meu rosto, acariciando-me, sorrindo gentilmente pra mim.

— Você pode não ter pais assim... Mas tem um sogro e uma sogra assim! – ela respondeu. — Você pode adotá-los como pais postiços. Garanto que eles não vão ligar!

Meu celular começou a tocar e eu tirei-o do bolso, atendendo-o logo em seguida. Era Janaína, dizendo que precisávamos conversar sobre os detalhes da exposição. Aproveitei que eu estava com Leona, e a chamei para ir até minha casa. Fiz uma garrafa de café para passarmos a tarde e, logo que minha assistente chegou, fomos até a cozinha. A morena me olhava curiosa, mas nada disse, era bem discreta. Começamos a ver os detalhes da exposição, os convidados que já haviam confirmado informalmente o convite, as pessoas que ainda faltavam... Precisávamos marcar a data certa da exposição. Eu queria um pouco depois do Ano-Novo, pois muitas pessoas viajavam para a data festiva com a família e muitas vezes estendiam um pouco. A exposição duraria em torno de um mês, dependendo do sucesso, dava para estender por quase dois.

Já era quase sete horas quando Janaína foi embora e resolvemos tomar um banho. Eu entrei primeiro na banheira, esperando que Leona fizesse o mesmo, mas ela voltou correndo para o quarto. Achei esquisito e chamei-a algumas vezes, até que ela reapareceu com o caderno de desenho em mãos. Ela sentou-se na outra ponta da banheira, começando os primeiros traços, enquanto me observava.

— Você não cansa de me desenhar? – perguntei jogando um pouco de água em suas pernas, provocando-a.

— Para! Vai molhar o papel! – ela disse fingindo se zangar, levantando os braços com o bloco. — Não, não canso. Eu nunca me canso de olhar pra você. – ela sorriu tenramente.

— Mas por que me desenha tanto? – perguntei intrigada.

Durante os últimos tempos Leona sempre estava com um bloco em mãos, ou quando não o tinha, estava desenhando em qualquer pedaço de papel que podia. Ela me desenhava em momentos variados, e apesar de eu realmente adorar que ela o fizesse, queria entender por que.

— Porque eu gosto de captar o momento, como se fosse uma foto que a gente tira no momento perfeito, sabe? A sua expressão... Seu jeito... Seu sorriso... Seu olhar... – ela sorriu apaixonada, mordiscando o lábio inferior.

— E por que então não tira uma foto? – arqueei uma sobrancelha, provocando-a.

— Porque quando eu desenho, faço com minhas emoções – ela respondeu meio impaciente, enquanto continuava rabiscando no papel.

— Sabe, Leo... Eu também desenho, e entendo todas as técnicas e até mesmo suas razões para

desenhar... – eu sorri, aproximando-me dela, apoiando-me na beirada da banheira, com a cabeça deitada em cima do meu braço. — Mas ainda me surpreende o tanto de paixão que você coloca neles.

— Meus sentimentos por você estão expressos em cada traço e esboço, e, cada pintura e em cada toque. – ela levantou os olhos do papel e me encarou. — Lembra-se do girassol?

— Como poderia esquecer? – ela riu com meu comentário, provavelmente se lembrando de toda a cena que se desenrolara depois.

— Aquele quadro mostrou o quanto você significa pra mim. E é o mesmo com esses desenhos.

— Você é incrível, Leo – eu sorri, segurando em suas pernas e mordiscando sua coxa. — Você me faz sentir tão especial. Tão... Única – minhas mãos começaram a passear por seu corpo e ela começou a se desconcentrar.

— Ana... Para... Vai me fazer errar... – sua respiração estava mais falha, o que me fez rir, sem parar o que estava fazendo.

— Já desenhou demais, não acha? Está na hora de provar a original.

Capítulo 21

— Bom dia, meu amor – eu ouvi a voz de Anastácia, com um beijo delicado em meu rosto. — Está na hora de acordar, Leo... Ou vai se atrasar.

— Me deixa dormir, Ana – resmunguei, ainda sonada, tentando me esconder com o edredom.

— Vamos, Leo. Levanta... – ela passou suas mãos pelo meu rosto, acariciando minhas bochechas e me dando outro beijo.

— Isso é bom. – eu sorri, mas estava tão gostoso ficar naquela cama. — Só mais cinco minutinhos...

A loira resmungou alguma coisa que eu não entendi, estava mais preocupada em voltar a dormir. Ela saiu da cama e eu a pude ouvir no banheiro. Ótimo! Ela realmente havia me dado alguns minutinhos a mais. Ouvi seus passos de volta para o quarto, ela se aproximou do lado em que eu estava deitada, imaginei que ela fosse deitar comigo. Eu não poderia estar mais enganada...

— Ahhhh! Meu Deus! – senti a água gelada em minha cabeça e sentei em um pulo, completamente perdida. — Socorro, estou me afogando! – balancei a cabeça diversas vezes, tentando entender o que havia acontecido. Passei a mão pelo rosto, com os olhos arregalados, e só então divisei a loira parada à minha frente, segurando um copo vazio, gargalhando da minha reação. — Anastácia, sua filha da puta! – eu estava tremendo, e não sabia se de raiva ou de frio.

— Eu preciso lavar sua boca com sabão – ela comentou, colocando o copo em cima da mesinha de cabeceira e cruzando os braços em frente ao peito. — Agora você está bem acordada!

— Isso é lá jeito de acordar a namorada? – eu respondi de mau humor, com cara de poucos amigos. — Estou toda molhada! E com frio... – resmunguei em uma careta.

— Eu tentei te acordar com todo carinho e amor, mas você não quis. O que posso fazer? Da próxima vez vai ser um balde – ela me provocou, aproximando-se de mim. — Adoro você toda molhada... – mordeu o lábio inferior, beijando-me os lábios.

— Ah, gosta, é? – abracei-a rapidamente, puxando-a para cima da cama, com meu corpo em cima do dela.

— Leona! Para! Você... – ela dizia entre risadas. — Está... Molhada! Para com isso! – ela tentava se livrar de mim, tentando ficar brava, mas continuando a rir.

— Só paro se você me fizer café – continuei fazendo cócegas nela.

— OK! Eu faço! Vai já pro banho! – ela conseguiu se soltar dos meus braços, levantando-se.

Ela foi para a cozinha e eu fui direto para o banheiro. Tomei um banho e troquei de roupa, descendo logo em seguida com minha mochila. Anastácia estava na cozinha, o café estava quase pronto. Sentei-me em frente ao balcão, esperando pela xícara de café. Fiquei observando sua cozinha, depois aquela loira parada de costas pra mim, vestindo apenas uma camisola lilás de seda, com os cabelos despenteados... E comecei a sorrir. Tudo aquilo para mim parecia um conto de fadas, um conto de fadas que eu nunca desejara, para ser sincera, nunca achei ser possível. E lá estava eu, experimentando brincar de casinha, e estava adorando.

Apesar de ficarmos separadas às vezes, por causa dos trabalhos de ambas, fazia um tempo que estávamos naquela dinâmica. Às vezes eu passava alguns dias em sua casa, às vezes ela passava alguns dias em meu apartamento... E eu comecei a pensar em como seria morar com Anastácia, acordar todos os dias ao seu lado, tomar café com ela, ir dormir todas as noites em sua cama... Eu desejava aquilo. Mas tinha medo de dizer... Eu percebia como ela parecia querer ir devagar, ter alguns receios... E eu não queria apressar as coisas mais do que já estava apressando. Havia percebido que muitas vezes a gente não nomeava o que estava acontecendo, não havia necessidade, mas estava acontecendo. Já namorávamos antes mesmo de havermos combinado. E por um lado isso era bom.

Depois de tomar o café, Anastácia me deixou na faculdade, e naquele dia foi difícil prestar atenção nas aulas. Eu tinha provas na semana seguinte, e precisava estudar mais. Mas eu estava muito dispersa, e a professora não ajudava, era uma aula que dava sono só de ouvi-la falar. Pedi para que Maria anotasse e depois me passasse caso eu perdesse algum detalhe. Na hora do intervalo sentei com a ruiva e Camila, enquanto comia um salgado e tomava um refrigerante, ficamos conversando.

— Lembra daquela menina da boate? – Maria comentou toda animada. — Então... Estamos saindo!

— Sério? – perguntei sorridente, um pouco mais desperta. — Que bom! E como está sendo tudo?
— Sim! Ah eu estou adorando. Ela é bem legal, gosta bastante de conversar... Estamos indo devagar ainda...

— O que me faz lembrar – Camila se intrometeu, cortando a conversa da prima – como anda as coisas com Anastácia? – ela arqueou uma sobrancelha, fazendo um bico com os lábios, fazendo-me rir.

— Muito bem, na verdade. Acabou acontecendo uma briga esses dias pra trás. – Camila pareceu se interessar, acertando o cabelo curto atrás da orelha, inclinando-se pra frente e se apoiando na mesa.

— Adoro uma treta! – ela comentou rindo. Contei-lhe sobre o que havia acontecido, o episódio na galeria e a briga que tivemos depois na casa da loira.

— Olha, eu até entendo um pouco a Anastácia – Maria comentou hesitante. — É inevitável não ficar com medo de como isso pode repercutir, de não querer aparentar. Receio de como as pessoas vão reagir caso souberem.

— Eu sei. – suspirei. — Mas não imaginei que fosse tanto. E, sinceramente, eu não quero um relacionamento às escondidas. Talvez isso funcione para algumas pessoas, mas não para mim.

— Nem mesmo pela Anastácia? – a pergunta veio de Camila. Demorei alguns segundos para responder, mas por fim disse:

— Não, nem mesmo pela Anastácia.

Por alguns minutos ficamos em silêncio, eu estava um pouco pensativa e sentindo-me para baixo. Estava um pouco frio e eu me encolhi, com os braços protegendo meu corpo. Um grupo se aproximou de nós e o olhei de relance. Devia ter cinco moços com cara de poucos amigos. Sentaram-se à mesa perto da nossa, não paravam de olhar pra mim. Eu já os vira

algumas vezes pela faculdade, tinham fama de mexer com as pessoas, sacanear e fazer bullying. Eu pude ouvir palavras como “viadinho” e “sapatão nojenta” em uma mesma frase iniciada com “não suportamos”. Eles falavam e olhavam diretamente pra mim, mas eu evitei o contato. As meninas perceberam, mas também nada disseram. Fechei a cara, séria. Minha vontade era ir lá bater boca com aqueles idiotas, mas sabia que devia ficar na minha. Nos dias de hoje, não custa muito para ser agredida fisicamente. E o pior: eles ainda acham que têm razão. Mas isso me fez pensar em Anastácia, seu receio de passar por aquilo... Eu não a podia culpar, realmente era horrível passar por aquilo com pessoas que nem sequer lhe conheciam. Camila se levantou e me puxou para sairmos dali, estava quase dando o horário da aula.

— Cadê a putona loira pra defender a sapatão? Mulheres nojentas filhas da... – eu escutei a voz de um deles logo que demos as costas. Senti meu sangue ferver e fechei minha mão. Eu estava louca de vontade de calar a boca daquele cara babaca e quase me virei pra ir tirar satisfação com ele, mas Camila e Maria interviram.

— Fica na sua, Leo – Maria disse baixinho, fazendo com que continuássemos andando.

— Eles não podem falar assim da gente! – eu respondi indignada.

— Eu sei, mas vai ser pior. Pode começar uma briga e a gente não sabe do que eles são capazes. Vamos embora – a loira disse firme, quase me carregando para dentro da sala.

Para ser sincera, eu não gostava muito de sair no braço com ninguém, só havia brigado fisicamente uma vez em toda a minha vida. Após ser insultada por um colega no ensino médio, eu fui tirar satisfação e acabamos rolando no chão com socos e pontapés. Fora isso, só entrava mesmo em discussões. Mas naquele dia minha vontade era falar um monte de verdades para aquele grupinho de gente ignorante, mas Camila tinha razão. Que absurdo, não acha? Ser atacada verbalmente e, ao tentar se defender, ser atacada de forma física. Apenas por estar ocupando o mesmo espaço que eles. Apesar por existir. Tentei deixar o assunto pra lá, prestando atenção às aulas.

Na hora do almoço, logo quando saí da aula, recebi uma mensagem da loira perguntando se eu podia sair com ela. Respondi-lhe que sim, e logo que sai, já a vi parada com a Mercedes no portão da faculdade. Para meu alívio, nenhum daqueles caras estava por lá, o portão estava vazio. Logo que entrei no carro, ela me recebeu com um beijo no rosto, extremamente próximo dos lábios, o que me surpreendeu, por estarmos ali em público. Mas acho ninguém havia visto.

— Para onde você vai me levar? – perguntei desconfiada.

— Será uma surpresa – ela respondeu enigmática, dando partida no carro e seguindo sentido Avenida Paulista.

— Surpresa? Da última vez foi um simples café – comentei contrariada, cruzando os braços em frente ao peito. Não que o passeio tivesse sido ruim, mas eu odiava criar expectativas e elas serem frustradas.

— Não vou te levar para um café, mas garanto que vai gostar.

Fiquei imaginando que tipo de surpresa seria essa. Entramos na Avenida Paulista, passamos pela cafeteria – pelo menos não era lá que ela ia me levar – e então ela estacionou o carro perto da galeria. Eu não podia acreditar! Que raio de surpresa era aquela? Ia me dar carona

para o trabalho, era isso?

— Realmente, Ana, você precisa melhorar suas surpresas – comentei irônica ao descermos do carro.

— Você é muito apressada, garota – ela respondeu colocando os óculos escuros em cima da cabeça.

Entramos na galeria, passando pelas portas de vidro fumê. Só havia uma das atendentes na recepção. Anastácia continuou andando, virando à direita, e eu estava logo atrás dela, um pouco irritada, sentindo-me enganada pela surpresa que não viera. Havia a saleta onde o pessoal devia estar reunido na hora do almoço e, antes de entrarmos lá, Anastácia segurou em minha mão. Estranhei o gesto, lançando-lhe um olhar cheio de dúvidas. O que ela queria? Entramos na sala e realmente vários funcionários estavam lá, inclusive Gabriel, sentado no sofá com Liliane e Marília. Encostada perto da pia estava Janaína, comendo uma fruta e conversando com a outra secretária, Helena. Havia mais dois funcionários lá, Bernardo e César, que lidavam com a parte contábil da empresa. Eu raramente os via, mas naquele dia também estavam ali. Conforme entramos, todos os olhares se voltaram para nós duas. Eu estava começando a ficar sem graça, e tentei soltar minha mão da dela, mas Anastácia segurava-a firmemente.

— Boa tarde – ela disse calma e com um sorriso no rosto. — Eu tenho algo a dizer a vocês, e é bom que estejam todos juntos aqui. Assim não preciso repetir.

— Anastácia. O que... Você... – eu tentei falar, olhando para a loira, com medo de que ela pudesse estar fazendo exatamente aquilo que eu pensava que ela estava fazendo.

— Leona e eu estamos juntas. Ela é minha namorada.

— O QUÊ?!?! – arregalei os olhos. Anastácia sorria calma e certa do que estava falando. Eu, pelo contrário, estava surtando! – Você enlouqueceu? – perguntei baixinho, mas meu comentário foi abafado pelos gritinhos e risadinhas que se seguiram.

— Uau! Sério mesmo? – uma das secretárias perguntou, conversando com Liliane ao seu lado, que respondeu animada:
— Gente que bafo!

— Adorooo! – Helena comentou, parecendo contente.

— Anastácia! – eu voltei a dizer, indignada, perdida. Mas ela apenas sorria, e segurou em minha cintura, puxando-me para perto dela. Aquilo havia me pegado completamente de surpresa. Eu jamais imaginaria uma atitude dessas dela.

— Leo, eles são meus funcionários há anos. Eu conheço a todos. Trabalham comigo e, já que trabalhamos juntas, achei que deviam saber – ela comentou.

— Mas... Mas...

— Leona, querida, relaxa – eu ouvi Gabriel dizer, sorrindo para mim, e então para Anastácia. — Finalmente, hein, querida?

— O quê? – foi a vez de a loira se surpreender, olhando-o sem entender. — Como assim?

— Anastácia, meu amor, você acha mesmo que ninguém percebe as olhadas que você dá pra

Leona quando ela passa? Os suspiros... Os sorrisos... O modo como age quando está perto dela...?

— E-eu achei que... Não... – ela respondeu ficando vermelha, e foi a minha vez de achar graça. — Você sabia disso, Jana? – ela perguntou para a morena, com o rosto sério, irritada. Ela concordou com a cabeça, com um sorriso nos lábios. — E por que você nunca disse nada?

— Porque não cabia a mim dizer. Por mais que eles soubessem ou desconfiassem, é sua vida pessoal, Anastácia. Quem tem que dizer algo, se quiser, é você. E todos aqui sabemos que você é uma pessoa reservada, então respeitamos – todos concordaram com ela.

— Obrigada. Eu agradeço a discrição de vocês. Como eu disse, eu os conheço há tempos, e acredito que isso não vá ser um problema pra ninguém, certo? – ela fez questão de afirmar, e logo que todos concordaram com a cabeça, ela voltou a falar. — Leona continua como minha funcionária, assim como vocês, e tudo continuará como está, sem nenhum tipo de privilégio pelo nosso relacionamento.

— A não ser na cama – comentei baixinho, e a loira rapidamente me censurou com o olhar, enquanto alguns riam do meu comentário.

— Como eu dizia... Apesar de tudo, continuo reservada quanto a minha vida pessoal – ela terminou de falar e todos continuaram em silêncio.

— Acho que todos entenderam o recado, não é? – eu comentei, com todas as atenções voltadas para mim agora. — Tecnicamente não estamos trabalhando, então... Esse anúncio merece uma comemoração, não acham?

— Comemoração? – Anastácia arqueou uma sobrancelha, encarando-me divertida.

— Ué, não é todo dia que a chefe deles anuncia um relacionamento com uma moça tão gata e divertida como eu – pisquei pra ela, arrancando risadas das pessoas.

— Gostei, Leona – comentou Janaína, pegando de dentro da geladeira uma garrafa de vinho. — Vamos lá, galera! Um brinde pra nossa chefe e felicidades ao casal! – ela abriu a garrafa ao som de aplausos.

Todos brindaram, tomando a bebida, e conversando. Eu olhei para Anastácia, que nunca me parecera tão feliz. Ela abraçava Gabriel, que lhe dava os parabéns e lhe dizia que só a queria ver feliz e que nunca imaginara que ela fosse vir para o lado colorido, mas que estava muito contente. Eu sorria assistindo à cena, sabendo o quão importante era ouvir coisas boas e positivas de pessoas com quem convivemos. Muitas vezes não é com a opinião da sociedade que nos importamos, mas com a opinião das pessoas com quem convivemos e que temos afeto. Nossos pais, nossa família, nossos amigos, colegas de trabalho... Pessoas que nos conhecem, que compartilham sua vida com a nossa; pessoas que aos poucos fazem parte do nosso círculo, e com quem nos importamos e vice-versa.

Por mais que suas opiniões não afetem diretamente no relacionamento pessoal, é um sentimento de pertencimento. De aceitação. De que mesmo mostrando um lado seu que a pessoa não conhecia, ela continua sendo a mesma com você, aceitando aquele fato, aceitando quem você é. Eu já havia passado por esse sentimento diversas vezes, desde quando contei para os meus pais que era lésbica até todas as vezes que fazia novos amigos, colegas de estágio, alguns familiares e

pessoas com quem eu convivia por mais tempo. Por um momento me lembrei dos caras da faculdade e daquele sentimento de revolta e tristeza que eu sentira, e fiquei imaginando a reação de Anastácia caso viesse a passar pelo mesmo. Só a imagem daquela mulher tão feliz à minha frente sentindo-se tão mal e triste apenas por ser quem é apertou meu coração. Seria justo com ela? Seria justo comigo? Seria justo com todos nós?

Capítulo 22

Eu havia tomado uma decisão. E para ser bem sincera, eu estava aliviada. Por mais que conhecesse meus funcionários, não podia prever suas reações com relação ao meu namoro com Leona, e foi bem melhor do que eu esperava. Claro que eu ainda agia profissionalmente dentro da galeria, ali não era local adequado. Vida profissional e vida pessoal não se misturavam, na medida do possível, e isso se aplicava a mim também. Durante aquela semana tivemos bastante trabalho. Várias pessoas vieram conhecer a galeria, e no primeiro piso estavam expostos alguns quadros e peças como alguns vasos de porcelana pintados à mão e peças de decoração.

Decidimos deixar um dos quadros de Leona exposto na parede logo no hall de entrada da galeria, e estava dando certo. Naquela semana cinco pessoas que passaram por lá se interessaram pelo quadro. Era uma pintura em aquarela de uma mulher de cabelos dourados libertando-se das cordas que amarravam seus pulsos. Em seus olhos marrons, intensidade. Ao seu redor folhas voando em todas as direções. Algumas manchas de tinta em tons alaranjados e marrons que escorriam pela tela. Não preciso dizer que passei horas encarando aquele quadro exposto em minha galeria, que mil pensamentos me vinham à mente, e que eu me sentia orgulhosa: de mim mesma, de Leona e do seu trabalho.

Naquela tarde uma das pessoas que entraram na galeria e ficou admirando o quadro foi Gabriela Hartman. Ela era uma grande amiga e artista, sua especialidade era arte contemporânea, e adorava as obras de Lygia Clark. Janaína me avisara que ela havia chegado e eu fui ao seu encontro. Logo avistei sua figura esguia, os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo, vestida informalmente de jeans e uma jaqueta marrom escura, e botas de salto.

— Gostou do quadro? – perguntei com um sorriso no rosto, aproximando-me dela.

— Anastácia! – cumprimentou-me alegre com dois beijos no rosto. — Eu adorei! Realmente muito bonito! Gostei das cores... De quem é? – ela perguntou curiosa.

— Leona Carvalho. Eu estou fazendo uma exposição dos trabalhos dela no início do ano que vem. Logo que eu vi me apaixonei por seu trabalho – ela não fazia ideia do quanto aquilo era verdade.

— Imagino que sim! Eu gostaria de conhecê-la.

— Ela trabalha aqui, venha comigo – eu a levei até a sala de Leona. Bati na porta aberta, para nos anunciarmos, e ela logo abriu um enorme sorriso ao me ver. — Leona, tem um minuto?

— Claro – ela se levantou e saiu de trás de sua mesa para nos cumprimentar.
— Essa aqui é a Gabriela Hartman, uma amiga minha e artista. Ela ficou encantada com o seu quadro.

— Parabéns, você tem muito talento e uma sensibilidade enorme. Gostei da paleta de cores que você usou – comentou.

— Obrigada. Eu sempre tento pintar com minhas emoções e sentimentos – Leona respondeu, lançando um olhar pra mim, o que me fez corar. — Já ouvi falar do seu nome... Qual a técnica que você usa?

— Eu gosto muito de pintar com grafite, *street art*...

— Ah, claro! Eu fui a um evento sobre *street art* aqui em São Paulo no ano passado! Lembro que vi uma de suas obras lá... Você é incrível!

— Sim, eu estava expondo lá alguns de meus trabalhos. Obrigada, que bom que gostou! – ela agradeceu sorrindo, e então se virou pra mim, tocando em meu braço de leve. — Aliás, eu vim aqui para lhe convidar para a feira de arte contemporânea que vai acontecer agora em outubro, na Vila Madalena. É a 4ª edição da "Lev'Arte". – ela abriu a bolsa, tirando um panfleto e me entregou.

— Que interessante – comentei observando o panfleto, com Leona ao meu lado.

— Vão ter obras de mais de dez artistas diferentes, incluindo um trabalho meu. Participam pinturas, ilustrações, objetos de design, fotografia...

— Nossa que legal! Com certeza eu vou querer ir – Leona comentou animada.

— E acho que vai ser uma boa pra você conhecer mais gente e falar sobre sua exposição – Gabriela piscou pra ela. — Quem sabe ano que vem não é você lá.

— Com certeza eu e a Anastácia vamos. Deus te ouça! – ela começou a rir.

— Dependendo de como as coisas acontecerem, pretendo sim continuar investindo no trabalho de Leona. Podemos até pensar em uma parceria se você se interessar.
— Claro! A gente fica em contato – ela me respondeu, logo se desculpando porque precisava ir embora.

Naquela semana Leona tinha algumas provas na faculdade e eu concordei que Gabriel a liberasse mais cedo para que ela pudesse estudar. Apesar de suas notas não terem baixado, eu sabia que estava sendo muito puxado o trabalho e a faculdade. Por isso, durante aqueles dias eu só a havia visto na galeria, não passei as noites com ela, ou ela não estudaria o suficiente. Na quinta-feira Marina me chamou para um churrasco em sua casa no fim da noite, ela estava reunindo alguns amigos para festejar e conversar, um pessoal das antigas que fazia tempo que não se via. Concordei em ir, seria bom relaxar um pouco e me divertir. Ultimamente eu só trabalhava e, quando não, estava com Leona em seu apartamento ou em minha casa. Naquela quinta-feira saí mais cedo do trabalho para poder tomar um banho e me arrumar. Fiquei em dúvida se devia ou não avisar Leona de que eu ia sair. Por fim, mandei-lhe uma mensagem antes de entrar na banheira. *"Uma amiga minha me chamou pra um churrasco na casa dela esta noite... Vou dar uma passada lá, reunião de amigos antigos..."*.

Quando voltei para o quarto enrolada em uma toalha, ela já havia respondido. *"Se eu não tivesse que estudar, iria com você, só pra te fazer passar vergonha!"* Eu sorri, imaginando mesmo a vergonha que ela me faria passar. *"Ainda bem que você tem que estudar! Mas confesso que será chato sem você lá..."* E isso era verdade. Eu havia me acostumado com o humor de Leona e de estar sempre com ela. *"Se não estiver aguentando a chatice, me manda mensagem que eu te salvo!"* Fui até o meu armário e escolhi uma calça jeans escura, uma blusa sem mangas florida e uma jaqueta jeans. Após me vestir respondi sua mensagem. "*Só se for com beijos e toques intensos"*. Conversamos um pouco mais e logo eu me despedi, descendo até a garagem e pegando meu carro. Em pouco mais de meia hora eu já estava na região de Morumbi, onde Marina morava. Eu costumava visitar a casa dos pais dela quando adolescente, depois de adulta havia ido à sua casa algumas vezes apenas.

— Ane! Achei que não viria mais. – Marina me recebeu com um beijo no rosto e um abraço apertado. Ela estava linda, com um vestido curto de estampa animal, um colar com um pingente dourado e pulseiras em um dos braços, além do salto alto de sempre. Eu gostava do seu jeito de se vestir, ainda mais pelo *animal print* que ela usava.

— Desculpe a demora, muito trabalho, sabe como que é. – sorri de volta.

— Infelizmente eu sei sim! Vem, já está todo mundo lá fora.

Eu segui a morena até a parte dos fundos da casa, e já pude começar a ouvir o barulho da festa. Realmente já estava todo mundo lá; reconheci algumas pessoas, outras eu nunca havia visto, alguns eram colegas de faculdade. Marina me levou até a mesa onde ela estava sentada, com um pessoal amigo nosso, e todos fizeram festa quando eu cheguei. Lá estavam Kátia com o namorado, Bruno; Lilian, uma das nossas amigas em comum quando estudávamos; Yago com a esposa, Bianca, e Olívia, a qual soltou um grito animado quando me viu.

— Anastácia! Não acredito! – a morena se levantou, abrindo os braços e vindo me cumprimentar.

— Olívia!! Quanto tempo! – abracei-a apertado, feliz em revê-la. — Não sabia que você estava em São Paulo!

— Eu voltei faz alguns meses. Cansei do Rio. – ela sorriu. — Senta aqui! – puxou uma cadeira ao seu lado e eu me sentei.

— Fica à vontade, Ane – Marina se aproximou com um copo de cerveja, entregando-o a mim. — Ali tem bebidas e batidas, e lá naquela bancada tem a comida. Só ir lá se servir. – ela apontou para duas bancadas compridas perto da piscina.

— Você é a famosa Anastácia – era a esposa de Yago que me chamava a atenção. Ela tinha um sorriso simpático no rosto fino.

— Prazer, não tão famosa quanto gostaria. – sorri de volta. — Acho que é a primeira vez que nos vemos, não?

— Sim, eu falei para o Yago me trazer outras vezes, mas ele nunca podia – ela lançou um olhar repreendendo o marido, que deu de ombros, tomando um gole da sua cerveja.

— Ela fala como se a culpa fosse minha. Cada dia ela tem uma coisa diferente pra fazer... SPA, shopping, salão... – ele revirou os olhos.

— Ué, a gente tem que se cuidar, não acha, Anastácia? – ela piscou pra mim e eu concordei.

— Com certeza! Mas já faz um tempo que eu não faço essas coisas... Tenho trabalhado tanto que mal tem me sobrado tempo pra qualquer outra coisa – respondi suspirando.

— Realmente, Charmosa, tô te achando muito certinha... – revirei os olhos ao ouvir a voz de Lilian do outro lado da mesa. Ela sorria. Fazia aquilo só para me provocar.

— Ainda não desistiu desse apelido tosco? – perguntei e ela começou a rir.

— Claro que não! Te chamar de Penélope Charmosa é uma piada que nunca vai ficar velha! – ela tomou mais um pouco de cerveja. — Nunca vou me esquecer daquele dia em que você apareceu

toda cor-de-rosa por causa do nosso trabalho.

— Culpa sua! – comecei a rir relembrando daquele dia em questão. — Você era tão descoordenada que não conseguia pintar um simples quadro! E só uma pessoa muito tapada para confundir com tinta de tecido.

— Caralho! – Kátia começou a gargalhar, entrando na conversa. — Verdade! Depois daquele dia aquela professora chata começou a nos chamar de Ursinhos Carinhosos! – após o comentário todos na mesa começaram a rir.

— E ela deve ter adorado nosso trabalho final no lugar da prova do terceiro semestre... Lembra? Era a representação de quem nós éramos como artistas. A ideia foi do Yago! – eu comentei ao ver o moreno se aproximando da mesa com um prato de carne.

— Minha? Eu só fiz um comentário. Foi você que não desistiu de fazer! – ele respondeu colocando o prato em cima da mesa e voltando a se sentar.

— Fazer o quê? – perguntou sua esposa, curiosa. E foi minha vez de responder:

— Tínhamos que usar uma técnica de arte vista em sala e fazer um trabalho sobre como nos víamos como artistas. Poderia ser um quadro, escultura... O que quisesse. Nós aparecemos com nossos corpos pintados de Ursinhos Carinhosos, cada um com um símbolo na barriga. Começamos a cantar, como na abertura do desenho: “ursinhos carinhos, se precisar é só chamar”. A professora ficou puta! – eu respondi, sem conseguir conter a risada ao final.

— Meu Deus! Vocês são doidos! – Bianca comentou surpresa, rindo também. — Mas duvido que ela deu nota pra isso... Deu?

— Ela teve que dar – seu marido respondeu, e logo Kátia completou:

— Depois de nos apresentarmos, mostramos pra ela nosso verdadeiro trabalho: Yago fez uma pintura com grafite de corações em uma tempestade, representando o Ursinho Zangadinho; Anastácia fez um desenho de corações e uma noite estrelada, parecido com o símbolo da Ursinha Coração, com jogo de luz e sombra, que nós tínhamos aprendido na aula da professora; eu fiz esculturas de cupcakes com pedaços de arame, representando o Ursinho Aniversário, e a Lilian fez uma escultura de barro de um troféu, como o símbolo do Ursinho Campeão.

— Uau! Vocês são criativos, hein? – Bianca respondeu admirada.

Foi muito divertido relembrar esse dia da faculdade. Era uma época em que eu estava sempre com meus amigos, aproveitando a vida, sendo livre. Estávamos um pouco nostálgicos relembrando nossos anos como graduandos e depois a pós-graduação, que alguns de nós ainda fizeram juntos. Eu já devia estar na minha terceira ou quarta garrafa de cerveja. Em um momento da festa, colocaram pra tocar umas músicas brasileiras dos anos 2000, o que acabou animando todo mundo. A bebida já tinha subido, então era só risada. Marina se levantou e começou a dançar, relembrando uma das coreografias, e não demorou muito para que eu e Olívia nos juntássemos a ela. Logo estavam todos dançando e se divertindo.

De repente, senti alguém segurar em minha cintura. Eu me virei surpresa, dando de cara com um dos amigos de Marina, que passara a noite me olhando. Ele era bonito, os olhos castanhos, cabelo arrepiado, de barba e cavanhaque. Eu flertara com ele algumas vezes em que

nos esbarramos nos eventos que Marina promovia, mas era só. Gentilmente sorri, afastando-me dele, fazendo um gesto negativo com o dedo indicador. Voltei para a mesa, sentando-me ao lado de Marina. O pessoal estava no meio de uma conversa, e eu comecei a prestar atenção.

— Eu acho errado, é a minha opinião – o marido de Kátia, Bruno, tinha acabado de soltar essa frase quando eu me sentei.

— Gente, cada um cada um, se ela está feliz assim – Kátia comentou dando de ombros.

— Ah, ela está sim. Pelo que eu soube, cada semana sai com uma – Marina começou a rir, com um sorriso malicioso.

— De quem estão falando? – perguntei, tentando me interar do assunto.

— Daquela nossa colega, a Fabi, lembra? Uma baixinha, de cabelo curto, loirinha.

— Lembro. O que tem ela?
— Virou sapatão! – Bruno foi direto, com cara de poucos amigos.

— Ela não virou, amor, sempre foi. – Kátia comentou, reprovando a fala do marido. — Desde aquela época já desconfiávamos dela. Ela parecia diferente, agia diferente...

— Verdade – comentou Marina. — E ela não conversava muito com a gente, lembra? Ela tinha um grupo de amigos bem alternativos, meio estranhos. Só interagia quando era extremamente necessário.

— Esse tipo de pessoa me dá nojo – ele fez uma careta de novo.

— Deixa a menina, Bruno! A vida é dela. E daí se ela come mulher? – Yago deu de ombros, tomando um gole da cerveja.

— Eu também não gosto não. Não é certo – a mulher dele disse e ele a olhou surpreso.

— Não sabia que você era preconceituosa. Ainda mais porque têm lésbicas na sua família.

— Ah, não é preconceito... É só minha opinião. Não gosto, não acho certo. Mulher foi feita pra gostar de homem. E sabe que ninguém na minha família aceita que minha prima seja assim.

— Opinião bem arcaica a sua – Marina comentou ao meu lado, desaprovando o que a outra acabara de falar. — Mulher não foi feita pra isso, não. Sem falar que existem vários tipos de sexualidade e a gente que não sabe.

— Tá defendendo? Vai ver é sapatão também – Bruno comentou debochado, com uma sobrancelha arqueada.

— E se eu fosse? Não seria da sua conta. Não é problema nenhum ser gay. Nas minhas viagens à Europa conheci vários e são ótimas pessoas – ela sorriu.

— Eu fiquei com uma mulher – a informação saiu sem que eu parasse muito para pensar sobre o que estava dizendo. Todos me encararam surpresos, pois finalmente eu estava dando minha opinião sobre o assunto. Bruno foi o primeiro a falar:

— Você? Duvido, Anastácia. Você não é dessa... Dessa... – eu nem o deixei terminar.

— Dessa o quê, Bruno? Dessa laia? E se eu te dissesse que sou lésbica? – todos ficaram em silêncio e ele pareceu ficar sem resposta, estava muito surpreso com meu manifesto.

— Mas você não é, é? Você foi casada, Ana. Você tem classe. Você... – dessa vez foi Bianca, a esposa de Yago, que falou.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Realmente, vocês têm uma mente muito pequena mesmo. Sim, fui casada, e isso não me impede de sair com uma mulher se eu quiser. Ser lésbica é isso: amar alguém do mesmo sexo; não tem nada a ver com classe, caráter, nem nada.

— Você não respondeu à pergunta – dessa vez foi Kátia que se manifestou, curiosa. Sorri, recostando-me na cadeira, com as pernas cruzadas. Todos me olhavam, eu era o centro das atenções.

— Eu tenho uma namorada, se é isso que vocês querem saber. Se eu sou lésbica? Não sei... Mas se eu a amo? Com toda a certeza.

— Gente, que revelação bombástica! Adoro! – Marina segurou logo em meu braço, eufórica.

— Pô, cara, que legal. – comentou Yago, parecendo contente. — O que importa é você estar feliz.

— Não quero te ofender, Anastácia, mas continuo com a mesma opinião – Bruno estava chocado com a descoberta, mas parecia não querer parecer tão babaca quanto antes, o que não adiantou muito.

— Não quer me ofender, mas ofendeu. De qualquer forma, você pode ter a opinião que você quiser, isso não vai afetar em minha vida.

Então todos ficamos em silêncio, tomando mais um pouco de cerveja, e aos poucos começamos a conversar sobre outras coisas. Pareciam querer evitar voltar ao assunto, mas o clima festivo já não era mais o mesmo. Todos estavam incomodados e eu estava desconfortável de ficar entre eles. Toda aquela cumplicidade que dividimos no começo da reunião não estava mais presente, eu me sentia uma estranha no ninho. Após uma meia hora, Kátia comentou que precisava ir, já estava bem tarde, e ela e o Bruno foram embora, seguidos de Bianca e Yago, que foram logo depois. Olívia, que passou o resto da festa na outra mesa, também já tinha ido e logo sobraram apenas alguns convidados e eu. Marina estava o tempo todo ao meu lado, curiosa, querendo saber mais sobre minha namorada, mas tinha que ir conversar com o resto do pessoal que ainda estava por lá. Prometi que depois conversaríamos com calma e eu lhe contaria a história em detalhes.

Já eram quase duas horas da manhã, e já fazia um tempo que eu tinha parado de beber, então estava bem para dirigir. Despedi-me de Marina e fui embora; as ruas estavam vazias àquela hora da madrugada e havia poucos carros circulando. Quando cheguei em casa, chequei o celular, havia apenas uma mensagem de Leona. *"Infelizmente vou dormir, estou caindo de sono. Espero que tenha se divertido! Boa noite, minha loira."* Um sorriso passou pelos meus lábios, mas por poucos segundos. Eu estava tão cansada... Deixei a bolsa em cima da poltrona em meu quarto, retirando os sapatos e os deixando no chão; logo depois tirei o jeans e a jaqueta, então a blusa. Coloquei as peças de roupa debruçadas no encosto da poltrona. E finalmente, após tirar também a lingerie, encaminhei-me para o espelho. Dessa vez eu não estava admirando meu corpo, nem minhas qualidades, mas esperava, assim, completamente nua, conseguir me

enxergar.

“Quem sou eu?” Repeti essa pergunta algumas vezes dentro da minha cabeça, e eu não conseguia achar uma resposta. Eu havia mudado, não era mais aquela mulher que eu costumava ser. Não pertencia mais àquele mundo, e nem mesmo àquele grupo de pessoas. E ainda não havia conseguido me achar naquele mundo novo para o qual Leona me convidava a morar. Eu estava perdida. Afinal, aonde eu pertencia? Observei meus olhos castanhos refletidos no espelho. A imagem que eu recebi foi de alguém triste, o que me surpreendeu. Eu não era feliz? Era, com Leona. E comigo mesma? Eu estava contente comigo mesma? Com certeza não. Talvez alguns possam chamar isso de crise da meia-idade, mas eu não acho que esse seja o caso. Eu nunca havia parado para me questionar sobre mim mesma, sempre consciente da minha personalidade, meu jeito de ser... Meus gostos... Ideias, pensamentos... Mas mesmo tendo certeza ou quase certeza de tudo isso, nenhum deles respondia à minha pergunta: quem é Anastácia?

Capítulo 23

Acordei naquela sexta-feira pela manhã com uma sensação esquisita. Sentia um arrepio pelo corpo, mas estava nublado, então culpei o frio. Estava com cara de que iria chover e São Paulo com chuva acaba virando um caos na maioria das vezes, especialmente se houver enchentes. Imaginei que eu não fosse voltar para casa na hora do almoço, melhor ir direto para a galeria, então peguei minha mochila e coloquei uma troca de roupa e minha sombrinha. Coloquei algo bem quente por cima do corpo e fui para a faculdade. Eu tinha uma prova ferrada na primeira aula, vinha estudando durante várias noites, e esperava ir bem. Na noite anterior Anastácia não havia dado notícias depois que ela foi pra festa... E eu fiquei esperando que ela me mandasse alguma mensagem, mas para meu desapontamento, não havia recebido nada. Imaginei que ela estivesse enturmada, afinal.

Enquanto estava no metrô, peguei o celular e vi que ela havia me deixado uma mensagem mais cedo. *"Bom dia amor e boa prova. Quero ver você arrasar, garota ;)"* Eu sorri, digitando uma resposta para ela. *"Bom dia, linda, obrigada. Se eu for bem, vou querer uma recompensa."* Eu sabia que ela demoraria a ver o conteúdo, mas não me incomodei. Guardei o celular no bolso e continuei ouvindo música. O tempo estava cinza, tudo parecia diferente e aquela sensação esquisita estava começando a me incomodar.

As duas primeiras aulas eram de Evolução das Artes Visuais, matéria da qual eu tinha a tal prova. Terminei quase em cima do horário-limite. Já estava na hora do intervalo e eu acabei ficando dentro da sala, não estava com fome. Chequei meu celular e não havia nenhuma mensagem de Anastácia. Tentei me aquietar, mas não estava dando muito resultado. Camila tentou puxar conversa durante as outras duas aulas, mas percebendo que eu não estava muito a fim, ela acabou desistindo.

Logo que a aula terminou fui para o banheiro da faculdade e troquei de roupa, depois passei pela cantina e acabei comendo um salgado e um suco, não estava com muita fome. O frio parecia ter aumentado e estava garoando. Eu torcia para que a chuva me esperasse chegar até meu trabalho. Os metrôs estavam lotados, o trânsito estava ainda mais congestionado, as pessoas saíam de todos os cantos... Tanto fazia naquele momento estar preso num transporte público ou estar trancado dentro de um carro em uma das marginais. Quando finalmente cheguei à galeria, fui para a minha sala e guardei minhas coisas no armário. Ainda estava tecnicamente em horário de almoço, e por sorte achei Gabriel em sua sala, bem ao lado da minha.

— Boa tarde – cumprimentei simpática.

— Olá. Com esse tempo, difícil ser boa... – ele sorriu nervoso, mal tirando os olhos dos documentos que tinha em mãos.

— Tem toda razão – concordei. — Você sabe onde está a Anastácia?

— Na sala dela. E não está de muito bom humor. – ele levantou os olhos para mim, como se especulasse se eu sabia de alguma coisa.

— Ei, eu não tenho nada a ver com isso – levantei as mãos, em um movimento de defesa. — Eu não sei... Hoje o dia está estranho... Mas obrigada, mesmo assim.

Subi as escadas, depois fui andando pelo corredor, cumprimentando alguns funcionários que falavam comigo conforme eu passava em frente às suas salas, até chegar à

última. A porta estava aberta, então dei um passo para dentro, batendo com o nó do dedo na madeira. Os olhos castanhos localizaram os meus, e um sorriso mínimo apareceu no rosto de Anastácia.

— Por acaso você é feita de açúcar, loira? – perguntei me aproximando, contornando a mesa e parando ao seu lado.

— Por que estou fugindo da chuva? – ela arqueou uma sobrancelha, tentando antecipar minha fala. Debrucei-me sobre ela, com os braços ao redor do seu pescoço, dando um selinho em seus lábios.

— Não. Porque você é gostosa, viciante e me deixa ligadona – ela deu uma risada gostosa e foi como se o dia tivesse se iluminado um pouco.
— Ai, Leo... Só você pra me fazer rir. – ela suspirou, voltando à expressão séria.

— O que houve, amor? Você está esquisita. Aliás, hoje o dia parece meio esquisito – comentei ao acaso, puxando uma cadeira para perto dela e sentando-me ao seu lado. Debrucei os braços em cima da mesa, virando a cabeça para encará-la.

— Sim, hoje o dia está um pouco tenso. E eu não estou lá de muito bom humor – ela comentou, voltando a mexer em seu notebook.

— O que aconteceu?

— O Lucas ligou logo cedo, querendo marcar o jantar com você. A gente discutiu, mas acabei marcando pra amanhã à noite, já que é sábado e você não trabalha.
— Ah – soltei um gemido deitando minha cabeça na mesa. — Eu não quero ir. Não gosto dele e definitivamente não tô a fim de jantar com ele.

— Mas você vai – ela disse firme virando a cabeça e me observando. Ela tinha um sorriso irônico nos lábios. — Quem mandou dizer que estava disponível? Ele não vai desistir. E, para falar a verdade, não estou com saco pra aguentar o Lucas atrás de mim mais do que o necessário. Você se meteu nisso porque quis, agora se vira – Anastácia deu de ombros e voltou a digitar no teclado.

— Nossa! Você está afiada mesmo – respondi surpresa. — Tem certeza de que foi só isso? – ela não me respondeu e eu estava ficando incomodada com aquilo. — Estava boa a festa, loira? Achei que tinha se esquecido de mim. – fiz um bico com os lábios, tentando chamar sua atenção.

— Eu não tenho que ficar o tempo todo te mandando mensagem, Leona – ela suspirou e novamente eu me surpreendi com sua resposta.

— O que você tem, Anastácia? Está aí toda irritada com alguma coisa e fica descontando em mim? – coloquei a mão em seu braço, segurando-o, forçando-a a olhar pra mim. — Me fala o que aconteceu. – seus olhos castanhos fitaram os meus e ela suspirou cansada.

— Minha mãe. Discutimos ao telefone. Ela disse que logo virá a São Paulo, eu me recusei a vê-la, disse que ia estar ocupada trabalhando, mas ela não acreditou. Novamente me falou um monte de coisas que eu me recuso a repetir.

— Eu sei que ela é sua mãe, mas não entendo porque ela quer ver você, Ana. Em todas as oportunidades que ela tem ela te menospreza.

— Eu sei, Leo. Também não entendo. Por isso não convivo mais com ela. Mas ela quer conversar comigo, insistiu ao telefone, e eu acabei concordando.

— Sério, Ana!? – eu disse frustrada e irritada, elevando um pouco a voz. — Ela não tem nada de bom a dizer, será que não aprendeu ainda?

— Leona, não enche – a loira estava séria e disse secamente. — Eu não quero discutir sobre isso.

— Não precisa ser grossa, Ana. Só estou dizendo isso porque me preocupo com você – coloquei minha mão sobre a sua, olhando para ela, tentando amenizar o tom tenso da nossa conversa, mas não adiantou muito. Ela retirou sua mão de baixo da minha.

— Agradeço a preocupação, mas não é preciso. Eu sei me cuidar sozinha – ela respondeu virando-se para frente e voltando a olhar para a tela do notebook.

Eu não respondi, estava muito chateada com o modo brusco com que ela havia me tratado. Levantei-me de repente, ainda em silêncio, e saí do cômodo. Já havia passado do horário do começo do trabalho, e logo que voltei para minha sala Gabriel já me passou alguns serviços para eu fazer. Passei um tempo em frente ao computador, com várias planilhas e programas abertos, tentando me distrair. Eu não sabia o porquê Anastácia estava agindo daquela forma, ela estava mesmo de mau humor e irritada com alguma coisa, mas não estava me dizendo o que era. Apesar de eu saber que as ligações a incomodaram, eu sabia que tinha algo a mais. De qualquer forma, eu tentava não pensar muito no assunto, apesar de não estivar tão disposta. Durante a tarde a chuva começou, logo se iniciando uma tempestade, quase caindo a energia no escritório. As luzes desligaram algumas vezes por alguns segundos, mas logo voltaram. Não preciso dizer como aquilo causou um alvoroço. Parecia que com o tempo ruim o humor de todos piorava.

Eu tinha ido até a sala de descanso, estava tomando um café e logo Liliane apareceu, então começamos a conversar. Ela estava me contando sobre o casamento da sua cunhada ao qual ela tinha ido com o namorado e o bafão que tinha acontecido quando Anastácia entrou. Ela aproximou-se da mesa, pegando uma xícara e servindo-se de café; tinha o rosto sério e a postura ereta, como se impusesse uma distância de nós. A morena lançou um olhar para a chefe e logo deu de ombros, sua careta indicando que já conhecia o mau humor da loira. Ela continuou me contando animada, mas minha atenção já estava voltada para Anastácia, que parecia não esboçar nenhuma reação. Após duas xícaras de café, ela finalmente resolveu sair da sala, não sem antes passar por mim e dizer ao acaso:

— Não esquece que você tem trabalho a fazer, Leona – eu arregalei os olhos surpresa, pronta para retrucar, mas ela já havia saído da sala a passos firmes.

— Uau! Se até com você, que é a queridinha dela, ela implicou hoje, significa que ela está de *muito* mau humor. – Liliane deu uma risadinha nervosa.

— Está. Quase insuportável – comentei revirando os olhos. — Quando eu cheguei fui conversar com ela e já discutimos. Achei que fôssemos fazer as pazes, mas pelo jeito...

— Olha, não é da minha conta, mas eu trabalho aqui já faz um tempo. Quando ela fica desse jeito, fica assim o dia todo. A gente já está acostumada e tenta não irritá-la ao máximo, porque ela fica distribuindo patadas gratuitas.

— Percebi – comentei, levantando-me. — Bem, vou indo, antes que a senhora Bittencourt volte

e me pegue aqui – falei debochada.

Voltei ao trabalho por mais algumas horas. O dia foi bem tedioso e custoso a passar e a chuva parecia persistir lá fora. Às vezes eu ia embora com a loira, às vezes eu ia a pé, mas com aquela tempestade eu provavelmente teria que voltar de carro com ela, e aquele clima estranho entre nós duas já estava me deixando apreensiva com essa possibilidade. Depois das seis horas, algumas das funcionárias ainda estavam na galeria, esperando à porta que a chuva desse uma diminuída, o que parecia não acontecer. Eu estava ao lado de Marília, conversando com ela enquanto esperávamos. Anastácia passou pela recepção, fazendo questão de que eu a visse, mas nada disse, nem mesmo me olhou. Ambas percebemos sua presença, mas continuamos conversando como se nada tivesse acontecido.

— Então você estuda gastronomia? – perguntei curiosa, encostando-me à parede, olhando para a moça à minha frente. Dessa vez ela usava um vestido comprido estampado de vermelho e laranja, uma faixa no cabelo e sapatilhas.

— Sim! Acho que há muita arte em cozinhar. Especialmente se você souber fazer isso bem. E se, além das técnicas, possuir um bom *feeling* pra isso – ela gesticulou ao responder, com um sorriso no rosto.

— Isso é verdade. De vez em quando assisto a alguns programas de culinária, e eles fazem cada prato que dá água na boca – suspirei, mordiscando o lábio inferior.

— Podemos combinar de qualquer noite dessas você e a Anastácia jantarem lá em casa. Eu faço algo especial pra vocês – ela piscou pra mim.

— Iríamos adorar, Marília! Tenho certeza que você é uma ótima cozinheira! – eu respondi alegre, dando um tapinha de leve no braço dela.

— Obrigada, agora eu tenho que ir. Parece que a chuva deu uma diminuída – ela comentou, dando-me um beijo no rosto de despedida.

Olhei o horário no visor do celular, já estava quase na hora de eu ir embora. Andei até minha sala e no caminho cruzei com Anastácia. Mais uma vez ela me ignorou, ainda que eu tivesse tentado um contato visual, e aquilo só me deixou com mais raiva ainda. Se tinha uma coisa que eu odiava, era ser ignorada, especialmente se eu não tivesse feito nada, o que era o caso. Voltei para minha sala e terminei meu serviço. Uma meia hora depois Gabriel apareceu na porta, dizendo que já estava indo embora. Todo mundo já tinha saído, restávamos eu e Anastácia apenas. Eu estava inclinada a ir lá conversar com ela, pedir uma carona, mas depois de ser ignorada daquela forma achei melhor ir embora sozinha. Depois de mais alguns minutos desliguei meu computador e ajeitei as coisas em cima da mesa. Peguei minha mochila e tranquei minha sala; logo que eu cruzei a recepção encontrei Anastácia parada em frente à porta que dava para a calçada, claramente impaciente.

— Achei que fosse dormir aí – ela indicou com o queixo em direção à minha sala. — Da próxima vez traz um colchão e um travesseiro – disse irônica.

— Se eu dormisse aqui, seria problema meu – respondi atravessada. Já estava de saco cheio das ironias. — Aliás, o que você ainda faz aqui? – parei ao lado dela, olhando para a rua, observando a chuva se intensificando lá fora.

— Primeiro que eu tenho que fechar a galeria. Segundo que vou te dar uma carona.

— Eu não preciso de carona. Pode deixar que vou de metrô – eu disse firme, com o rosto sério. Ela me olhou surpresa, com uma sobrancelha arqueada.

— Deixa de ser orgulhosa, Leona. Eu estou de carro. Você vai comigo – ela saiu pela porta, esperando que eu fizesse o mesmo, para começar a fechar.

— Não, Anastácia. Eu vou sozinha – respondi determinada, dando dois passos para fora do toldo que nos abrigava, sentindo as pesadas gotas de chuva começarem a atingir meu corpo.

— Larga de ser teimosa, garota! – ela alterou a voz, quase gritando, seguindo-me após alguns segundos. — Volta aqui!

— Eu não preciso da sua... – eu virei de costas rapidamente para lhe responder, e não prestei muita atenção no caminho, escorregando em um saco plástico. Senti o impacto do meu corpo se estatelando no chão.

— Leona!!! – a loira veio correndo em meu socorro, preocupada.

— Estou bem. Ai... – comentei tentando me sentar. Agora eu estava encharcada. — Minha bunda! – eu gemi, já prevendo que ficaria com o traseiro roxo.

— Bem feito! – eu a olhei surpresa. Ela parecia estar brava, mas um sorriso aparecia em seu rosto. Seus cabelos também estavam molhados, agora grudados ao rosto, pingando. — Se você tivesse me obedecido, e parasse de ser teimosa, isso não teria acontecido.

— Se você não tivesse sido tão grossa comigo o dia todo, eu não teria sido teimosa – devolvi rapidamente, um pouco irritada. Ela pensou um pouco no que eu disse, e suas feições se tornaram mais leves.

— Me desculpe – ela murmurou. — Vem, deixa que eu te ajudo. – ela me estendeu a mão, ajudando-me a me levantar. Tive um pouco de dificuldade, estava bem dolorido e eu havia torcido o pé.

— Ai... Ok... Você venceu. Vou aceitar a carona – resmunguei, apoiando-me em seu ombro, fazendo caretas de dor.

— Eu devia era te deixar jogada aqui na calçada – ela respondeu enquanto andávamos pelo quarteirão.

— Não seja malvada, loira.

Quando chegamos ao estacionamento, Anastácia me ajudou a entrar no carro, depois deu a volta e sentou-se no banco do motorista. Durante o caminho ficamos em silêncio. Eu a observava de vez em quando pelo canto do olho, com um bico nos lábios, mas ela parecia não notar, e se notava, fingia que não. Ela estacionou o carro na garagem e me ajudou a sair, deixando-me apoiar em seu ombro. A loira me guiou até a porta, e logo que ela a destrancou, entramos na sala. Enquanto fechava a porta, eu fui andando até a sala, segurando-me nos móveis, e fiquei perto do sofá, de pé, esperando que ela se aproximasse.

— Por acaso agora precisa de permissão para se sentar? – Anastácia cruzou os braços em frente ao peito com cara de poucos amigos, parada à minha frente.

— Eu vou molhar o sofá todo – respondi como se fosse a coisa mais lógica do mundo.

— E desde quando eu me importo com isso? Você já está molhando meu tapete – ela deu de ombros, apontando para onde eu estava parada, e eu olhei para meus próprios pés, completamente encharcados.

— Verdade! – sorri sem graça, sentando-me no sofá.

Retirei as botas que eu estava, enquanto ela saiu em direção à cozinha. Certamente aquele não era o começo de final de semana que eu estava esperando. Anastácia de mau humor, um tempo horroroso e chuvoso como aquele em uma sexta-feira, e ainda por cima meu tombo e um tornozelo machucado. Não estava tão ruim assim, apenas dolorido. Eu estava certa sobre aquele mau pressentimento durante aquela manhã e boa parte do dia. Deitei a cabeça no recosto do sofá, fechando os olhos por um segundo, esperando que ela voltasse. E eu esperei... E esperei... E esperei. Eu estava impaciente e chamei por ela algumas vezes, mas não houve resposta. Estranhei aquele silêncio, então finalmente me levantei.

— Anastácia? – voltei a perguntar, entrando na cozinha, que estava vazia. A porta que dava para os fundos estava aberta, enquanto a chuva caía impiedosamente lá fora. — Anastácia?! – chamei de novo, aproximando-me da porta.

Só então eu a vi, de pé no meio da grama, encharcada com a chuva que caía em cima de seu corpo. Ela estava de costas para mim, com os braços abertos e levantados para cima, a cabeça pendendo para trás, como se recebesse a chuva fria com um abraço caloroso. O que ela estava fazendo ali? Tinha enlouquecido? Comecei a me preocupar, voltando a chamar seu nome, gritando, como se competisse com a chuva quem fazia mais barulho. Finalmente a loira me ouviu, virando-se para mim com um sorriso nos lábios.

— Vem, Leo!

— Anastácia, sua louca, sai da chuva! Vem pra dentro! – eu continuei gritando, preocupada que ela pudesse ficar doente, mas ela parecia não me ouvir, ou melhor, fingir que não me ouvia.

— Se quiser, vai ter que vir me pegar!

Ela voltou a rir e deu alguns passos meio incertos para trás, quase perto da piscina, e meu coração deu pulos dentro do peito. Olhei para os meus próprios pés, depois para a chuva que caía, e finalmente para a mulher que dançava consigo mesma. Eu não gostava de chuva e, para ser sincera, não gostava daquele tempo nublado, nem tempestades, raios ou frio. Mas naquele momento eu tinha que escolher. Era um passo decisivo. Engraçado como nós encaramos a vida na hora das grandes decisões, como que faculdade cursar, o dia do seu casamento, mudar para uma cidade ou estado diferente, uma nova proposta de emprego, uma viagem inesperada... Como se aquilo fosse tudo ou nada, sem imaginar que selamos nossos destinos é nas pequenas escolhas que fazemos diariamente, nos pequenos passos. E para mim, aquela pequena escolha faria muita diferença.

Um passo para trás significaria permanecer dentro da minha zona de conforto e da comodidade. Um passo para frente significaria entrar na loucura de Anastácia e na tempestade que a rodeava, ainda que apenas para lhe convencer a voltar. Não existia a escolha certa e nem a escolha errada. Qualquer decisão tem consequências, sejam elas boas ou ruins. Um barulho de trovão se fez presente e logo depois um clarão rasgou o céu. Fechei os olhos com força,

estremecendo da cabeça aos pés. Respirei fundo outra vez, apertando os olhos, sentindo o coração acelerado, e me decidi.

Capítulo 24

Sentindo a chuva fria caindo pelo meu corpo, nada mais me importava naquele momento, somente o sentimento de liberdade que eu experimentava. O que havia passado pela minha cabeça? Não sei, eu não fazia ideia, talvez fossem aqueles segundos de loucura insana que tanto citam em frases literárias. Eu estava na cozinha, pegando um saco de gelo para colocar no tornozelo de Leona, e estava me sentindo tão irritada... Tão incomodada... E a sensação só piorava, até o momento em que comecei a me sentir sufocada ali dentro. E sem pensar, abri a porta da cozinha e saí lá fora, enfrentando a tempestade. No começo meu corpo tremeu com a água gelada, mas a sensação foi tão libertadora, como se eu finalmente pudesse respirar, sentindo meus pulmões se encherem de ar. De braços levantados para o alto, eu dançava no meio da grama do meu quintal, por um momento sem pensar em nada, em ninguém. Foi então que eu comecei a ouvir os gritos de Leona chamando por mim. Eles foram ficando mais altos, até o momento em que ela abriu a porta e eu pude ouvi-la de forma clara. Virei de frente para ela e vi sua figura preocupada segurando-se no batente da porta.

— Vem, Leo! – eu chamei, começando a rir, continuando a dançar, como se eu ouvisse uma música dentro da minha cabeça.

— Anastácia, sua louca, sai da chuva! Vem pra dentro! – o desespero era evidente na voz dela, que continuava me chamando sem parar.

— Se quiser, vai ter que vir me pegar! – eu gritei rindo, quase me desequilibrando, dando alguns passos trôpegos para trás.

Por alguns minutos Leona continuou parada ali, hesitando se vinha atrás de mim ou não. Eu pude perceber a raiva e a irritação em seu rosto, apesar da forte chuva, ela não costumava esconder o que sentia, bem diferente de mim. Mas eu não estava ligando, para ser sincera. Minha vontade era que ela viesse logo ao meu encontro, aproveitar comigo aquele momento. Eu bem que podia ir atrás dela, mas não queria. Se ela quisesse, ela que deveria vir. Eu já estava cansada de esperar, começando a achar que ela fosse voltar para dentro, quando eu ouvi os trovões e um clarão rasgando o céu escuro. Eu sorri, sentindo como se uma energia passasse pelo meu corpo, dando-me forças. Ouvi um grito e mal deu tempo de eu me virar, o corpo dela se chocou contra o meu, desequilibrando-me e quase me fazendo cair com ela por cima de mim.

— Meu péééé! – ela gritou no meu ouvido, agarrando-se à minha cintura.

— Leona! Como você veio correndo? – eu arregalei os olhos, preocupada por um segundo que ela tivesse machucado ainda mais o pé. — Seu tornozelo! Não dava para vir andando como uma pessoa normal?! – eu gritei, com o cenho franzido, segurando em seu braço, enquanto ela tentava se equilibrar e ficar de pé.

— Pessoa normal?! Olha quem fala!! – ela gritou em resposta, parecendo irritada, apontando para mim ilustrando seu argumento. — Vamos voltar, Anastácia.

— Por quê? Está bom aqui! – eu me afastei, abrindo os braços mais uma vez, girando em volta de mim mesma.

— Deixa de ser criança, Anastácia! – ela voltou a gritar, tentando segurar em meu braço, mas eu me soltei.

— Deixa de ser chata, Leona! Se quer voltar, vai você! – eu estava começando a perder a paciência com ela.

— Olha essa tempestade!!! – ela gritou, e finalmente voltei a olhar para ela. Leona parecia bem alterada, sem conseguir parar de olhar para o céu escuro, com o vento balançando seus cabelos, fazendo com que ela se abraçasse para tentar parar o frio. — É perigoso!! – ela voltou a olhar pra mim, e comecei a perceber algo diferente em sua expressão: medo. Ela estava com medo.

— É só... – mas o barulho do trovão abafou minhas palavras. A morena fechou os olhos bem firme, abraçando-se ainda mais, tentando se proteger. — Leona? – mas ela pareceu não me ouvir. — Leona?!! – falei mais alto e no momento em que seus olhos se encontraram com os meus, um clarão rasgou o céu.

Ela começou a gritar, com os olhos bem fechados. Instintivamente dei alguns passos cobrindo a distância que nos separava e a envolvi em meus braços. Apertei seu corpo contra o meu, com as mãos em volta de sua cintura. Ela se debateu algumas vezes, ainda gritando, enquanto eu tentava acalmá-la. Seu corpo todo tremia, seu queixo estava batendo, e ela continuava de olhos bem fechados. Eu falava com ela, mas era difícil me ouvir com aquele barulho enorme. Após algum tempo, Leona parou de se debater e se agarrou em mim. Ficamos ali abraçadas, enquanto a tempestade caía ao nosso redor. Com ela mais calma, encostei meu rosto no dela, beijando levemente sua bochecha gelada, apertando as mãos em suas costas, tentando lhe passar segurança.

— Não tenha medo – eu comecei a falar em seu ouvido, em um tom um pouco mais alto para que ela pudesse me ouvir. — Está tudo bem. Eu estou aqui –disse com clareza. A tempestade parecia estar diminuindo, os raios e trovões haviam parado, mas a chuva continuava. — É só água... Só luz... Só barulho.

— Só água... Só luz... – ela repetiu minhas palavras, ainda de olhos fechados, e seu corpo foi relaxando, pude sentir o aperto em volta da minha cintura diminuir.

— Isso. E você está segura comigo.

Afastei-me dela apenas para poder olhar em seus olhos, e segurei seu rosto molhado com ambas as mãos. Dei um beijo demorado em seus lábios trêmulos. Após alguns segundos voltei a olhar em seus olhos, sorrindo para ela, e recebi um sorriso tímido em resposta. Segurei em suas mãos, para que ela me acompanhasse, e caminhei para dentro de casa, fechando a porta da cozinha bem atrás de mim. Leona parou em minha frente, tremendo da cabeça aos pés, com a respiração rápida, um pouco ofegante. Ela ainda estava assustada e, logo que pisamos dentro de um local seguro, a razão pareceu voltar para sua cabeça.

— O que... Eu-eu... Você... – ela começou a gaguejar, mas eu não deixei que ela continuasse.

— Vem, precisamos de um banho quente agora – respondi, dando-lhe a mão e fazendo com que ela começasse a andar atrás de mim.

— Agora você se preocupa com isso?! – ela disse em uma voz esganiçada, e eu parei ao pé da escada para olhar em seus olhos. Seu rosto estava gelado, ela estava pálida, e parecia ainda um pouco fora de si. Respirei fundo, e a olhei séria, respondendo:

— Leona, respira – eu passei os dedos gentilmente pela maçã de seu rosto frio. Ela inspirou e

expirou algumas vezes, até acalmar a respiração. — Vamos – voltei a falar, ajudando-a a subir a escada, tomando cuidado para que não escorregássemos.

No andar de cima fomos direto para o banheiro. Liguei a torneira para encher a banheira de água quente, coloquei alguns sais de banho na água, e finalmente me virei para a garota parada ao meu lado. Ela parecia um pouco em choque, ainda tremia um pouco, seus lábios formavam um bico, e seus cabelos estavam grudados no rosto. Aproximei-me dela, dando um selinho em seus lábios, gentilmente passando a mão em seu rosto; então comecei a tirar suas roupas uma por uma: a jaqueta jeans, a blusa de lã que vestia por baixo, a calça jeans e a roupa íntima. Leona continuava em silêncio. Deixei tudo em um canto do banheiro e a ajudei a entrar na banheira. Logo que ela se sentou, mergulhada na água quente, fechou os olhos, parecendo finalmente relaxar. Retirei minhas próprias roupas, deixando-as ao lado das dela, e entrei na banheira também, sentando-me do outro lado, de frente para ela.

— Vem – eu chamei e ela logo se aproximou de mim, com o corpo em cima do meu, deitando a cabeça em meu peito. Nossas pernas estavam entrelaçadas. — Você está bem? – perguntei ao perceber que Leona continuava calada.

— Sim...

Ficamos um tempo em silêncio, com a água quente envolvendo nossos corpos. Eu estava preocupada com ela e queria saber o que havia acontecido naquele jardim, mas ela ainda não estava bem. Tomamos um banho demorado, então fomos para o meu quarto. Enquanto Leona trocava de roupa, colocando algo mais quente, eu desci até o andar de baixo para fazer um chocolate quente para nós duas. O chão estava encharcado, estava tudo meio bagunçado, mas eu arrumaria tudo no dia seguinte. Preparei o chocolate, acrescentando um pouco de conhaque para esquentar, e voltei a subir para o segundo piso. Ela estava recostada na cama, com os cabelos enrolados em uma toalha, protegida pelo edredom. Entreguei-lhe uma das canecas e sentei-me ao seu lado, colocando uma de minhas pernas entre as dela, embaixo do edredom, e dei um beijo terno no topo da sua cabeça.

— Me desculpe por hoje, loira – ela começou a dizer, com o olhar fixo na caneca de porcelana que tinha em mãos. — Eu...

— Tudo bem, Leo – eu sorri em resposta. — Mas você me assustou. Fiquei preocupada. Você... Tem medo de tempestades? – perguntei arqueando uma sobrancelha.

— Sim. – ela sorriu e só então me encarou. — Irônico, não é, senhorita tempestade? – ela começou a rir e eu suspirei de alívio. Se ela já estava fazendo piadinhas, era porque definitivamente estava bem.

— Com certeza – respondi, esperando que ela continuasse.

— Quando eu era pequena, em uma das viagens para São Paulo que eu fiz com meus pais, nós fomos visitar meu bisavô, que morava em um prédio em Santa Cecília – ela suspirou, tomou mais um gole do chocolate, e voltou a falar, agora olhando para mim. — Em uma das vezes que saímos para passear, estava muito nublado e de repente começou uma forte chuva. Tentamos ir para o metrô, mas os trens estavam parados, porque estava tudo alagado. Eu era pequena, não lembro muito do que aconteceu, só sei que eu estava assustada, encharcada e tentando acompanhar minha mãe no meio de tanta gente querendo fugir da chuva. Mas em uma das portas

das estações, muita gente estava saindo, com pressa, um empurra-empurra, e eu acabei me soltando da minha mãe. Comecei a entrar em desespero, procurando ela no meio de tanta gente, com a chuva caindo, e então os raios começaram. Eu estava com muito medo, e comecei a gritar e chorar, chamar pela minha mãe, até que uma senhora segurou em minha mão e me puxou para perto da parede, pedindo para que eu me acalmasse e tentando me ajudar a achar minha mãe. Depois de alguns minutos, ouvi a voz dela. Estava do outro lado da rua, desesperada. Correu até mim e agradeceu à senhora por ficar comigo esperando. Eu lembro que essa mulher sorriu pra mim, passou a mão em minha cabeça e eu nunca mais a vi.

— Nossa, Leo. Imagino a preocupação da sua mãe. O seu desespero... Mas que bom que apareceu alguém para te ajudar!

— Sim. Foi aterrorizante, pra ser sincera. Apesar de nunca mais tê-la visto, eu agradeço até hoje por ela ter aparecido – Anastácia sorriu. — Mas desde então tempestades me apavoram. Claro que consigo sair na chuva, não deixo de ir a compromissos por isso. Mas se tiver muitos raios e trovões, é algo inexplicável... Eu quero ficar dentro de casa, sentindo-me segura.

— Entendo. Me desculpa, meu amor. Eu não fazia ideia de que se sentia assim – respondi um pouco arrependida do modo como agira lá fora. Só então comecei a imaginar como ela se sentira naquele momento, embaixo de uma tempestade daquela, por minha causa. Passei a mão em seus cabelos ainda úmidos, em um gesto de carinho.

— Tudo bem, loira. Você não sabia. Mas obrigada por me acalmar – ela sorriu e beijou meus dedos. — Eu entrei em pânico e você me ajudou. Bastante, pra falar a verdade.

— E sempre vou ajudar – beijei-lhe os lábios.

A manhã seguinte seria regada a mimos e carinhos com a minha namorada adoecida, não fosse o telefonema desesperado que eu recebi de Janaína. Tinha algo a ver com um dos clientes mais importantes da galeria. Ela não quis me dar os detalhes, mas pediu que eu fosse para o escritório assim que possível. Apesar dos protestos de Leona, não tive outra escolha a não ser deixá-la em seu apartamento e seguir logo depois para a Avenida Paulista. De sábado abríamos até o meio-dia, mas eu raramente ia para o escritório, só se necessário, o que parecia ser o caso. Ao entrar na galeria percebi o clima de tensão nos rostos dos funcionários. Gabriel estava conversando com a recepcionista e me informou que Janaína me esperava em minha sala. Eu estava começando a ficar apreensiva e preocupada com o teor do problema, já que todos pareciam saber do que se tratava, menos eu.

No momento em que apareci em frente a minha sala abri um sorriso cordial no rosto. Atrás da minha mesa estava Janaína e ela logo se levantou ao me ver. De frente para ela, sentado em uma das cadeiras, estava um dos maiores investidores da galeria e digamos que um conhecido da minha família. John Nabuco já devia ter seus sessenta e poucos anos, alto, com uma barriga proeminente, muito bem vestido, de terno e gravata, com os poucos cabelos que lhe restavam penteados para trás. Um fino bigode que ele ostentava e alguns anéis nos dedos. Quando ele soube, anos atrás, que eu estava montando uma galeria, fez questão de ajudar, emprestando-me algum dinheiro para que eu pudesse alugar o espaço. Depois, passou a contribuir mensalmente e adquirir algumas das peças da galeria. No começo ele estava sempre presente, mas após alguns anos ele quase não aparecia, apesar de continuarmos recebendo sua ajuda. Por isso eu estava confusa e um pouco preocupada com sua visita repentina.

— Senhor Nabuco, quanto tempo! – comentei alargando o sorriso e me aproximando.

— Anastácia. – ele sorriu cordial, levantando-se e ficando de pé, mas seu rosto continuava sério. Dei a volta na mesa e sentei-me em minha cadeira. Ele logo voltou a se sentar também.

— Deixarei vocês conversando. Se precisar de mim, estarei em minha sala – a morena disse, ajeitando os óculos no rosto. Ela também tinha uma expressão preocupada e aquilo estava me deixando aflita. Em passos rápidos ela saiu da sala.

— Então, o que o traz aqui num sábado pela manhã? – comentei como quem não quer nada, inclinando-me e apoiando os braços em cima da mesa.

— Olha, eu vou direto ao assunto. – ele se mexeu desconfortavelmente na cadeira, e eu me endireitei na minha, esperando-o continuar. — Eu ouvi uns rumores desagradáveis quando estive aqui na semana passada, e gostaria de... Você sabe... Desfazer o mal-entendido. – ele deu um sorriso amarelo.

— Mal-entendido? – perguntei séria, sentindo meu corpo inteiro se retesar. Eu tinha uma boa ideia de aonde ele queria chegar e eu não estava gostando daquilo.

— Sim. De que talvez você estivesse saindo com... Com... Sua nova artista... – ele começou a dizer nervoso. — Mas é claro que isso não deve passar de um rumor de funcionários querendo ser...

— É verdade – eu o interrompi ao dizer firmemente. Ele parou de falar. Seu rosto estava vermelho e ele pareceu surpreso, enquanto eu tentava manter a calma. Respirei fundo. — E eu não estou saindo com ela. Leona e eu estamos em um relacionamento. – sua expressão se fechou em uma carranca e eu ainda continuei. — Mas essa é minha vida pessoal, não vejo porque poderia ser de seu interesse. – recostei-me em minha cadeira, com os braços em cima do colo e os dedos entrelaçados.

— Entendo. – ele sorriu após respirar fundo. Endireitou-se na cadeira e evitou me olhar nos olhos. — A questão aqui, Anastácia, é que sua vida pessoal não é estritamente pessoal, já que todos sabem do fato e cedo ou tarde você aparecerá com... Com... Ela... Em diversos lugares e eventos – ele começou a tentar se explicar.

— E o que isso tem a ver com o senhor? – voltei a perguntar, tentando entender aonde ele queria chegar.

— Eu investi muito dinheiro nessa galeria porque acredito no seu incrível trabalho e talento, mas não posso compactuar com algo desse tipo.

— Mas meu trabalho continua sendo o mesmo. Aliás, melhor ainda, já que Leona é uma artista muito talentosa e, com a exposição de seus trabalhos, com certeza trará mais visibilidade para a galeria e mais compradores – comentei com um sorriso congelado no rosto.

— Talvez... Mas também trará comentários negativos de investidores e pessoas que também pensam como eu.

— De forma preconceituosa? – perguntei com uma sobrancelha arqueada.

— Não me importa o que você faz em seu quarto, Anastácia, mas quando é revelado

publicamente eu não posso aceitar.

— John, corta essa. O que você quer dizer com tudo isso? – perguntei perdendo a paciência.

— Se isso não for apenas um... Mal-entendido... Publicamente, pelo menos, não poderei mais ajudar. – só então ele levantou os olhos para mim, em uma expressão dura.

— Então está me dizendo que se eu estiver em um relacionamento pessoal, que não lhe diz respeito, com uma mulher, o senhor vai parar de investir em meu trabalho? Simplesmente por causa da sua opinião preconceituosa e pessoal, que não tem nada a ver com a forma como eu vivo minha vida? –rebati, projetando meu corpo para frente, cruzando os braços em frente ao peito.

— Vou lhe dar um tempo para pensar, Anastácia – ele disse após um tempo em silêncio. — Tenho certeza de que fará a coisa certa. – levantou-se, sorrindo cordialmente. — Entro em contato para saber da sua decisão. Tenha um bom dia.

Logo após ele sair da minha sala fiquei alguns segundos parada encarando a porta e então a raiva que eu sentia começou a me consumir. Peguei a primeira coisa que eu vi na minha frente, que no caso era um porta-lápis, e joguei com toda fúria contra a parede, gritando um palavrão ao mesmo tempo. Segundos depois Janaína apareceu na porta, agachando-se para juntar e pegar os lápis e canetas que se espalharam no chão.

— Que filho da puta! – eu logo disse indignada. Estava perplexa com o que eu acabara de ouvir e presenciar. — Você viu o que ele queria?!

— Tenho uma leve ideia. – a morena sentou-se na cadeira de frente pra mim, cruzando as pernas e me observando.

— Ele disse que se eu continuar num relacionamento com a Leona, publicamente, ele vai parar de contribuir com a galeria! Hipócrita filho da puta! – voltei a gritar, batendo a mão espalmada na mesa, recostando-me na cadeira. — Quando eu estava divorciada, ou saindo com caras influentes, tudo bem. Agora estou com alguém que de certa forma seria bom pra galeria, mas por ser mulher e ir contra a opinião repugnante desses ignorantes mentes fechadas, aí não pode!! – coloquei a cabeça para trás, respirando fundo.

— É uma situação bem complicada, Ana. E você vai ter que tomar uma decisão.

— O que você acha? – perguntei em um suspiro, voltando a encará-la, já um pouco mais calma.

— Como assessora, o melhor para a galeria seria continuar recebendo a ajuda mensal, mas como sua amiga, acho que não deve jogar esse relacionamento fora. Você pode reconstruir a carreira, mas outra Leona você não vai achar... A escolha é sua, e eu não posso lhe dizer o que fazer. – ela deu de ombros, em um suspiro.

— Obrigada, Jana. Por tudo. Vou ver se... – mas antes que eu terminasse de falar, meu celular começou a tocar. Olhei na tela e vi o nome de meu pai piscando. No mesmo minuto me senti apreensiva e receosa do que ele tinha para me falar. Sua ligação logo após a visita de John não poderia ser uma coincidência. Janaína se levantou e foi para a sua sala, enquanto eu atendia a ligação.

Capítulo 25

Aquele tornozelo torcido parecia ser a desculpa perfeita para eu não sair sábado à noite, mas eu sabia que tinha que ir. Eu havia me metido naquela enrascada e tinha que sair dela sozinha. Logo naquela manhã Anastácia havia recebido uma ligação de Janaína e parecia ser importante. Durante o dia eu havia lhe mandado algumas mensagens, mas ela me respondera seca, dizendo que estava muito ocupada e que era algo sério. Eu comecei a ficar preocupada com o que estava acontecendo, apesar de ela tentar me tranquilizar. Passei uma parte da tarde pintando meus quadros, ainda não havia uma data certa para a exposição, mas eu tinha que deixá-los prontos o mais rápido possível, ainda mais se eu quisesse ter a quantidade que tínhamos proposto. Nesse meio tempo minha mãe me telefonou. Afora todas aquelas perguntas de mãe, querendo saber se eu estava bem, o que estava fazendo e, principalmente, por que demorara tanto a ligar e entrar em contato, ela parecia sentir que algo estivesse prestes a acontecer. Certificou-se de que estava tudo bem entre Anastácia e eu, e só assim ela me deixou em paz.

Tomei um banho quente e me troquei, colocando algo simples, não queria chamar mais a atenção daquele cara. Uma calça social, uma blusa de seda preta de mangas compridas, uma sapatilha baixa vermelha, e uma maquiagem leve. Lucas conseguira meu número de celular e me ligara, fazendo questão de me buscar em casa, mas eu recusei umas três vezes. Não queria estar com ele mais do que o necessário. Após tudo o que Anastácia me contara eu havia pegado birra daquele cara. Ele combinou de nos encontrarmos no restaurante La Ventana Parrilla, em Moema e eu ia demorar mais de uma hora pra chegar lá indo de metrô, ainda mais mancando, mas eu preferia demorar a aceitar aquela carona. Enquanto fazia o trajeto ouvia música no celular e ia pensando na noite anterior e toda aquela loucura com Anastácia. Eu havia gostado, apesar de ser bem assustador enfrentar aquela tempestade. Algo continuava a me incomodar, apesar de tudo estar aparentemente bem. Talvez fosse a falta de comunicação com ela, ou a ligação de minha mãe, ou até mesmo esse jantar que eu tinha que ir.

Logo que eu me vi em frente ao restaurante respirei fundo, coloquei um sorriso simpático no rosto, pronta para enfrentar aquela situação. O lugar era bonito, à meia luz, romântico e chique. Eu devia dar pontos apenas pelo esforço dele, ainda que não valesse muita coisa. Assim que eu entrei, avisei a moça na recepção que já tinha uma reserva. Um dos funcionários me encaminhou pelo salão e logo avistei Lucas sentado em uma das mesas perto da parede. Ele se levantou, com um sorriso sedutor, conforme eu caminhava em sua direção. Isso me lembrou do dia em que tive meu primeiro encontro com Anastácia e, para ser sincera, ainda que eu não devesse pensar nisso, imaginei se ele já a olhara daquela forma. Se ele já lhe sorrira daquela forma, se a desejara... Para depois largá-la como se ela não valesse nada. Diante desse pensamento uma revolta me tomou e tive que me esforçar para manter o sorriso e a cordialidade em minhas expressões.

— Você está linda nesta noite, Leona – ele comentou, sentando-se de frente para mim.

— Obrigada – respondi apenas. Ele pareceu esperar um elogio de volta, mas não disse nada frente ao silêncio. Chamou o garçom e fez os pedidos para o nosso jantar.

— Então, como está o andamento do seu trabalho? – ele me perguntou com um sorriso no rosto, cruzando os braços por cima da mesa e aproximando-se de mim, parecendo interessado.

— Bem, pra falar a verdade. Em uma reunião com a Anastácia e a Janaína combinamos que seriam vinte e dois quadros no total, e eu já tenho dezenove prontos.

— Ótimo! Você é ligeira com pincel na mão, não é, *garota*? – ele deu uma piscadela, e eu revirei os olhos, odiando que ele me chamasse daquela maneira. Era como se somente Anastácia pudesse me chamar de garota. Tentei ignorar aquele sentimento, respondendo-o:

— Não tanto quanto pintura com os dedos... – eu sorri maliciosa, e ele pareceu não entender, ficou com uma expressão confusa. Achei melhor não explicar. — E tudo certo com o local?

— Sobre isso... – ele se recostou na cadeira, passando as mãos pelos cabelos loiros, com um sorriso convencido no rosto. Eu não gostei daquela expressão. Recostei-me na cadeira, com os braços cruzados em frente ao peito.

— O que foi, Lucas?

— Eu recebi umas ofertas bem melhores para o final do ano e terei que passá-las na frente. Sua exposição ficaria para o começo do ano que vem. A não ser que... – ele mexeu a cabeça para o lado ao mesmo tempo em que um sorriso malicioso se abriu em seus lábios.

— A não ser que...? – perguntei de cara fechada, já percebendo aonde ele queria chegar.

— Podíamos conversar em particular, em meu apartamento... Tenho certeza que podemos chegar a um acordo bom para ambos. – ele arqueou uma sobrancelha.

Nesse momento nossos pratos chegaram e paramos a conversa por alguns minutos. Para ser sincera, eu não estava mais com fome. Minha vontade era levantar dali e ir embora, ou falar umas boas verdades na cara daquele canalha, mas eu não podia, sabia disso. De vez em quando sua perna roçava na minha, e eu me mexia desconfortável, tentando me desvencilhar do seu toque. Quando sua mão tocou a minha por cima da mesa, eu não pude mais aguentar.

— Dá pra parar? – resmunguei sem paciência. — Eu não estou interessada.

— Seu corpo me diz o contrário. – ele sorriu debochado, voltando a tentar segurar minha mão, a qual eu tirei da mesa.

— Não vejo como. Você me chamou aqui para falarmos sobre negócios, negócios os quais estão em um contrato assinado por você e pela Anastácia, se não se esqueceu disso. Você não pode simplesmente mudar a data da exposição. – eu estava zangada, tanto pela sua desonestidade quanto pelo seu atrevimento.

— Isso *são* negócios, Leona. – ele piscou pra mim. — E eu faço o que eu quiser. A Anastácia acha que pode alguma coisa, mas eu que sou influente nesse meio, não ela. – ele riu novamente, passando os dedos pelos cabelos loiros. Tive vontade de arrancar um a um daqueles fios sebosos do cabelo dele. — De qualquer forma, não consigo parar de pensar nesse seu corpo lindo desde que te vi... Vamos pro meu apartamento, Leona. Eu tenho certeza de que você não vai se arrepender.

— Eu sou lésbica – soltei a bomba e ele arregalou os olhos, surpreso. — Gosto de mulheres, então não vai rolar.

— Tem certeza, Leona querida? – ele me perguntou um pouco desconcertado. — Talvez você só

não tenha encontrado um cara que te pegou de jeito. Eu posso dar um jeito nisso... – ele deu outra piscadela e procurou minha outra mão por cima da mesa.

— Eu tenho certeza absoluta, Lucas. Eu sou lésbica, sapatão, sapa. E não preciso de homens pra me dar prazer. Aliás, se quiser umas dicas de como fazer uma mulher enlouquecer na cama, estamos aí. – dei uma piscadela com um sorriso divertido no rosto.

— Eu esperava mais de você, Leona. Uma moça com tanta classe... Tanto potencial... Que desperdício. – ele torceu o nariz em uma expressão de nojo, o que me fez rir ainda mais.

— O que posso dizer... O que para uns é desperdício, para outros é um prato cheio. – e voltei a gargalhar. Ele estava ficando irritado, eu podia perceber isso. De repente, ficou sério e segurou firme em meu pulso. Olhei assustada para o aperto em meu braço, enquanto o ouvia dizer:

— Não brinque comigo, menina. Você não sabe com quem está mexendo... Você vai ficar comigo por bem ou por mal. Senão, pode ir esquecendo esse ramo das artes. – ele sorriu perigosamente. Naquele momento eu vi o verdadeiro homem por detrás da máscara de bom moço que Lucas usava. E nunca senti tanto ódio e tanta raiva.

— Me larga – eu disse em uma voz baixa, tentando me desvencilhar do seu aperto. — Eu não vou dormir com você e não dormiria nem se não fosse lésbica, seu porco imundo. – rosnei com o rosto bem perto do dele.

— Sua cadelinha... Eu devia te ensinar como respeitar um homem. – sua mão apertou mais em volta do meu pulso.

— Se você não me soltar, eu vou gritar. Eu vou fazer um escândalo. Vou levantar e começar a gritar! Me larga! – levantei a voz na última frase e alguns casais perto de nós olharam curiosos. Ele olhou em volta, constrangido, e finalmente soltou meu braço.

— Eu já devia saber... – Lucas deu de ombros, fingindo súbito desinteresse. — Está há tanto tempo atrás da Anastácia... Tal puta tal putinha.

— Você cala sua boca suja e não fala assim dela! – eu bati com o punho em cima da mesa. As palavras simplesmente saltaram da minha boca antes que eu pudesse pensar em seu significado.

— Ora, ora... Está defendendo sua chefe, cadelinha? – ele riu debochado, não aparentando desconfiança nenhuma. Apesar do súbito alívio, eu estava morrendo de raiva e com vontade de socar a cara dele.

— Sinceramente, não sei como a Anastácia conseguiu ficar com um cara tão escroto, estúpido e nojento como você. – levantei-me antes que ele pudesse dizer alguma coisa. — Você vai ter que cumprir aquele contrato e não me importo que nossa exposição fique para o começo do ano que vem. – peguei minha bolsa, pronta para sair dali.

— Escute aqui, Leona. Eu não aceito um não – ele me disse em um tom ameaçador.

— Se você relar a mão em mim, eu chamo a polícia – respondi, colocando a bolsa no ombro e me encaminhando para a saída do restaurante.

Eu estava fervilhando de raiva. Enquanto voltava para meu apartamento, não parava de pensar em tudo o que acontecera naquele jantar. Eu me perguntava como Anastácia pudera se

casar com ele! Claro que ele deve ter bancado o bom moço por um bom tempo, até ter certeza de que ela havia caído em sua lábia. Eu ficava me lembrando de tudo o que ela me contara sobre quando estavam casados, sobre o modo como ele a tratava, e a minha imaginação preenchia as lacunas do que ela não havia me dito. Eu queria tanto acabar com a raça daquele filho da puta! Arrependi-me de ter marcado aquele encontro. E Anastácia havia me avisado... Eu deveria tê-la escutado. Mas eu estava tão irritada com ela que cometi a estupidez de ir adiante com aquilo. De qualquer forma, não era justo que nossa exposição ficasse para o final do ano por conta da chantagem barata de Lucas, mas eu não sabia o que podia fazer para mudar aquela situação. Eu precisava conversar com Anastácia, ou com Janaína. Liguei no celular da loira umas quatro vezes e nada de ela atender. Mandei algumas mensagens, mas ela não entrava no aplicativo há algumas horas.

No meio do caminho mudei de ideia, troquei de sentido e resolvi ir até a casa da Anastácia. Se ela não me atendia, eu ia falar com ela pessoalmente. Já era quase meia-noite quando toquei a campainha da sua casa. Toquei uma, duas, três vezes. Eu já estava pensando em desistir quando a porta foi aberta de maneira abrupta. Encarei uma Anastácia elegantemente vestida, mas de expressão irritada e cabelos meio desgrenhados. Parecia que ela estivera chorando, pelos olhos vermelhos e expressão cansada. Por alguns segundos tive vontade de abraçá-la e confortá-la, até ouvir sua voz.

— O que você está fazendo aqui? – ela disse de forma rude, o que me assustou.

— Eu precisava falar com você, mas você sumiu! Liguei várias vezes em seu celular, mandei mensagens... – comecei a falar, mas ela me interrompeu:

— Não acha que se eu quisesse te atender, não tinha atendido? – ela arqueou uma sobrancelha, cruzando os braços, com uma expressão irônica no rosto.

— Não quer falar comigo, é isso? – franzi o cenho, um pouco surpresa. — Então não vai me deixar entrar? – ela suspirou revirando os olhos e saiu da frente da porta. Eu entrei em sua sala, enquanto ela trancava a porta atrás de si. Passou por mim a passos firmes, indo sentar-se no sofá, enquanto falava:

— Como foi o seu jantarzinho romântico? – apesar de aparentar ciúmes, eu podia sentir que não era bem isso que ela estava sentindo.

— Uma bosta, como você previra. Era sobre isso que eu queria falar com você. – sentei-me ao seu lado no sofá.

— Diga – ela respondeu seca. Seus olhos marrons me olhavam intensamente, e ela tinha um sorriso sarcástico nos lábios.

— Ele deu em cima de mim. Várias vezes. E eu não aceitei. Ele fez uma proposta indecente. Me xingou... E eu tive que me segurar para não dar na cara dele! – quase me descontrolei mais uma vez ao final da frase, o que fez a loira sorrir por alguns segundos.

— Típico dele. Eu já sabia que ele ia querer você a qualquer custo. Desde que te viu na galeria ele ficou louco por você. Fez ameaças, não fez? – e quando eu confirmei com um aceno de cabeça, ela continuou. — Ele não aceita um não como resposta, e quando recebe um, faz o que for para sair por cima.

— Sobre isso... Ele basicamente disse que se eu não fosse pra cama com ele, ele iria deixar nossa exposição para o começo do ano que vem – eu hesitei um pouco enquanto lhe contava essa parte, ainda mais ao ver seu rosto ficando vermelho de raiva.

— Ele o quê?! – ela quase gritou, descruzando as pernas e batendo ambos os pés no chão, enquanto me encarava de forma furiosa.

— Sim e é claro que eu recusei! Mas fiquei com tanta raiva! Eu disse que ele não podia fazer isso, que tínhamos um contrato... Mas não adiantou. E ele ainda tentou me ameaçar. Eu disse que faria um escândalo e chamaria a polícia – finalizei.

— Que merda! – ela soltou, levantando-se de um pulo do sofá, andando de um lado para o outro, visivelmente transtornada.

— Mas ele não pode fazer isso, pode?

— Sim, ele pode! – ela respondeu rangendo os dentes. — Ele aluga o espaço e estipula a data que melhor lhe convém. Apesar de termos combinado, pode mudar se caso precisar. Claro que precisará de bons motivos para isso, mas garanto que aquele filho da puta vai conseguir.
— Mas isso é injusto! – eu disse indignada.

— Bem-vinda ao mundo real, Leona – ela respondeu-me sarcástica, abrindo os braços e olhando para mim.

— Eu vivo no mundo real – respondi irritada.

— Não! – ela abriu um sorriso sarcástico. — Você vive nesse seu mundinho colorido dentro de uma redoma, como se tudo fosse perfeito e todo mundo te aceitasse!

— Eu não... – mas ela me interrompeu.

— A vida não é assim, Leona! A vida é um campo de batalha, onde o mais forte sobrevive. O mundo não é justo e as pessoas não são maravilhosas como você acha que elas são! Não é fácil, Leo!

— Ei! Eu não disse que é fácil! Não estou entendendo porque você está me atacando assim! Eu não fiz nada! – eu estava cada vez mais irritada com aquela conversa e o rumo agressivo que ela estava tomando.

— O que você fez? Você apareceu na minha vida! Desfilando sua liberdade e sua coragem, incentivando-me a ser como você – ela me respondeu cheia de raiva e mágoa, os olhos vermelhos enquanto ela segurava o choro.

— Eu não a incentivei a ser como eu... Mas a ser livre! A ser você mesma – comecei a dizer, tentando me controlar, mas ela voltou a me interromper:

— E olha o que isso está me custando! Minha carreira, minha galeria... Você! – ela parou de falar enquanto me encarava, estava ofegante.

— Não entendo. Você não me diz o que está acontecendo, Anastácia! Eu chego aqui e você me ataca dessa forma! – eu me levantei, cansada de levar patadas dela. — Eu não mereço ser tratada assim! – eu disse enxugando as lágrimas que caiam pelo meu rosto. — Eu vou embora! Foi um erro ter vindo aqui. Aliás, quer saber? Talvez tenha sido um erro eu ter entrado na sua vida.

Dei-lhe as costas e marchei de volta para a porta, mas antes que eu pudesse alcançá-la, em poucos passos Anastácia estava ao meu lado, segurando em meu braço firmemente. Eu fechei os olhos por alguns segundos, apertando-os, não queria encará-la, não queria ouvir suas desculpas, não queria ficar. Queria sumir naquele momento. Mas não consegui me mexer. Ao invés disso, comecei a ouvir suas palavras.

— Fica...

— Não – respondi de forma decisiva.

Ela me soltou e nada mais disse. Eu abri a porta, passei por Anastácia, e a fechei atrás de mim. Meu corpo inteiro tremia e comecei a chorar de nervoso. Tentava me acalmar, respirando mais profundamente, confusa e sem entender o que havia acontecido. Eu precisava ir pra casa, descansar, tentar processar tudo o que eu havia ouvido e colocar a cabeça no lugar.

Capítulo 26

Eu não conseguia entender como aquela situação havia chegado àquele ponto. Como eu podia ter perdido o controle daquela forma? Eu ainda estava parada em frente à porta trancada pela qual Leona passara intempestivamente alguns minutos antes. Não sabia direito como reagir, eu estava irritadiça, com raiva, magoada, chateada... Minha vontade era sair quebrando a casa em pedacinhos, descontado tudo o que eu estava sentindo, e por pouco não fiz isso. Talvez porque o choro estava entalado na garganta e por dentro eu me sentisse indefesa. Eu odiava como aquela garota podia mexer tanto comigo e derrubar todas as minhas barreiras. Não consegui segurar as lágrimas e encostei a testa na porta, cerrando os punhos e batendo-os na madeira. Eu sabia que eu estava errada, sabia que eu a havia atacado sem motivos aparentes, mas já não aguentava mais a pressão que eu estava sentindo dentro de mim. Precisava tomar decisões que eu não queria tomar e haveria consequências seja qual fosse o caminho pelo qual eu me decidisse. Minha vontade era mandar todos à merda e viver minha vida da forma que eu quisesse, sem me importar com o que os outros pensavam. Mas eu sabia que na vida real não se podia agir assim.

O futuro da galeria dependia disso. Minha carreira dependia disso. E pelo andar da carruagem, minha família e amigos também. E o que Leona perdia? Ela tinha uma família que a apoiava, amigos que estavam lá por ela, namoradas e até mesmo sua carreira! Com seu modo de ser, ela conseguia a simpatia das pessoas. Não era justo! Eu a invejava tanto! Queria tanto poder ser livre como ela... Poder desfrutar do meu ser plenamente como ela fazia... Mas eu não era assim. Essa não era minha vida. Não podia me dar ao luxo de ser eu mesma. Não se eu quisesse chegar a algum lugar. Endireitei o corpo, enxugando as lágrimas com as costas da mão, respirei fundo, tentando me acalmar. Fui para o meu quarto e olhei-me no espelho. Eu estava horrível. O rosto inchado pelo choro do dia inteiro, olheiras sob os olhos, o cabelo todo desarrumado, a roupa toda amassada... Quem eu era? Quem eu estava me tornando? Fraca. Chorando pelos cantos, desleixada, com medo de tomar uma decisão. Eu, Anastácia, estagnada. Com medo. Eu estava me perdendo. E só eu mesma poderia me resgatar.

Após uma rápida ducha, eu voltei para o quarto para me arrumar. Escolhi uma calça de couro preta, botas também de couro pretas, um corpete vermelho com detalhes em preto. Demorei uns bons minutos em frente ao espelho, corrigindo com maquiagem a expressão cansada que eu trazia. Batom vermelho nos lábios, os cabelos escovados e lisos jogados de lado, passei perfume... E quando eu finalmente terminei de me arrumar, contemplei-me no espelho de corpo todo. Um sorriso surgiu em meus lábios, estava me sentindo eu mesma novamente. A velha Anastácia estava de volta. Peguei a minha bolsa e meu carro e saí. Fui para um bar na Oscar Freire, All Black Irish Pub. Um local muito bonito, confortável... Sentei-me em um dos banquinhos das mesas redondas que havia ali e pedi uma cerveja e um dos petiscos especiais que havia no cardápio. De pernas cruzadas, o cotovelo apoiado na mesa, eu bebericava minha cerveja, aproveitando o resto da minha noite. Naquele momento eu não queria pensar nos meus problemas e nem mesmo na minha namorada. Aquele momento era só meu. Desde o minuto em que eu entrei pela porta do bar, todos os rostos se viraram para mim, e eu atraí todos os olhares masculinos no local. De cabeça erguida, com um sorriso no rosto, senti-me desejada de novo, como há muito tempo não me sentia.

— Uau! – virei-me em direção à voz masculina, observando um homem alto, cabelos na altura dos ombros, negros, com um sorriso sedutor e olhos maliciosos que me analisavam de cima a baixo. — Você é linda... Super gostosa, se me permite.

— Obrigada – respondi apenas, sorrindo.

— Posso? – ele perguntou apontando para o banco ao lado do meu. Confirmei com a cabeça e ele se sentou ao meu lado.

— O que uma mulher incrível está fazendo sozinha a essa hora no bar?

— Me desentendi com uma pessoa. – sorri de canto. Eu não estava com a menor vontade de tocar no assunto. — Mas não vem ao acaso. Precisava me distrair.

— Veio ao lugar certo. Prazer, distração – ele estendeu-me a mão, fazendo-me sorrir.

— E que distração – olhei-o de cima a baixo, aprovando. Ele era muito bonito, e charmoso. — Bem que eu podia usar uma distração dessas na cama... – eu falei para ver sua reação. Ele pareceu surpreso, mas soube disfarçar muito bem.

— Com você, até o amanhecer – ele piscou pra mim.

Ele pediu mais uma cerveja para mim e outra para ele e começamos a conversar. Ele me disse que trabalhava em uma agência de viagens e já havia conhecido diversos países. Começou a me contar sobre suas passagens, várias muito engraçadas por sinal, fazendo-me rir, divertindo-me. Logo estávamos pedindo mais e mais copos de chope, eu já havia perdido a conta de quanto eu havia bebido. Ficamos ali durante horas, até praticamente o bar estar fechando, e o garçom pedindo para sairmos.
— Quer ir para outro lugar? – ele perguntou, segurando em minha cintura.

— Não – respondi com a voz pastosa, um pouco alta demais. — Eu sou... Comprometida – respondi com um sorriso.

— Eu não tenho ciúme. – ele riu. — Eu não te pedi em namoro, é só sexo. – ele beijou meu pescoço, o que fez eu me arrepiar inteira.

— Mas... Meu namorado tem – respondi sorrindo, mordiscando os lábios.

Não me dei conta no momento, mas escolhi as palavras e preferi usar a palavra no masculino. Ainda não estava pronta para admitir ao mundo, e nem para mim mesma, meu relacionamento com uma mulher.

— Ele não precisa saber. – sorriu malicioso, voltando a colocar a mão em minha cintura. Por um momento, deixei-me levar e ele se aproximou, colando seus lábios nos meus, em um beijo intenso, ao qual eu correspondi, até a razão me voltar à cabeça.

— Não! – eu disse afastando-o com as mãos espalmadas em seu peito.

— Ei! Passou a noite toda me enrolando e agora não quer? – ele franziu o cenho, irritado. Tentou segurar na minha cintura, querendo voltar a me beijar, mas eu não deixei, mantendo-o longe de mim.

— Eu passei a noite toda conversando com um cara legal, mas acho que eu estava enganada – respondi-lhe olhando-o com cara de desprezo e dei as costas. Dei alguns passos e ele me alcançou, segurando forte em meu braço.

— Você não vai me deixar na mão, sua gostosa. Eu sei que você quer...

— Me larga seu filho da puta! – olhei-o dentro dos olhos, com uma raiva enorme dentro de mim. Eu sentia nojo daquele cara. — Se não me soltar, eu vou fazer um escândalo!

O olhar que ele me lançou, como se eu fosse a coisa mais desprezível da face da Terra, fez-me sentir muito mal. Como se eu de nada valesse. Seu olhar me deu medo, pela primeira vez na vida. Lembrei-me do meu ex-marido, e desejei que eu tivesse um vaso ou um cinzeiro para jogar na cabeça dele também caso ele me ameaçasse. Por fim, ele me soltou, olhando-me com sarcasmo e dizendo:

— Nem pra puta você serve, pelo menos a puta saberia como retribuir. – eu lhe dei as costas e saí a passos largos e rápidos até o estacionamento onde eu havia deixado meu carro.

Minha cabeça parecia que ia explodir, e meu coração parecia que ia sair pela boca. Quando eu resolvi sair naquela noite estava em busca de diversão, mas acabei me deparando com o pior dos homens, uma vez mais. Claro que havia homens legais e gentis e interessantes, mas minhas experiências pessoais com eles me diziam o contrário. Ao chegar em casa imediatamente fui para minha cama, eu só queria dormir e me esquecer de tudo o que acontecera naquele dia. Troquei de roupa e me enfiei embaixo das cobertas, sentindo-me solitária. Naquele momento eu voltei a me sentir horrível, como se não passasse de um corpo bonito, um pedaço de carne suculento. Senti raiva e ódio do meu próprio corpo. Lembrei-me do modo como Leona me fazia sentir quando estava comigo, o quanto ela me fazia ver minha beleza interior, o quanto eu era especial, principalmente quando ela me desenhava. Isso me fez me lembrar... Fazia tanto tempo que eu não pintava.

Então me levantei e fui até meu closet, onde em uma porta no canto esquerdo eu guardava um bloco de folhas A3 e alguns estojos com lápis e borracha. Sentei-me no chão do quarto, encostada na parede, com o bloco apoiado nos joelhos e abri em uma folha em branco. O último desenho que havia ali era de Leona, quando eu a desenhara. Comecei com alguns rabiscos fortes, sem pensar direito no que eu estava fazendo, apenas deixando-me levar pelas minhas emoções. Conforme desenhava os sombreados, sentia minha mágoa, dor e tristeza sendo colocadas naquele rascunho. Fiquei tão focada no que estava fazendo, consumida pelas minhas ideias e sentimentos, que não vi a hora passar. Quando estava cansada demais para continuar, apenas fechei o bloco, deixei-o em cima da mesa e voltei para cama, adormecendo.

— O que você tem na cabeça, Anastácia?! – ouvi a voz irritada de Janaína, enquanto ela abria as cortinas do quarto. Aquela claridade me incomodou e eu puxei as cobertas para cobrir meu rosto. — Levanta daí! – ela puxou o edredom de cima de mim.

— O que você quer? – resmunguei, sentindo minha cabeça latejar. Coloquei os braços em cima do rosto para evitar a claridade.

— A Leona me ligou ontem chorando me perguntando o que você tinha, contando-me sobre a briga que vocês tiveram, todas as coisas horríveis que você disse para ela – Janaína andou até o lado da cama em que eu estava e parou na minha frente, com os braços cruzados em frente ao peito.

— Estão amiguinhas agora? – perguntei com desdém, finalmente sentando-me na cama, esfregando os olhos, sentindo a ressaca e a dor de cabeça.

— Não. – ela me olhou séria. — Além de sua namorada, ela é sua artista, e se você não se

preocupa com o bem-estar dos seus artistas, eu me preocupo. – ela suspirou irritada. — Vai me contar o que está acontecendo ou vai continuar fazendo mais burradas por aí?

— E você, vai me ouvir ou vai me dar mais patadas? – retruquei.

A morena sentou-se na poltrona perto da cama e cruzou as pernas, sem dizer mais nada, pronta para me ouvir. Eu respirei fundo, fechei os olhos por alguns segundos e só então comecei a lhe contar tudo o que havia acontecido. Contei-lhe sobre o que meu pai dissera no telefone, as desconfianças dele, e especialmente as da minha mãe... Que ele me dissera para eu tomar cuidado, e pensar muito bem em todos os passos que eu dava. Falei sobre como eu me sentira, sobre como passara o dia deprimida e com raiva, chorosa... E então Leona apareceu, querendo respostas, cobrando-me. Eu estava com tanta raiva... E vê-la, naquele momento, reacendeu meu lado mais sarcástico e irônico e eu não consegui me controlar. Por fim, contei-lhe sobre o que aconteceu no bar.

— Pelo amor de Deus, me diz que você não dormiu com esse cara! – ela estava indignada com essa última parte.

— Sim, eu dormi, claro. E como eu sabia que você ia chegar para me interrogar, mandei que ele saísse meia hora antes de você entrar – respondi com sarcasmo. — Eu não sou tão idiota assim. – revirei os olhos bufando.

— Sim, você é – ela disse calmamente e aquilo me pegou de surpresa. Olhei-a espantada, enquanto ela continuava. — Anastácia, olha o que você está fazendo. Por que você não conversou com a Leona? Não lhe contou tudo o que você estava passando? O que estava sentindo?

— Não sei, Ni. – suspirei cansada. — Eu não gosto muito de me abrir, sabe disso. É tanta coisa, tanta cobrança. Tão confuso... E ela é tão... Cabeça dura! – respondi frustrada, levantando as mãos para o alto. — Ela fala como se fosse tudo tão simples... E não é! Eu não sei o que eu faço. Tenho tanto medo de perder tudo o que eu demorei tanto tempo para construir... – eu sentia o peito pesado e as lágrimas começarem a se formar no canto dos olhos.

— Ana... Sendo sincera... Eu nunca te vi tão feliz na vida. Vale a pena estragar essa felicidade por conta do seu trabalho?

— É o que eu tenho me perguntado todos os dias – respondi cansada, levantando-me da cama. — Deixando um pouco minha vida pessoal do lado, temos assuntos importantes da galeria a discutir. Começando pelo meu querido ex-marido.

Troquei de roupa e descemos para a cozinha para que eu comesse alguma coisa, enquanto atualizava Janaína sobre a exposição. Tentamos achar um modo de não atrasar nossos planos, mas aquele filho da mãe sabia muito bem o que estava fazendo. Durante o dia eu olhei diversas vezes para o meu celular, esperando uma mensagem de Leona e também ensaiei mandar-lhe alguma coisa, mas no fim não o fiz. Ocupei-me com trabalho o resto do dia, tentando não pensar na situação em que eu me encontrava. Não consegui dormir direito e nos momentos em que conseguia fechar os olhos, imagens da minha briga com Leona povoavam a mente e eu me sentia ainda mais culpada. O dia amanheceu e resolvi me levantar para fazer um café. Apesar da noite mal dormida, das olheiras, do cansaço, eu não podia deixar transparecer. Coloquei uma calça jeans justa, uma blusa preta de mangas compridas e um salto alto e finalizei com uma boa

maquiagem. Dessa forma eu estaria impecável para quando me encontrasse com Leona.

Naquela tarde havia a exposição “Lev’Arte” na Vila Madalena e apesar de eu não estar nem um pouco disposta, havia combinado com Leona de que iríamos. Falando nela, meu celular apitou acusando uma nova mensagem. *“Estou te esperando em frente à estação Consolação.”* Eu engoli em seco ao ler o conteúdo, direto, sem delongas. Deixei que Janaína cuidasse de tudo e lhe informei que me ausentaria durante algumas horas. Caminhei pela Avenida Paulista e logo a avistei parada perto da entrada da estação. Leona usava uma roupa simples, jeans, tênis e camiseta, e seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo. Percebi que ela estava séria e usava óculos escuros, os quais escondiam seus olhos. Ela já devia ter sentido minha presença, mas não se mexeu e nem levantou os olhos até que eu estivesse perto o suficiente. Parei ao seu lado, colocando o melhor sorriso em meu rosto.

— Bom dia, Leo. – mas ela não olhou pra mim.

— Vamos? – respondeu baixo, dando alguns passos para frente. Revirei os olhos, seguindo-a pelas escadas.

— Vai me ignorar, é isso mesmo? – voltei a perguntar, quando passamos nosso bilhete pelas catracas.

— É o que você merece – finalmente ela se virou e olhou pra mim. Pude perceber seus olhos percorrendo meu corpo e como ela prendeu a respiração por alguns segundos.
— Ai, essa doeu – respondi andando ao seu lado.

Durante o trajeto dentro do metrô permanecemos em silêncio, embora eu não tirasse meus olhos dela. Minha vontade era segurar em sua mão, conversar com ela, mas algo me impedia. Dava para perceber que ela estava na defensiva e, pelo pouco que eu conhecia de Leona, sabia que uma aproximação física só a faria se afastar ainda mais. Chegamos ao local da exposição, no espaço “Art’er”, e logo entramos. O local era grande, espaçoso e naquele momento estava lotado. Havia vários quadros nas paredes, algumas peças de arte espalhadas pela sala em pedestais, algumas artes abstratas... Andamos lado a lado e paramos em frente a um quadro. A pintura era sobre duas mulheres, uma olhando para a outra, com alguns borrões de tinta, e os rostos tristes e melancólicos. Senti a mão de Leona procurando a minha, segurando-a e apertando-a. Foi difícil respirar durante aqueles segundos, era como se aquela pintura falasse por nós, demonstrando nossa tristeza, apesar dos sorrisos congelados que tentávamos dar.

— A separação – aquela voz nos assustou e nos viramos, soltando as mãos rapidamente.

— O quê? – eu perguntei ao avistar Gabriela se aproximando de nós.

— Essa tela. O nome da pintura é “A Separação” – a loira se aproximou, fixando seus olhos no quadro. Eu olhei diretamente para Leona, mas era difícil enxergar sua reação por detrás daqueles óculos. Suspirei, um pouco incomodada com o significado daquilo. A morena voltou a admirar o quadro e começou a dizer:

— Eu gostei dela, é quase como se pudesse ver a dor por detrás da pintura – ouvir a voz dela dizendo aquelas coisas me fez engolir em seco.

— Sim, também é uma das minhas preferidas – comentou Gabriela, voltando-se para nós. — Fico muito feliz que tenham vindo! Fiquem à vontade para observar os quadros e as peças de

arte. Qualquer coisa, só me procurar.

— Obrigada, Gabi – respondi em agradecimento.

Enquanto a loira se afastava de nós, eu caminhei para longe de Leona a passos firmes, observando uma das esculturas do outro lado do espaço. Era uma série de figuras femininas, usando figurinos de diferentes épocas e locais. Uma delas usava um vestido cheio de babados deitada de bruços, a outra estava sentada em uma cadeira, de pernas abertas, usando calças e dois casacos e uma terceira estava em pé, de costas, com os braços levantados, segurando os cabelos e usando um biquíni. Eu não prestava muita atenção nas esculturas, mas sim nos passos que eu logo escutei. Leona estava parada ao meu lado e pelo canto dos olhos pude perceber seu semblante fechado e irritado. Segurei o riso, tentando manter-me séria. Ela queria jogar daquela forma? Sem problemas, mas ela se esquecia de que eu era bem mais experiente do que ela.

Sem dizer uma única palavra, voltei a me afastar dela, dessa vez parando em frente a uma série de fotografias dos prédios iluminados na noite de São Paulo. Fiquei esperando a sua presença ao meu lado por longos minutos e quando me dei conta de que ela não havia se mexido, comecei a procurá-la, até observá-la rindo e conversando com uma moça não muito longe de onde eu a havia deixado. Eu logo soube de quem se tratava, aquela era Bruna, a moça que Leona conversara da outra vez na exposição, também artista e lésbica. Senti meu sangue ferver de ciúmes daquela cena. Quando eu estava chegando perto das duas, ainda pude ouvir a moça lhe dizendo:

— Se caso se interessar, temos um lugar pra você – ela lhe entregou um cartão seguido de uma piscadela.

— Se interessar pelo quê? – perguntei-lhe de queixo erguido, tentando controlar meus sentimentos, mas sem muito sucesso.

— A exposição em que ela participa. São todos artistas da sigla LGBTQIA+. Pintores, desenhistas, escultores...

— Pelo jeito, vai aceitar, já que prefere estar junto da sua turma a estar com sua namorada – respondi-lhe atravessado, antes mesmo de sequer pensar na asneira que eu estava dizendo. Leona pareceu surpresa com o que eu disse, e rebateu, retirando os óculos e olhando diretamente em meus olhos:

— Pelo menos eu sou verdadeira comigo mesma e a minha arte, estando junto da minha turma, como você mesma diz, do que fingindo ser algo que eu não sou – ela sorriu sarcástica.

— Leona, você...

Eu estava preparada para lhe responder, mas fui interrompida por um moço alto de cabelos pretos que veio me perguntar sobre minha galeria. Abri um sorriso e comecei a conversar com ele, que parecia bem interessado nos meus negócios. Seu nome era Renan. Ele me deu seu cartão, pedindo para procurá-lo depois e saiu com uma desculpa de que precisava conversar com mais algumas pessoas. Olhei a minha volta e percebi que a Bruna já havia ido embora e Leona estava quieta, sentada em um banco de madeira que havia na parede perto da porta. Caminhei até ela e sentei-me ao seu lado, cruzando as pernas. Ficamos em silêncio, como se fosse uma trégua para nossa briga. Sua mão estava apoiada no banco, ao lado do seu corpo, e eu pousei minha mão em cima da dela, fazendo um carinho leve em seus dedos. Ela não se mexeu, permitindo meu

contato.

— Será que algum dia serei eu aqui, Ana? – ela me perguntou com um suspiro, observando o espaço a nossa frente.

— E você ainda tem dúvidas? – respondi-lhe com outra pergunta, com um sorriso nos lábios. — Você é nova, Leo. Sabe o que quer, corre atrás dos seus sonhos... Tem um mundo todo pela frente.

— Igual a você – sua mão segurou fortemente a minha. Eu não queria discutir, então apenas sorri, mas eu não tinha tanta certeza disso.

Capítulo 27

Depois da exposição voltamos para a galeria e eu estava cheia de trabalho para fazer, nem deu tempo de ver Anastácia. Estávamos no fim de outubro e eu precisava terminar umas planilhas e mais alguns contratos. Apesar dos protestos da loira de me levar para casa, eu disse para ela não se incomodar que eu iria sozinha. Naqueles dias usei a desculpa de que precisava ficar em casa terminando um quadro que eu havia começado para a exposição. Mas a verdade é que eu queria um tempo só para mim, para poder pensar em tudo aquilo que estava acontecendo. Na quinta-feira à tarde Janaína passou em minha sala para conversarmos, dizendo-me que ela tinha falado com Anastácia e infelizmente não haveria alternativa a não ser deixar a minha exposição para o começo do próximo ano.

Deixei bem claro o quanto eu estava odiando aquilo, mas não havia nada a ser feito. Janaína me comunicou que lá para o meio de novembro haveria várias festas e encontros entre os artistas, pintores, expositores, e seria bom que eu fosse apresentada e conversasse com alguns deles, convidando-os para a exposição. Era marketing, fazia parte o jogo. Quase certeza que eu iria com Anastácia, mas se ela não pudesse, Janaína iria comigo, fazendo esse primeiro contato. Quando terminamos de acertar a parte profissional, a morena continuou me olhando, sentada em frente a minha mesa, e então começou a falar:

— Eu conversei com a Anastácia... – levantei os olhos da tela do computador e a encarei. — Ela está passando por muita coisa e está confusa. Especialmente com relação a ela mesma e aos seus sentimentos.

— Eu sei, Janaína – suspirei. — Mas ela não conversa comigo, entende? Fica difícil ajudar ou entender quando ela me afasta dessa forma e me machuca no processo.

— Concordo com você, mas ela sempre foi assim, fechada. É um dos defeitos dela. Peço que tenha paciência e continue tentando conversar com ela. Fazê-la se abrir.

— Tentarei, mas não sei mais por quanto tempo – respondi cansada. Ela se levantou e me lançou um sorriso triste, saindo da minha sala.

Durante o resto da tarde Gabriel apareceu para me passar mais alguns serviços e pegar o *feedback* sobre as vendas daquele mês. Apesar de ele estar há um bom tempo comentando sobre o trabalho, eu não conseguia me concentrar, só pensava em Anastácia e em tudo que havia acontecido. Eu era uma pessoa impaciente, mas estava tendo até muita paciência com a loira, esperando que ela se resolvesse, tentando entender suas atitudes impulsivas, mas estava complicado, ainda mais porque ela me afastava tantas vezes. Eu queria estar em um relacionamento em que a pessoa confiasse em mim, fosse minha companheira, deixasse-me ajudar, comentasse sobre suas dúvidas, conflitos e sentimentos. Eu estava cansada daquela situação e sentia falta daquele nosso relacionamento do começo, das provocações, das conversas, de quando tudo era mais leve, ainda que intenso. Quando Gabriel saiu, agradeci por ele ter escrito tudo em um papel e voltei a trabalhar, afastando meus pensamentos e finalmente conseguindo fazer meu trabalho.

— Você não vai embora não? – perguntou ele novamente. Olhei para o relógio do computador e já eram quase nove horas.

— Nossa, já? Eu me perdi aqui trabalhando e nem vi o tempo passar – comentei.

— Acontece. Eu já estou indo. Até amanhã, gata – o moreno se despediu, saindo da minha sala.

Suspirei, salvando os arquivos abertos no computador e desligando o aparelho. Juntei as folhas que estavam espalhadas pela mesa e coloquei-as dentro da primeira gaveta. Peguei minha bolsa e saí da sala, trancando-a. Dei alguns passos e observei Anastácia parada à porta da galeria, esperando-me para sair. Eu queria ir para minha casa, estava muito cansada, não queria discutir e nem me desentender com ela. Acho que minha expressão denunciou meus pensamentos, pois a loira pareceu triste ao me ver. Assim que cheguei perto dela, sua mão tocou meu braço.

— Leo... Eu queria conversar com você. – sua voz estava baixa e ela tentava olhar nos meus olhos.

— Conversar ou me atacar? – perguntei levantando meu queixo, em uma posição desafiadora.

— Conversar. Eu... Posso ficar na sua casa? – ela me perguntou tão manhosa que não consegui negar esse pedido. Fiz que sim com a cabeça.

Ela trancou a porta e saímos da galeria em direção ao seu carro. O caminho todo ficamos em silêncio, observando a noite fria e movimentada da Avenida Paulista. Quando entramos em casa eu deixei minhas coisas no balcão da cozinha, não havia nada para comer a não ser dois pães amanhecidos e umas fatias de presunto e queijo. Fiz um lanche para nós duas, servi um pouco do suco que havia ainda na geladeira e sentamos no chão perto do sofá para comer. Encostei-me, respirando fundo, olhando para Anastácia. Ela tinha uma expressão cansada e, ainda que tentasse disfarçar sorrindo para mim, eu podia perceber seus olhos vermelhos. Uma vez mais eu estava tentando conversar com ela, entendê-la, dar-lhe um voto de confiança. Após alguns segundos, ela começou a falar.

— Me desculpe, Leo. Eu sei que devia ter sido sincera com você, que deveria ter falado como me sentia, o que estava acontecendo... Mas é difícil. Eu estou acostumada a lidar sozinha com tudo isso. – continuei em silêncio, dando-lhe espaço para falar. — Um dos maiores investidores da galeria foi conversar comigo. O que ele disse foi que se eu continuasse com nosso relacionamento aberto ao público, ele retiraria seu investimento. Se fosse só um... “Mal-entendido”, nas palavras dele, o dinheiro continuaria entrando. Depois, meu pai me ligou, dizendo que esse cara foi conversar com ele e lhe ‘abrir’ os olhos sobre como eu devia estar confusa e não sabendo levar o negócio, que talvez ele e minha mãe devessem colocar algum juízo em minha cabeça. Antes disso houve aquele churrasco com meus antigos amigos... E então, você chega me contando sobre o que Lucas fizera.

— Humm... – eu disse apenas, tomando um gole do suco e voltando a comer meu sanduíche. O dela ainda estava intocado na bandeja.

— Eu estava com tanta raiva... De como esse mundo pode ser injusto. De como eu posso perder tudo o que eu consegui até agora por simplesmente querer ficar com você. Eu senti como se o mundo todo estivesse desabando sob meus pés. – ela cruzou as pernas.

— E por que não me disse tudo isso quando eu fui à sua casa preocupada com você? – perguntei irritada.

— Porque sua vida parece perfeita. – ela disse calma. — Você consegue tudo o que quer, vivendo sua sexualidade, sendo você mesma.

— Mas meu amor... – eu ri ao ouvir tamanha insanidade. Inclinei-me pra frente, tocando em seu braço de leve, segurando em sua mão e apertando-a forte, olhando intensamente em seus olhos castanhos. — Minha vida está longe de ser perfeita! Não se pode ter tudo o que se quer, sabia disso? Às vezes temos que perder, para poder ganhar. Minha vida não é fácil, apesar de parecer; eu já perdi tanto... Tantas pessoas na minha vida que se afastaram ao saber da minha orientação sexual... Tantas pessoas que me disseram que eu iria para o inferno, mesmo eu tendo tanta fé e acreditando em Deus... Tantas pessoas que sentem tanto ódio de pessoas como eu, pessoas que me ignoram e que pensam coisas horríveis sobre mim... Quantos trabalhos que eventualmente eu poderia perder se soubessem que sou lésbica... Quantas mães de namoradas/ficantes que me chamaram de aberração? Que me insultaram e utilizaram-se dos piores adjetivos para me descrever?

— E como você aguenta tudo isso? – ela me perguntou séria, olhando fundo nos meus olhos. Ela estava triste e parecia que estava segurando o choro. — Uma vez eu lhe disse que talvez não conseguisse passar por isso. Aceitar... – de repente a lembrança atingiu-me em cheio e eu finalmente entendi porque eu ficara tão chateada e na defensiva quando ela me disse aquelas palavras.

— Você me disse – eu ri nervosa. — E eu me lembro de como fiquei irritada e com raiva naquele dia. Você não passou por nada ainda, Anastácia. Não enfrentou nada ainda.

— Não enfrentei nada ainda? – ela começou a rir, com um sorriso irônico nos lábios. — Você não faz ideia de como é viver a minha vida, com uma família como a minha. Se você soubesse tudo o que já passei... Entenderia o porquê dos meus receios.

— Esse é o seu problema. Você não me fala! Não conversa comigo! Me mantém afastada e tenta resolver tudo sozinha. E, obviamente, não consegue.

— Você quer que eu converse com você? Ok, vamos lá. Vou conversar. – seus olhos faiscavam. Seu corpo estava projetado para frente, inserindo-se na discussão. — Depois da nossa briga, eu saí para um bar, para desestressar, para poder espairecer, para me encontrar... E eu acabei conhecendo um cara.

— Você o quê?!? – aquilo me atingiu como um soco no estômago. Por alguns segundos eu fiquei atônita, imaginando as cenas que poderiam se seguir àquilo.

— Não é o que você está pensando – ela segurou em meu braço, tentando me acalmar, o que não adiantou muito.

— Como assim não é o que estou pensando? – perguntei indignada, sentindo-me traída. — Por um acaso vocês se tornaram bons camaradas e foram jogar golfe?

— Esse é o seu problema, você está sempre pronta pra julgar, sem nem dar tempo de entender o que está acontecendo – censurou-me. Até que ela tinha razão, mas no momento eu não consegui enxergar isso. — Como eu estava dizendo, foi muito bom, conversamos... Ele era muito divertido. E por um momento eu me senti eu mesma de novo... Entende? Me senti a Anastácia. Me senti tão bem! Então quando fomos embora ele me beijou e eu retribuí o beijo. Mas é claro que ele queria muito mais que um beijo... Ele queria o que todos querem. – sua voz tornou-se amarga. — Eu já devia saber. Durante a minha vida toda eu passei por situações como essa, sentindo-me apenas um pedaço de carne, sendo usada apenas para sexo. Mas isso tudo mudou

quando você apareceu em minha vida.

— E você precisou beijar um cara desconhecido num bar pra perceber isso? – eu estava decepcionada com ela e deixei que meu sentimento transparecesse em meu rosto.

— Não, Leo... Você não está entendendo... – ela tentou se explicar, aproximando-se de mim, mas eu engatinhei para o lado, afastando-me dela.

— Não, Anastácia, você que não está entendendo. – eu ri incrédula. — Que droga! – respondi-lhe frustrada. — Se isso tivesse acontecido logo depois de me conhecer, tudo bem. Estaria confusa, perdida... Precisando provar pra si mesma do que você gosta, quem você é. Mas a essa altura do campeonato? Após meses sendo tratada da forma como eu a trato? Depois de todos os nossos momentos, sentimentos...? Corta essa! – respondi magoada.

— Mas Leo... Me escuta – ela pediu com a voz embargada.

Suas íris estavam mais escuras e seus olhos estavam vermelhos, mas ela lutava para não chorar. Parecia oscilar entre a raiva e a mágoa. Eu continuei impassível, sem expressar reação, esperando que ela continuasse. Ela era durona, eu sabia disso, mas eu também não estava muito atrás. Finalmente Anastácia suspirou, percebendo que eu não iria ceder, e disse em um tom mais baixo e triste:

— Não adianta. Eu deveria ter ficado calada. – após toda nossa briga sobre como eu gostaria que ela se abrisse comigo, contasse as coisas, conversasse, ela me sai com uma frase dessas. Era o cúmulo.

— É – foi tudo o que eu consegui dizer. Eu estava esgotada. Dei aquela discussão por encerrada e me levantei do chão, recolhendo as bandejas com o lanche da loira praticamente inteiro.

Enquanto eu lavava a louça, Anastácia permaneceu no mesmo lugar, sentada no chão, agora com as pernas esticadas e com a cabeça pendendo para trás encostada no assento do sofá. Voltei para perto dela e por alguns minutos fiquei observando-a. Assim, de olhos fechados, expressão suave, com os cabelos loiros emoldurando seu rosto avermelhado, ela parecia quase angelical. Senti meu coração se aquecer com aquela imagem e eu tive vontade de segurá-la em meus braços e protegê-la do mundo. Mas bastou esse pensamento para que seus olhos escuros se abrissem de repente, encarando os meus por um longo tempo. Eu mergulhei naquele olhar dolorosamente intenso, refletindo a tempestade em que ela se encontrava no momento, e aquilo me assustou. Apesar de sua expressão continuar a mesma, eu já não a encarava da mesma forma. Senti-me cansada, como se eu continuasse batendo em uma barreira que ela erguera e que jamais fosse se quebrar, nem mesmo por mim. Senti como se todo o esforço que eu fizera durante aqueles meses de nada valesse, como se eu não tivesse saído do lugar.

— Vamos dormir, Ana – eu disse por fim, dando-lhe as costas e entrando em meu quarto.

A loira me seguiu sem nada dizer. Trocamos de roupa em silêncio e foi em silêncio que deitamos lado a lado em minha cama. Eu fiquei olhando para o teto, com os braços esticados ao lado do corpo. Após alguns segundos sua mão buscou a minha e a segurou forte, como se tivesse medo de eu soltá-la. Nossos dedos naturalmente se entrelaçaram, acariciando nossas mãos. Aos poucos ela se aproximou de mim, encostando a cabeça em meu ombro, derramando algumas lágrimas silenciosas. Não aguentei e virei de lado também, ficando de frente para ela. Passei a mão em seus cabelos loiros, deixando meus dedos sentirem os fios dourados e macios.

Eu não podia enxergar seu rosto, mas o contornava com os dedos. Abri a boca algumas vezes, com vontade de dizer-lhe tanta coisa... Mas não consegui. Nenhum som saiu. Sua testa encostou-se a minha e ela colocou sua mão em minha cintura, acariciando minhas costas, enquanto o silêncio nos dominava, trazendo o sono para nos embalar.

Logo cedo o celular de Anastácia tocou insistentemente, acordando-nos. Era Janaína, precisando resolver alguns problemas na galeria. Anastácia se levantou indo atender o celular, enquanto eu a observava de longe. O dia parecia bonito, a luz do sol entrava pelas frestas da janela, em contraste com a forma como eu me sentia. Senti um arrepio pelo corpo. A loira conversou com ela de forma seca e rápida, combinando uma reunião após o almoço. A ligação não durou muito e quando a loira desligou o telefone, eu estava deitada, observando-a. Ela se aproximou e se sentou na cama ao meu lado. Tinha um sorriso enigmático nos lábios e por alguns segundos lembrou-me da primeira vez em que eu a vira.

— Achei que precisasse ir – comentei ao acaso.

— Talvez eu devesse ter ido. Talvez eu não devesse ter vindo – ela levantou os ombros, rolando os olhos.

— Ana... – eu comecei, mas ela balançou a cabeça negativamente, calando-me.
— Eu não quero conversar sobre ontem.

— Mas nós temos que conversar... – eu tentei mais uma vez, passando a mão em sua coxa.

— Não, não temos. Vamos apenas esquecer, ok? – ela tentou um sorriso, suspirando logo em seguida. — Vamos sair... Almoçar. Eu preciso disso.

Concordei sem nada dizer, um pouco receosa de sua atitude. Em pouco tempo eu já a conhecia e sabia que ela não estava bem. Eu sabia que nós não estávamos bem. Anastácia voltou a deitar na cama, ficando de costas para mim, deixando que eu a abraçasse. Fiquei acariciando seus cabelos por um bom tempo. Cheguei a adormecer e quando acordei, ela estava de pé perto da janela. Usava um vestido florido e amarelo, com um salto alto preto. Estava linda, como sempre. Levantei-me e após ir ao banheiro, também me troquei. Coloquei um jeans escuro e uma blusa vermelha soltinha, com uma sapatilha também vermelha. Após nos arrumarmos, saímos para almoçar. Durante todo o caminho conversamos sobre coisas sem sentido e algumas curiosidades inúteis. Eu me sentia incomodada com aquilo, mas sabia que puxar qualquer tipo de conversa mais significativa seria chamá-la para briga.

Nosso destino foi um restaurante francês na Alameda Tietê, nos Jardins, chamado “Le Vin Bistrô”, um lugar muito bonito e caro. Havíamos ido ali algumas vezes e logo que chegamos um dos garçons nos cumprimentou. Escolhemos uma mesa mais afastada, encostada na parede, e antes de pedir os pratos, decidimos por tomar uma taça de vinho branco. Ela estava de costas para a porta e seus olhos estavam perdidos em algum ponto atrás de mim. Provavelmente ela observava os garçons que iam e vinham de dentro da cozinha, anotando e trazendo os pedidos. Eu tentava adivinhar seus pensamentos, tentava entendê-la, apesar de ela ser uma incógnita. E isso me assustava e ao mesmo tempo me admirava.

— Anastácia? – ela não me ouviu. Precisei chamar seu nome mais algumas vezes até que eu finalmente conseguisse sua atenção.

— Sim?

— Eu amo você – eu disse sem rodeios. Sua expressão pareceu se suavizar por um momento.

— Eu também amo você, Leo. – sua mão cobriu a minha por cima da mesa, enquanto seus dedos acariciavam minha pele.

— Anastácia? – eu ouvi aquela voz assustadoramente fria antes mesmo de ver a figura da mulher que se postou atrás da loira. Vi o seu corpo se retesar e em seu rosto crescer uma mistura de pânico e raiva. Sua mão não se soltou da minha, ao contrário, apertou-a mais forte. Ela sorriu para mim de repente, de forma levemente sádica e, sem se virar, ela respondeu:

— Olá, mãe.

Capítulo 28

Era só o que me faltava! O universo devia estar puto comigo. Naquele momento eu não sabia se ria ou se chorava, talvez um pouco dos dois. Fiquei em choque quando ouvi aquela voz tão familiar chamando meu nome. Mas eu já devia saber que uma hora ou outra aquilo ia acontecer, só não esperava que fosse exatamente naquele dia, após uma briga com Leona. Minha vontade foi de ir embora, sem nem mesmo ouvi-la, mas eu tinha muitos sentimentos acumulados da noite anterior, por isso algo dentro de mim me fez ficar e confrontá-la. Conforme a palavra 'mãe' escorregou de minha boca, observei o espanto instalado no rosto de Leona. Era quase como se eu pudesse ver o filme que se passava dentro de sua cabeça, enquanto ela se lembrava de tudo o que eu havia lhe contado sobre minha mãe, nossas brigas, seus insultos...

Um sorriso sádico se formou em meus lábios e eu tive vontade de rir, considerando a ironia da minha vida. A mulher loira impecavelmente vestida deu alguns passos à frente para que eu a pudesse ver. Óbvio que ela queria que eu reconhecesse em seu rosto a expressão de total desagrado e reprovação pela cena presenciada, ainda que só estivéssemos de mãos dadas por cima da mesa. Parado atrás dela estava meu pai, como sempre apenas um escravo de suas vontades.

— O que está acontecendo aqui? – a voz dela era fria e em um tom baixo.

— Um almoço? – respondi com um sorriso cínico, arqueando uma sobrancelha.

— Não se faça de sonsa, Anastácia. – ela revirou os olhos, levantando o queixo logo em seguida, em uma posição de superioridade. — Eu me refiro a essa sem-vergonhice que você vem aprontando. Era só o que me faltava! – ela bufou.

— Mas não é o que eu faço desde que me conheço por gente? Sem-vergonhice? Não é só para isso que eu sirvo?

— Marta. – eu ouvi a voz de meu pai atrás dela, estendendo a mão para tocar em seu braço. — Vamos embora antes que isso termine em uma briga. – finalmente ela se virou para trás, dando de ombros com um sorriso irônico nos lábios.

— Sempre defendendo a filhinha querida, não é, Marcos? – seus olhos o fuzilaram e sua expressão voltou a se endurecer.

— Eu não tenho nada a ver com sua vida, Anastácia. – ele deu de ombros, ignorando dona Marta e olhando-me diretamente nos olhos. — O que eu te disse no telefone foi exatamente para evitar... Isso. – Marcos abriu os braços.

— Obrigada, pai. – eu suspirei, finalmente vendo-o me defender, ainda que de forma sutil. Afinal, ele sempre se absteve na presença de minha mãe, ainda que ela o acusasse do contrário.

— Eu já esperava por isso. Você nunca teve firmeza o suficiente para ser a presença masculina que ela precisava em casa. Talvez por isso ela seja um fracasso em relação aos homens. – seu riso irônico uma vez mais e sua expressão de deboche tiraram meu pai do sério.

— Cala a boca, Marta! – ele esbravejou, e as pessoas ao nosso redor se viraram para encarar a cena. — Estou farto dos seus insultos! – seu rosto estava retorcido de raiva. — Eu vou embora – mal respondeu já deu as costas para nós e, em passos apressados, saiu do restaurante.

Leona continuava com a expressão de surpresa no rosto e sua mão apertava a minha, mas não houve tempo para conversarmos, já que minha mãe logo se virou para mim e voltou a falar:

— Isso tudo é culpa sua, sabia, Anastácia?

— Minha? – eu respondi incrédula. — Ah, claro, você sempre tem que culpar alguém pelos seus próprios fracassos. Você fala do meu pai, mas não é mulher o suficiente para assumir os seus erros. – eu joguei-lhe na cara, com um sorriso nos lábios.

— Não fale assim comigo, sua merdinha. Pelo menos eu tenho vergonha na cara e não saio por aí esfregando na cara dos outros as porcarias que eu como por aí! – ela olhou para Leona, fazendo uma careta de nojo e aquilo me deixou com raiva.

— Porcaria?! – Leona finalmente se pronunciou, com uma expressão entre indignada e ofendida.

— Leo, deixa que eu resolvo – respondi-lhe rápido, já prevendo que aquilo seria a brecha que minha mãe precisava para atacá-la.

— Leo? – minha mãe me perguntou. — Aquela amiga que você mencionou outro dia? É só ela que você vem comendo até hoje? – ela começou a rir, cruzando os braços em frente ao peito. — É, Anastácia... Você está mais parecida comigo do que imagina, transformando-se na puta de uma mulher só. – ela disse saboreando cada palavra. Senti aquilo como um tapa no rosto e uma raiva crescente dentro de mim.

— Anastácia! – Leona retirou sua mão da minha, indignada. — Você não precisa aguentar esse tipo de baixaria! Não pode deixar que ela te trate dessa forma!

— Leo, eu já disse que eu resolvo. Eu sei como lidar com minha mãe.

— Mãe? Isso não é uma mãe. – a morena olhou para dona Marta fazendo uma careta. — É um monstro. Sinceramente, se eu fosse sua filha, já teria dado um basta nessas discussões e colocado a senhora no seu devido lugar.

— E não é que a fedelha tem coragem? Mais coragem que você, Anastácia. Devia fechar as pernas e aprender com ela. – sorriu debochada. Tudo aquilo fez com que eu me sentisse humilhada.

— Fica na sua, Leona. – respondi olhando diretamente para a morena, com uma expressão séria no rosto.

— Eu só estava te defendendo!

— Eu não preciso que me defenda, já sou grande o suficiente. Eu me viro sozinha, como sempre fiz. Entenda isso – respondi tentando me controlar, com a respiração pesada, olhando-a de forma profunda, trazendo significado às minhas palavras.

— Bom saber – ela respondeu com os olhos cheios d’água e com a mágoa estampada neles. Engoli em seco, vendo-a se levantar e dar as costas pra mim, saindo a passos largos do restaurante.

— Olha o que você fez! – eu disse cheia de ódio para Marta.

— O que eu fiz? Você devia me agradecer! Você não é uma dessas... Aberrações. – seu lábio se

retorceu. — Pare de tentar me atingir com essa sua rebeldia tardia adolescente e ponha um pouco de juízo nessa sua cabeça oca, antes que perca sua galeria.

— Você acha que o mundo todo gira a sua volta, não é, Marta? Eu não estou fazendo isso por sua causa. Eu estou fazendo isso por mim! Ela não é aberração, ela é lésbica – respondi de cabeça erguida. — Lésbica, gay, sapatão, cola-velcro, sapatilha... Escolha a expressão que quiser, não me importa. Ela me faz feliz, mas nada do que eu fizer vai estar bom pra você, não é, mãe?
— Você só me traz desgostos, Anastácia. – sua voz estava carregada de ódio, mas aquilo já não me surpreendia. — A partir de hoje, eu não tenho mais filha.

— Você nunca teve, Marta, assim como eu nunca tive uma mãe. E assim sendo, não me procure mais.

Levantei-me, finalmente me dando conta de que o restaurante inteiro olhava para nós duas, até mesmo os garçons, enquanto o gerente se aproximava. Eu abri minha bolsa e tirei algumas notas da carteira, deixando em cima da mesa para pagar pelas bebidas. Não queria ter que dar explicações, muito menos falar com ninguém. Eu só queria encerrar aquilo e ficar sozinha. Dei as costas e saí do restaurante, de cabeça erguida, tentando não olhar para os lados. Quando cheguei ao estacionamento, onde estava meu carro, vi que Leona estava lá, esperando por mim. Eu me aproximei, apertando o botão do controle, desligando o alarme e destrancando as portas. Seus olhos estavam vermelhos e ela voltou a passar as costas da mão pela bochecha, limpando os vestígios das lágrimas.

— Leo – eu tentei falar, mas ela me cortou:

— Me deixa em casa – foi tudo o que a morena disse, dando a volta no carro e entrando pelo lado do passageiro. Suspirei frustrada e entrei no carro.

Não conversamos durante o caminho todo. Dentro de mim estava uma confusão de sentimentos. Eu estava uma pilha de nervos. Como tudo dera errado daquela forma? Tinha raiva de minha mãe por ter estragado tudo uma vez mais e estava irritada com Leona por ter se metido na briga. Se ela tivesse ficado quieta, talvez não teria chegado àquele ponto. Lembrei-me de repente que ainda tinha que ir para a galeria e voltei a sentir meu corpo tenso. Que merda! Eu só queria ficar sozinha. De qualquer forma, tentaria ver com Janaína os assuntos mais urgentes e tirar o resto do dia de folga. Estacionei o carro em frente ao prédio de Leona, e só então olhei para ela. Estava quieta e pude perceber que ela ainda estava chorando, mesmo que fizesse de tudo para esconder. Senti meu coração apertado, não queria que ela se magoasse. Por mais que eu tivesse aquela armadura por fora, que não deixasse transparecer, sempre que eu estava em frente àquela garota me sentia vulnerável, como se ela fosse capaz de atingir o mais profundo em mim.

— Leo... Me desculpe. Eu... – comecei a dizer em uma voz suave, mas ela me interrompeu, encarando-me. Os seus olhos estavam vermelhos.

— Agora que você me pede desculpas? Não, Anastácia, desculpas não adiantam mais. Não depois de hoje. – ela colocou a mão na maçaneta da porta, abrindo-a levemente.
— Você não acha que está sendo um pouco radical? – só percebi que essa frase foi um erro ao ver o olhar indignado que a morena me lançou.

— Radical? É isso que você acha? – ela riu irônica. — Sabe o que é mais engraçado? Um dia

você me disse uma coisa que eu não acreditei, mas que hoje você acabou de me provar ser verdade.

— O quê? – eu engoli em seco, nervosa.

— Você realmente é uma tempestade, Anastácia. Uma tempestade que destruiu meu coração.

Ela saltou do carro e bateu a porta. Fiquei alguns segundos sem reação, enquanto digeria aquelas palavras. Bati com os punhos no volante, balbuciando alguns palavrões, enquanto as lágrimas que eu havia contido por todos aqueles longos minutos finalmente saíram. Encostei a cabeça nos braços e chorei. Ouvir Leona dizer aquilo, daquela maneira, demonstrando o quanto eu a havia machucado, fez algo se quebrar dentro de mim. Quando pareci me acalmar e o choro cessou, dei partida no carro e voltei para a galeria. Eu estava tão perturbada com tudo o que havia acontecido que de um primeiro momento não percebi que o pessoal estava um pouco nervoso no escritório. Não dei atenção ao Gabriel, para ser sincera, passei por ele com passos apressados e do mesmo modo subi as escadas. Não dei atenção a ninguém, nenhuma das pessoas que me chamaram insistentemente. Eu só queria resolver o que tinha que resolver e dar o fora dali. Foi só quando coloquei ambos os pés dentro da minha sala que entendi o porquê de todo o alvoroço.

Janaína estava encostada à minha mesa, com as pernas cruzadas e uma pose ereta, o rosto bem sério, e de frente para ela estava ninguém mais ninguém menos do que John Nabuco. Para fechar meu dia com chave de ouro. Praguejei mentalmente e por um segundo desejei poder dar alguns passos para trás e ir embora, mas Janaína me olhou, com uma expressão ainda mais séria. Ele se virou para mim, com um sorriso amarelo no rosto, dizendo:

— Estávamos falando de você.

Respirei fundo e respondi:
— E posso saber do que se trata? – dei alguns passos firmes, entrando na sala e indo até minha cadeira, ainda de pé. Dessa vez, Janaína não se retirou. Ela se postou ao meu lado, com os braços cruzados em frente ao peito.

— Já se passou uma semana da nossa pequena conversa. Eu voltei para saber qual a sua decisão depois desse tempo para refletir. – ele se recostou na cadeira, colocando as mãos em cima da barriga e cruzando os dedos.

— Se bem me recordo, senhor Nabuco, a sua proposta foi: se eu dissesse que era lésbica, o senhor iria retirar a ajuda financeira mensal que dá para minha galeria, o que é claramente um ato de homofobia, um crime. E se eu dissesse que não era, o senhor continuaria me pagando, não é mesmo?

— Não foi bem isso que eu disse, Anastácia – seu rosto estava sério e vermelho. — Eu não tenho nada contra... Contra... – ele fez um gesto com a mão – Contra o que você é.

— O que eu sou? – arqueei uma sobrancelha, com um sorriso irônico no rosto. — Eu sou a Anastácia e com quem eu me relaciono não é da conta de ninguém, muito menos da sua. Não quero o seu patrocínio. O senhor e o seu dinheiro podem ir à merda! – seu rosto ficou ainda mais vermelho de raiva, o que somente me fez rir, imaginando que ele pudesse explodir em algum momento.

— Você perdeu o juízo, garota? – ele apontou o dedo pra mim, ameaçando-me. — Sabe com quem está falando? Eu posso acabar com esse seu negócio com apenas uma ligação! Ninguém mais vai querer fazer negócios com você, ainda mais com essa sua reputação que corre por aí. – ele sorriu maliciosamente.

— Não me importa quem você é e nem o que pode fazer. Estou farta das suas ameaças, foda-se! Eu não estou nem aí pra minha má reputação. – dei de ombros, lembrando-me da música em inglês. — E quer saber de uma coisa? Dê o fora da minha galeria – eu disse levantando a cabeça.

John fez uma careta, fuzilando-me com o olhar, e sem falar mais nada, saiu porta afora. Só então me sentei, respirei fundo algumas vezes, sentindo-me mais leve, como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas. Eu estava cansada de todo aquele drama desnecessário sobre a minha sexualidade, de toda aquela discussão e de todas as brigas. Talvez eu tivesse ido longe demais, mas sinceramente depois de tudo que acontecera, eu resolvi chutar o balde. Depois iria descobrir um jeito de continuar mantendo tudo, nem que tivesse que vender meu carro ou minha casa. Estava tão absorta em meus pensamentos que só percebi que Janaína me chamava quando ela me chacoalhou algumas vezes. Pisquei os olhos, um pouco confusa, com ela sentada na cadeira ao meu lado. Olhava-me preocupada, repetindo a pergunta:

— Anastácia? Você está bem? – e como eu não respondi, ela voltou a falar. — Não parece nada bem.

Janaína segurou em meu braço, acariciando-o, transmitindo segurança e conforto e eu não consegui segurar o choro. Algumas lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. Sua mão repousou em cima da minha, acariciando-me levemente, em um gesto maternal. Respirei fundo, tentando desanuviar minha mente, e perguntei:

— Acha que eu fiz errado, Ni? Será que eu deveria ter me sujeitado ao que ele queria? Eu pensei até em vender minha casa se precisar... Não sei como vamos fazer. – suspirei desanimada, com a razão batendo à porta, mas a morena me deu um sorriso ao responder:

— Você fez o que seu coração mandou. Não acho que tenha feito errado. E nós vamos dar um jeito, Ana, como sempre. Depois, com calma, sentamos e analisamos todas as possibilidades. Pegaremos os dados e veremos como está a contabilidade. Mas agora não é hora para isso. Vá para casa. Liga pra Leo. – eu sorri tristemente quando ela me disse a última parte.

— Eu e a Leo brigamos. Talvez de forma definitiva – eu disse baixando a cabeça. — Minha mãe apareceu no restaurante em que estávamos.

— Minha Nossa Senhora! – ela exclamou assustada, colocando a mão no peito. — Consigo imaginar como foi essa conversa – ela franziu a testa.

— É.

— Então vai pra casa, que eu passo à noite lá para ver como você está e conversar sobre o que aconteceu. Pode deixar que eu cuido das coisas aqui e fecho a galeria.

— Obrigada, por tudo. – abracei-a forte, tentando não recomeçar a chorar.

Saí da minha sala a passos largos e percebi que todos me olhavam conforme eu passava, mas ninguém disse uma palavra. Melhor assim. Fui para casa, tentando não pensar muito no

caminho, mas eu não conseguia desligar minha mente. Quando cheguei fui direto para o meu escritório, largando minha bolsa em cima da mesa. Peguei uma garrafa de tequila e um copo e deixei que a bebida descesse pela minha garganta. Coloquei mais um pouco, pousando a garrafa em cima da mesa e me joguei na cadeira de couro. Eu só queria um pouco de paz em minha vida, era pedir muito? Merda! Eu estava esgotada, exausta. Sentia-me esmagada por todos aqueles sentimentos ruins que me rodeavam naquele momento. Era como se todo o mundo que eu conhecia, o *meu* mundo, estivesse desabando, desmoronando. Minha vida, meu trabalho... Meus amigos. Meus pais. E minha namorada. Tomei mais alguns goles da bebida. E, para ser sincera, eu já não queria sentir mais nada. Estava cansada de sentir.

Enchi o copo novamente. Estava descendo cada vez melhor. Minhas ideias se embaralhavam em minha cabeça. Por que Leona não conseguia ficar quieta, na dela? Por que ela tinha que se meter onde não era chamada? Se tivéssemos feito do meu jeito, ainda estaríamos juntas. Mas, não! Tinha que querer ser a heroína do mundo e bater no peito que era livre. Ela disse que me amava. Se me amasse, estaria do meu lado naquele momento tão difícil para mim. Será que ela não entendia? Claro que não! Em seu mundinho e família perfeitos ela nunca precisou passar por isso. Essa era a nossa diferença.

Eu estava com raiva, estava magoada. Lembrava-me de suas palavras: “eu estou aqui”. É... E a palhaça aqui acreditou. Acreditou que haveria alguém para ajudar e a amar, para não lhe usar. Usar assim como todos os caras me usaram. Terminei o líquido que ainda restava no copo de uma vez, desceu rasgando, e eu fiz uma careta. Ela só queria um emprego, uma oportunidade para crescer na carreira. Tentei me levantar para pegar mais um pouco de bebida, mas tudo começou a rodar. Senti náuseas e quase caí, tive que me segurar na mesa. Lentamente voltei a me sentar na poltrona. Fechei os olhos, desejando que tudo não passasse de um pesadelo.

Capítulo 29

Sinceramente não me lembro de como eu consegui chegar ao meu apartamento. Após sair de dentro do carro de Anastácia tudo havia escurecido e parecia um borrão em minha memória. De alguma forma, cheguei até o meu quarto, largando-me na cama e só então liberando o choro que eu tentara prender. Eu estava magoada, machucada... Chorava de raiva. Raiva de tudo o que havia acontecido, da mãe de Anastácia, da própria Anastácia... E de mim mesma, por acreditar que um dia eu pudesse modificar alguém. Já devia ter aprendido ser impossível, mas sendo teimosa como eu era, precisava penar muito ainda. Após um tempo o ataque de raiva passou, sobrando o choro, que lentamente se transformou em silêncio. Só então deixei que minha mente se desligasse por alguns minutos, permitindo assim que meu coração pudesse falar. E sua fala era triste. Fiquei deitada ali, em silêncio, durante um bom tempo. Meu celular tocou repetidas vezes, mas eu o ignorei, não queria sair daquela cama por nada. Cochilei algumas vezes, acordando assustada por causa de sonhos esquisitos e voltando a dormir logo em seguida.

Quando me levantei já era noite. Estava com fome, então fui até a cozinha procurar alguma coisa que eu pudesse comer. Encontrei um pedaço de bolo de laranja que sobrara e um resto de suco na geladeira. Sentei-me em frente à televisão, passando pelos canais sem interesse nenhum, até que minha campainha começou a soar sem parar, logo seguida de batidas na porta. Assustei-me de início, mas logo imaginei quem poderia ser. Pensei em ignorar, mas sabia que se o fizesse, seria capaz de ela fazer um escândalo e chamar até a polícia para ver se eu estava viva. Respirei fundo, tentando me preparar psicologicamente. Fui até a porta e a abri.

— Achei que eu fosse ter que arrombar!! – foi o que a ruiva disse entrando apressada.

— Não seja dramática, Kah! – respondi revirando os olhos. Fechei a porta e virei-me de frente para ela, que me olhava brava, com os braços na cintura. — O que você quer?

— Como assim, o que eu quero? – ela me olhou indignada. — Não vai me contar o que aconteceu? Você está bem? Está viva? Respirando? – ela se aproximou preocupada, segurando em meu braço, olhando-me nos olhos, checando meu pulso.

— Não, eu já morri, esse é só meu espírito, que infelizmente tem que te aturar pra sempre – respondi irritada, afastando-a um pouco. — Não aconteceu nada.

— Eu queria conversar com você, mas você não visualizava as mensagens e nem atendia o celular. Durante o dia inteirinho! Comecei a ficar preocupada, claro! Pra você não atender, e nem responder, é porque algo de muito grave aconteceu.

— É – suspirei, sabendo que ela não ia me deixar em paz enquanto eu não contasse o que estava acontecendo, então desisti da postura irônica e simplesmente disse: — Eu e a Anastácia terminamos.

— O quê?!? – ela ficou pasma, com a boca aberta em surpresa e os olhos arregalados. — Não acredito! Por quê? Como? Não creio! – sempre dramática.

Fomos até o sofá e nos sentamos. Comecei a lhe contar como tudo acontecera, primeiro sobre a briga que tivemos e depois sobre o que rolou no restaurante. Karina ouviu tudo quieta, somente fazendo caretas durante meu relato. Ao final, ela soltou uma exclamação de indignação. Levantou-se, andando de um lado para o outro, inconformada. Ela era sempre exagerada, o que fez o primeiro sorriso do dia aparecer em meu rosto, ainda que por pouco

tempo.

— Não dá pra acreditar! A Anastácia passou dos limites, gente! Sério! Logo quando parecia que ela estava evoluindo... – ela suspirou e eu concordei.

— É.

— Mas... –voltou a sentar-se ao meu lado. — Não tem volta? – ela mordiscou o lábio. — Quero dizer... Vocês se amam e isso está na cara! Vai desistir dela assim, em um piscar de olhos? – a ruiva perguntou preocupada.

— Em um piscar de olhos? – rebati irritada. — Eu venho tentado ser paciente há tempos, Kah! Tentei entender... Mas ela parece não querer mudar. E ainda por cima me culpa por tudo o que aconteceu.

— Ah, Leo, eu até que entendo um pouco o lado dela. Ela deve ter entrado em parafuso, ainda mais por causa da reação da mãe dela e de tudo o que está acontecendo na galeria... – Karina comentou, gesticulando.

— De que lado você está? – arqueei uma sobrancelha, um pouco surpresa. — Virou amiguinha dela agora, é? – fechei a cara.

— Do seu, ué! E não, não virei amiguinha dela, só estou comentando que talvez você pudesse entender um pouco o que a Anastácia está passando.

— E o que eu estou passando?!! – perguntei indignada. — Não conta? Meus sentimentos? Se for pra defendê-la e me atacar, você pode ir embora e me deixar em paz! – levantei-me do sofá, ficando de costas para ela, com os braços cruzados em frente ao peito. Eu respirava pesadamente, minha cabeça estava voltando a doer.

— Desculpa, Leo. – ela suspirou, levantando-se e me puxando pelo braço para me sentar de novo. Segurou em meu queixo, fazendo-me olhar em seus olhos. — Você é minha melhor amiga, sabe disso. E exatamente por isso eu posso te dizer certas coisas. Mas se você não quer ouvir, eu vou embora.

— Ok. – suspirei fundo, fechando os olhos por um segundo, passando a mão pela minha nuca e os abri novamente. — Você tem razão. Pode me falar. Eu preciso mesmo conversar com alguém – confessei.

— Como sua amiga, eu sei bem como você pode ser um pouco dura ao falar sobre as coisas que você acredita. Você defende bem o seu ponto de vista, mas isso faz com que feche os olhos para os outros.

— Eu não... – mas seu olhar reprovador fez-me calar.

— Como eu dizia... Eu entendo que não deve ser fácil pra você, que tem uma posição firmada, lidar com alguém tão instável no momento. Mas acho que deve considerar o que a Anastácia está passando e não levar tudo tão a ferro e fogo como você faz – a ruiva me disse calmamente, fazendo com que suas palavras se processassem em meu cérebro. Eu reconhecia que ela não estava totalmente errada.

— Eu posso tentar, mas... No momento estou magoada demais para isso. – respondi sincera.

— Óbvio, né, amiga? – ela começou a rir. — Eu não falei pra você sair correndo agora e ir bater na porta dela. Aliás, isso seria se humilhar e não está certo não. – ela fez uma careta. — Agora deixando todo esse papo cabeça de lado... – ela mordiscou o lábio com uma careta sapeca.

— O que foi, Kah? – perguntei já esperando uma de suas típicas respostas.

— Quem essa Anastácia pensa que é? Ok que ela é gostosa, ok que ela é maravilhosa, ok que ela é linda, perfeita, fofa...

— Ei!!!!! – eu a interrompi, censurando-a com o olhar.

— Ai, amiga, não seja tão ciumenta. – ela me deu um tapinha no braço e continuou. — Como eu dizia, ok que ela seja tudo isso, mas ela é uma idiota por deixar uma garota tão incrível como você escapar tão facilmente! E agora ela está ferrada, deixa só ela me encontrar! Ninguém machuca o coraçãozinho da minha amiga e sai impune! – Karina se levantou, com o braço erguido e o dedo em riste, em posição de heroína.

— Você é uma boba, sabia? – eu comecei a rir com suas palhaçadas, sentindo-me melhor. — Você pode dormir aqui em casa hoje?

— Claro! Você tem chocolate e leite condensado? – ela me perguntou com seu jeito espoleta.

Fizemos brigadeiro enquanto conversávamos. Karina ia me atualizando sobre sua vida, seus rolos, fazendo palhaçadas e me entretendo. Resolvemos ver um filme depois e por um tempo eu me esqueci de Anastácia e de tudo o que eu havia passado. Mas a ruiva acabou adormecendo no sofá e ela dormia tão bem que eu não quis acordá-la. Eu também já estava morrendo de sono, então pausei o filme, trouxe uma coberta para ela e fui para o meu quarto. Só então me lembrei do meu celular. Peguei o aparelho e constatei o óbvio: dez ligações perdidas de Karina em diversos horários e mais de trinta mensagens dela. Algumas mensagens de pessoas aleatórias, uma de minha mãe... E então eu prendi a respiração. Havia uma mensagem da loira, enviada há mais de uma hora, provavelmente quando Karina chegara em casa. Fiquei com receio de abri-la, mas minha curiosidade era maior do que meu medo. *"Me diz, garota, como faz parar essa dor?"* Foi como um soco no estômago. Minha própria dor voltou a latejar e senti as lágrimas querendo sair novamente. Respirei fundo, com o nó na garganta, e digitei a mensagem de volta: *"Me diz você, loira, que foi quem a causou"*.

— Acoooordaaaaa! – senti o peso em cima de mim, enquanto eu resmungava para continuar dormindo, tentando me cobrir com a minha coberta.

— Me deixa dormir!

— Já está na hora de levantar! – a ruiva começou a puxar o cobertor para longe, sentando-se ao meu lado, toda animada. — Já planejei nosso dia todo hoje! – coloquei as mãos na cabeça, sentindo-a latejar. Eu havia adormecido quase amanhecendo o dia e mal dormira. — Nossa primeira parada: uma caminhada no Ibirapuera!

— O quê?! – eu respondi arregalando os olhos, finalmente acordando. — Você o quê?! Está louca, Karina?! Você acha que eu quero caminhar?!! – minha voz subiu um tom.
— E por que não? – ela deu de ombros. — Caminhar é bom para a saúde e ajuda na circulação. Estar em contato com a natureza vai lhe fazer bem. Respirar um ar puro e não a poluição dessa cidade – ela começou a enumerar as vantagens do passeio e eu revirei os olhos. Não podia

acreditar no que ela estava me falando.

— Por acaso você faltou nas aulas sobre como ajudar a melhor amiga a passar por um término? – perguntei sarcástica, olhando-a irritada. Como ela continuou me encarando, continuei. — Por que raios você acha que eu iria querer caminhar no mato para esquecer a loira? Eu só quero ficar enfurnada em casa, vendo filme, me entupindo de comida e chorando minhas pitangas para minha melhor amiga.

— Meu programa é muito melhor e mais saudável do que esse seu clichê aí. – ela deu de ombros.

— Mas você nunca foi geração saudável, Karina – estreitei os olhos, só então me lembrando das coisas que ela me dissera na noite anterior. — Ou pelo menos não era até conhecer uma tal... Amanda... É esse o nome dela, não é? Aquela professora de academia que você não parava de tagarelar ontem. Sua safada! – joguei meu travesseiro nela, enquanto ela ria.

— Eu sempre quis ser um pouco mais saudável. A Amanda só me deu um impulso para isso acontecer. – ela me deu uma piscadela.

— Acho ótimo você ser mais saudável, Kah, mas hoje não! – resmunguei novamente, aconchegando-me na cama. — Hoje é sábado, quero ficar em casa.

— Tudo bem. Vamos ficar em casa vendo Netflix se é isso que você quer. – ela revirou os olhos e me abraçou.

Durante o dia ficamos conversando bobagens, assistindo a seriados e comendo besteiras e, no geral, eu estava indo muito bem. Mas eu me conhecia... Sabia que não tardaria para que eu quisesse ficar sozinha novamente. De vez em quando olhava meu celular, na esperança de que Anastácia houvesse me mandado outra mensagem, mas nada havia e aquilo me deixava um pouco triste. Após um dia tão agitado, eu já estava ficando cansada e minha salvação foi a Amanda chamando Karina para um encontro naquela noite. Convenci a ruiva a ir, dizendo-lhe que não poderia perder aquela oportunidade por minha causa, que eu ficaria bem e etc. Quando ao cair da noite Karina finalmente foi embora e eu me vi sozinha, senti um vazio dentro do peito. Sentei-me no chão da sala, pensando que eu deveria estudar. As provas estavam chegando, mas eu não tinha condições de pegar em nenhum livro naquele momento, apesar de saber que não podia me dar ao luxo de reprovar em nada.

Por fim, fui até meu estúdio e entrei, observando todos aqueles quadros ao meu redor, em especial aquele das rosas e do girassol. Devagar me aproximei, tocando a tinta seca com a ponta dos meus dedos, contornando as pétalas do girassol, sentindo uma lágrima descendo pelo meu rosto. Lembrava-me de quando eu fizera aquela pintura, de como eu me sentia naquele momento. Tanta alegria... Tanto amor... Tanta paixão... Para onde todos aqueles sentimentos haviam ido?

Andei até o armário onde eu deixava minhas telas e peguei uma, com todos os pinceis e tintas e a coloquei no cavalete. Fiquei admirando a tela em branco durante alguns segundos, deixando-me levar pela minha inspiração, até eu finalmente liberar o que eu levava no peito. Comecei a pintar devagar, mas de forma precisa, usando muitos tons frios. Cinza, azul escuro, algumas pinceladas de azul claro, algumas luzes, um bom tanto de preto iam formando a tempestade. Dentro de uma redoma um único girassol, intocável pelos raios que rasgavam o céu. Durante um momento, admirei o que havia feito, sentindo a mágoa me dominando, mas então, de

repente, senti uma pontada de tristeza e culpa. Eu devia ser justa. Adicionei alguns pontos em vermelho, que misturavam ao amarelo, trazendo um laranja avermelhado. O girassol sangrava.

Anoiteceu e eu arrumei minha mochila para o dia seguinte, tomei um bom banho, comi alguma coisa e adormeci. Depois de uma noite muito mal dormida e de toda a exaustão do meu corpo e da minha mente, acabei dormindo como pedra. Acordei com o dia acinzentado, meu celular continuava adormecido e assim permaneceu. Fui para a faculdade e precisei de um esforço enorme para prestar atenção nas aulas e fingir que tudo estava bem. Maria tentou conversar comigo, percebeu que eu estava estranha, mas eu não queria conversar sobre o assunto, então simplesmente disse que eu estava doente.

Durante o intervalo, recebi uma mensagem de Karina, dizendo que precisava me contar as novidades sobre a Amanda e que o faria assim que pudesse. Respondi-lhe tentando parecer otimista e animada como sempre. Minha mãe havia me mandado diversas mensagens querendo saber o que havia acontecido e eu lhe disse que depois iria responder. Disse que eu estava bem, mas querendo ficar sozinha. Ela insistiu e eu a ignorei. O resto da manhã foi um martírio e, após um almoço que eu mal toquei, vi-me pegando o metrô da Linha Amarela em direção à Paulista, último lugar em que eu gostaria de estar naquele momento. Eu havia tentado ligar para Janaína perguntando se eu poderia ficar em casa alguns dias, mas seu celular dera ocupado boa parte da manhã.

Enquanto eu andava apressada dentro da galeria, algumas funcionárias me cumprimentaram de longe e eu apenas acenei. Entrei rapidamente na minha sala, não querendo conversar com ninguém. Mas após cinco minutos lá dentro, Gabriel apareceu na minha porta, trazendo diversos trabalhos que eu deveria realizar naquele momento, algumas planilhas, documentos que eu tinha que checar... Pensando pelo lado positivo, seria bom eu me ocupar, dessa forma não havia espaço para pensar nela. Eu estava tão concentrada no que estava fazendo no computador, após uma meia hora, que quando ouvi sua voz meu coração deu um pulo no peito. Senti minhas mãos ficarem geladas, eu fiz de tudo para não olhar em sua direção, mas não obtive sucesso. Antes que pudesse evitar, meus olhos estavam cravados na loira e em toda a sua magnitude. Ela estava linda! Como podia? Usava um terninho azul escuro, salto alto, os cabelos loiros soltos pelos ombros brilhavam, mas ela estava de óculos escuros. Em seus lábios reinava um batom vermelho escuro. Sorriu, ao perceber que eu lhe examinava com o olhar, e eu quase me bati por isso.

— Eu preciso desses números até o final da tarde. E ah, Gabriel, não se esqueça de me mandar os relatórios para a minha sala, preciso urgentemente deles. – ela deu um pequeno sorriso, e mal olhou pra mim, retirando-se da sala.

— A Anastácia está um pouco estranha hoje – ele comentou, franzindo o cenho. — Aconteceu alguma coisa? Vocês brigaram? – parecia preocupado.

— Não aconteceu nada. – engoli em seco, tentando sorrir.

— Drama sapatônico. – deu de ombros. — Já ouvi muito sobre, boa sorte pra você. – ele sorriu e se levantou. — Qualquer coisa estarei em minha sala.

Logo que ele saiu respirei fundo, sentindo-me cansada. Aquele mínimo encontro com Anastácia havia mexido comigo e eu me sentia ansiosa e um pouco nervosa. Meu instinto me dizia pra simplesmente ir até ela, abraçá-la e beijá-la, acabando com toda aquela distância, mas

minha razão continuava me lembrando de tudo o que acontecera e de como eu deveria me manter distante. Mas era difícil ficar longe daquela mulher! Como eu estava com os relatórios que ela havia pedido, pensei em ir lhe entregar e poder olhar para a loira mais uma vez antes de ir pra casa. Eu sorri tímida, apenas pensando na possibilidade, com a ansiedade aumentando dentro do peito. Peguei os papéis e saí da minha sala, mas em poucos passos comecei a ouvir uma voz conhecida, que estava mais alta do que o normal, na recepção. Conforme me aproximava e reconhecia o cenário a minha frente, comecei a me arrepender de ter saído aquele dia de casa. Puta merda! A voz ficava mais estridente a cada passo que eu dava e eu já sentia meu rosto vermelho de raiva e de vergonha. Se eu só pudesse sumir naquele momento...

— Não me interessa se ela está ocupada! Você vai chamá-la aqui e agora! – a moça da recepção parecia nervosa, tentando lhe explicar alguma coisa, mas a mulher voltou a se irritar. — Esperar? Eu não espero ninguém não, minha filha!! Ela vai ter que me receber, *agora*! – eu finalmente cheguei ao balcão, fazendo com que todos os olhares se voltassem para mim.

— Mãe? O que você faz aqui?! – perguntei num misto de surpresa e desespero.

— Finalmente a senhorita apareceu! Achei que fosse me ignorar aqui também. – ela brigou comigo, em tom sério.

— Eu estava na faculdade hoje de manhã e agora estava trabalhando. Desculpe se ela lhe disse que eu estava ocupada, mas podemos conversar agora e... – mas ela me interrompeu antes mesmo que eu pudesse continuar, deixando-me confusa.

— E quem disse que eu quero falar com você? – ela ajeitou os óculos de grau, colocando uma mexa do cabelo crespo e castanho atrás da orelha, bufando. — Eu quero é falar com a pessoa responsável por machucar você, ou seja, a dona dessa jossa, aquela vaca filha da...

— Tatiana! – eu exclamei, chamando sua atenção e evitando que ela xingasse Anastácia. Nesse momento, todos os presentes já nos encaravam.

— O que está acontecendo aqui? – Janaína apareceu, séria, bem ao lado de minha mãe. — Meu nome é Janaína, sou a assistente pessoal da Anastácia. Do que a senhora precisa? – minha mãe a examinou de cima a baixo, um pouco desconfiada, e eu já podia imaginar o que se passava na mente da minha querida mãe.

— Assistente pessoal da Anastácia? – ela arqueou uma sobrancelha, com malícia na voz.

— Sim. Do que a senhora precisa? – Janaína voltou a perguntar.

— Humm... – minha mãe deu de ombros. — Eu quero falar com a Anastácia. Assunto particular.

— E a senhora é...? – Janaína levantou uma sobrancelha, apenas para confirmar, pois estava bem óbvio. Olhou da minha mãe para mim.

— Tatiana. Mãe da Leona – ela respondeu séria, batendo o pé no chão, já sem paciência nenhuma.

— Entendo – a morena disse apenas. — A senhorita Anastácia está ocupada, como já lhe foi informado, mas a senhora pode marcar uma hora com ela...

— Você é surda?! – minha mãe falou mais alto e eu comecei a segurar em seu braço e chamá-la

para que fosse embora, mas ela me deu uma bronca e continuou. — Eu quero falar com a Anastácia agora e não quero que me enrolem dizendo que ela está ocupada e o escambal a quatro! Se for preciso, passo a tarde inteira plantada nesta sala. – ela cruzou os braços em frente ao peito e eu coloquei ambas as mãos na cabeça, sem saber o que fazer.

— Pelo amor de Deus, mãe! – voltei a segurar em seu braço. — Vamos...

— Deixa que eu falo com ela, Leona – não deu tempo de eu me recuperar por ouvir aquela voz tão sexy e ao mesmo tempo tão fria, pois Anastácia colocou a mão em meu ombro ao falar. Senti meus joelhos enfraquecerem e eu tive que me controlar pra não demonstrar nenhum tipo de reação. Ela estava postada bem atrás de mim, mas o contato foi rápido e ela logo tirou a mão das minhas costas. — Boa tarde, senhora Tatiana.

Capítulo 30

— Boa tarde, senhora Tatiana. – tentei sorrir. Era só o que me faltava! A mãe de Leona querendo fazer escândalo na minha galeria. — Do que a senhora precisa?

— Finalmente! – ela bufou impaciente. — Quero conversar com você. Assunto particular – ela arqueou uma sobrancelha. Eu sabia exatamente do que ela queria falar, mas eu não tinha a menor vontade de ouvir um sermão sobre tudo aquilo.

— Se é um assunto particular, não relacionado ao meu trabalho, peço para que me procure em minha casa, depois do horário comercial – respondi séria.

— Não. Eu quero falar com você agora. – ela estava atraindo muita atenção, e para ser sincera, minha paciência já havia se esgotado.

— Esse é o meu local de trabalho e eu sou a dona dessa galeria. Se quiser falar comigo, vá até minha casa. Não vou tolerar esse tipo de cena aqui. Peço para que a senhora vá embora – respondi firme. Ela me olhou com irritação, franzindo o cenho, mas por fim resolveu atender ao meu pedido.

— Tudo bem, eu vou embora. Mas saiba que você acabou de colocar um ponto final em tudo isso. – Tatiana arqueou uma sobrancelha e eu sabia exatamente ao que ela estava se referindo.

— Eu? Foi sua filha quem fez isso primeiro – eu sorri irônica. — Boa tarde.

Tatiana não me respondeu, apenas me encarou. Olhou a filha de relance, contraiu os lábios com força e então se virou e saiu do local a passos firmes. Dava para ver que aquela mulher raramente era contrariada e que ficava muito irritada quando isso acontecia. Olhei para Leona parada ao meu lado, atônita com a cena que acabara de acontecer. Levantei o queixo com um sorriso e pude perceber seu rosto ferver de raiva. Dei meia volta e, após alguns passos, ouvi a voz de Leona me chamando, cada vez mais alto, mas eu não me virei. Logo depois ouvi a de Janaína, tentando contê-la. Comecei a subir as escadas e quando cheguei ao topo, diminui os passos ao passar pelo corredor. Eu a conhecia, sabia que ela não iria conseguir esperar até o final do dia. Três, dois, um...

— Anastácia! – sorri ao ouvir sua voz um pouco atrás de mim. — Anastácia!!! – ela berrou, mas dessa vez já havia me alcançado. Ela agarrou meu braço, puxando-me para trás, encarando-me.

— O que você quer?! – perguntei ainda de queixo erguido.

— O que foi aquela cena lá embaixo? Precisava falar daquele jeito com minha mãe? – ela estava furiosa e eu confesso que estava gostando daquilo.

— O que você acha? – respondi-lhe com outra pergunta. — Precisava. Já que você não soube lidar com ela, eu fiz o trabalho.

— Até porque você é uma especialista em lidar com mães, não é? – ela disse sarcasticamente, com os olhos faiscando, e aquilo me pegou de surpresa. Senti a alfinetada.

— Me larga, Leona – desviei do assunto, baixando o olhar para sua mão apertando meu braço.

— Não, não largo – ela estava bem perto de mim e pude sentir seu hálito em meu rosto. Seus olhos faiscavam e ela estava com a expressão fechada. Sua respiração era irregular e eu não pude

resistir, baixando meu olhar para sua boca. — Você gosta, não gosta? – passou a língua pelo lábio, mordiscando-o em seguida, e eu acompanhei seus movimentos.

— Leo, por favor... – eu ri, desdenhado da sua tentativa. — Acha que eu vou cair nesse joguinho? É mais fácil você não conseguir resistir a mim. – aproximei meu rosto ainda mais do dela, roçando os lábios em sua orelha e a senti estremecer. — Você come na minha mão desde o dia em que me conheceu – mal terminei a frase senti meu corpo sendo empurrado para trás.

— Calada! – sem conseguir entender o que estava acontecendo, senti a parede atrás de mim e uma furiosa Leona com o corpo prensado contra o meu.

— O que...?!

— Calada! – ela repetiu, mas dessa vez de modo mais baixo, rouco e eu não pude reprimir um gemido abafado. Ela percebeu, sorrindo maliciosamente, com o rosto bem próximo do meu. Roçou os lábios nos meus, bem devagar, e eu já estava de olhos fechados, com a boca entreaberta, esperando pelo beijo... Que não veio. — Você não vai ter o que você quer – ela sussurrou.

— Leo – eu gemi baixinho, de olhos bem fechados, como se dessa forma pudesse continuar naquela fantasia. Mas logo senti seu corpo se desprender do meu.

— Como eu disse... Me esquece – respondeu-me logo que eu abri os olhos. Observei-a se afastar de mim, descendo as escadas.
— Merda!! – bati o punho na parede, com raiva, transtornada.

Eu odiava a forma como aquela garota conseguia mexer comigo. Não importava o quanto eu tentasse me manter distante ou fingir que não me abalava com a sua presença. Voltei para o meu escritório e continuei trabalhando, sem conseguir tirá-la de meus pensamentos.

Conforme os dias da semana passavam, estava cada vez mais difícil encontrá-la no trabalho. Leona não falava comigo, salvo quando estritamente necessário. Quando eu passava em sua sala, ela evitava me olhar, mas quando nos encontrávamos na sala de descanso eu percebia que ela me observava por alguns segundos, ainda mais quando achava que eu não estava vendo. Sempre que possível eu também deixava meus olhos percorrendo seu corpo, lembrando-me de quando estávamos juntas, do seu jeito e de como ela me fazia sentir.

Já era sábado à noit e eu estava sentada no sofá, assistindo à televisão, sem nada para fazer, sentindo-me entediada. Queria sair, mas não via graça em ir a lugar algum, então peguei meu celular pessoal, checando as mensagens. Fazia um bom tempo que Leona não ficava online, mas ainda assim, resolvi arriscar. Deslizei os dedos pela tela, digitado uma mensagem que logo enviei. *“Eu queria estar tomando um bom vinho agora, mas estou sem companhia.”* A resposta demorou um pouco a chegar e eu quase desisti, achando que ela nem fosse me responder, quando meu coração deu um pulo no peito. “*Toma sozinha, você é perita nesse assunto.”* Essa doeu... Mas pelo menos era uma resposta.

Então eu tive uma ideia, um impulso. Levantei-me, sem nem me importar com o modo como eu estava vestida. Fui até a cozinha, peguei uma garrafa de vinho, subi rapidamente, pegando minha bolsa e calçando minha sapatilha preta e saí de casa. Eu dirigia com a janela aberta, sentindo o vento no meu rosto, o que me fez sentir um pouco melhor, mais leve, mais livre. Parei meu carro em frente ao prédio de Leona e desci, cumprimentando o porteiro, que me

lançou um sorriso surpreso junto com um “Quanto tempo!”. Enquanto eu esperava o elevador, tirei uma foto da garrafa de vinho, mandando para ela com a seguinte legenda: “*Bebe comigo, Leona.”* Ela visualizou a mensagem, mas não me respondeu. Eu já esperava por isso. Comecei a sorrir, decidida, digitando logo em seguida: “*Isso não é um pedido. É uma ordem.”* E toquei a campainha do seu apartamento. No mesmo instante ela leu a mensagem e eu pude ouvir sua voz alterada do outro lado.

— Puta que pariu, Anastácia!

Sorri, mordiscando o lábio inferior. Não mais que dez segundos se passaram e a porta a minha frente se abriu. Eu a observei com um sorriso sincero. Leona estava de pijama, calça comprida e uma regata, pés descalços, cabelos presos de qualquer jeito... Mas para mim, estava linda.

— O que você está fazendo aqui?! – a pergunta soou um pouco agressiva.

— Te convidando pra tomar vinho comigo. – levantei a garrafa à altura dos seus olhos. — Posso? – indiquei com a cabeça o interior do apartamento.

— Eu... – ela engoliu em seco. — Eu pedi para que me deixasse em paz. – ela levantou o queixo.

— Eu só quero tomar um vinho com você. Conversar... – como ela parecia decidida a não me deixar entrar, completei. — Se não me deixar entrar, eu fico aqui mesmo. – coloquei os braços em frente ao corpo. Após hesitar um pouco, ela suspirou e finalmente disse:

— Entra.

O apartamento parecia estar menos arrumado do que das últimas vezes em que eu estivera ali. Acredito que ela devia estar passando todo seu tempo livre em casa. Sentei-me no sofá, enquanto Leona pegava duas taças na prateleira da cozinha e as trazia para a sala. Servi o vinho para nós duas e ela se sentou ao meu lado. Seu olhar estava vago e ficamos em silêncio por alguns minutos. A porta do seu ateliê estava aberta e eu o observei da onde estava. Fazia tanto tempo que eu havia entrado naquele espaço... Uma sensação de nostalgia me dominou. No cavalete, bem em frente à porta, havia uma pintura já começada, em tons de azul escuro, preto e um pouco de cinza. Tomei um gole da minha bebida, tentando entender o sentido daquela pintura.

— Vejo que está pintando... O que é? – perguntei curiosa, voltando a olhar para ela.

— Tristeza – ela disse, tomando um longo gole do vinho. Engoli em seco, sentindo meu peito pesado. Ela parecia não somente triste, mas abalada, sem vida... Aquilo estava me angustiando.

— Tristeza? – perguntei, com a voz um pouco amarga. — Eu sou mais que uma tristeza, Leona. Você pode fazer melhor do que isso – respondi, virando mais um gole do vinho. Após algum tempo ela levantou a cabeça, encarando-me. Aquele olhar... Doeu.

— Você? – ela sorriu tristemente, com uma leve risada. — Você é uma taça de vinho esperando para ser degustada pela pessoa certa. Você embriaga e vicia.

Suspirei, sentindo-me inebriada com suas palavras. Seu modo de falar revelava como ela se sentia em relação a mim. E eu adorava quando Leona me descrevia de modo tão profundo, tão apaixonado. Mas ao mesmo tempo, sua tristeza mexia comigo de forma profunda. Suspirei,

enquanto me deixava envolver por aqueles sentimentos e pensamentos, enquanto meu olhar vagava sem, no entanto, prender-se a algo.

— Eu gostaria que me pintasse assim... Exatamente como me descreveu.

— Seu desejo é uma ordem.

Levantou-se e foi até o ateliê, voltando alguns minutos depois com uma tela em branco, seus pincéis e diversas tintas, alguns panos e um pouco de água. Leona sentou-se no chão, colocando a tela a sua frente, e começou a me observar. Aos poucos ia esboçando os meus contornos, adicionando cores diferentes em pinceladas leves, mas precisas. Às vezes parava, olhava-me profundamente, e então continuava o seu processo. Nesses instantes eu não conseguia conter algumas lágrimas que escorriam, enxugando-as com as costas da mão. Quando a minha taça se esvaziou, peguei a garrafa do chão e enchi-a de novo. Repeti esse gesto algumas vezes, até que o vinho se esgotasse. Eu estava um pouco tonta e minha visão estava um pouco embaçada quando finalmente Leona parou de pintar. Percebi como estava exausta. Quando olhei para o quadro, meus olhos se encheram de lágrimas. O que eu via era uma mulher triste, solitária e amedrontada. Sorri, admirada com a intensidade da sua pintura e com o modo como ela conseguia me enxergar.

— Eu ainda preciso terminar, mas estou muito cansada. Farei isso depois – ela disse, colocando a tela de lado. Ficamos em silêncio durante alguns segundos, até eu resolver começar a falar.

— Me desculpe, Leo – funguei, coçando o nariz com a manga da blusa. — Eu sei que te magoei profundamente e... Eu... Não queria te machucar.

— Você machuca a si mesma, Ana – ela deu um longo suspiro. — E sim, você me magoou muito. Eu confiei meu coração a você. Confiei que você pudesse atingir qualquer pessoa menos a mim, mas estava errada.

— É um mecanismo de defesa. Quando me sinto atacada, machucada, eu me fecho, para que ninguém mais consiga me atingir.

— Eu achei que justamente comigo não houvesse a necessidade de se fechar.
— Sinto sua falta, Leo. Todos os dias, todos os minutos... Sinto falta do seu abraço, do seu beijo, da sua voz...

— Eu também sinto a sua, loira – um sorriso apareceu em seus lábios. — Mas o que foi feito não pode ser desfeito, entende? Não podemos simplesmente voltar uma pra outra se você continuar agindo assim.

— Assim como, Leo? – perguntei exasperada.

— Querendo me esconder. Vou ser bem sincera, Ana. Eu tentei te dar um tempo, esperar que tomasse uma atitude... Mas você continua, de uma forma ou de outra, querendo confinar nosso amor, trancá-lo dentro de quatro paredes. Não foi apenas a briga com sua mãe; mas o modo como você age, tentando levar sua vida sozinha, quando você tem alguém para compartilhar, dividir e estar ao seu lado. Alguém que quer construir um futuro com você.

Fiquei em silêncio durante alguns minutos, refletindo sobre tudo o que ela me disse. Eu entendia seu lado, entendia o que ela me pedia e, no fundo, não achava que era muito. Só era

difícil atender. Talvez pelo fato de ter que mudar, pelo medo de enfrentar o desconhecido, medo de me abrir e de me deixar vulnerável. Sem que eu permitisse, algumas lágrimas desceram pelo meu rosto e eu comecei a chorar baixinho. Leona se levantou e sentou-se ao meu lado, colocando o braço em meu ombro, abraçando-me.

— Preciso de você pra me ajudar – eu disse entre os soluços.

— Não, Ana, não precisa. Você tem que mudar sozinha. Eu estava ao seu lado e, ainda assim, você continuava a mesma. Você precisa pensar no que quer para sua vida e se isso irá me incluir ou não – ela me deu um beijo na testa.

Após alguns minutos, quando finalmente me acalmei, resolvi ir embora. Leona não fez objeções, apenas me pediu para que não a contatasse, mesmo sabendo que eu iria fazê-lo. Saí do apartamento e desci pelo elevador, dirigindo-me até meu carro. Sentei no banco, com as mãos no volante, olhando para o nada durante alguns minutos. Voltei para minha casa, mas deixei o carro estacionado na rua. Sentia-me sufocada lá dentro. Deitei-me na grama em frente à porta da minha casa, olhando para cima. O céu estava claro, salpicado de estrelas. A lua estava cheia, muito bonita. Suspirei, pensando nas palavras que Leona me dissera. Eu entendia como ela se sentia. Viver esse amor escondido também estava me sufocando, tive que admitir para mim mesma.

Olhava para cima tentando buscar uma resposta, uma solução para aquele problema. Eu não podia mais ficar parada, não podia mais continuar machucando Leona e deixá-la se afastar de mim. Eu não podia mais ficar chorando pelos cantos. Ela estava certa, eu tinha que pensar em mim, na minha vida, o que eu queria do meu futuro. Estava frio lá fora, então resolvi entrar e descansar, antes que aquela dor de cabeça que começava a se instalar virasse uma enxaqueca.

O domingo chegou e resolvi passar o dia todo dentro de casa. Acordei tarde e preparei um chá e algumas torradas com geleia e sentei no sofá da sala, enquanto assista a um filme na TV. Para falar a verdade, não prestei muita atenção no seu conteúdo. Ficava relembrando tudo o que Leona havia me dito na noite anterior. No fundo, eu já sabia há um tempo o que eu queria, ou melhor, quem eu queria. Eu havia mudado minha vida toda por causa dela, tentando ver a vida com os seus olhos e me perdi no processo. Eu não queria sair da minha zona de conforto, de quem eu achava que eu era e do que eu defendia. E exatamente por isso eu não conseguira ser quem ela queria que eu fosse. Eu não podia mudar por ela, mas por mim mesma. E se não fosse por Leona, talvez eu nunca tivesse percebido que eu não era feliz em minha vida.

Decidi que era hora de trabalhar. Fiquei quase o tempo todo no escritório, com as planilhas e os documentos da galeria, observando as finanças e os dados da empresa. Outro ponto que me incomodava era Lucas. Apesar de ter dito a Leona que eu nada poderia fazer após ele ter mudado a data da exposição, não me agradava deixá-lo sair por cima naquela situação. Achava que ele já havia interferido o suficiente em minha vida. Mandei uma mensagem para Janaína, perguntando quando que ela poderia me ajudar com a papelada e dez minutos depois ela respondeu com um “estou indo.” Eu não gostava de atrapalhar o fim de semana dela, mas realmente precisava de ajuda e da sua companhia. Assim que ela chegou levantei os olhos dos documentos que tinha em mãos e dei um leve sorriso.

— Você está péssima – ela comentou, sentando-se ao meu lado.

— Noites de sono mal dormidas. – dei de ombros, entregando-lhe alguns papéis. — Estou bem preocupada com relação às nossas finanças.

— Eu também. Com a saída do senhor Nabuco, precisaremos fazer alguns ajustes – ela comentou se concentrando nos documentos.

Passamos um bom tempo conversando sobre os vários problemas que estavam em nossas mãos. Tínhamos que dar um jeito em tudo aquilo e bolar um plano para continuar com a galeria e as exposições.

Capítulo 31

Minha vida se tornara um pesadelo do dia para a noite. Eu estava triste e magoada e passava a maior parte do tempo de mau humor, o que não me ajudava a estudar. O trabalho na galeria também estava por um fio, pois eu tinha que tentar ignorar a presença de Anastácia todos os dias, salvo quando conseguia evitá-la e não precisava vê-la. Mas quem disse que ela me deixava em paz? Sua insistência em manter contato só tornava mais difícil, para mim, ter que ignorá-la. Após o fiasco do nosso último encontro ela parecia ter entendido o recado, pois não voltara a me procurar e já fazia quase uma semana.

Já estávamos no meio de novembro, eu estava atolada de trabalhos e provas e por isso comecei a recusar todos os convites de minhas amigas para sair. Confinada em casa, com o celular desligado, sem ter que dedicar meu tempo a ninguém mais, eu finalmente consegui me concentrar nos estudos e render alguma coisa. Mas somente durante três dias. Após esse tempo, o tédio começou a me consumir aos poucos e eu precisava sair para respirar ar puro. Era sexta-feira à noite e eu tinha acabado de passar pela porta da galeria quando vi Karina parada na calçada, com os braços cruzados, encostada em um poste.

— Finalmente! Achei que fosse dormir aí! – ela bufou, aproximando-se de mim e me dando um beijo no rosto.

— O que está fazendo aqui? – perguntei dando-lhe um abraço. — Eu precisei ajudar o Gabriel a repassar alguns dados que estavam fora de ordem, uma bagunça!

— Hum... O importante é que terminou! E eu vim te buscar pra irmos numa balada ótima! – ela sorriu balançando os quadris.

— Ah, não, Ka! Não estou com cabeça para baladas – tentei me esquivar, mas ela me segurou pelo braço, tentando me convencer.

— Vamos lá, Leo! Ficar confinada naquele seu apartamento não faz bem! Você vai pirar lá dentro.

— Sendo sincera, faz alguns dias que eu estava querendo sair...

— Pois então! – ela se animou. — Já ouviu falar do Morrison Rock Bar? É um pub bem legal que tocam bandas *covers* de rock. Acho que você vai curtir. Hoje vai ter Foo Fighters, Van Halen e Guns N' Roses.

— Pode ser. Mas eu queria passar em casa antes pra me trocar e... – nem terminei de falar Karina me estendeu uma bolsa e um par de sapatos que carregava na mão. — O que é isso?

— Se você colocar os pés naquele apartamento, não vai sair de lá tão cedo, então eu trouxe a roupa pra você se trocar aqui – ela sorriu convencida.

Entrei mais uma vez na galeria e fui direto ao banheiro. Karina havia levado um jeans escuro, um par de sandálias de salto e uma blusa preta com uma jaqueta vinho. Dei uma penteada nos cabelos com os dedos, separando os cachos e passei um batom e um rímel que eu tinha na bolsa. Quinze minutos depois eu havia saído e estávamos andando rumo ao metrô Consolação. A brisa da noite e a conversa com minha amiga me animaram um pouco e eu estava me sentindo melhor, mais leve. Descemos na estação Fradique Coutinho e subimos alguns quarteirões até o

local.

Uma vez lá dentro, reparei que parecia mesmo um pub. Ambiente escuro, com o bar no meio perto da entrada, de um lado um balcão com bancos altos e do outro lado algumas mesas. Na parte da frente tinha uma pista para as pessoas ficarem dançando perto do palco. Mas como as bandas só se apresentariam depois da meia-noite e ainda eram dez e meia, tinha um telão onde passavam clipes das bandas de rock dos anos oitenta e noventa. Pedimos uma cerveja e nos sentamos nos banquinhos em frente ao balcão. Logo chegaram duas meninas bem animadas e nos cumprimentaram. Uma delas tinha cabelo rosa, piercings pelo rosto e uma jaqueta jeans dos Rolling Stones e a outra tinha o cabelo preto cortado bem curtinho, usava um vestido vermelho decotado e uma bota de salto.

— Leo, essas aqui são a Lilian e a Poliana, duas amigas minhas da faculdade. Elas que me apresentaram esse bar.

— Prazer, Leo! – dei um abraço em cada uma.

— A Karina falou bastante de você! – comentou Poliana, a morena. — Como ela me disse que tu curte rock, insisti para ela te trazer aqui.

— É um lugar bem tranquilo, com gente bacana, boa cerveja e um show da hora – comentou Lilian sorrindo.

— Valeu, gente, não conhecia aqui e estou gostando sim – tomei um gole da minha cerveja e nesse momento trocou de música.

— Meu Deus do céu! – Lilian começou a pular ao nosso lado ao som de "*I can't get no satisfaction*", balançando a cabeça de um lado para o outro. — Precisamos dançar essa! Vem, Karina!

A ruiva prontamente se levantou, já pulando ao meu lado. Ela começou a me cutucar, tentando fazer com que eu me levantasse.

— Vamos, Leo!

— Depois eu vou, Ka!

— Vem logo, garota! – Poliana me puxou pelo braço, empurrando-me sem cerimônia para fora do banquinho em direção à pista.

A animação delas começou a me contagiar e logo eu estava pulando e dançando junto com as meninas. Eu realmente gostava de rock e estava me sentindo muito bem, ora remexendo os quadris com Karina, ora com Poliana e Lilian. Quando a música acabou, tocou Nirvana, depois Queen e então Aerosmith. Eu só parava para tomar mais um gole da minha cerveja e voltava para a pista. Depois de um tempo começou a tocar uma música do Journey e as duas garotas fizeram caretas, achando a banda muito pop para o gosto delas.

— Quero mais uma bebida – gritou Karina no meu ouvido e seguimos em direção ao balcão do bar.

Pedi mais uma cerveja e, enquanto as meninas escolhiam o que elas iam querer beber, eu observava as pessoas dançando. Havia alguns jovens, mas a maioria do público era dos trinta

anos para cima. Meu olhar passou para um grupo de mulheres que dançava perto de nós e eu deixei-me admirar a beleza delas. Depois de um tempo, olhei para o telão e comecei a assistir o clipe, mas algo chamou minha atenção. No meio daquelas pessoas que conversavam esperando a troca de música, havia uma que parecia curti-la. De costas, cabelos loiros lisos e jaqueta de couro vermelha, com uma garrafa na mão. Não consegui parar de olhar e admirar, sabendo muito bem o que minha mente tinha achado de tão peculiar naquela mulher. Desejei ardentemente que fosse minha loira, passou um filme em minha cabeça, imaginando que eu até lá e dançaria com ela. Foi quando a mulher se virou e eu fiquei em choque, meu corpo todo sendo tomado por uma eletricidade. *Puta que pariu!*

Ela não parecia com a Anastácia. Ela *era* a Anastácia. Balançando os ombros e a cabeça, com os olhos fechados. Se fosse outro momento, eu iria rir do seu gosto duvidoso para o rock, mas naquela hora eu só conseguia olhá-la. Talvez por isso ela abriu os olhos e os fixou diretamente em mim. Seu corpo todo se retesou e ela me encarou. Tive a sensação de *deja vu*, como se aquela cena já tivesse acontecido antes. Todos os sentimentos que eu tentara evitar durante todas aquelas semanas voltaram de uma só vez. E foi então que, de novo, soou o refrão: "*someday love will find you, break those chains that bind you...*" e senti meu corpo todo se arrepiar enquanto Anastácia ainda me encarava. Era como se aquele trecho falasse tudo sobre nós, tudo o que eu queria dizer a ela, ou o que ela gostaria de me dizer, vai saber. Que um dia o amor iria encontrá-la e quebrar todas as correntes que a seguravam.

— Amiga, você está surda? – Karina me cutucou no ombro, fazendo-me despertar.

— Caramba, gata, você está no mundo da lua! – Lilian começou a rir.

— Também, com essa gata maravilhosa te encarando, quem não fica? – Poliana comentou, apontando para onde eu estava olhando.

Foi apenas o tempo de Karina vislumbrar quem estava ali e em dois segundos a loira tinha se misturado com o resto do público e sumido da nossa visão. A ruiva olhou para mim, perguntou se eu estava bem e eu afirmei que sim. Não queria estragar a noite de ninguém com meus problemas, ainda mais um que não tinha solução. Não havia porque chorar, gritar, me sentir mal ou ir atrás dela naquele momento. Parte de mim queria poder estar em contato com aquela mulher uma vez mais e a outra parte só queria ter paz. As duas garotas não entenderam nada, mas preferimos nem explicar. Continuamos curtindo a noite. A primeira banda a se apresentar foi Van Halen. Suas músicas eram muito animadas e após duas delas já estávamos na pista pulando feito loucas. O ritmo havia me contagiado e por um tempo esqueci-me de todo aquele drama da minha vida amorosa e curti o momento.

Assim que o *cover* terminou, precisei ir ao banheiro. Poliana me avisou que era no andar de cima. Dei a volta no bar e subi as escadas, dando de cara com uma pista cheia de mesas e cadeiras, todas tomadas pelas pessoas. Andei até o fim do corredor e entrei no banheiro, esperando na fila por pouco tempo, já que só havia duas mulheres na minha frente. Quando saí da cabine, fui lavar as mãos em frente à pia e comecei a rir de nervoso.

— Você está me seguindo? – perguntei olhando-a através do espelho.

— Como?! – ela sorriu arqueando uma das sobrancelhas. — Eu estava aqui antes de você entrar – a loira deu de ombros, retocando o batom vermelho.

Eu suspirei e não respondi a sua pergunta. Penteei os cabelos com os dedos, ajeitando os cachos, enquanto a loira fingia não me notar. Céus, ela estava linda! Eu tentava não olhá-la, mas era praticamente impossível e Anastácia sabia muito bem disso. Encostou-se à parede atrás dela, cruzando os braços, olhando-me de cima a baixo.

— Temos duas maneiras de lidar com essa situação – ela começou e eu permaneci em silêncio, virando-me para ela, ouvindo-a. — Posso ignorá-la e voltar a aproveitar minha noite, ambas fingindo que não nos conhecemos. Ou, posso te convidar pra tomar uma cerveja comigo, conversarmos e aproveitarmos a noite como duas pessoas adultas. Então, o que vai ser?

Talvez a melhor coisa fosse fingir que não nos conhecíamos, minha cabeça agradeceria e eu não precisaria mais lidar com toda aquela situação extremamente desconfortável. Mas quem disse que eu conseguia resistir a passar uma noite com Anastácia? E não, não de forma sexual, apenas aproveitando sua companhia naquele *pub*. Sorri, passando a língua pelos lábios, dando de ombros.

— Vou tentar me passar por adulta uma vez na vida, mas não prometo que terei sucesso. – dei de ombros, arrancando uma risada da loira.

Saímos do banheiro juntas e resolvemos ficar no andar de cima, pois uma das mesas tinha acabado de ficar livre. Enquanto Anastácia pedia duas cervejas no bar, sentei-me à mesa e mandei uma mensagem para Karina, comentando que eu estava bem e junto da loira. Sua resposta: *"Juízo, sua louca. Se precisar, grita que a gente corre te socorrer das garras da loira do mal."* Sorri e digitei outra mensagem, agradecendo a preocupação. Logo a Ana voltou com duas garrafas na mão, colocando-as na mesa e sentando-se ao meu lado. No primeiro momento ficamos bebendo sem saber direito como começar uma conversa, até que eu resolvi quebrar o silêncio.

— Eu te vi dançando lá na pista. Journey, sério? – comecei a rir e ela revirou os olhos.

— Como se você pudesse me julgar, senhorita escuto-Sandy-e-Junior-quando-estou-sozinha – ela arqueou uma sobrancelha.

— Ei! Essa informação é confidencial e totalmente irrelevante – defendi-me, repassando na cabeça quando ela me flagrara ouvindo músicas da dupla. — Você colocou escutas no meu apartamento, por acaso?

— Não, mas você adora cantarolar as músicas deles baixinhos enquanto eu dormia – ela sorriu.

— Maldição – resmunguei, bebendo mais um gole da cerveja.
— De qualquer forma, sou sexy dançando até mesmo na boquinha da garrafa – ela comentou, passando o dedo lentamente em volta do bico da cerveja.

— Hein? – quase engasguei com a bebida, tossindo, tentando refrear meus pensamentos. Sem sucesso. — Você dançou na boquinha da garrafa?! – ela me olhou de forma divertida com um sorriso no rosto. — Você tá tirando uma com a minha cara – respondi franzindo o cenho.

— Você é tão fácil de enganar...

— Para de graça! – dei um tapinha de leve no ombro dela.

Nossa conversa durou mais um tempo até que Karina me disse que precisava ir embora

e que não confiava em nós duas sozinhas. Ela ia me levar embora e ter a certeza de que eu chegaria em segurança em casa. A despedida de Anastácia foi impessoal, nada de beijos ou abraços, nada que me fizesse ouvir meu coração e querer ficar. Confesso que depois desse dia esperei alguma mensagem da parte dela, mas não houve nenhuma.

Capítulo 32

Eu estava absorta na papelada em cima da minha mesa, tomando minha quarta xícara de café daquele dia, quando ela entrou em minha sala, sentando-se de frente para mim. Levantei os olhos, encarando-a. Era a primeira vez que eu via Leona sorrindo de forma tranquila desde quando nos separamos. Vestia um macacão jeans, tênis e uma blusa *cropped* listrada de azul e branco. Simples e casual, o que me fez me lembrar dos finais de semana em sua casa, apenas passando o tempo, assistindo à televisão deitada em seu colo ou assistindo-a pintar.

— Loira? – ouvi sua voz distante me tirando do meu devaneio.

— Desculpe, Leo – sorri gentilmente. — Estava perdida em pensamentos.

— Aposto que estava me imaginando nua embaixo desse macacão. – ela deu um sorriso safado e piscou pra mim.

— Como você adivinhou? – levantei uma sobrancelha, entrando na brincadeira.

Senti seus olhos demorando-se em meu corpo, saboreando. Um sorriso malicioso pendia de seus lábios e havia desejo estampado em suas íris. Senti minha respiração pesada, engoli em seco. Fazia tempo que eu não sentia seu corpo envolto no meu. Sentia falta de saciar meu desejo nas curvas dos seus cachos, dos seus quadris, entre suas pernas. Eu queria sentir sua respiração rente a minha, seu toque, sua pele quente e macia, suas carícias... Mordisquei o lábio inferior, sem conseguir conter todas as lembranças.

— Quase me esqueci de como é gostoso te ver assim – ela sorriu divertida.

— Leo – respirei fundo. — Apesar da minha vontade de fazer loucuras com você, precisamos deixar isso pra depois.

— Eu sei, estou só enchendo o saco – ela piscou pra mim, cruzando as pernas. — Então, o que você queria conversar?

Assim que Leona me respondeu, entrei no modo profissional. Eu a havia chamado em minha sala para resolver alguns assuntos relacionados à exposição. E, apesar de morrer de saudades dela, foquei minha cabeça nos negócios e parei com as brincadeiras.

— Andei pensando e acho que não seria uma má ideia deixar sua exposição para o início do ano. Poderíamos fazer alguns coquetéis para que o público conheça melhor seu trabalho e também para divulgarmos melhor a data da exposição.

— Talvez seja bom mesmo, pensando por esse lado, ir criando uma expectativa para o evento.

— Exato – sorri satisfeita.

— Tive uma ideia. E se a gente chamar algum artista para uma performance no dia? – seu rosto se iluminou.

— O que tem em mente?

— Não sei ainda. Mas algo que converse com as obras. Podemos pensar em uma miniapresentação para um desses coquetéis e o show completo para o dia da exposição.

— Acho uma boa ideia – concordei. — Como você descreveria suas obras, Leona?

— As minhas obras? – ela suspirou. — Sobre uma tempestade que eu aprendi a amar e...

Esqueci-me de respirar por alguns segundos e senti meu coração se apertar no peito. Sua frase ficou suspensa no ar. Eu me definira com aquela palavra desde quando nos conhecemos e nunca ela fizera tanto sentido como agora. Meu modo profissional estava arruinado naquele momento. Leona sorria e eu não via aquela tristeza que anuviava seus olhos naquele dia em que sai da sua casa após nossa discussão.

— E que destruiu seu coração, certo? – engoli em seco, sem conseguir me esquecer de suas palavras.

— Sim, destruiu. Mas o que eu ia dizer era: e um girassol que eu aprendi a cuidar.

— Você é tão brega! – brinquei, sentindo meus olhos marejarem.

— O que posso fazer? – ela deu de ombros.

Mordisquei o lábio inferior, sentindo as lágrimas subindo aos olhos. Por que Leona insistia em ser tão sentimental e sempre mexer com as minhas emoções daquela forma? Encostei-me à cadeira, com os braços cruzados frente ao peito, recusando-me a chorar naquele momento. Era engraçado como funcionava a nossa dinâmica. Enquanto estávamos em um ambiente agitado, em público, eu levava vantagem, assim como aquele dia em que nos esbarramos no *pub*. Porém, quando estávamos sozinhas em um ambiente privado, Leona sentia-se confortável o suficiente para comandar a situação.

— Por que você faz isso, Leo? – perguntei sincera.

— Não posso evitar, loira. Não importa o que tenha acontecido entre a gente, sabe que eu amo você. E que toda minha obra respira você. Todos os meus quadros refletem como eu me sinto. E você está presente em cada humor que oscila em meu peito. Seja na alegria, seja na tristeza.

Eu ri frente ao último comentário, lembrando-me dos votos de casamento. Após algumas vezes tentando, você descobre que aquele juramento não passa de algo ridiculamente mecânico que não significa nada na vida real.

— Eu sei disso. E toda essa sua intensidade... Todas essas palavras e frases cheias de amor e sentimento mexem comigo de tal forma... – tentei explicar, sem sucesso. Bufei, frustrada. — Ainda estou aprendendo a lidar com tudo isso.

— Leve o tempo que precisar – ela comentou com um sorriso triste. — Mas o que eu queria lhe dizer é que estou aqui. Apesar de tudo. Ainda sou sua artista e ainda temos uma exposição para fazer.

— Nisso você tem razão. – meu celular começou a tocar e o que estava escrito no visor me perturbou. A palavra “Lucas” continuava piscando enquanto o barulho insistente do toque ia aumentando gradualmente. — Merda – falei entre dentes.

— Quem é? – perguntou Leo intrigada, logo que atendi ao celular.

— A que devo a honra de uma ligação sua? – perguntei irônica, fazendo um gesto para que ela esperasse.

— Olá, querida. Só queria lhe avisar que, como eu já lhe disse tantas vezes antes, você deveria ter ficado apenas como minha secretária ao invés de seguir essa ideia estúpida de ser dona de um negócio, já que não tem competência para tal.

— De que merda você está falando, Lucas? – eu não estava entendendo aonde ele queria chegar com aqueles xingamentos.

— Você fez com que o senhor Nabuco retirasse sua ajuda financeira da galeria e, por um acaso infeliz do destino, ele é dono do espaço no qual faríamos a sua amada exposição. Advinha? Por causa do seu pequeno piti, querida, não teremos mais lugar para sua querida cadelinha de estimação mostrar seu talento.

— Puta que pariu! – respondi alterada, com raiva tanto pelo linguajar que ele usava quanto pela notícia que ele acabara de me dar. — Tem certeza disso? Acho que você que está sendo covarde e dando pra trás nesse acordo. Se eu descobrir que isso é armação sua, seu cafajeste do car...

— Eu não fiz nada... Dessa vez. Você realmente deixou o cara furioso, Anastácia! Além de cortar sua verba, ele lhe tirou esse espaço e está contando pra Deus e o mundo mentiras sobre você.

Leo me olhava atônita, sem saber o que estava acontecendo, mas tendo uma leve ideia, percebendo que a situação estava complicada. Enquanto Lucas falava, eu só conseguia ficar cada vez mais com raiva. Que merda! Já não bastasse aquele machista escroto do meu ex-marido querendo me ferrar, agora eu tinha que lidar com o ego machucado desse cara.

— Mas e a multa... – eu comecei, mas ele me cortou na mesma hora.

— Além de incompetente você é burra? Ele é podre de rico, Anastácia! Foda-se o dinheiro!

— Vá se foder, Lucas – soltei, inconformada. — Se esse é o caso, o contrato está desfeito então. Pelo menos, agora estou livre de você – e antes que ele pudesse responder, desliguei o telefone.

— O que está acontecendo, loira? – ela perguntou logo em seguida.

— O senhor Nabuco, que era o maior investidor da galeria, soube que eu estava namorando você e resolveu parar de investir. Acontece que o espaço que usaríamos do Lucas na verdade é do senhor Nabuco, e ele simplesmente decidiu cortar nossa exposição da lista.

— Ele não pode fazer isso! – exaltou-se, o cenho franzido.

— Foi o que eu pensei. Porém, a única punição no contrato é a multa, o que ele pode pagar num piscar de olhos – dei de ombros.

— Mas isso não é justo! – ela respondeu irritada, aproximando-se da minha mesa.
— Não, não é. Mas é assim que as coisas funcionam – suspirei. — De qualquer forma, vou pensar em uma solução.

Gabriel chamou na porta da minha sala, precisava falar com Leona, então ela saiu e me deixou sozinha. Eu tinha que pensar rápido em uma saída. De repente, tive uma ideia. Sorri de satisfação, como eu não tinha pensado nisso antes? Peguei meu celular e corri o dedo pela lista de contatos até achar o que eu queria. Digitei a seguinte mensagem: “Olá, poderia me encontrar no Fran’s Café hoje às 15h?”. Não demorou muito para que eu recebesse uma resposta positiva.

Dessa forma consegui terminar de analisar os documentos que eu tinha em minha mesa. Eu estava preocupada com o futuro da minha galeria, já que nossa situação não era das melhores. As compras dos quadros haviam caído drasticamente e os contatos mais importantes já não retornavam nossas ligações. Eu precisaria de outra artista para o próximo semestre, mas ainda não havia nem lançado Leona.

Perto do horário combinado, avisei Janaína que eu iria precisar me ausentar por algumas horas. Peguei minha bolsa e saí da galeria, andando os poucos quarteirões até chegar à cafeteria. Sentei-me em uma das mesas e esperei enquanto olhava o cardápio. Logo percebi a moça se aproximando de mim, usando um conjunto branco, com o cabelo crespo enfeitado com uma faixa colorida. Ela se sentou à minha frente e disse sorrindo:

— Olá, Anastácia! Quanto tempo!

— Como vai, Bruna? Faz tempo mesmo. – uma funcionária veio anotar nossos pedidos, dois cafés e uma fatia de bolo de churros para cada.

— A última vez que eu te vi você estava toda enciumada se não me engano – ela arqueou uma sobrancelha, provocando-me.

— Eu sei... Fazer o quê. – dei de ombros. — Peço desculpas, eu estava morrendo de ciúmes e não sabia como agir.

— Mas não havia motivo. Eu sei que Leona é sua namorada e meu interesse era estritamente profissional.

— Era.

— Vocês terminaram?

— Sim. Foi bem... Complicado – assim que respondi trouxeram nossos pedidos. Cortei um pedaço do bolo e coloquei-o na boca. Estava uma delícia!

Bruna me perguntou sobre o porquê terminamos o namoro e acabei contando. Eu estava precisando de alguém com quem conversar; alguém de fora que não ia julgar ou escolher lados. Contei-lhe tudo o que havia acontecido, as brigas, como eu havia me sentindo e o que havia pensado. Basicamente meu café já estava quase frio quando terminei de falar e meu bolo estava pela metade. Ela esperou alguns minutos antes de comentar, pensando, enquanto tomava o resto do seu café.

— Você me disse que estava confusa quanto a sua sexualidade, certo? – ela me perguntou e eu afirmei com a cabeça. — Nunca lhe ocorreu que talvez você seja bissexual? – ela arqueou uma sobrancelha.

— Bissexual? – não, aquele pensamento nunca tinha me ocorrido.

— Sim. Você sempre gostou de sair com homens, certo? – e eu respondi que sim. — Porém, gostou de sair com Leona e acabou se apaixonando por ela, não é?

— Sim, eu fui casada com homens duas vezes e, apesar de terem acabado mal, não foi algo que fiz obrigada. Eu gostava de estar com eles. Com Leona é totalmente diferente, confesso, mas isso não anula minhas vontades e experiências anteriores.

— Exato. Talvez você goste de ambos os gêneros e isso não é um problema. O mundo não é dividido apenas entre héteros, gays e lésbicas. A comunidade LGBTQIA+ é bem maior do que isso. Algumas pessoas reclamam que hoje é confuso de entender a sexualidade alheia, que complicamos tudo com muitos rótulos e muitas letras. Mas primeiro: essas sexualidades e sentimentos sempre existiram, apenas não se falava sobre elas. Segundo: algumas pessoas precisam dessas categorias para se encaixar e melhor se entenderem enquanto outras preferem simplesmente não se rotularem.

— Mas você e a Leona se definem como lésbicas, certo? – ela afirmou com a cabeça. — Por quê?

— Bem, eu posso falar por mim. É questão de identidade. Todos os dias sofremos com o preconceito, lesbofobia, homofobia, transfobia... Todos os dias temos nossa realidade apagada quando insistem em pressupor que toda mulher é heterossexual. Ou quando preciso dizer que fulana é minha amiga, não namorada, enquanto se fosse um cara, não haveria esse problema. Entre muitas outras coisas. Quando me afirmo como mulher lésbica, acrescento mais uma característica que não me define como um todo, mas que é importante para mim e faz parte de quem eu sou, entende?

— Sim. Diversas vezes a Leona me disse que não queria se esconder, que queria poder andar comigo de mãos dadas e me chamar de namorada. Eu tive bastante dificuldade de entender isso no começo. Pra mim, era necessidade de atenção. Mas hoje, após tudo o que aconteceu, consigo compreender melhor.

— E o que isso significa pra você hoje?

Antes de responder, coloquei mais um pedaço de bolo na boca, pensando no que eu ia dizer. Lembrei-me de como eu me sentia quando estava com Leona e de todos os nossos momentos juntas.

— Liberdade.

— Então acho que você já encontrou a resposta que procurava – comentou Bruna, sorrindo para mim. E isso me lembrou do porquê de eu a ter chamado ali.

— Aliás, eu queria fazer uma proposta.

— Que proposta? – ela arqueou a sobrancelha, colocando um cacho do cabelo atrás da orelha.

— Eu estou sem lugar para a exposição da Leona e lembrei que você tem um espaço onde promove as exposições dos seus artistas. E, depois dessa conversa toda, por que não promover nossos artistas brasileiros LGBTs? – perguntei analisando sua expressão.

— Uma boa ideia, mas... O que eu ganho com isso? – ela perguntou, cruzando os braços e as pernas, encarando-me.

— Vou promovê-los junto com Leona nos coquetéis que planejo fazer antes da exposição. A renda que entrar, dividimos meio a meio. Não é o mais vantajoso, porém é o mais justo. E quanto mais visibilidade conseguirmos, melhor.

— Aceito – ela estendeu a mão, apertando a minha logo em seguida. Por um minuto, fiquei surpresa o quão rápido ela aceitou. — Algo me dizia que eu devia ficar de olho em vocês – ela

comentou divertida.

— Sério? – e no fundo, eu também sentia que aquilo ia ser muito bom.

Passamos mais alguns minutos trocando ideias e informações sobre a exposição e nossos artistas e, quando eu olhei no relógio, já eram quase seis horas da tarde. Despedi-me de Bruna, prometendo que manteríamos contato. Precisava voltar para a galeria e conversar com Janaína sobre o que eu acabara de fazer. Eu estava sorridente, muito feliz com a saída que eu achara para o meu problema. Talvez não fosse resolver a parte financeira, mas Leona teria um lugar para expor e conseguiríamos visibilidade. Eu esperava conseguir mais patrocinadores naquelas festas. Além de toda a conversa daquela tarde ter me feito super bem. Sentia-me mais leve agora que eu tinha contado minha história para alguém, menos culpada, menos... Presa. Eu ainda precisava pensar e digerir tudo aquilo que eu ouvira de Bruna, mas com certeza já era um bom começo.

Assim que eu entrei na galeria, Leona estava conversando com uma das secretárias no balcão de atendimento. Nossos olhares se cruzaram e eu senti um frio na barriga, algo como uma energia se espalhando por todo o meu corpo. Foi inevitável não sorrir. Seus olhos castanhos pareceram surpresos e logo seus lábios acompanharam os meus. Minha vontade era parar e conversar com ela, mas eu sabia que não era a hora. Encaminhei-me para as escadas e assim que cheguei à minha sala, interfonei para Janaína dizendo que eu precisava lhe contar as novidades.

Capítulo 33

Aquele dia estava sendo uma loucura. Eu ainda não conseguia entender como de uma hora para outra estávamos sem lugar para minha exposição. E tudo por culpa daquele velho escroto e homofóbico. Talvez se eu não tivesse exigido tanto para que a Anastácia se assumisse isso não teria acontecido. Mas no fundo eu sabia que não importava, isso iria acontecer uma hora ou outra. Talvez fosse melhor assim. Lucas não fazia bem pra Anastácia, aliás, aquele cara não fazia bem pra ninguém. Após fazer o que Gabriel me pedira, eu comecei a pensar sobre o que fazer em seguida. Tentei conversar com a loira, mas ela sumiu a tarde inteira, o que me deixou desconfiada. Para onde ela tinha ido?

Eu estava encostada no balcão de atendimento, conversando com Liliane, que me contava sobre o resultado dos seus últimos exames, quando Anastácia passou pela porta. Ela estava linda! Não sei explicar como nem porquê, mas seu rosto brilhava, seus olhos brilhavam. Vislumbrei a mulher pela qual um dia eu me apaixonei. Meus lábios acompanharam os seus em um sorriso. Mas nem deu tempo de falar nada, já que ela logo subiu as escadas, encaminhando-se para a sua sala.

— O que aconteceu para ela estar de bom humor assim? – Gabriel apareceu, apoiando-se no balcão ao meu lado.

— Não faço a menor ideia – comentei, ainda olhando na direção da escada. — Ela estava preocupada com a questão da minha exposição, depois passou a tarde fora.

— Pelo jeito é coisa boa – ele deu de ombros.

Voltei para minha sala, terminando os relatórios que estavam começados. Eu estava curiosa para saber o que havia acontecido com Anastácia, minha vontade era subir até a sala dela para descobrir, mas eu sabia que uma vez lá, seria difícil voltar minha atenção para qualquer outra coisa. Continuei focada no trabalho até que recebi uma mensagem de Karina. Ela queria saber como tinha sido a conversa com a loira no fim de semana. Respondi sua mensagem, contando resumidamente nosso encontro. Adiantei bastante coisa e, quando terminei os relatórios, já eram sete horas da noite. Entrei na sala do Gabriel, que parecia concentrado no computador.

— Você já está indo? – perguntei.

— Não, ainda vou demorar mais um tempo aqui. Mas pode ir se quiser – ele respondeu levantando os olhos.
— Não precisa falar duas vezes! – sorri. — E a Ana? – perguntei como quem não quer nada.

— Ainda trancada na sala dela com a Janaína. Acredito que deve ser algo sério para não terem saído ainda. – ele deu de ombros.

— Pode ser. Vou indo então, até mais – despedi-me dele e voltei para minha sala, pegando minhas coisas para ir embora.

Voltei de metrô aquele dia e aproveitei que estava sozinha para estudar um pouco mais. Eu tinha as duas últimas provas naquela semana, precisava fechar o semestre sem nenhuma DP. Até que eu estava indo bem em algumas matérias, mas não podia relaxar na reta final. Logo no começo de dezembro, assim que terminasse a entrega de trabalhos, eu já estaria de férias.

Passei a noite estudando e por volta de umas onze e meia e parei para comer alguma coisa. Fiz um chá gelado e umas bolachas com geleia, sentei em frente à televisão e fiquei passando pelos canais, deixando os pensamentos invadirem minha mente.

Ter reencontrado a loira e conversado com ela numa boa tinha me feito bem naquele início de semana. Apesar das feridas ainda abertas, senti um pouco daquela sensação boa que eu sempre tinha ao lado da minha loira. Levantei-me do sofá, indo até meu ateliê, pegando uma nova tela em branco e colocando-a no cavalete. Coloquei uma música no celular, peguei minhas tintas e pinceis e comecei a pintar, deixando que meus sentimentos falassem por mim. Na tela se formava o contorno de Anastácia, olhando diretamente em meus olhos, um sorriso no rosto, de braços abertos e de costas para o mar revolto. No meio da pintura uma explosão de manchas vermelhas, representando a paixão que trazia dentro de si. Apesar da dramaticidade, não me doía, me fascinava.

Com as duas últimas duas provas feitas e notas mais que ótimas, fechei novembro. Era a primeira semana de dezembro e eu estava entrando em férias, queria passar o Natal com minha família, em minha cidade, então conversei com Janaína. Ela marcou uma reunião para conversarmos sobre o assunto junto com Anastácia. Quinta-feira à noite eu estava em minha sala e recebi um telefonema de Janaína pedindo para que eu subisse. Desliguei meu computador, deixei minhas coisas arrumadas e subi as escadas, indo até a sala. Assim que cheguei, olhei confusa para as três pessoas presentes: Anastácia, sentada à sua mesa, Janaína sentada ao lado dela e a Bruna de frente para elas, de pernas cruzadas, toda plena.

— Eu perdi alguma coisa? Caí num sono profundo e acordei depois de uma década? – perguntei encostando-me à porta, cruzando as pernas.
— Deixa de drama, entra logo e fecha a porta – comentou a loira sorrindo.

— Sim senhora! – bati continência e fechei a porta atrás de mim. Peguei uma cadeira e sentei-me ao lado de Bruna. — Então, o que está acontecendo?

— A Bruna vai ceder o espaço dela para realizarmos sua exposição.

— O quê? Sério? – não consegui conter um sorriso. Aquilo me pegara totalmente desprevenida.
— Mas... Como...?

— Eu e a Anastácia entramos num acordo — Bruna comentou. — Vamos dividir os ganhos com a exposição e ao mesmo tempo iremos promover meus artistas.

— Também comentei com ela sobre minha ideia dos coquetéis – a loira respondeu. — E como você falou para Janaína que estava pensando em viajar para o Natal, marcamos o primeiro evento para semana que vem. O que acha?

Eu olhava para aquelas três mulheres na minha frente e não sabia o que responder direito. Há um tempo Anastácia tinha ciúmes da Bruna e não podia nem ouvir falar no nome dela e agora aqui estávamos nós fazendo parcerias. Eu tinha um lugar para expor e já estávamos falando de coquetéis na próxima semana. Minha cabeça estava entrando em choque. Como que a ela havia resolvido tudo tão rápido?

— Leo, você está bem? – Janaína perguntou preocupada.

— Sim – respondi me recompondo e abrindo um sorriso. Olhei para Anastácia, arqueando uma sobrancelha. — Não tem medo de a Bruna me roubar de você, loira?

— Eu sabia que você não ia deixar isso passar. – ela suspirou revirando os olhos. — Não, Leo. Eu estava sendo uma idiota, melhor assim?

— Bem melhor agora!

— Então vamos passar para os detalhes – Janaina disse, abrindo uma agenda em cima da mesa. — Marcamos a exposição para dia 21 de janeiro. No dia 18 de dezembro faremos um coquetel, buscando atrair a atenção do público.

— Maravilha! E aquela ideia de colocarmos um quadro que não estará na exposição?

— Vamos manter – respondeu Anastácia. — Você precisará escolher três quadros para vendermos antes.

— Teremos três quadros seus para o coquetel e alguns dos meus artistas – disse Bruna.

— Interessante! Gostei da ideia. Gostaria de conhecê-los antes.

— Você vai – comentou a loira. — Conversei com a Marília e estamos pensando em fazer um jantar na casa dela no sábado e chamar as pessoas que irão participar do primeiro evento. O que você acha?

— O que eu acho? Adorei! Muita informação boa pra uma noite só!

— É, Leo. Parece que a sorte finalmente está virando a nosso favor – a loira sorriu pra mim e foi difícil não me derreter.

— Gente, tenho um compromisso agora à tarde, preciso ir – Bruna se levantou, despedindo-se de todas nós.

Logo Janaína também saiu da sala com a desculpa que ainda precisava fazer umas coisas antes de ir embora. Ficamos apenas Anastácia e eu, como sempre. De repente se instalou um clima no silêncio dos nossos olhares. Minha saudade ardia no peito e seria difícil manter minha sanidade sozinha ali com aquela mulher. Ela parecia compartilhar dos mesmos sentimentos que eu. Seu olhar era intenso, ela o sustentava em minha direção. Estava me perdendo uma vez mais na profundidade dos seus olhos. Eu queria segurá-la em meus braços, lembrar-me do gosto da sua boca, do cheiro em seu pescoço... Mas eu sabia que no instante em que nos tocássemos não haveria volta. E ainda não estava na hora. Ela não estava pronta, eu não estava pronta e ambas sabíamos disso.

— Acho que eu também deveria ir. – levantei-me da cadeira.

— Quer uma carona?

— Não precisa, obrigada. Até amanhã, loira – despedi-me, mandando um beijo no ar.

Peguei minhas coisas e logo eu estava a caminho de casa. Assim que cheguei ao apartamento, fui tomar um bom banho relaxante. Eu estava me sentindo melhor, mais animada, após a reunião daquela noite. Ter uma data para a minha exposição e os outros eventos estava transformando meu sonho em realidade, em algo palpável. Depois de trocar de roupa, pedi um

prato de *yakissoba* pelo *app* do celular e mandei uma mensagem para minha mãe comentando sobre a exposição. Após toda aquela confusão com o término do meu namoro, levei um tempo discutindo com minha mãe para que ela não se ressentisse de Anastácia. Eu ainda amava muito aquela loira e não queria que minha família ficasse contra ela. Enquanto eu jantava, peguei meu caderno de desenhos e comecei a desenhar um pouco, alguns contornos, rabiscos, apenas brincando com o lápis no papel, deixando minha mente vagar até tarde da noite.

No dia seguinte foi tranquilo na galeria, pouca movimentação. Passei uma parte da tarde conversando com Gabriel sobre seriados e fazendo o pouco trabalho que era necessário. Anastácia tinha combinado de me dar carona até a casa de Marília, às 19h, já que o jantar estava marcado às 20h. Pouco antes do combinado, fui até o banheiro para me trocar. Coloquei uma calça social preta, uma blusa soltinha, de mangas caídas, estampada de verde, branco e uma sapatilha vermelha. Ajeitei meus cachos, passei uma maquiagem leve e um perfume. Consultei o visor do celular: 18h50. Voltei para a sala, arrumando os documentos em uma pilha, desligando meu computador e fui avisar o Gabriel que eu já estava indo.

— Uau! Que visual, hein? – ele me olhou de cima a baixo, espantado, aprovando o *look*. — Vai arrasar hoje!

— Obrigada – agradeci. — Se eu quiser reconquistar a loira, ou fazer ciúmes nela, preciso estar bem apessoada, não é? – brinquei, colocando a mão na cintura.

— Será que eu devo me preocupar? – escutei a voz atrás de mim e me virei de prontidão.

A loira estava parada no batente da porta, os braços cruzados na altura do peito, olhando-me de forma desafiadora. E estava linda! Usava um vestido roxo tomara que caia até os joelhos, solto na parte de baixo, um par de saltos, os cabelos soltos e ondulados nas pontas. Juro que não estava preparada pra vê-la vestida daquela forma tão de repente! Senti minhas pernas bambearem e meu coração acelerado no peito. Comecei a gaguejar, sem conseguir externar meus pensamentos, então ela continuou:

— Porque se for para fazer ciúmes, quem vai sair perdendo é você – ela brincou, piscando para mim.

— É, Leo, quem brinca com fogo... – comentou Gabriel atrás de mim. — Está maravilhosa, Anastácia!

— Obrigada. A Janaína já saiu, ia passar na casa dela antes, então se você também já quiser ir embora, fique à vontade. Vamos? – ela inclinou a cabeça para o lado me chamando.

— Vamos!

Despedi-me de Gabriel, peguei minha bolsa e saí atrás de Anastácia. O trajeto durava um pouco mais de meia hora, já que Marília morava em Moema. Porém, com o trânsito de São Paulo, poderíamos demorar um pouco mais que isso. Eu observava as ruas pela janela do carro, sentindo o vento bater em meu rosto. Sempre adorei sentir a brisa da noite, ainda mais quando eu estava junto da loira. Estávamos conversando sobre as nossas expectativas para a exposição e ela me contava como estava sendo trabalhar com Bruna. No som do carro estava tocando um CD da cantora Laura Pausini e o ritmo das suas músicas combinava com o nosso humor. Chegamos a um prédio de fachada cinza da Avenida Moaci, estacionamos o carro e descemos. Anastácia tocou o interfone dizendo o número do apartamento. Depois de conversar pelo telefone, o

porteiro liberou nossa entrada.

O *hall* do prédio era bonito, com uma decoração simples. Do lado esquerdo havia dois vasos de plantas, um sofá bege entre eles e um grande espelho oval do lado direito. Entramos em um dos elevadores até o sexto andar. Logo que descemos, a porta número 63 se abriu e Marília veio nos receber. Ela estava elegante, usando um vestido longo verde claro e os cabelos soltos caindo-lhe em cachos em volta do rosto.

— Sejam bem-vindas! – ela nos cumprimentou. — Entrem e fiquem à vontade!

— Obrigada – a loira agradeceu.

A sala era ampla, paredes brancas, dois sofás cinza e janelas grandes com uma sacada. Já estavam presentes Bruna e mais três garotas a quem, após os cumprimentos, fomos apresentadas. As duas que estavam sentadas nas almofadas perto da parede tinham descendência asiática e cabelos pretos, mas os da primeira, que se chamava Bárbara, eram longos e lisos e os da segunda, Nina, eram curtos e com mexas roxas. A terceira, sentada ao lado de Bruna, tinha os cabelos curtos e castanhos, olhos verdes, era alta e se chamava Victoria. Sentamos no sofá enquanto Bruna trazia uma garrafa de vinho e mais duas taças. Logo um moço alto, negro, de cabelos curtinhos e pretos apareceu na sala, cumprimentando-os; era o Caio, marido da Marília. Depois das formalidades, ele desculpou-se e foi ajudar a esposa com o jantar.

— Leo, conte um pouco sobre seus quadros e sua inspiração – pediu Bruna.

— Claro – comentei me remexendo no sofá. — Minha inspiração costuma vir das mulheres, suas vidas, forças, amores, desejos, paixões. Gosto de me aproximar delas e expressar na tela todas as emoções que meus olhos podem captar. Também falo sobre os sentimentos que tenho por elas e minhas impressões sobre o mundo.

— Eu também gosto de falar sobre elas – respondeu Bárbara, olhando diretamente pra mim. — Também faço pintura em quadros, desenhos e algumas esculturas. Gosto de trabalhar com as angústias e dores com que temos que lidar.

— Bárbara e eu trabalhamos juntas – comentou Nina. — Alguns quadros pintamos em conjunto, outros em separado.

— Interessante, acho que já vi um deles quando estive no escritório da Bruna – disse Anastácia. — E você, Victória?

— Eu também pinto quadros, mas as minhas personagens são transexuais e não binárias, às vezes.

— O que isso significa?

— Pessoas não binárias são aquelas que não se consideram nem do gênero masculino e nem do gênero feminino, por isso não binária. Algumas delas, inclusive, podem se identificar mais com um gênero do que com o outro – ela explicou. — Gosto de brincar com essa questão nos meus quadros, o que acaba deixando as pessoas um pouco confusas – complementou sorrindo.

— Eu também fico um pouco confusa – confessou Anastácia.

— E não há problema nenhum nisso – Victória voltou a falar. — Muitas vezes, ter muita certeza

sobre determinado assunto nos bloqueia de olhar a vida por outro ângulo. Quando algo nos confunde, ou nos faz ter dúvidas, vamos atrás de respostas, entramos em contato com outros pontos de vista e acabamos aprendendo coisas novas.

— Não tinha pensado nisso – a loira refletiu.

Fomos interrompidas por Marília, que vinha nos comunicar que a comida estava pronta e já na mesa da sala de jantar. Levantamos todos, fomos lavar as mãos e nos encaminhamos para a mesa. O prato era frango com ervas, arroz e batata sauté. Era uma das receitas que ela vinha testando e aprendendo no curso. Sentamos à mesa, ainda conversando, todas ansiosas para experimentar a comida.

Capítulo 34

Ao mesmo tempo em que era muito interessante, também era muito estranho ter aquele tipo de conversa em um jantar com amigos. Eu não estava acostumada a discutir questões de gênero e sexualidade, já que eu pouco sabia sobre esses assuntos. Mas estava aprendendo e refletindo bastante sobre aquelas novas informações. Assim que estávamos todos com os pratos cheios, Bruna continuou a conversa:

— Até uns anos atrás, nossa sigla era conhecida como GLS, ou seja, gays, lésbicas e simpatizantes. O problema disso é que só abarcava a homossexualidade, tanto feminina como masculina, e excluía outros tipos de sexualidades. Além disso, não fazia muito sentido que os simpatizantes estivessem na sigla, uma vez que não fazem parte dela. Depois de um tempo, evoluiu para LGBT, então para LGBTQ e hoje se usa LGBTQIA+ em muitos lugares.

— Já ouvi gente comentando que é um excesso desnecessário de letras – disse Caio, que até então estava em silêncio.

— No geral, as pessoas tendem a banalizar assuntos dos quais elas não entendem – Bruna respondeu. — As outras letras representam os outros tipos de sexualidade existentes, como por exemplo, transexuais, travestis e *intersex*. Pode parecer bobo fazer tanta questão de colocar as outras letras se o todo representa a diversidade, mas somos invisibilizadas todos os dias por uma sociedade heteronormativa, ou seja, uma sociedade que vê como natural e viável apenas uma sexualidade: a hétero. Depois dela, a homossexualidade conseguiu ser aceita, ainda muita gente continue não concordando. Porém, qualquer outra possibilidade que saia desses eixos é excluída e invalidada.

— Faz sentido. Apesar de ser um pouco confuso para mim, às vezes, concordo com a necessidade dessa afirmação. E por que colocaram o L na frente do G?

— Para destacar a desigualdade de gênero que as mulheres ainda sofrem – respondeu Marília e Nina logo complementou:

— As lésbicas ainda sofrem muita desigualdade de gênero com relação aos gays, mesmo ambos sendo homossexuais. O machismo está tão impregnado na nossa sociedade que os gays continuam sendo homens machistas mesmo fazendo parte da mesma comunidade e sofrendo com a homofobia. Aliás, o termo correto para as lésbicas é lesbofobia, afinal, não sofremos apenas com a questão da sexualidade, mas com a questão de gênero também.

— Isso é verdade – Leona concordou. — Diversas vezes, quando eu estava com uma garota, já ouvi caras falando coisas obcenas pra gente, como querer um ménage ou querer assistir, entre outras barbaridades. E quando recusamos, somos xingadas e ameaçadas.

— Exato. E isso é uma violência. É fetichizar a relação de vocês. Dificilmente alguém faz isso com um casal de dois homens, por exemplo. Muito menos com um casal heterossexual – disse Bárbara.

— Por isso o termo lesbofobia – Nina voltou a falar. — As lésbicas recebem esse tipo de comentário, pois para a sociedade, o corpo feminino foi feito única e exclusivamente para o prazer masculino. Quanto mais estereótipos femininos as lésbicas tiverem, maior vai ser o desejo do fetiche. Além disso, os homens se sentem no direito de fazer comentários e se incluir na relação por causa da nossa sociedade patriarcal, que coloca o homem como poder primário e que

tem controle sobre tudo, participa de tudo.

— Eu já ouvi falar sobre alguns desses termos em discursos feministas. Então, feminismo é o contrário de machismo? – perguntou Caio.

— Não – respondeu Bruna. — O machismo defende a superioridade masculina em detrimento da feminina. O feminismo é a busca pela igualdade de gêneros. A desigualdade é absurda e enraizada em nossa sociedade, tanto que todos nós acabamos por reproduzir falas e atitudes machistas diversas vezes e nem nos damos conta disso. Mas o feminismo não é apenas para mulheres, ele engloba diferentes lutas, de gêneros, de identidades de gêneros, de raça, de classe social, inclusive, os próprios homens, que também sofrem com o machismo.

— Eu já comentei sobre isso, lembra, amor? – perguntou Marília, tomando um gole de vinho. — Assim como existe o feminismo branco, existe o feminismo negro. Existem muitas diferenças de pautas e assuntos entre os dois, como por exemplo, enquanto as mulheres brancas queriam o direito de votar e trabalhar, as mulheres negras já trabalhavam. Uma mulher negra, seja periférica ou não, tem recortes diferentes em sua existência de uma mulher branca, por exemplo.

— Isso é verdade – ele concordou. — Mesmo eu tendo uma boa condição financeira, uma formação acadêmica, sinto na pele o preconceito racial todos os dias. As pessoas me olham de cima, tentam me inferiorizar, confundem-me com um faxineiro, um chofer, ou empregado simplesmente pelo fato da minha cor ser escura, como se por causa disso eu não pudesse ter um cargo importante.

— Então, agora pense em tudo isso somado ao fato de ser mulher. Somos sexualizadas o tempo inteiro, objetificadas, invisibilizadas. O machismo é muito mais pesado em relação às mulheres, mas como a Bruna disse, ele também assola os homens de forma negativa.

— Nossa, eu nunca parei para pensar nisso! Mas concordo que também é ruim para os homens. Sempre gostei de cozinhar, desde pequeno, e meu pai brigava comigo porque isso era “coisa de mulherzinha”. Ele queria que eu fosse engenheiro, como ele, e dizia que homens não devem ficar na cozinha. Homem tinha que trabalhar duro, ganhar dinheiro e sustentar a casa. Tarefas domésticas eram obrigações femininas.

— E você concordava com isso? – indagou Marília, ao seu lado.

— Claro que não! No começo, eu sentia vergonha e observava minha mãe na cozinha escondido. Depois de um tempo, descobrindo que minha paixão era a gastronomia, comecei a cozinhar e a fazer cursos. Meu pai teve que aceitar que eu era um ótimo cozinheiro, mas até hoje ainda reclama.

— Disso eu sei bem! – Marília voltou a falar. — Ele continua reclamando, ainda mais depois de descobrir que eu também gostava de cozinhar – ela sorriu. — Além de trazer um pouco de consciência coletiva e desconstrução para sua vida – então, olhando para a mesa cheia, concluiu: — Falando em cozinhar, o que acharam da minha comida?

— Está uma delícia! – Leona logo respondeu.

— Aprovadíssimo – concordei sorrindo. — E é por isso que volto a repetir que será você que será a *chef* contratada para os nossos coquetéis!

— Agradeço a oportunidade, de verdade – Marília sorriu.

Então a conversa passou para outros assuntos, mas eu não conseguia parar de pensar em tudo o que eu ouvira. Foi inevitável não pensar em minha própria vida, meus casamentos, namoros, família. Durante toda a minha vida eu estivera em relacionamentos abusivos. A minha relação com a minha mãe, por exemplo, seus insultos, sua falta de amor e carinho, de cuidado. O modo como eu sempre deixei com que os homens me tratassem, porque eu achava que era merecedora desse tratamento. Meu corpo só servia a esse propósito: o de agradar aos homens e seus desejos. E se eu não usasse isso a meu favor, eu estava sendo ingênua, boba, idiota.

Sofri calada durante anos sendo vítima de todo tipo de assédio e violência, ainda que não física. Por mais que eu rebatesse os insultos, eles me doíam, pois eu achava que tudo o que diziam sobre mim era verdade. Achava que o preço que eu pagava pela minha falsa liberdade era ser chamada de puta e agir como uma. Mas quando eu conheci Leona, tudo mudou. Lembrei-me de como ela morria de ciúmes de mim ao me ver nos eventos da galeria, sempre rodeada de homens. Lembrei-me de como a coloquei sentada na bancada da cozinha de sua casa dizendo que ninguém tocava em mim sem minha autorização. Sendo bem honesta, vendo a situação hoje, isso não era bem verdade. Todas as cantadas que eu tinha que aguentar, todas as mãos que passaram pelo meu corpo para que as chances de eu fechar um negócio aumentassem, todos os olhares que eram direcionados para o meu decote, minhas pernas, minha bunda... Tudo isso era feito com um falso consentimento. Eu concordava porque sabia que tinha que ser assim, mas odiava que fosse dessa forma. Na época eu não entendia, porque a sociedade não me deixava entender: tudo isso era assédio.

Muitas vezes achamos que as pessoas estão reclamando demais, que é tudo frescura, que tudo está chato demais. Dizem que não se pode fazer mais piada com nada, é tudo levado muito a sério, problematização demais. Pode até ser que alguns exagerem, mas no geral só estamos verbalizando problemas que sempre existiram e que sempre sofremos. É fácil dizer que o outro está exagerando quando não se está na pele dele para saber como ele encara aquelas experiências. Conversando com Marília, umas semanas atrás, comecei a perceber exatamente isso. Eu, mulher branca de classe média alta, nunca imaginei metade das coisas pelas quais as pessoas negras passam, apenas porque nunca vivenciei nada na pele. Ouvimos falar do preconceito, do racismo, e sabemos ser um problema sério que precisa ser resolvido, mas não nos damos conta do quanto contribuímos com isso no nosso dia a dia, do quanto o racismo é estrutural.

Pensando nisso, decidi que conversaria com Marília depois, as sós, para combinarmos um evento da galeria em que a questão racial fosse abordada. Ela devia ter muito a dizer sobre o assunto e todos nós só teríamos a aprender. Depois do almoço Caio ficou na cozinha fazendo um café para nós enquanto Marília conversava com Bruna e as outras três garotas em seu quarto. Encontrei Leona na sala, debruçada na sacada. Posicionei-me ao seu lado, com os braços apoiados na grade, e fiquei observando a paisagem também. Em frente ao prédio havia uma praça, alguns adolescentes pareciam conversar, brincando entre si; um cara passeava com o cachorro; um senhor lia o jornal sentado em um banco. Leona respirou fundo e começou a conversa:

— Sabe, loira, pensar nessa exposição tem me feito muito bem, ainda mais depois de todas essas reviravoltas. É muito bom saber que outros artistas LGBTs terão espaço para apresentarem sua arte.

— Eu venho conversando muito com a Bruna e isso abriu meus olhos para muita coisa. Ando pensando bastante no feminismo, nas minorias e na questão dos LGBTs, afinal, faço parte deles.

— Como assim, loira? – Leona me perguntou intrigada. Fiquei em silêncio por alguns segundos, com receio de dizer o que eu já sabia, mas que tinha medo de admitir. Respirei fundo e disse de uma vez:

— Eu sou bissexual, Leona – assim que as palavras saíram, percebi que era a primeira vez que eu falava aquilo em voz alta.

— Você tem certeza disso, Ana? – ela perguntou desconfiada, mas não pude deixar de perceber que seus olhos brilhavam.

— Sim, Leo, eu tenho – senti-me mais leve depois daquela confissão. — Demorei muito tempo para me aceitar, mas no fundo, eu sempre soube. Relacionar-me com você só me fez ter certeza.

— Que bom! E ainda acha que eu vejo o mundo com lentes cor-de-rosa? – ela arqueou uma sobrancelha e eu comecei a rir.

— Um pouco. – olhou-me indignada, mas pisquei para ela. — Na verdade, sei que é difícil se assumir e eu não sofri nada comparado a pessoas que são expulsas de casa, ou que apanham e são abandonadas somente por causa de sua sexualidade.

— Estou prevendo um "mas"...

— Mas... – sorri com ternura. — Meu maior sofrimento foi me aceitar. Admitir para mim mesma que aquilo que eu estava sentindo não era somente algo passageiro ou resultado de uma única paixão. Eu sempre me senti assim, apenas reprimi meus desejos durante muito tempo, me escondendo dos meus próprios sentimentos.

— Isso é muito bom, Ana. Você enxergando e entendendo tudo isso. O que parecia impossível há alguns meses, finalmente está acontecendo.

— Sim. Sei que você tentou abrir meus olhos para toda essa situação, mas eu fui teimosa e não quis te dar ouvidos – virei-me de frente para ela, colocando minha mão em cima da dela. — Peço desculpas. Você me perdoa?

— Claro que perdoo! – ela abriu um largo sorriso. — Eu estou muito orgulhosa de você, loira! De verdade. – seus olhos estavam cheios d’água e eu não consegui evitar que minha emoção também transbordasse.

Leona me abraçou forte e eu senti minhas pernas fraquejarem. Sentir seu corpo junto ao meu daquela forma, como um porto seguro, quase me desestabilizou por completo. Saber que ela tinha orgulho de mim tinha mexido comigo de uma forma inenarrável. Ninguém nunca tinha me dito aquelas palavras, nem mesmo minha mãe. E não somente Leona, mas eu me sentia orgulhosa por finalmente ter tido coragem de me abrir e me permitir. Ela deitou a cabeça em meu peito, segurando-se em minha cintura, enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Meninas, o café está pronto!

Ouvimos a voz de Caio vinda da cozinha. Logo nos separamos, ainda sorrindo, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Ana, você quer passar o Natal comigo e com a minha família? – ela disse de supetão.

— E-eu? – perguntei surpresa. — Mas Leo, sua mãe não quer me ver nem pintada de ouro! Acho que se eu aparecer na sua casa, ela me escalda viva! – respondi assustada.

— Não seja boba, Ana! – ela deu de ombros. — Minha mãe gosta de você e eu tenho certeza de que ela vai te receber bem. Ainda mais com todas essas mudanças.

— Vou pensar.

Quando fui para casa naquela noite, eu não cabia em mim de felicidade. Fiz o jantar enquanto ouvia músicas, alegre e com uma taça de vinho nas mãos. Depois fui tomar um banho de banheira, aproveitando para colocar alguns sais para relaxar. Fiquei um tempo ali, refletindo sobre a vida e, claro, pensando em Leona. Ao mesmo tempo em que eu sentia um enorme carinho por ela, não conseguia conter a paixão latente que eu sentia por aquela garota, como eu costumava chamá-la. Meu peito ardia em saudades e a minha vontade era ligar e pedir para que passasse a noite comigo. Mas eu sabia que não estava na hora, ainda não. Contentei-me em sair da banheira, completamente nua, e tirar uma foto com o celular. Envolvi-me no roupão, pegando minha taça de vinho e indo para o quarto.

Digitei a mensagem. *"Queria você aqui comigo agora, colando seus lábios nos meus, sentindo suas mãos me envolverem em um abraço quente e aconchegante, como o que me deu hoje à tarde. Meu corpo clama pelo seu, garota."* Logo após enviar a mensagem, mandei a foto. Coloquei uma *playlist* no celular, deitei em minha cama e comecei a me lembrar de todas as vezes em que fizemos amor naqueles lençóis. Alguns minutos depois meu celular apitou, acusando nova mensagem de Leona. *"Confesso que sinto o mesmo, loira. Meu corpo não aguenta mais de saudade."* Suspirei ao ler aquelas palavras, sentindo meu coração palpitando no peito. Deixei que minhas mãos passeassem por todo meu corpo, imaginando as mãos de Leona me desvendando.

Quando atingi meu sexo, eu estava excitada. Mandei-lhe uma foto dos meus dedos e logo em seguida digitei: *"É assim que eu fico todas as vezes em que penso em você. Apesar de tudo, ainda desejo e espero que seja os teus dedos, a tua boca e o teu corpo a me amar."* Não demorou muito tempo para que sua resposta chegasse. Mandou-me um áudio:

— Humm... Loira, assim você me mata! Você sabe que são meus dedos, minha boca e meu corpo que te amam. Meu coração explode em saudades e espero logo poder te ver de novo. Vou mandar uma foto de como você me deixou.

A foto que chegou em seguida era de uma cachoeira, o que me fez rir. Só ela para fazer gracinhas nessas horas. Respondi sua mensagem, dizendo como eu também sentia sua falta e como eu queria que aquele momento de reencontro chegasse logo. Troquei a música do meu celular, concentrando-me em meu próprio corpo, deixando-me sentir o prazer e o desejo que as lembranças de Leona me provocavam. Fiquei assim por um bom tempo até atingir o clímax e relaxar. Adormeci, com a certeza de que finalmente as peças estavam se encaixando nos lugares certos.

Capítulo 35

Se o plano era ficar longe de Anastácia, eu tinha falhado miseravelmente. Sentia que estávamos nos aproximando de novo, ainda que não de forma oficial. Durante aqueles dias acertamos os detalhes finais e enfim o dia havia chegado. Eu estava em meu quarto, arrumando-me para o coquetel, com uma Karina animadíssima ao meu lado. Escolhi um terninho vermelho escuro, uma blusa preta com brilho por baixo dele e sandálias de salto alto. Deixei meu cabelo solto, arrumando os cachos, caprichei na maquiagem, batom vermelho e lápis de olho. A ruiva usava um vestido curto, verde escuro, sandálias de salto e o cabelo solto. Ela andava de um lado para o outro, apressando-me:

— Vamos logo, Leona! Você sabe que chegaremos atrasadas se não sairmos daqui a dez minutos! – ela digitava rápido no celular. — O Bruno já está aqui embaixo nos esperando!

— Estou indo, Karina! – terminei de colocar o que eu precisava na bolsa pequena, checando-me mais uma vez em frente ao espelho.

Havíamos combinado que ele nos daria carona, já que a Anastácia chegaria um pouco mais tarde para o coquetel. Na noite anterior acertamos todos os detalhes com Bruna e Janaína. Assim que saímos do prédio já vi o carro de Bruno estacionado na esquina. Eu estava nervosa e mal prestei atenção no caminho. Karina conversava animada com ele, enquanto eu só pensava se ia ter mais alguém além dos meus pais naquele coquetel. E se ninguém aparecesse? E se fosse um fracasso? Será que a Anastácia não iria se arrepender? A ansiedade batia forte, mas eu tentei me acalmar, fazendo força para afastar esses pensamentos. Meia hora depois estávamos entrando em um galpão todo decorado. A primeira coisa que vi foi como estava lotado!

— Minha nossa senhora! Ká, acho que vou desmaiar! – comentei segurando forte no braço da minha amiga.

— Pelo amor de Deus, Leona! Se segura! Esta é a sua noite, garota! – ela apertou minha mão, sorrindo para mim, tentando me passar confiança.

— Leona! – ouvi a voz de Bruna às minhas costas. — Que bom que você chegou! – ela veio me cumprimentar. Também usava um terninho, mas na cor azul clara.

— Bruna! Nem acredito que estou aqui! – respondi sincera.

— Venha, a Janaína está te esperando! Fiquem à vontade! – ela disse aos outros dois que me acompanhavam. — Aproveitem a festa.

Ela me levou até Janaína, que estava conversando com Nina, Bárbara e Victória. A primeira usava uma calça jeans escura justa no corpo, uma blusa frente única branca com um cinto azul escuro e botas pretas. Bárbara estava com um vestido preto decotado e sapatos de salto Anabela, e Victória usava uma saia lápis branca, uma blusa azul turquesa com decote nas costas e sapatos de salto.

— Uau, você está arrasando! – comentou Bárbara ao me cumprimentar.

— Obrigada, vocês também! – abracei cada uma delas. — Estão nervosas?

— Muito! – brincou Nina, mordiscando o lábio inferior. — Não imaginei que viesse tanta gente...

— Eu também não! – respondeu Victória. — Vejo as pessoas olhando meus quadros e fico me roendo de ansiedade! – ela riu nervosa.

— Nossa, nem me fale! – suspirei. — Será que estão gostando? Será que não?

— Meninas, se acalmem! – Janaína se pronunciou pela primeira vez. — Vai dar tudo certo. Até onde sei, está todo mundo amando o trabalho de vocês! – ela sorriu tocando no ombro de Victória.

— Obrigada! – respondi.

Então ela começou a nos explicar como as coisas iam funcionar. Marília controlava a parte do *buffet*, tendo a certeza que todos os convidados estariam sempre comendo e bebendo alguma coisa; o DJ cuidava da música; as peças estavam expostas, espalhadas pelo galpão. Nossa parte era circular pela festa, conversando com as pessoas, apresentando nosso trabalho, sempre falando o dia da exposição e comentando sobre a galeria.

— Lembrando que depois as chamaremos para falar um pouco sobre o trabalho de vocês individualmente. Talvez por volta das onze horas, mas até lá, divirtam-se!

Andamos pelo salão, comentando sobre como estava cheio, sobre as pessoas que ali estavam, sobre a decoração. Os quadros de Nina e Bárbara estavam lado a lado em uma parede, três quadros que se complementavam. No primeiro quadro estava uma mulher mais velha, chorando, maquiagem borrada, usando um vestido comprido. No segundo havia uma moça de saia, salto alto e top, maquiagem borrada, rosto em desespero. E no terceiro, uma menina de short, camiseta, e uma bola, chorando, cabelo desgrenhado. Todos os quadros estavam manchados com marcas de mãos borradas em vermelho. Gostei bastante da crítica inserida nos quadros. Na parede oposta, estavam os quadros de Victória. No primeiro, uma mulher com roupas masculinas, em pose de bailarina. No terceiro, um homem com vestido, salto alto, cabelo curto e maquiagem, uma pasta executiva na mão, e no meio, um personagem andrógeno, dividido entre rosa e azul. De um lado de sua cabeça aberta, entrando bola, peão, corda, skate, entre outras, e do outro lado, boneca, casinha, maquiagem, ursinhos. Ficamos um tempo observando os quadros, eu realmente tinha gostado do conceito e da crítica que ela utilizara.

Algumas pessoas chamaram Bárbara e Nina para conversar. Pelo que eu entendi, eram amigas do trabalho. Pediram licença e foram para um canto. O garçom passou com as bebidas, eu e Vic pegamos uma taça de *champagne* cada. Uma mulher alta, ruiva, de vestido preto aproximou-se de onde estávamos, dizendo:

— Você que é a Victória Ferreira?

— Sim – ela sorriu.

— Prazer, meu nome é Giulia Vicentine e eu adorei seus quadros! Conheço a Bruna há algum tempo e ela falou muito sobre você. Podemos conversar?

— Que honra, obrigada. Claro que podemos. Você nos dá licença, Leona? – Victória sorriu animada e eu concordei com a cabeça.

Assim que ela saiu, andando e conversando com a mulher, Karina se aproximou, segurando no meu braço toda animada.

— Beeeee! Que festa bafo!

— Não é? Nem consigo acreditar! Já falei com tanta gente que estou até tonta! – brinquei, pegando uma taça de *champagne* logo que o garçom me ofereceu.

— Que orgulho, Leo! – ouvi a voz logo atrás de mim e abri um largo sorriso.

— Mãe! – comentei animada, abraçando meus pais, que haviam acabado de chegar.

— Está tudo muito lindo – disse meu pai, olhando a decoração.

— Realmente, está! E olha que é apenas um dos coquetéis!
— Imagina quando for a exposição... – minha mãe falou, sorrindo orgulhosa.

Meus pais resolveram dar uma volta pelo salão, observando os quadros e as peças, enquanto eu continuava conversando com Karina. Eu estava muito nervosa, sem conseguir prestar atenção em tudo o que minha amiga falava. De repente, senti meu corpo arder em brasa, meu coração acelerou e eu quase fiquei sem ar. Anastácia havia acabado de chegar. Ela usava um terno preto acinturado, brilhoso, bem decotado e um sapato de salto alto. Estava magnífica! Seus olhos se cruzaram com os meus e seus lábios vermelhos se abriram em um sorriso, então ela se aproximou.

— Parabéns, Leo – foi a primeira coisa que ela disse ao me abraçar.

— Obrigada, loira – respondi inebriada com seu perfume.

— Como vai, Karina? – ela a cumprimentou com dois beijos no rosto.

— Muito bem. Você está gata!

— Karina! – chamei sua atenção.

— Admita, Leo, eu sei que você está se derretendo todinha – a loira comentou, sorrindo maliciosa.

Não tive tempo de retrucar, Janaína chamou por Anastácia, pedindo um minuto da sua atenção. Então ficamos somente eu e minha amiga. Ela me encarou, suspirando fundo.

— Eu te conheço, Leo. Você tá caidinha pela Ana, não está?

— Acho que eu nunca deixei de estar, Kah! – respondi sincera. — Eu te falei como ela mudou nos últimos meses... E isso tem mexido comigo.

— Por mais que eu apoie que ela tenha mudado, eu tenho medo de você se machucar de novo, Leo.

— Eu também tenho. Estou tentando ir com cuidado, mas... É a Anastácia – dei de ombros.

Ficamos conversando mais um tempo e logo as outras garotas se juntaram à gente. De vez em quando alguém vinha perguntar sobre meus quadros e a exposição. Tudo estava saindo bem e eu estava feliz. Observava Anastácia de longe, elegante, conversando com as pessoas, comentando do meu trabalho e da galeria. Às vezes seu olhar cruzava com o meu e era inevitável não sorrir. Com o passar do tempo, o galpão foi se esvaziando, algumas poucas pessoas ainda aproveitavam a música e os coquetéis. Meus pais já haviam voltado para o hotel em que estavam

hospedados. Eu estava com Karina e Bruno em uma parte afastada do galpão, mas eles tinham ido atrás do garçom para conseguir mais algumas bebidas para nós.

— Está se divertindo, Leona?

— Lucas? – perguntei, observando-o se aproximar. Parou ao meu lado, sorriso no rosto, ajeitando os cabelos.

— Achou que eu não viria? – ele levantou uma sobrancelha. — Surpresa!

— Achei que você ia nos deixar em paz – respondi seca, lembrando-me do modo como ele falou com a loira no telefone.

— Depois de vocês terem ferrado comigo e decidido fazer a exposição sem mim? Nem morto, queridinha. Queria ver de perto essa nojeira em que a Anastácia está se metendo.

— Nojeira? – perguntei curiosa. Do que ele estava falando?

— Se meter com esse tipo de gente. – ele fez um gesto com a cabeça, apontando para Victória, que estava a poucos metros da gente.

— O meu tipo de gente, você quer dizer – Anastácia respondeu, aproximando-se de nós.

— Anastácia, querida, não me faça rir! Você jamais se prestaria ao papel... – Lucas emudeceu enquanto seus olhos acompanharam as mãos da loira envolverem minha cintura.

— Você nem imagina – um sorriso malicioso apareceu nos lábios dela.

— O que está acontecendo aqui? – ele perguntou irritado, ficando vermelho conforme seu rosto se contraía em uma careta cheia de ódio. — Sapatão de merda! – ele cuspiu as palavras, olhando de mim para ela.

— Olha, Lucas, você não era nem para estar aqui. Nosso acordo foi desfeito, eu arranjei outra parceria, com outra pessoa. E digo mais, eu não lhe devo satisfação da minha vida pessoal – Anastácia respondeu séria.

— Você não pode me descartar dessa maneira! Me usar e jogar fora, como se eu não fosse nada! – ele apontou o dedo em riste.
— Assim como você fez comigo? – ela arqueou uma sobrancelha, com um sorriso irônico.

— Não ouse me comparar com você – respondeu com cara de desdém. — Mulheres foram feitas para serem usadas.

Lucas deu de ombros, com um sorriso satisfeito nos lábios ao ver a expressão da loira. Eu queria esganar aquele desgraçado! Apertei ainda mais o abraço na cintura dela, respondendo:

— Cara, cai fora. Entenda de uma vez por todas que ela não precisa de você pra nada! Você não passa de um escroto que faz da vida dela um inferno. Deixa ela em paz!

— Olha como fala comigo, sua fedelha – ele segurou firme em meu pulso, apertando, espumando de raiva. — Você não faz ideia do que eu posso fazer com você...

— Me solta! – puxei o braço, conseguindo me libertar.

— Isso foi uma ameaça? – a loira logo se colocou na minha frente, apontando o dedo para ele. — Escuta aqui, Lucas. Eu não tenho, e nem nunca tive, medo de você. Se você tentar fazer alguma coisa contra mim ou contra a Leona, vai se ver comigo. Entendeu? Você que não faz ideia do que eu sou capaz.

— Você me paga – ele respondeu entre dentes, olhando para mim uma última vez. Deu as costas para nós e saiu andando a passos firmes.

Só então percebi que eu estava segurando o fôlego e inspirei fundo. Aquela cena havia me deixado bem nervosa e com a ansiedade à flor da pele! A loira se virou para mim, olhando-me bem dentro dos olhos. Passou os braços pela minha cintura, tentando se certificar de que eu estava bem. Por milésimos de segundo, senti meu corpo estremecer ao seu olhar, minha vontade era de colar meus lábios nos dela naquele instante. Mas Karina e Bruno acabavam de voltar com as bebidas nas mãos e eu mal me separei da Anastácia, a ruiva veio logo perguntando:

— O que aconteceu aqui? Eu vi vocês discutindo com aquele cara e... – ela cortou a frase na mesma hora quando percebeu que havia nos interrompido.

— O desagradável do Lucas, meu ex-marido, estava nos importunando.

— E a Ana o colocou pra correr! – comentei dando um soquinho no ar. Ela revirou os olhos com um sorriso divertido nos lábios.
— Ótimo. – Bruno levantou a taça dele, brindando. — Então, Leo, eu vou indo embora. Queria saber se você quer carona, se vai ficar mais por aqui...

— Olha, Bruno, do jeito que as coisas estão... – a ruiva sorriu maliciosa, piscando para mim. — Acho que a Leo vai preferir ir de Mercedes hoje.

— Eu também acho que ela devia ir de Mercedes – a loira sorriu, encarando-me.

— Vocês venceram – concordei.

Despedi dos meus amigos e logo depois nos despedimos de Janaína e Bruna. Elas ficariam para fechar o lugar assim que a festa terminasse. Havíamos combinado de nos encontrarmos no dia seguinte com as outras meninas para conversar e compartilhar nossas impressões sobre o primeiro evento. Saímos do galpão e fomos direto para o carro de Anastácia. Durante o trajeto ficamos em silêncio. Abri a janela, sentindo o vento bater em meu rosto, relembrando de tudo o que havia acontecido naquela noite e em como inevitavelmente eu acabara ali, naquela Mercedes, ao lado de Anastácia.

Fazia algum tempo que eu não ia até a casa dela e senti certa nostalgia ao entrar naquele ambiente de novo. Sentei-me no sofá, enquanto a loira foi até a cozinha buscar uma garrafa de vinho e duas taças. Assim que retornou, ela sentou-se ao meu lado, servindo um pouco da bebida para nós duas.

— Um brinde ao nosso sucesso! – ela levantou sua taça, batendo de leve na minha.

— Você me surpreende, loira – respondi, observando sua expressão divertida, seus lábios vermelhos, seus olhos. — Não esperava que você fosse enfrentar o Lucas daquele jeito como fez hoje.

— Desde que eu me separei do meu segundo marido eu prometi para mim mesma que nunca

mais deixaria que um homem me intimidasse dessa forma.

— Está certíssima – respondi.

— E o Lucas já estava extrapolando faz tempo – ela bufou, dando de ombros. — Mas vamos falar de algo melhor?

— Sobre como você está gatíssima? – eu não consegui resistir.

— Não, mas obrigada pelo elogio – ela sorriu sincera. — Sobre como nosso evento foi um sucesso! Tenho quatro grandes compradores interessados nos seus quadros, Leo.

— Sério? Nunca imaginei que teria tanta gente interessada. Eu sempre achei que ninguém compraria meus quadros... – comentei sem jeito.

Comecei a desenhar quando eu tinha treze anos de idade, meus desenhos não eram nada bons. Mas eu gostava de criar, ainda que fosse para guardar aquelas folhas a sete chaves dentro das minhas gavetas. Quando eu tinha dezesseis, tinha vergonha demais dos meus rabiscos para continuar, então simplesmente parei. Assim que terminei de pintar minha primeira tela, no final do terceiro colegial, tive uma crise de choro e vontade de jogar tudo fora. Quando me recuperei, percebi que não estava tão ruim assim e a vontade de melhorar aquilo só fez a minha determinação aumentar. Aos dezenove, após conhecer alguns amigos que gostavam muito da cultura japonesa e dos animes, voltei a desenhar e entrei em alguns cursos, aprendi algumas técnicas, decidindo-me finalmente pela faculdade que eu estava no momento.

— Eu compraria seus quadros. No momento em que os vi eu sabia que eram incríveis – Anastácia comentou, fazendo-me voltar para o presente.

— Sabe do que eu estou com saudades, loira? – perguntei observando-a dos pés a cabeça.

— Do quê?

Aproximei-me aos poucos, inclinando-me sobre ela, com o rosto bem perto do dela. Senti sua respiração tão próxima e, por um momento, quase não consegui resistir à tentação de beijá-la naquele segundo. Porém, minha mão alcançou o que eu estava procurando, minha mochila que estava atrás das costas dela, trazendo-me à razão.

— De desenhar você – voltei a me encostar ao sofá, deixando uma Anastácia frustrada e irritada na minha frente.

— Ah é? – foi tudo o que ela disse durante os segundos seguintes, enquanto seu olhar se demorava sobre o meu. Eu sentia que ela ia me devorar a qualquer momento. — Tive uma ideia. Vem.

Foi tudo o que ela disse, deixando-me sem entender o que ela queria. Levantou-se, pegando a taça e a garrafa de vinho, subindo as escadas até o andar de cima. Fui atrás dela, um pouco curiosa sobre o que ela iria fazer e com a sensação de que a noite estava apenas começando. Assim que entramos em seu quarto, Anastácia colocou uma música no celular, enquanto eu me sentava na poltrona perto da cama. Lentamente ela começou a se despir, no ritmo lento da melodia que se iniciava, sem tirar seus olhos dos meus, os quais ardiam em desejo contido. Tirou inclusive os sapatos, deixando apenas a lingerie preta que ela vestia. Ficou ali de pé, bem à minha frente, os cabelos soltos por cima dos ombros, o queixo levantado em uma

posição desafiadora. De forma rápida o lápis começou a deslizar pelo papel enquanto eu tentava captar toda a essência daquela mulher que se desnudava para mim.

Capítulo 36

Era uma sensação diferente estar ali, posando para Leona daquela forma, depois de tanto tempo. Tanta coisa havia mudado... Minha postura não era mais a mesma. Apesar de tudo, era como se ela me desenhasse pela primeira vez. E de certa forma, era mesmo. Eu me sentia diferente e eu podia sentir que seu olhar sobre mim havia mudado, ainda que houvesse a mesma paixão desde o primeiro dia em que nos vimos. Um sorriso dançava em seus lábios conforme ela desenhava, observando cada pedaço do meu corpo, cada canto escondido da minha alma, cada segredo guardado em minha essência. Sempre me maravilhava e ao mesmo tempo me assustava como ela podia enxergar tanto de mim quando nem eu mesma conseguia. Parte desse mistério se dava ao fato de ser uma artista incrível e ter a habilidade de mostrar em sua arte o que seus olhos enxergavam.

— Deus, você é linda – ela balbuciou terminando o desenho. — Eu não me canso de te olhar, loira – ela suspirou, levantando-se da poltrona e se aproximando.

— Eu sei – respondi dando de ombros, fazendo-a rir.

— Olha. – ela colocou o desenho em minhas mãos. — O que acha? Gostou? – mordiscou o lábio inferior.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e uma súbita emoção tomou conta do meu corpo. Por mais que Leona já tivesse me desenhado diversas vezes, por mais que eu me sentisse lisonjeada com o modo como ela me enxergava e eu soubesse o tanto de paixão que aquela garota tinha por mim, nada se comparava àquele desenho. Havia delicadeza em seus traços, demonstrando uma leveza em meu rosto. Apesar da sensualidade, que ela sempre soubera colocar, havia também uma sinceridade que transpirava pelo papel. Eu havia mudado e ela conseguira transmitir isso para aquele desenho, o que me deixava emocionada e tocada com a sua sensibilidade.

— Leo, é magnífico – foi tudo o que consegui dizer, encarando seus olhos.

— Você é magnífica, loira. E eu sei o quanto você cresceu e amadureceu nesse pouco tempo. Como eu disse, estou orgulhosa de você – ela sorriu. Seus olhos estavam marejados.

— Obrigada, Leo. Obrigada por me ver da forma como você me vê e por não desistir de mim. Agradeço por ter me dado espaço quando eu precisei e por ter ficado, como ninguém jamais fez.

— Ana, entenda uma coisa – seus olhos se aprofundaram nos meus. — Ser segura não é sinônimo de ser forte. E ser forte não é sinônimo de ser só.

— Você é muito sábia para a sua idade – comentei rindo, enxugando algumas lágrimas.

— Eu sei que sou o máximo – ela jogou o cabelo para trás, fazendo-me rir.

— E bem convencida. – dei de ombros, sentando-me na cama. — Tenho uma proposta irrecusável para você – comentei, passando a língua pelos lábios de forma sedutora.

— Uau, que proposta? – ela me olhou curiosa, sentando-se ao meu lado, beijando meu pescoço, fazendo-me arrepiar.

— Um combo de pizza, vinho, filme e brigadeiro de sobremesa. Topa? – perguntei zombeteira.

Ela parou de me beijar, estreitando os olhos.

— Você está brincando, não é? E eu achando que você ia me chamar para uma sessão de sexo interminável, algo absurdamente sensual que fosse matar minha vontade e meu tesão, e você me chama pra uma pizza?

— Quem disse que eu quero fazer sexo com você? – assim que perguntei sua expressão se transformou entre surpresa e indignada, o que me fez gargalhar. — É sempre tão fácil brincar com você...

— Há há há – ela arqueou uma sobrancelha. — Você voltou a ser má. Gostei disso – ela abriu um sorriso logo em seguida. — Querida, quem disse que *eu* quero fazer sexo com você? Até parece que uma mulher linda, sexy, maravilhosa e gostosa como você, sentada tão perto de mim, nessa cama tão gostosa, de forma tão convidativa... Umedecendo os lábios desse jeito, me deixando toda mo-... Quero dizer... Toda... Toda...

— Toda o quê? – perguntei enquanto eu terminava de desabotoar meu sutiã, deixando-o cair em meu colo.

Ela não continuou a frase. Rapidamente seus lábios se juntaram aos meus urgentemente. Uma de suas mãos passeava pelo meu corpo, fazendo-me arrepiar da cabeça aos pés. Seus beijos apaixonados arrancavam gemidos de meus lábios. Deitei na cama, sentindo sua boca quente descer diretamente no bico dos meus seios, enquanto ela subia em cima de mim. Tirei-lhe a blusa, sentindo todo o seu corpo quente em cima do meu, matando a minha saudade. Sua voracidade era tamanha que não esperou pelas preliminares. Desceu entre minhas pernas, encaixando-se no meu sexo, matando a vontade e o desejo que latejavam em meu corpo. Tomou-me por completo, aumentando a velocidade e a intensidade cada vez que ouvia meus gemidos. Eu me contorcia na cama, experimentando sensações há muito adormecidas, sentindo-me em êxtase cada vez que ela segurava minhas pernas para que eu não saísse do lugar quando atingisse o ápice. E eu não tive um, nem dois, mas três orgasmos naquela noite.

Quando Leona finalmente se deitou ao meu lado, exausta, troquei de posição, colocando-me em cima de seu corpo, beijando seu pescoço, seu colo, sua boca. Saciei minha vontade, deslizando minhas mãos por toda a sua pele, sentindo seu calor, seu cheiro, seu sabor. Mergulhei dentro dela, tirando-lhe os sentidos, da mesma forma que ela fizera comigo. Fiz com que gritasse, tremesse, gemesse e se deliciasse com meus toques. Eu sentira tanta falta dela! Nosso sexo nunca era só sexo, e essa era uma das coisas que eu mais amava quando estávamos juntas na cama. Leona me tocava na alma e a forma como ela me fazia sentir era indescritível. Eu podia sentir que seu desejo ia além do meu corpo, da minha beleza ou da minha sensualidade. E eu me sentia da mesma forma com relação a ela. Eu amava Leona por completo, além do seu corpo, da sua beleza, da sua leveza, da sua personalidade, da sua segurança, da sua alma. N verdade, eu a amava por tudo aquilo. Desde a primeira vez o sexo com ela não fora somente sexo, por mais que eu teimasse em querer acreditar naquilo.

Não sei que horas adormecemos, mas já era dia lá fora. Acordei depois de algum tempo, sentindo-me feliz e relaxada. Leona dormia ao meu lado, encolhida embaixo das cobertas. Dei-lhe um beijo na testa e me levantei, tomei o café da manhã e me troquei. Havia algumas mensagens de Janaína no meu celular dizendo que precisava conversar comigo, então eu tinha que ir até o escritório. Deixei um recado para Leona na penteadeira e saí. Não eram nem oito

horas da manhã e eu já tinha chegado à galeria. Mal entrei em minha sala e Janaína entrou logo em seguida.

— Achei que hoje você não chegava antes do meio-dia – ela comentou com um sorriso, sentando-se na cadeira de frente para mim.

— Bem que eu gostaria, mas você sabe que depois da noite de ontem, não consegui ficar muito tempo na cama.

— Claro, afinal a Leona deve ter passado horas matando a saudade – Janaína disse em tom de brincadeira.

— Passou mesmo, mas se fosse só por isso eu ainda estaria em casa – brinquei encostando-me à cadeira.

— E como estão as coisas?

— Sinceramente? Não faço a mínima ideia. Acho que estamos nos dando bem de novo. Mas precisamos ir com calma ainda – dei de ombros.

— É só uma questão de tempo, Ana, e vocês vão voltar. Eu tenho certeza disso – ela sorriu para mim, inclinando-se para frente e colocando sua mão em cima da minha.

— Obrigada.

— Agora que passamos da parte melosa, vamos falar sobre a exposição. Recebemos duas propostas ontem.

— Que ótima notícia! Quais são elas?

— Victor Kalamara, da Kalamara Produções, interessou-se pelos quadros que viu ontem e queria fazer um videoclipe com essa ambientação para um dos seus cantores. Além de pagar pela ambientação, ele também se interessou em comprar os três quadros de Victória.

— Maravilha! – fiz algumas anotações em minha agenda. — Precisamos repassar isso para a Bruna hoje mesmo! Acredito que tanto ela como a Vic ficarão muito felizes com a notícia!

— Sim, já conversei com a Bruna pelo telefone e ela disse que mais tarde passa aqui na galeria pra conversarmos. A segunda coisa foi... Jaqueline Cordwell – ela comentou fazendo um suspense após o dizer o nome.

— Não é possível! *A* Jaqueline Cordwell? Em pessoa? – eu estava passada. Era difícil acreditar no que eu estava ouvindo.

— Ela mesma. Apareceu ontem bem no início do coquetel, mas até aí tudo normal, uma vez que ela costuma prestigiar esse tipo de evento. Como sempre, não falou muito com ninguém, a não ser com seu marido e sua filha.

— Sim, eu a cumprimentei ontem logo que cheguei. Aliás, ela estava indo embora. Fiquei com receio de ela não ter gostado do evento.

— Foi bem o contrário disso, Ana. Ela me ligou hoje cedo me dizendo o quanto tinha gostado do coquetel, dos quadros e das artistas. Pediu para que eu parabenizasse você e a Bruna pelo

sucesso. E, você não vai acreditar, ela espera ansiosa pela exposição da Leona. Estará lá, em pessoa, durante o evento inteiro, para prestigiá-la.
— Meu Deus! – foi tudo o que eu consegui dizer.

Eu estava surpresa com o que Janaína havia me dito. Era inacreditável! Jaqueline Cordwell era uma das socialites mais influentes de São Paulo. Dona de uma fortuna inestimável, ela adorava o mundo das artes, sempre aparecendo ao lado de artistas famosos. Nunca perdia um evento, apesar de ser bem exigente com relação aos lugares que ia. Se não gostasse, ia embora sem cerimônia. Ela já havia aparecido em alguns eventos que nós havíamos feito, mas em nenhum deles Jaqueline havia se pronunciado, até agora.

— Acho que a sorte está se virando a nosso favor – comentei, sorrindo para Janaína.

— Eu também acho, Ana.

Acertamos mais alguns detalhes e logo cada uma voltou para o seu trabalho. Naquela manhã recebi várias ligações e mensagens sobre a noite anterior. Estava sendo um dia muito positivo e isso transparecia no meu humor. Já passava do meio-dia quando recebi uma mensagem de Leona. "*Maldade acordar sem você nessa cama gigante.*" A qual eu logo respondi: "*Alguém tem que trabalhar, Leo. Aliás, você entra daqui a quinze minutos.*" Após algum tempo, recebi a resposta: "*Avisa pra minha chefe que vou me atrasar. O trânsito está todo engarrafado!"* juntamente com uma foto da banheira cheia de espuma. Digitei rapidamente "*Sua chefe disse que depois você sofrerá uma punição..."*. Almocei em um restaurante na Paulista mesmo e logo em seguida voltei para o trabalho. Estava com bastante coisa para fazer

Assim que cheguei encontrei com Gabriel no saguão. Ele estava ansioso, andando de um lado para o outro, e logo que me viu veio falar comigo.

— Sabe onde está sua querida funcionária? – cruzou os braços e bateu o pé de forma impaciente.
— Eu preciso falar com ela, tem um monte de relatório atrasado.

— Pode deixar que eu puxo a orelha dela – sorri tranquilizando-o.

— Você é a chefe – ele resmungou, voltando para sua sala.

Olhei para trás e vi Leona entrando na galeria, de jeans, bota nós pés e uma camisa azul clara de botões. Cruzei os braços em frente ao peito, franzindo o cenho e disse assim que ela se aproximou:

— Não acha que está ficando folgada demais, *garota*?

— Que saudade da sua voz! E eu já nasci folgada.

— E atrasada – rebati. — Gabriel está impaciente, você tem um monte de coisa pra fazer. E ele não está errado.

— Eu sei, mas é que...

— Não quero saber. – não deixei que ela terminasse. — Você tem que ser mais profissional. Lembra?

— Eu sei, eu sei... – ela deu de ombros, revirando os olhos.

Leona se virou e foi para sua sala. Passei o resto da tarde conversando com possíveis

clientes, tentando novas parcerias e atendendo ligações. Bruna chegou ao final da tarde, passamos mais de uma hora acertando os detalhes em meu escritório. Ela ficou muito feliz com a notícia que lhe demos, o que nos mostrou que a nossa escolha de fazermos algo juntas havia dado certo. Ela também havia conversado com algumas pessoas, alguns possíveis compradores que se interessaram pelos quadros, entre outros. Já estávamos no final de dezembro, quase Natal, e entraríamos em recesso dali a dois dias, voltando apenas no início de janeiro. Enquanto isso Bruna ficaria responsável por representar a nós duas caso alguém entrasse em contato para fazer negócio.

Bruna e eu resolvemos ir até uma cafeteria que tinha ali perto, já que desde o almoço eu não tinha comido nada. Sentamos perto da janela e eu pedi um capuchino enquanto ela pediu um café expresso. Pedimos também uma cesta com pães de queijo.

— Eu ainda não acredito no sucesso que foi a noite de ontem – ela comentou tomando um gole do seu café.

— Foi incrível – concordei. — E eu não teria conseguido sem você – sorri de forma sincera.

— Acho que essa parceria foi a melhor coisa que nos aconteceu. Victória ficou muito feliz com a venda dos seus quadros.

— Imagino! Aliás, eu pensei muito durante essa semana e eu gostaria de lhe propor uma coisa.

— O quê? – ela me perguntou curiosa, inclinando-se na cadeira.

— Eu gostaria de juntar nossas galerias e formalizar nosso acordo. Quero que você seja minha sócia.

— Você está falando sério? – ela me perguntou surpresa.

— Claro que estou. Você tem sido uma verdadeira amiga, tem trabalhado duro e tem artistas maravilhosos. Depois de tudo, eu quero realmente abraçar essa causa e acho que juntas podemos conseguir mais do que sozinhas. O que acha?

— Concordo com você. Onde eu assino? – ela brincou. — Aliás, estou a fim de uma boa balada para comemorar. Faz tempo que não vou em uma. Vamos?

— Também faz tempo que não vou. Beleza, vamos.

Voltei para o escritório e trabalhei até de noite. Eu tinha combinado de me encontrar com a Bruna na casa noturna. Na hora de ir embora, ofereci carona para Leona, a qual ela recusou. Achei estranho, eu esperava poder ficar um tempo com ela de novo, mas pelo jeito não ia dar. Fui para casa e tomei um bom banho de banheira, relaxando todo o meu corpo. Como eu estava me sentindo muito bem, resolvi caprichar no visual. Coloquei um vestido vermelho curto, salto alto, fiz uma escova nos cabelos e passei perfume. Demorei um pouco mais na maquiagem, dando atenção especial aos olhos, sem me esquecer do batom vermelho.

Olhei-me no espelho, sentindo-me bem depois de muito tempo. Depois de tanta coisa acontecendo, era como se eu me enxergasse de novo. Engraçado que, apesar de aquele *look* gritar meu nome, eu não era mais a mesma, mas ainda assim, era eu. Gostaria que Leona pudesse me ver naquele momento. Ela iria me dizer algo bem safado e com duplo sentido, ia me fazer rir, como só ela conseguia fazer. Só de pensar nisso um sorriso apareceu em meu rosto. Olhei para o

relógio, meia-noite e meia. Estava na hora de ir. Peguei minha bolsa e entrei no meu carro, dirigindo até a boate. Deixei o veículo em um estacionamento ao lado e encontrei com a Bruna na fila de entrada.

— Uau, você caprichou, hein? – ela comentou me olhando de cima a baixo. — Está gatíssima!

— Obrigada! Você também está maravilhosa! – respondi admirando-a. Ela usava uma calça justa preta, botas de salto alto, uma blusa azul escura de mangas compridas e o cabelo crespo com um lenço emoldurando seu rosto.

A boate estava cheia, demoramos um pouco na fila. Porém, assim que entramos estava tocando Rihanna. A noite prometia! Resolvemos ir direto para o balcão do bar para pedirmos nossas bebidas. Eu estava tão entretida me decidindo sobre o que eu ia tomar e tão distraída me mexendo ao som da música que quase levei um susto ao ouvir alguém atrás de mim:

— Ei, gata. Eu posso ser a melhor coisa que te acontecerá esta noite.

Capítulo 37

— Ei, gata. Eu posso ser a melhor coisa que te acontecerá esta noite.

Assim que as palavras escorregaram da minha boca Anastácia se virou para trás. Ela estava maravilhosa, assim como na primeira vez em que a vi. Não apenas a mesma roupa, mas a mesma personalidade. A mesma postura desafiadora com que me encarou naquela noite. Confesso que meu coração se esqueceu de bater por alguns segundos, enquanto seus olhos se demoravam nos meus. Ela se aproximou devagar, grudando seus lábios em minha orelha, enquanto sussurrava:

— Não, *garota*. Eu serei a melhor coisa que acontecerá em toda sua vida.

Meu corpo todo estremeceu, fechei os olhos por um segundo, sentindo-me em outro mundo. Era assim que Anastácia me deixava: anestesiada. Senti minhas pernas bambearem e ouvi sua risada bem próxima. Ela afastou-se o suficiente para me encarar mais uma vez. Só então Bruna se aproximou, com um sorriso de orelha a orelha.

— Que cantada besta, hein? – ela riu me cumprimentando com um abraço.

— O que você está fazendo aqui? – Ana perguntou, pegando seu drinque.

— A Bruna me ligou me chamando pra festa.

— Achei que vocês precisavam se divertir um pouco – ela olhou pra mim e pra Anastácia. — Bora dançar? – inclinou a cabeça para o meio da pista.

Fomos andando tentando nos desviar das pessoas até o meio do salão. Começamos a dançar as três, ao som de músicas do pop, enquanto tomávamos nossas bebidas. Eu tomava uns goles do copo de Anastácia e toda vez que isso acontecia eu segurava em sua cintura, arrepiando-me de leve somente em sentir seu corpo tão próximo ao meu. Quando sua bebida terminou, ela jogou o copo de plástico fora, ficando com ambas as mãos livres. Durante todo o tempo em que dançou de frente para mim, não tirou seus olhos dos meus. Eu estava entregue à Anastácia e ela sabia disso. Aproximou-se de mim, segurando em minha cintura, seu corpo se movendo junto com o meu, no ritmo da batida da música.

Com a troca de melodia, ela se afastou um pouco, virando-se para Bruna e a puxando para perto pelo colar que usava. Começou a dançar com ela, sua perna entre as pernas dela, remexendo os quadris. Bruna se movimentava de um lado para o outro, com os ombros e a cabeça, entrando no ritmo em que a loira ditava. Bruna ficou de costas para mim e Anastácia ficou de frente, com os braços em volta do pescoço dela. Olhou-me com um sorriso malicioso nos lábios vermelhos e, remexendo os quadris, foi descendo, enquanto passava as mãos por toda a lateral do corpo à sua frente. Senti uma pontinha de ciúme, mas ao mesmo tempo, a cena era muito sexy.

Então, Bruna se virou, postando-se atrás da loira, segurando em sua cintura, e as duas começaram a se movimentar no mesmo ritmo. Agora ela também estava me olhando, sorrindo e se aproveitando de Anastácia, que me chamou para mais perto com o dedo indicador. Aproximei-me, dançando junto com elas, de frente para loira. Eu estava envolvida naquela atmosfera de dança e sensualidade que as duas proporcionaram. Quando eu estava a ponto de beijá-la, Anastácia se afastou, balançando a cabeça de um lado para o outro, com aquele sorriso

no rosto. Bruna me puxou para dançar, agora com as pernas entre as minhas enquanto a melodia mudava uma vez mais. A loira se postou atrás de mim, sem encostar suas mãos, mas ao mesmo tempo tão próxima que nossos corpos ficavam se roçando. Eu estava enlouquecendo daquele jeito.

De repente, Anastácia grudou nossos corpos, colocando minha cabeça para o lado, lambendo meu pescoço. Nesse exato momento, Bruna também se aproximou, segurando em minha cintura, e mordeu de leve meu queixo. Puta que pariu! Senti todos os meus pelos se arrepiando e minhas pernas bambearam. Eu já não fazia ideia da onde eu estava e nem o que eu estava fazendo. A música estava no fim e as duas se afastaram de mim rindo. Não preciso nem dizer qual era o estado em que eu me encontrava. Nem deu tempo de eu pensar, Anastácia me puxou pela mão para irmos até o bar. As duas mais velhas pediram uma bebida pra cada uma de nós. Encostei-me ao balcão ao lado da loira e tive que falar em seu ouvido para que ela me entendesse:

— Assim você me mata! – sua risada gostosa preencheu meus ouvidos.

— E você gosta! – ela comentou pegando seu copo e dando um gole.

Também tomei um pouco do meu drinque e voltamos para a pista. Alguns caras se juntaram, dançando junto com a gente, especialmente quando o DJ começou a fazer um remix de músicas pop dos últimos anos. As pessoas dançavam enlouquecidas, descendo até o chão e derrubando bebida para todos os lados. Quando me dei conta, estávamos no meio de uma roda de amigas, balançando os quadris junto com elas. Cantei a plenos pulmões todas as minhas músicas favoritas. Ficamos lá até cinco da manhã, quando eu já não aguentava mais meus pés e estava escorada no balcão, com as sandálias nas mãos.
— Aceitam carona? – perguntou Anastácia na saída da balada.

— Não, obrigada. Minha casa é fora de mão pra você, vou pedir pelo aplicativo – respondeu Bruna.

— Eu aceito! – levantei a mão, fazendo-as rir.

— Muito obrigada pela noite, meninas! Me diverti muito! – ela voltou a falar.

— Eu que agradeço, Bru! – abracei-a me despedindo. — Foi realmente incrível!

— Conversamos mais amanhã – a loira respondeu, abraçando-a também.

Bruna chamou o carro pelo aplicativo e ficamos esperando junto com ela. Só após ela ter entrado no veículo é que Anastácia e eu nos encaminhamos para o carro. Ela dirigiu até minha casa, encostando na calçada. Convidei-a para entrar. Fazia tempo que ela não ia até meu apartamento. Ela concordou em subir e logo que chegamos em casa me joguei no sofá, completamente acabada. Anastácia sentou-se ao meu lado, cruzando as pernas, com o braço em cima do encosto, virada para mim. Ficamos nos encarando por alguns segundos, ambas com um sorriso satisfeito no rosto.

— Eu senti sua falta, loira – comentei, sentindo que precisava tirar aquilo do meu peito.

— Mas eu estou aqui, Leo.

— Você não entendeu o que eu quis dizer. Eu senti falta dessa Anastácia que eu vi hoje, da

Anastácia que eu conheci naquele bar – finalmente falei, tentando controlar a ansiedade e a respiração. Ela pensou por alguns segundos, respirou fundo e então disse:

— Eu tenho medo de te machucar de novo.

— Você não vai... – mas ela me interrompeu.

— Eu vou. Leona, entenda uma coisa. Eu sempre tive uma personalidade forte, independentemente das coisas que aconteceram comigo. Tudo isso me deixou um pouco mais reclusa e amarga, mas a tempestade que você viu... Ela é real. Depois de tudo o que aconteceu, tenho medo de deixar todo meu potencial vir à tona e essa tempestade te destruir. De novo – ela respondeu baixando a cabeça, triste.

— Entendo... – comentei. Fiquei em silêncio por alguns minutos pensando no que ela havia me dito. — Mas você não pode deixar de ser você, entende?

— Como assim?

— Como eu posso explicar? – eu tentava transformar os meus sentimentos em palavras e estava sendo bem difícil. — Quando me disse que você era tempestade, eu a vi em seus olhos. E foi quando eu me apaixonei. Lembra que nesse mesmo dia eu disse que precisava de alguém que me...

— Domasse? – ela brincou da mesma forma como fizera da outra vez, levantando a sobrancelha esquerda.

— Quase isso – sorri pra ela. — Não tenha medo, loira. Seja a tempestade que você nasceu para ser.

— Que poético – ela zombou. — Mas falando sério, Leo, obrigada. Não prometo, mas vou tentar – ela se levantou, pegando-me de surpresa.

— Aonde você vai?

— Para casa.

— Não quer dormir aqui? Está no meio da madrugada – argumentei, levantando-me também.

— Obrigada, Leo, mas acho que preciso pensar um pouco. Está tudo bem, sério. Te vejo amanhã.

Anastácia me abraçou forte durante alguns segundos, depois nos beijamos de uma forma apaixonada e profunda. Ela sorriu para mim e nos despedimos. Apesar de eu não querer que ela fosse embora, entendia porque ela precisava ir. Entendia que ela precisava de um tempo para pensar em tudo o que eu havia dito, no que aquelas coisas significavam. Fui até o meu quarto, tirei a roupa que eu estava usando, mas como eu estava com preguiça demais para procurar outra, coloquei um vestido que estava em cima da cadeira. Andei até meu ateliê, peguei uma nova tela, as tintas e os pinceis e comecei a pintar. Os traços simples, porém firmes. Uma moça de costas, braços abertos, cabelos cacheados, encarando a tempestade que se formava no mar revolto. Raios cortando o céu escuro, nuvens cinza, mas uma luz amarela, quase branca, ao redor da mulher.

Enquanto eu pintava minha mente não parava de funcionar. Nos últimos dias não estávamos conversando de fato. Eu sentia esse medo nela, como se pisássemos em ovos, tendo

que ter cuidado com o que dizer e quando dizer. E eu estava cansada disso. Eu queria a loira que eu conheci naquele bar na Augusta no meu primeiro fim de semana em São Paulo e foi essa mesma loira que eu havia acabado de encontrar e não podia perdê-la de novo. Olhei para o quadro quase completo e, assim como aquela moça, eu estava de braços abertos para a tempestade que era Anastácia. Eu havia visto toda a sua potência e ainda assim a amava exatamente do jeito que ela era. Tinha consciência de que poderia me machucar outras vezes, mas eu tinha certeza da minha escolha.

O sol já estava alto no céu quando finalmente me joguei na cama, mais de três horas após eu ter chegado em casa. Como sempre, fui acordar somente depois do meio-dia. No meu celular, dez chamadas não atendidas. Duas da loira e oito da minha ruiva predileta, além de diversas mensagens. A maior parte delas querendo saber o que tinha acontecido, se eu estava viva, como estava Anastácia e como tinha sido nossa noite de sexo quente (palavras da Karina). "*Amiga, a loira estava toda de vermelho ontem, igual na primeira vez! Imagina se não morri!*" Mandei para ela enquanto me trocava rápido. Por mais que minha chefe fosse minha namorada, ela já havia me chamado a atenção por conta do atraso. Recebi a resposta da ruiva: "*Nossa, você morreu então! Hahaha*" Depois disso veio um áudio de dois minutos e meio.

Peguei minha mochila e saí de casa correndo, rumo ao metrô. Enquanto me espremia no meio de tanta gente comecei a ouvir o áudio. "*Amiga, você não vai acreditar! Lembra da Amanda? Aquela da academia? Ela me pediu em namoro!!!! AHHH! Foi tão romântico! Ela me levou pra jantar no nosso restaurante favorito, depois me mostrou um poema que tinha escrito pra mim e perguntou se eu queria namorar com ela! Ai! Tentei te ligar ontem pra contar a novidade, mas como você só tinha olhos, boca e língua pra sua loira aí... hahaha*"

Esperei descer do metrô e, a duas quadras da galeria, respondi com um áudio também. "*Aeeeeeeee! Que lindo, Kah! Parabéns! Desencalhou, hein? Hahah depois precisamos combinar de sair as três, quero conhecer direito essa Amanda aí. Pior que nem usei minha língua ontem a não ser pra beijar, triste.*" Assim que entrei Gabriel, que antes estava encostado no balcão da recepção, veio em minha direção.

— Não tem mais hora pra chegar não? – ele respondeu irônico, cruzando os braços.

— Foram só cinco minutos! – respondi mostrando-lhe o horário no visor do meu celular.

Durante o resto da tarde eu fiquei na sala do Gabriel, ajudando-o a terminar as planilhas e escrevendo relatórios. Ele estava me atualizando de tudo o que tinha acontecido ali depois do coquetel. Muitas pessoas haviam se interessado pela galeria e o número de quadros e peças vendidos aumentou, o que era muito bom. Anastácia também tinha avisado que trabalharíamos até às sete da noite e depois faríamos uma breve confraternização. Quando terminamos tudo já estava quase dando o horário combinado, então nos reunimos no saguão para irmos todos juntos, eu, Anastácia, Gabriel, Janaína, Marília e Lilian, além de Bruna, Victória, Nina e Bárbara, que nos encontrariam mais tarde.

O bar estava a cinco ruas da galeria, descendo a Augusta. Como já tínhamos mesa reservada, assim que chegamos já nos sentamos. Estavam todos animados, conversando e fazendo festa. Pedimos cervejas e drinques, alguns petiscos, enquanto todos se entrosavam. Logo Bruna e as outras três meninas também se juntaram a nós. Eu estava sentada ao lado da loira e em diversos momentos ficamos de mãos dadas. Gabriel, após quatro copos de cerveja, já falava

pelos cotovelos, contando coisas engraçadas que haviam acontecido na galeria. Após umas duas horas, Anastácia resolveu se pronunciar:

— Bom – ela começou e a conversa foi diminuindo. — Resolvi juntar a gente para essa confraternização de fim de ano para agradecer vocês! Após um ano bem complicado e em crise, conseguimos fechar o balanço desse ano de forma positiva! Cada um de vocês contribuiu para que conseguíssemos juntos essa conquista! Também tenho que agradecer a Bruna, pois sem ela não teríamos lugar para a nossa exposição.

— Eu que agradeço, Ana! – ela disse sorrindo. — Também, se não fosse por você a sua galeria, não teríamos feito um evento tão legal e tão positivo para as minhas artistas!

— E, falando nisso, temos uma novidade! – a loira comentou misteriosa. Olhei-a intrigada. Que novidade? Ela não tinha comentado nada comigo antes. Após alguns segundos de suspense, ela voltou a dizer: — Eu e a Bruna conversamos e entramos em um consenso de que juntas conseguimos muito mais do que sozinhas. Portanto, decidimos juntar as nossas galerias. Seremos sócias!

Houve uma salva de palmas, assobios e risadas no grupo. Eu não conseguia parar de sorrir, orgulhosa de Anastácia. Estava muito feliz com aquela notícia! Isso significava oficialmente que estaríamos nos juntando a outros artistas LGBTQIA+, apoiando a nossa causa. Inclusive, isso demonstrava para mim o quanto Anastácia estava comprometida não só com a causa, mas, de certa forma, comigo e com o nosso quase relacionamento.

— E pra brindar ao nosso sucesso, mais uma rodada! – a loira riu, levantando o copo de cerveja.

Todos voltaram a conversar animados. Eu olhei para ela, ao meu lado, apertando forte sua mão. Aproximei-me, sussurrando em seu ouvido: “*Parabéns, amor*”. Anastácia suspirou, sorrindo e encostando sua cabeça em meu ombro.

Capítulo 38

— Tem certeza que você não quer ir, loira? – Leona me perguntou pela décima vez naquele dia.

— Não, Leo. Obrigada pelo convite, mas vou ficar – sorri gentilmente.

Estávamos na rodoviária do Tietê, quase véspera de Natal, pois Leona ia viajar para sua cidade para passar o feriado com os pais. Ela insistira muito para que eu fosse com ela e conhecesse sua família e amigos, mas preferi ficar em São Paulo. Eu sentia que não era o momento, ainda que eu realmente quisesse conhecer um pouco mais de onde ela viera. Prometi passarmos o Ano Novo juntas. A rodoviária estava lotada, o que sempre acontecia nessa época do ano. Passagem comprada, fomos nos espremendo entre as pessoas até chegarmos à plataforma 16, na qual o ônibus já esperava.

— Loira... – ela comentou incerta, mordiscando o lábio inferior. — Nós... Eu... Nós estamos...

— Leo, vamos deixar como está – segurei em suas mãos, tranquilizando-a. — Essa não é uma conversa para termos agora, aqui, a dez minutos de você entrar nesse ônibus!

— Que chata você – ela fez uma careta. — Só quero ter certeza que...

— Leona, achei que você confiasse mais no seu taco – balancei a cabeça de um lado para o outro, provocando-a.

— Acontece que eu não tenho um taco – ela piscou pra mim divertida.

— Que pena, acho melhor eu ir atrás de alguém que tenha. – dei de ombros, soltando suas mãos.

— Opa, espera aí! Quem tem um taco pra me emprestar? Alguém? – ela começou a falar alto, olhando para todos os lados. Voltei a segurar em sua mão, puxando-a pelo braço, para que ela ficasse quieta.

— Leona! – não aguentava esse jeito doido dela. — Para de ser besta!

— Você gosta, vai – ela me mostrou a língua.

As pessoas já estavam começando a entrar no ônibus. Leona colocou a sua mala no bagageiro e, antes de entrar, veio se despedir de mim. Abracei-a forte, já sentindo saudades da sua presença. Ficamos alguns segundos só sentindo o abraço e, antes de nos separarmos, nos beijamos. Um beijo com sabor de breve despedida, demorado e adocicado. Desejei-lhe boa viagem e ela partiu. Assim que saí da rodoviária mandei uma mensagem para Marina. "*Estou chegando em meia hora*". Depois de tanto tempo sem nos falar, desde aquele fatídico churrasco, ela havia me contatado no dia anterior querendo me encontrar pra comer alguma coisa e conversar. Peguei o metrô até a estação Santa Cruz, descendo no shopping. Subi até a praça de alimentação, encontrando-a sentada logo nas primeiras mesas.

— Ane! Quanto tempo! – ela se levantou e me abraçou forte.

— Nem me fala, Ma! – sorri dando-lhe um beijo no rosto. — Já pediu alguma coisa?

— Ainda não, eu estava te esperando.

Fizemos nosso pedido em um restaurante e logo depois nos sentamos na mesma mesa, que permanecera vazia. Desde aquele dia do churrasco eu quase não falara mais com Marina.

Após algumas semanas ela voltou para a Europa para participar de alguns desfiles e reuniões para as próximas edições de sua revista. Ela estava bem interessada em saber como estava minha vida, como estava meu relacionamento com Leona, sobre a galeria... Minha família. Contei de forma resumida sobre as brigas com a minha mãe, as brigas e reconciliações com Leo e sobre o coquetel.

— *God*! Não acredito que tudo isso aconteceu em tão pouco tempo! – ela comentou, tomando mais um gole da sua cerveja.

— Mas aconteceu – dei de ombros. — O importante é que tudo parece estar se encaminhando, Ma. Essa parceria com a Bruna vai nos abrir muitas portas.

— Com certeza, Ane! Eu admiro você por continuar seguindo seus sonhos! Imagino que não deve ter sido fácil.

— Não foi, mas foi o melhor pra mim – sorri gentilmente. — E você? Como andam as coisas?

— Ah eu tenho saído com um cara ma-ra-vi-lho-so! – ela comentou animada, seus olhos brilhando. — Ele é um dos colunistas da revista e nos conhecemos há algumas semanas. Na verdade, logo que cheguei em Paris.

— Que incrível! E qual o nome dele? Como ele é? – perguntei interessada, terminando minha cerveja.

— Ele se chama Eduardo, um cara alto, ombros largos, moreno. Ele é bem divertido, gosta de dançar, conversar e adora fazer passeios culturais. Você ia gostar dele.

— Quero conhecê-lo!

— Você vai! Ele está passando os feriados de fim de ano aqui na minha casa. Aliás, onde a senhorita vai passar o Natal, já que a Leo viajou?

— Em casa mesmo.

— Mas nem pensar! – ela me olhou horrorizada. — Você vai passar comigo! – não tive tempo de protestar. — Você vai passar com a gente e ainda vai conhecer o Edu!

— Tenho outra alternativa? – dei de ombros, convencida.

— Não tem! – ela brincou. Ficamos o resto da tarde conversando, demos uma volta no shopping e depois fui para casa.

Durante aqueles dias fiquei trabalhando, arrumando minha agenda e revendo alguns contratos da galeria. Já era a véspera de Natal, eu havia combinado com Marina de passar com ela, o namorado e alguns amigos que eu não conhecia. Tomei banho, trocando-me em seguida. Coloquei uma calça social preta, sapatilha, uma blusa vermelha e um casaco preto. Saí de casa perto das oito horas da noite. Leona já havia me mandado três mensagens durante a tarde, as quais eu já tinha respondido, comentando que iria passar a noite na casa da avó, com toda a família. Eu comentei para onde estava indo e lhe disse que ela precisava conhecer minha amiga. Uma vez pronta, peguei meu carro e parti para a casa de Marina, que ficava na zona oeste. Por conta do feriado, muitas pessoas viajam, então não havia quase engarrafamento, eu cheguei em meia hora.

Marina morava em um apartamento novo e bonito no nono andar. Assim que subi o elevador e toquei a campainha, minha amiga veio correndo me atender. Usava um vestido longo vinho, o cabelo curto escovado, maquiagem marcante nos olhos.

— Feliz Natal, Ane! – ela me abraçou, cumprimentando-me.

— Feliz Natal, Ma! – respondi sorrindo.

Entrei no apartamento. A sala estava toda decorada, com uma árvore de Natal no canto esquerdo, ao lado do raque com a televisão. Tinham três pessoas na sala além de nós duas. Um cara alto e de cabelos pretos parado perto da porta, que imaginei ser o namorado dela; uma moça de pele negra escura, alta, sentada no sofá ao lado de uma moça branca, de cabelos pretos e longos.

— Prazer, Eduardo – ele se apresentou, estendendo a mão para mim.

— Anastácia – sorri, apertando sua mão e lhe dando um abraço.

— Essa é a Olivia, filha do Edu – ela apontou para a moça mais nova. — E essa é sua namorada, Melissa – apontou para a moça negra ao lado dela.

— Prazer! – respondi, logo após trocar um rápido olhar com Marina.

Estávamos conversando e comentando sobre o que cada uma de nós planejava fazer no começo do próximo ano quando a campainha tocou. Marina se levantou e abriu a porta para uma mulher de aproximadamente uns quarenta anos, cabelos pretos e lisos, uma expressão alegre no rosto. Cumprimentaram-se e eu fiquei me perguntando quem ela seria, mas minha curiosidade logo foi sanada quando a garota a chamou de mãe. Ela se apresentou para mim como Juliana, ex-mulher de Eduardo e mãe da moça, e achei muito interessante que ela e Marina pudessem se dar tão bem. Depois de alguns minutos o jantar foi servido, então todos nos sentamos ao redor da mesa.

— A Paula não vem, mãe? – perguntou a garota, tomando um gole de refrigerante.

— Infelizmente não, Liv. Ela precisou viajar de última hora para Los Angeles por causa do trabalho e não teria como voltar a tempo – Juliana respondeu dando de ombros, colocando uma garfada de comida na boca.

— Paula é a esposa da Juliana, Ane – minha amiga me informou com um sorriso maroto nos lábios.

— Esposa? – perguntei surpresa.

— Sim, esposa. Algum problema com isso? – Juliana logo rebateu, deixando-me sem jeito.

— Claro que não, eu só... Não esperava – sorri sem graça.

— Me desculpe pelo modo como falei – ela respondeu, tomando um gole de vinho. — Mas é que muitas pessoas se tornam mal-educadas quando descobrem que tenho uma esposa e eu não tenho muita paciência para isso.

— Contem a história de vocês para a Ane. É muito interessante como as coisas se desenrolaram.

— Antes de nos separarmos – comentou Eduardo. — Eu já sabia dos sentimentos da Ju por mulheres, especialmente pela Paula, sua melhor amiga. Não havia problemas para mim. Sentamos e tentamos resolver como lidaríamos com aquilo dali para frente.

— Isso mesmo, tudo foi bem conversado, nada escondido. A honestidade foi essencial – continuou Juliana. — Porém alguns amigos próximos se acharam no direito de me julgar e de me atacar, alegando estarem pensando no bem do Edu. Como se eles se importassem! – ela bufou, irritada.

— E como vocês lidaram com isso? – perguntei, lembrando-me do fiasco que fora o churrasco com meus antigos colegas.

— Eu falei com eles, falei que havíamos conversado e aquele era um assunto particular nosso – respondeu Eduardo. — Ninguém precisava me defender de nada. Alguns entenderam e nos deram espaço. Os que não quiseram aceitar, aos poucos foram se afastando e deixaram de ser nossos amigos.

— Não queríamos pessoas tóxicas dentro de casa – completou Juliana, olhando com carinho para a filha.

— Isso é realmente muito bom – comentei sorrindo.

— Foi esquisito ver a minha mãe com outra mulher – a garota fez uma careta, fazendo todos rirem. — Pelo fato de ser minha mãe. Mas como eu segui o mesmo caminho que ela... Acho que não posso falar nada, não é? – ela deu de ombros, encostando a cabeça no braço da namorada.

— E você? Namora ou é casada? – perguntou Eduardo, tomando mais um gole de vinho.

— Quase namorando – comentei pensando nos últimos acontecimentos.

Comecei a lhes contar sobre minha história com Leona, de forma breve. Quando comentei sobre a diferença de idade, Juliana me contou sobre algumas experiências pessoais e como foi difícil para ela aceitar o fato de gostar de uma mulher enquanto estava em um casamento hetero e com uma filha adolescente. Eu a achei extremamente corajosa, não sei se eu teria condições de mudar de vida de uma forma radical como ela fez, já que no meu caso eu não estava mais casada com ninguém. Após um tempo, o assunto passou para os últimos acontecimentos da novela, que todos pareciam assistir, e eu me peguei admirando aquela família. Incrível como Marina se dava bem com a filha e a ex do seu namorado, e como todos se aceitavam e se respeitavam. A harmonia era palpável.

De repente, meu celular apitou no meu bolso. Peguei-o e olhei o visor, tinha uma mensagem de Leona. *"Não aguentei esperar até a meia noite, loira. Estou morrendo de saudades de você. Me dá um pouco de atenção, vai! Me liga."* Sorri com suas palavras e pedi licença para todos na mesa, levantando-me e indo até o quarto de Marina. Disquei o número já decorado em minha mente e ela me atendeu no segundo toque.

— Está com saudades, Leo? – foi a primeira coisa que eu disse, ouvindo-a suspirar do outro lado.

— Óbvio que sim, loira! Você me abandonou na noite de Natal, acha que eu vou estar como? Estou aqui, jogada na cama, sozinha.

— Não seja tão dramática – respondi com uma risada. — Não te deixei sozinha. Já olhou dentro

da sua mala?

— *Quê? Por quê?* – ela perguntou curiosa. — *O que tem na minha mala?*

— Procura que você vai achar – respondi misteriosa. Seguiram-se alguns segundos de silêncio.

— *Puta que pariu, Anastácia!* – ela soltou em uma voz fina. Eu comecei a gargalhar, imaginando sua reação ao achar o pacote que eu havia escondido entre suas roupas.

— Gostou, amor? – perguntei. — Isso é para você ver como eu não te esqueci...

— *Assim você me mata, loira.*

— Mato nada. Você gosta, isso sim! – comentei, virando-me para a porta, vendo Marina ali, sorrindo para mim. — Leo, preciso ir. Feliz Natal, meu amor.

— *Feliz Natal, amor.*

Desliguei o celular com um sorriso nos lábios. Voltamos para a sala, estava na hora de abrir os presentes. Eu havia levado um para Marina e, para a minha surpresa, também tinha um para mim. Era um porta-retrato com uma foto nossa em Miami, na praia, nossa primeira viagem juntas. Sorri ante a lembrança. Foi a primeira vez que viajei para fora do país, com dezenove anos, sem supervisão dos meus pais. Naquele ano, Marina havia me confessado que transara com uma garota. Fiquei curiosa, querendo saber de todos os detalhes, e ela ficou uma pilha de nervos imaginando se era lésbica. Lembro que eu lhe disse que se fosse, nunca seria um problema para mim. Ela era minha melhor amiga e nada mudaria isso. Inclusive, disse que se ela estivesse com uma garota, seria ótimo para compartilharmos nossos gostos e roupas. Atrás da foto estava escrito: *"Um brinde a amizades como a nossa, que nada nesse mundo pode mudar."* Abracei-a forte, sentindo as lágrimas subindo aos olhos.

— Obrigada, Ma, pelo presente maravilhoso! – agradeci.

— Maior presente é ainda poder compartilhar minha vida com você – ela me respondeu.

Em seguida foi um momento muito único, enquanto ela entregava os presentes para as outras pessoas na sala, recebei uma mensagem no celular. Sorri, imaginando ser de Leona, talvez ela quisesse fazer alguma gracinha, porém, assim que olhei no visor, encarei o nome escrito na tela. Marta. Esperei alguns segundos, tentando me decidir se eu iria abrir a mensagem ou não, mas por fim resolvi olhar. Era uma mensagem breve, mas de certa forma, carinhosa. "*Feliz Natal, Ana. E ainda que eu mantenha a mesma opinião sobre o assunto... Mande minhas felicitações àquela garota.*" Era esperar demais de minha mãe alguma coisa além das formalidades. Pelo menos, chamou-me pelo meu apelido de infância e ainda desejou felicidades a Leo. O cenário geral não era dos piores.

Assim que cheguei em casa, passado das duas horas da madrugada, havia um pacote em cima da bancada da minha cozinha, com um cartão ao lado, que dizia: *"A Leo pediu para eu deixar aqui. Feliz Natal, Anastácia. Ass: Janaína."* Um sorriso se abriu em meu rosto, enquanto eu contemplava o embrulho em cima do balcão. Desfiz o laço, ansiosa para saber o que ela havia me deixado. Abri a caixa, revelando uma carta e um conjunto de fotos nossas, desde o dia em que nos conhecemos. Inclusive aquela foto que tiramos ao sair da cafeteria, encostadas no muro de uma casa, perto da Avenida Paulista. Também havia um dos seus desenhos que ela fizera

sobre mim e um anel de prata com uma pedra vermelha na parte de cima. Coloquei-o no dedo, admirando-o, e abri a carta endereçada a mim.

"*Querida Anastácia,*

Obrigada por ser meu melhor presente esse ano. Por mais que tenhamos dias difíceis, conseguimos passar por eles e nos entendermos. Meu coração ainda bate forte quando te vejo. Te amei desde o primeiro momento em que te vi, desde a primeira cantada tosca que eu dei, desde a primeira vez que eu ouvi sua risada. Sua personalidade me faz me sentir viva. Amo seu jeito, suas piadas, sua sensualidade, sua acidez, sua inteligência, sua ironia. Você não está mais sozinha, eu estou aqui, com você, mesmo quando não estiver. Eu amo a sua tempestade e o seu caos. Eu amo você, Anastácia.

Com todo amor do mundo,
Leona."

Quando terminei de ler a carta, estava com o coração apertado de saudade, sentindo-me aquecida pelo seu amor, sem conseguir conter as lágrimas de gratidão e felicidade.

Capítulo 39

— Puta que pariu, Anastácia! – falei assim que abri o embrulho que encontrei dentro da minha mala, embaixo das minhas calcinhas.

Parecia incrível a habilidade que aquela loira tinha de me fazer falar palavrões. Já era talvez a segunda ou terceira vez que eu tinha uma reação como aquela, e pelo mesmo motivo que da primeira vez: fotos. Anastácia havia me mandado uma sequência de seis fotos dela mesma, usando apenas um gorro vermelho e um cachecol, em diversas poses diferentes. E juntamente com elas, havia um pequeno vibrador em formato oval.

— *Gostou, amor?* – ela me perguntou. — *Isso é para você ver como eu não te esqueci.*

— Assim você me mata, loira – respondi num suspiro.

Não demorou muito para nos despedirmos e assim que desliguei o celular voltei a mexer no pacote que eu tinha em mãos. Dentro dele, atrás das fotos, havia um cartão e um pacotinho pequeno. Abri-o, retirando um delicado colar com um pingente com a letra A desenhada. Peguei o cartão e li:

“Leo, aproveite o seu presente de Natal.

Devore-me por inteiro, como sempre o fez. Sem pudor, sem amarras, sem neuras. Me ame e me toque, se toque, se ame.

ps: esse colar era meu de quando eu era criança, agora é seu.

Pra sempre sua, Anastácia.”

Sorri com aquele pequeno, mas cheio de significados, presente e coloquei o colar no pescoço. Eu adorava quando Anastácia me provocava daquela forma, era um jogo que ambas fazíamos desde quando nos conhecemos. E não precisávamos nos justificar, pois sabíamos o que significávamos uma para outra e o que aquelas provocações significam. Observei aquelas fotos com desejo, querendo que ela estivesse ali, de corpo presente, em meu quarto, em minha cama, ao meu lado. Subitamente lembrei-me do pacote que eu havia pedido para que Janaína lhe entregasse e fiquei ansiosa esperando uma boa parte da madrugada pela mensagem, que chegou após as três da manhã, quando eu estava indo deitar. “*Desse jeito, é você que me mata, Leo. Obrigada por tudo. Te amo!*”

O Natal em família havia sido bom, passei o feriado na casa da minha avó com a minha família e meus pais. Eu gostaria muito que Anastácia estivesse presente e já planejava um modo de levá-la no próximo ano, não teria escapatória. Eu tinha me encontrado com duas amigas da época do colégio, tínhamos ido algumas vezes ao shopping, no cinema e almoçamos juntas. Na verdade, eu não via a hora de voltar para São Paulo e encontrar minha loira, o que iria acontecer dali a dois dias, não fosse ela dizer que não poderia me buscar na rodoviária. O que particularmente achei bem esquisito, considerando que ambas estávamos loucas para nos encontrarmos de novo. Assim que comentei que a loira não iria me buscar, Karina se prontificou a ir até a rodoviária e lá estava ela, assim que desci do ônibus, segurando seu celular nas mãos.

— Leo! Finalmente! Achei que não fosse chegar hoje! – a ruiva me abraçou alegre.

— Nossa, Kah! Você queria que eu fizesse o quê? Apressasse o motorista? – perguntei divertida.

— Deveria! – ela respondeu. — Vamos, estou morrendo de fome! – já saiu pegando minha mala e eu a segui. Entramos no metrô da Linha Azul sentido Jabaquara.

— Kah, não acha muito estranho que a Anastácia não tenha vindo me buscar? – perguntei intrigada.

— Não acho. Ela está bem ocupada esses dias com problemas da galeria, Leo – Karina deu de ombros.

— Como você sabe? Andou falando com ela? – arqueei uma sobrancelha.

— Eu? E eu lá fico conversando com a Anastácia? – seu rosto ficou todo vermelho. — Mas você sabe como ela é... Trabalhando o tempo todo.

— Sei... Acho que você está me escondendo alguma coisa, isso sim.

— Deixa de paranoia, Leo!

Seguimos até o meu apartamento para que eu deixasse minhas coisas lá e depois fomos até o Shopping Center 3 na Paulista, para almoçarmos. Karina tagarelava sem parar sobre sua nova namorada, sobre como passaram o Natal juntas e tudo mais, mas minha mente não saía de Anastácia. Sem conseguir me segurar, mandei-lhe uma mensagem. *"Está tão ocupada que não tem tempo de me ver?"* Dramática? Óbvio que não. Depois de alguns segundos recebi a sua resposta: *"Ai, Leo, o que eu faço contigo?"* Sem perder tempo, respondi-lhe: "*Você deveria ir me buscar e me amar, após tantos dias longe*". Eu devia estar com a cara emburrada pelo jeito que a Karina rolou os olhos. Dei de ombros, tomando um gole do meu suco, ouvindo-a, mas olhando o tempo todo para o visor do celular, impaciente com sua demora. Quando ele apitou, cliquei no ícone da sua mensagem: "*Mas eu vim*".

Senti seu corpo atrás de mim, abraçando-me, sentindo seu calor e sua boca junto à minha orelha. Estremeci com seu toque, fechando os olhos e engolindo em seco, sentindo meu coração pulsando rápido no peito. Com seus braços ao meu redor, suas mãos pousaram na minha frente e eu pude ver que ela estava usando o anel que eu lhe dera. Anastácia sussurrou em meu ouvido, fazendo-me estremecer:

— *Você é boba, garota.*

— Leona, recomponha-se! Daqui a pouco vai ter um orgasmo aqui no meio do shopping! – comentou Karina, fazendo-me ficar vermelha.

— Até parece que eu vou... – comecei a rebater, mas a voz da loira sussurrando no meu ouvido me fez parar.

— *Shhh, sabe que eu te faço gozar só com o som da minha voz, o toque dos meus lábios...* – ela mordeu a pontinha da minha orelha e dessa vez foi inevitável não soltar um gemido.

— Leona! – gritou Karina, visivelmente constrangida, ao passo que Anastácia começou a gargalhar.

— Ai, Leo, sempre me divirto com esse seu jeito! – Anastácia comentou, sentando-se na cadeira ao meu lado.

— Mas a culpa não é minha, Kah! É involuntário! – respondi tentando me defender. — Se você

tivesse essa loira aqui sussurrando desse jeito no seu ouvido você ia entender do que estou falando.

— Não, obrigada, estou muito bem com a minha *personal trainer* – a ruiva deu de ombros.

Após o almoço Karina foi se encontrar com sua namorada e Anastácia me deixou em casa. Eu insisti para que ela entrasse, já pensando em juras de amor e um sexo ardente para aquela tarde, porém a loira não quis subir. Disse que precisava arrumar algumas coisas ainda, pediu que eu tivesse paciência e segurasse a ansiedade, como se isso fosse possível. Então nos despedimos dentro do carro, com um beijo ardente e apaixonado, que se transformou em pequenos selinhos no fim.

Finalmente, após parecer uma eternidade, depois de dois dias a véspera de Ano Novo havia chegado. Anastácia havia me dito que seríamos somente nós duas para passarmos a virada do ano juntas em sua casa. Eu estava ansiosa, seria a primeira vez que eu ficaria junto com ela em quase duas semanas. Naquela noite Anastácia me mandara uma mensagem pedindo para que eu comesse alguma coisa antes de ir, uma vez que ela sempre jantara após a meia-noite. Então comi um lanche, depois tomei banho e logo fui me trocar ao som de Cher, dançando a cada passo que eu dava. Resolvi colocar uma calça jeans, uma blusa amarela de mangas curtas, sapatilhas nos pés e o cabelo solto cacheado. Passei uma maquiagem que combinasse e também passei perfume. Coloquei o colar que a loira havia me dado, dois anéis e uma pulseira dourados. Peguei minha bolsa e saí de casa, pegando o metrô.

Em quarenta minutos eu estava parada em frente à sua porta. Toquei a campainha, sentindo a ansiedade me consumir por dentro. Assim que Anastácia abriu a porta, fiquei boquiaberta. Ela estava deslumbrante! Vestido branco curto até os joelhos, sem mangas. Havia um cinto que adornava sua cintura com um pequeno camafeu preso ao final do decote. De salto alto, cabelos soltos pelos ombros, formando ondas nas pontas, maquiagem prateada e um batom escuro nos lábios.

— Leo? Está me ouvindo? – ela sorriu.

— Oi? – pisquei diversas vezes, tentando sair do transe que eu havia entrado. — Você está incrível, Ana.

— Você que está. Linda demais – ela sorriu para mim, dando espaço para que eu entrasse em sua casa, fechando a porta atrás de mim.

Não deu tempo para que eu nada lhe dissesse, seu corpo se juntou ao meu, prendendo-me de costas para a parede, e ela buscou meus lábios de forma urgente. Minhas mãos tocaram seu rosto enquanto nossas bocas se uniam em um beijo apaixonado, profundo, nossas línguas dançando na mesma sintonia. Suas mãos desceram pela minha cintura, passando pelas minhas pernas e subindo para as minhas costas, tocando todo o meu corpo. Anastácia suspirou contra minha boca, mordiscando meu lábio inferior. Não sei quantos minutos ficamos ali, beijando e sentindo uma o corpo da outra, mas quando o momento terminou, sorrimos, olhando-nos nos olhos.

— Eu estava com saudade – ela sussurrou.

— Eu também.

Ana pegou uma garrafa de vinho e duas taças e fomos para a sala. A televisão estava ligada, passando os shows que antecedem a contagem regressiva, de vez em quando mostrando as principais cidades onde estava tendo show de fogos. A decoração da sua casa era em prateado e branco, alguns balões de gás pendurados ao lado da televisão, alguns enfeites em cima do aparador. Sentamos no sofá, Anastácia serviu as duas taças, ainda em silêncio e, com um sorriso no rosto, uma ficou observando os gestos da outra.

— Então, Leo. Como foi esse ano para você? – ela perguntou com um sorriso enigmático nos lábios.

— Difícil dizer... – comecei, tentando buscar as palavras certas. — Inusitado, inesperado, mas incrível. Você virou meu mundo de cabeça para baixo, loira – sorri, bebendo um gole de vinho.

— Eu que o diga, Leo – ela fez o mesmo. — Quem diria que aquela garota que teve a audácia de me abordar no bar, seis meses atrás, ia ser aquela a quem entreguei meu coração?

— Hum, está ficando romântica, hein? – pisquei pra ela, provocando. Ela fez uma careta, nem se dando ao trabalho de me responder, mas fez outra pergunta logo em seguida:

— O que você espera para esse novo ano que está chegando, Leo? Sobre seu futuro, sobre nós... – ela deixou a pergunta no ar.

— Bem... – suspirei. — Espero que minha exposição seja um sucesso, que eu continue pintando e aprendendo cada vez mais, para melhorar minhas técnicas, já que emprego eu já tenho – brinquei, piscando pra ela. — E sobre nós... Eu desejo estar com você todos os dias, desejo que nosso relacionamento cresça e se desenvolva, que deixemos as mágoas para trás. – mordisquei meu lábio inferior. — E você, Ana?

— Eu desejo que minha galeria tenha ainda mais resultados positivos, principalmente depois das mudanças que fizemos esse ano. Desejo que sua exposição seja um sucesso e que, com o tempo, possamos apoiar outros artistas como você. Também desejo que nosso relacionamento vá para frente, Leo. É o que eu mais desejo no momento. Que possamos passar nossa vida juntas, aprendendo uma com a outra, sem segredos, sem dúvidas, sem mágoas.

Nossos olhos se encontraram, ambos ardendo em desejo e sentimento. Era incrível o poder que aqueles olhos tinham sobre mim. Lentamente nos aproximamos, deixando que nossas bocas se unissem em um beijo apaixonado, selando aquele momento tão especial. De repente, o som da campainha me fez pular no sofá. Surpresa, afastei-me, terminando o beijo. Quem estava na porta àquela hora, faltando trinta minutos para o fim do ano? Anastácia se levantou, indo até a porta e, antes de abri-la, sorriu para mim.

— Feliz Ano Novo! – ouvi a voz inconfundível de Karina, entrando logo em seguida na casa, carregando um bolo branco.

Espantada, observei uma por uma das pessoas entrando. Karina, Janaína, Bruna, Gabriel, Marília e Bruno, e uma moça que eu não conhecia. Será que a casa estava sendo invadida? Uma invasão alienígena?

— O quê que está acontecendo aqui? – perguntei atônita.

— Surpresa, *bee*? – indagou a ruiva, aproximando-se e me dando um abraço apertado.

— O que vocês estão fazendo aqui? – eu disse mais uma vez, olhando dos convidados para Anastácia, que se aproximou de mim.

— Eu os convidei, Leo. Quis fazer uma surpresa para você – ela colocou a mão em minhas costas, acariciando-me.

— Estávamos com saudades de você! – comentou Bruna, cumprimentando-me logo em seguida com um abraço.

— Sei... – eu disse desconfiada. Achava tudo, no mínimo, bem esquisito.

— Leo, quero que você conheça Marina, minha amiga de infância. Foi na casa dela que passei o Natal – a loira comentou apontando para a moça de cabelos curtos, vestido longo prateado e um sorriso curioso nos lábios.

— Você é a famosa Leona? – ela se aproximou, abraçando-me. — Prazer, Marina.

— Nem tão famosa assim. Prazer é todo meu – respondi, retribuindo o abraço.

— Gente, só faltam dez minutos! – gritou Janaína da cozinha, trazendo duas garrafas de champanhe.

Karina se deslocou até ela, trazendo aos poucos as taças e entregando aos convidados. Gabriel aumentou o volume da televisão, deixando no canal certo para acompanharmos a contagem regressiva. A ansiedade começou a invadir meu peito, mais um ano que estava terminando. Procurei Anastácia com os olhos, mas não a encontrei. As pessoas passavam de um lado para o outro na sala e nada da loira. De repente, ela surgiu da ponta da escada, parando para conversar com Janaína no caminho.

— Loira, assim você vai perder a contagem! Vem logo! – gritei para elas, recebendo um aceno como resposta.

Últimos minutos daquele ano. Olhei para todas as pessoas presentes esperando ansiosas. Janaína e Karina estavam com uma garrafa de champanhe cada, enquanto Gabriel e Marina seguravam as taças. Anastácia estava ao meu lado, de mãos dadas comigo, enquanto assistíamos aos fogos explodindo em meio ao céu escuro na tela da televisão. A contagem começou, começamos a contar de trás para frente, em coro. 10... 9... 8... 7... Meus olhos se encontraram com os da loira. 6... 5... 4... Uma eletricidade passava por todo o meu corpo. 3... 2... 1... Feliz Ano Novo!

As duas champanhes estouraram ao mesmo tempo. Em milésimos de segundos todas sorriamos umas para as outras, o líquido das garrafas caindo por sobre as taças, caindo pelo chão, lavando nossas almas. Abracei Anastácia, com o coração batendo acelerado no peito. E enquanto todas gritavam palavras positivas, felicitações e comemoravam o início daquele novo ano, Anastácia se posicionou no meio da roda, mostrando sua mão que estava escondida atrás das costas, revelando uma caixinha de veludo vermelho. Minha ansiedade estava no auge, senti meu corpo inteiro dormente, uma vontade de gritar tamanha a felicidade que irradiava por todos os meus poros. A loira sorriu, abriu a caixinha, elevou a voz e perguntou:

— Leona, você aceita se casar comigo?

— Sim! Eu aceito! – liberei o grito que estava entalado na garganta, sentindo as lágrimas

brotando dos meus olhos. Joguei-me nos braços da loira, capturando seus lábios nos meus, enquanto todos ao nosso redor aumentaram a gritaria, comemorando. Quando nos separamos, Karina me entregou uma taça de champanhe, gritando em meu ouvido:

— Até que enfim!

— Parabéns ao casal! – felicitou Bruna, abraçando Anastácia e eu.

— Minhas mais sinceras felicidades! – disse Janaína, abraçando a loira e depois me abraçando forte, sussurrando em meu ouvido: — Cuide dela.

— Um brinde ao Ano Novo, vida nova! – Gabriel disse, levantando sua taça.

Todos levantamos nossas taças ao mesmo tempo, fazendo um brinde, comemorando o novo ano que se iniciava. Anastácia me abraçou forte, sussurrando em meu ouvido “Feliz Ano Novo, meu amor”. Eu ainda estava em êxtase, sentindo meu corpo dormente, meus ouvidos zunindo, com a sensação de felicidade passando como eletricidade pelo meu corpo. Eu havia ficado surpresa com a atitude de Anastácia e sabia que não havia jeito melhor de começar o ano do que sendo pedida em casamento pela mulher da minha vida.

Capítulo 40

Finalmente o dia havia chegado, o tão sonhado dia da exposição dos quadros de Leona. Durante aquelas semanas que se seguiram ao início do ano, Bruna, Janaína e eu trabalhamos sem parar acertando todos os detalhes para que, no dia 21 de janeiro, tudo estivesse devidamente pronto para a grande noite. Leona andava de um lado para o outro em minha casa, atrapalhando-se com o vestido longo preto que usava, tentando terminar a maquiagem e amaldiçoando toda vez que errava alguma coisa. Eu havia acabado de fechar o terno vermelho por cima da blusa quando a ouvi resmungar no banheiro. Fui ao seu encontro.

— O que foi dessa vez, Leo? – perguntei, observando uma Leona emburrada se encarando no espelho.

— Não consigo passar a porcaria do delineador! – ela bufou, irritada.

— Nem é tão difícil assim. Eu faço o delineado todo dia – provoquei.

— É sim! Sempre que tento passar fico parecendo um panda! Erro de um lado e, quando vou ajeitar, erro do outro. Quando vou ver, está tudo preto – ela bufou de novo, pegando um pedaço de algodão para limpar o canto do olho.

— Não seja dramática, Leo! Deixa que eu faço pra você – ofereci, pegando o pincel da mão dela e comecei a ajeitar o delineado.

Após terminar a maquiagem, Leona ajeitou os cachos com creme, enquanto eu terminava de passar a chapinha no meu cabelo. Quando estávamos prontas, peguei meu carro e fomos para o galpão da galeria de Bruna, onde aconteceria a exposição. Mandei uma mensagem para Janaína, avisando que já estávamos a caminho. Olhei de relance para Leona, que parecia uma pilha de nervos ao meu lado no carro. Coloquei a mão em sua coxa, fazendo com que ela olhasse para mim.

— Vai dar tudo certo, você vai ver – disse-lhe tentando acalmar seu coração.

— E se for um fracasso, Ana? E se ninguém gostar? Pior... E se ninguém for? – ela me perguntou assustada.

— As pessoas vão amar o seu trabalho, Leo. Eu tenho certeza que vão. Você é... Fantástica – comentei com sinceridade, apertando sua bochecha de leve.

Foquei-me no caminho, mas apesar das minhas palavras doces, eu mesma estava uma pilha de nervos. O talento de Leona era indiscutível, mas não tinha como não temer que tudo não passasse de um grande fracasso, ainda mais quando a minha galeria estava em jogo, quando a parceria com Bruna e os seus artistas estavam em jogo. Eu tinha medo da crítica, do que os jornais e as pessoas diriam, uma vez que seria a primeira vez que aparecíamos em público oficialmente como um casal. Mas eu já tinha chegado ali, já tinha batalhado tanto, não podia deixar que aquele medo irracional me vencesse, como costumava acontecer. Respirei fundo diversas vezes, tentando pensar positivo. Afinal, se tudo fracassasse, o que eu teria a perder? A galeria, meus funcionários, a... Balancei a cabeça de um lado para o outro, afugentando esse pensamento. Se tudo fracassasse, eu iria me reconstruir e me reinventar.

Quando chegamos ao galpão deixei o carro no estacionamento ao lado e paramos em

frente à porta. Havia dois seguranças, um deles com uma lista com o nome das pessoas convidadas. Cumprimentei-os, virando-me então para Leona, que continuava muda ao meu lado. Segurei em sua mão, estava gelada e úmida de suor.

— Está pronta para a sua grande estreia?

— Estou! – ela me respondeu prontamente.

Entramos de mãos dadas, Leona apertou minha mão, eu apertei a dela, tentando lhe passar segurança. Aquela era a sua noite e eu queria que ela a aproveitasse ao máximo.

— Ana! Leo! – Janaína se aproximou de nós com um sorriso no rosto. Ela vestia um conjunto rosa claro, com salto alto e o cabelo preso em um coque. — Ainda bem que chegaram!

— Está tudo como os conformes? – perguntei, observando o salão ao meu redor.

— Tudo acertado. A Bruna está conversando com alguns dos convidados. Aliás – ela se virou animada para Leona –, seus pais já chegaram e querem ver você!

— Vai lá, Leo! Depois eu te encontro – dei mais um abraço em Leona e a observei enquanto ela se afastava. — E a comida? – dirigi-me a Janaína.

— Estamos servindo. Marília está controlando todos os aperitivos e os drinques que entram e saem da cozinha. Victória, Nina e Bárbara também já chegaram, estão em algum lugar do salão.

— Você é incrível, sabia? – sorri grata por tudo o que ela tinha feito por mim. — Se não fosse por você, eu talvez nunca tivesse tudo isso. – suspirei emocionada.

— Deixa de bobagem, Anastácia. – ela enxugou uma lágrima, também emocionada. — Todas nós trabalhamos muito para que isso tudo acontecesse.

As pessoas começaram a chegar e, como boa anfitriã, comecei a recebê-los pessoalmente, indicando os lugares em que podiam ir, comentando sobre os drinques e aperitivos que passavam em bandejas trazidas pelos garçons. O galpão era grande, os quadros de Leona estavam espalhados pelas paredes, alguns estavam colocados em cavaletes e outros se intercalavam com os quadros das outras meninas. Havia um DJ tocando músicas que iam desde o POP até a MPB. Depois de alguns minutos o lugar estava completamente cheio. As pessoas chegavam, cumprimentavam-me, e iam falar com Leona, que estava sendo requisitadíssima naquela noite.

— Como vai, Ane? – uma voz conhecida me perguntou. Virei-me, dando de cara com Marina ao lado de Eduardo, juntamente com Juliana e uma moça que imaginei ser a Paula.

— Ocupada! – brinquei, abraçando-a forte. — Fico feliz que tenham vindo! – abracei cada um deles.

— Até parece que a gente ia perder! – Marina brincou. — Uau! Está maravilhoso isso aqui, não?

— Sim, mal posso acreditar.

— E onde está Leona? – perguntou Eduardo. — Queremos cumprimentá-la.

— Está ali perto da escada.

Fiquei observando da onde eu estava, com um sorriso no rosto, vendo os olhos de

Leona brilharem enquanto ela abraçava cada um deles. Aliás, ela toda brilhava. Eu estava tão absorta observando a mulher que eu amava reluzindo em sua grande noite que mal notei a presença ao meu lado, a não ser quando ela começou a falar:

— É incrível essa sensação de orgulho, não é? – o tom de voz era contido.

— Como? – perguntei um pouco aérea, olhando para o lado, só então me dando conta de com quem eu estava falando. — Jaqueline? Jaqueline Cordwell? – senti meu corpo todo dormente, tentando processar o fato de eu estar falando com aquela mulher em carne e osso, bem ao meu lado.

— Eu mesma – ela sorriu de canto. — E você deve ser a Anastácia – ela estendeu a mão, apertando a minha.

— Sim – balancei a cabeça, engolindo em seco.

— Como eu estava dizendo, é incrível essa sensação de orgulho de ver o sucesso de algo que você mesma construiu – ela correu os olhos ao redor, acredito que falando um pouco sobre a própria experiência ao longo dos anos.

— É – concordei, sem saber o que dizer em seguida.

— Bem, você está de parabéns – seus olhos voltaram a se concentrar em mim. — Leona é maravilhosa, tem um talento indescritível e suas obras... São maravilhosas, são... – ela sorriu, amaciando a voz em seguida. — Tocantes.

— Obrigada – respondi emocionada.

— Inclusive, quero te parabenizar por abrir espaços para a diversidade. Sei que no atual momento muitos artistas estão despontando, mas as pessoas ainda resistem às mudanças. Se não fosse minha filha demonstrar interesse em artistas como ela, talvez eu nunca tivesse prestado atenção.

— Eu que agradeço por ter a sua presença prestigiando um evento como o nosso. Depois que entendi que isso fazia parte de quem eu sou, não pude fechar mais os olhos para o que eu sabia que precisava fazer. Perdi diversas coisas pelo caminho, mas não me arrependo das escolhas que eu fiz – respondi orgulhosa.

— E não deveria se arrepender mesmo, Anastácia – ela sorriu de volta. — Quero investir na sua galeria.

— Como? – perguntei atônita, será que eu havia ouvido direito? — Investir? – engoli em seco, tentando acalmar a ansiedade que me consumia.

— Isso mesmo que você ouviu, investir. Invisto no que eu acho que vale a pena, no que tem potencial. Em quem tem talento e, principalmente, coragem e ousadia.

— Obrigada, Jaqueline, eu... Eu... – não soube mais o que responder, estava com um nó na garganta, tentando não chorar na frente daquela mulher.

— Não há de que. Depois converso com a sua assistente, Janaína, não é? – ela me perguntou e assim que confirmei, ela continuou falando. — Aproveite a sua exposição.

— A exposição de Leona – corrigi gentilmente, sorrindo.

— Não, Anastácia. A que foi feita para você. Já olhou ao seu redor? – ela me perguntou levantando uma sobrancelha, abrindo o braço direito na direção dos quadros nas paredes.

E foi então, só então, que todas as informações me atingiram como um raio. Foi só então que meus olhos percorreram o salão, finalmente enxergando o que Jaqueline queria dizer. Senti uma leve tontura ao passar meus olhos de um quadro ao outro. Estavam todos lá. O quadro com as rosas e o girassol; o quadro com a tempestade e o girassol protegido por uma redoma; a mulher triste e solitária; a mulher forte e independente; a mulher alegre e sonhadora que encarava o campo de flores a sua frente; a mulher no meio da tempestade. Todas aquelas mulheres eram loiras, todas aquelas mulheres eram eu. Todas aquelas expressões, olhares, sentimentos tão bem impressos nos quadros que chegava a doer no peito. Sentindo dificuldade de respirar e tontura, meu coração querendo pular de dentro do peito, minhas pernas fraquejando...

Precisei me escorar na parede para não cair. Comecei a chorar, só então me dando conta da dimensão daquele gesto, da intensidade daquele amor. Era óbvio eu já tinha visto quase todos aqueles quadros, eu sabia que sua exposição era sobre mim, mas na correria de montar um evento daquela magnitude, tentando planejar tudo nos mínimos detalhes, não havia prestado atenção no conjunto da obra, não havia entendido o seu real significado.

— Anastácia, você está bem? – Janaína de repente apareceu ao meu lado, segurando em meu braço para que eu não caísse.

— Mais ou menos – respondi num fio de voz, olhando-a nos olhos. — Isso... Isso tudo... A Leo...

— A Leo fez pra você – ela terminou a frase sorrindo. — Está na hora do seu discurso, mas se quiser podemos esperar mais um pouco.

— Tudo bem, eu estou bem. Só vou ao banheiro e já podemos começar – sorri ainda um pouco trêmula.

Fui até o banheiro, olhando-me no espelho, tentando me acalmar. Lavei as mãos, passando um pouco de água no pulso e na nuca, para o sangue circular mais rápido. Inspirei profundamente, uma, duas, três vezes. Quando me senti melhor, retoquei a maquiagem, o batom e sai de lá, indo até o centro do salão, onde já se encontravam as meninas esperando para o pronunciamento. Do meu lado direito, estavam Bruna e Jaqueline e do lado esquerdo estavam Bárbara, Nina e Victória. Leona olhou-me com um sorriso, encorajando-me. Peguei o microfone e a baixaram a música, todos os olhos se voltaram para mim.

— Boa noite a todos. É com grande prazer que recebo todos vocês na exposição de Leona Carvalho, “Depois da Tempestade”, feita pela Galeria Bittencourt – houve uma salva de palmas e eu esperei que acabasse para continuar a falar:

— Primeiramente, é com prazer que anuncio que a Galeria Bittencourt possui duas sociais a partir de hoje. Anastácia Bittencourt e Bruna Liermann – apontei para minha amiga ao meu lado. Ela sorriu agradecendo e aproximou-se, ficando ao meu lado. Passei o microfone para ela.

— Obrigada, Anastácia – Bruna falou. — Fiquei muito grata quando a Anastácia me chamou para integrar nossas galerias. Nossa parceria começou a render frutos e acredito que teremos muito sucesso neste ano que se inicia. Traremos mais espaço para que a arte feita por pessoas

LGBTQIA+ tenha cada vez mais visibilidade. Agradeço às minhas queridas artistas e amigas que têm seus quadros expostos aqui hoje. Nina, Bárbara e Victória. Obrigada por compartilharem sua arte conosco e sua verdade. Pelo ponto de vista racial, também é crucialmente importante que eu, enquanto mulher negra, esteja à frente deste projeto junto com Anastácia. Que possamos ser um espaço seguro para todos aqueles que são diversos em sua forma de se expressar e de viver. Obrigada.

Ao som da salva de palmas Bruna agradeceu e me devolveu o microfone, postando-se ao lado de Janaína.

— São tempos de mudanças, e acredito que nossas escolhas nos trarão dias melhores – comentei.

Sorri observando os presentes e parando-me na figura de Jaqueline, que me observava no fundo da multidão, ao lado de sua filha.

— Também gostaria de agradecer à minha amiga e assistente Janaína, que sem ela nada disso seria possível – a morena acenou sorrindo em agradecimento. Todos bateram palmas e quando o barulho cessou, recomecei a falar:

— Desde quando conheci Leona, meses atrás, pude perceber o seu incontestável talento. Leona tem o dom de imprimir em suas telas toda a emoção do que seus olhos observam, todos os sentimentos que ela capta de tudo o que vê. Suas telas possuem delicadeza e firmeza. Porém, ela também consegue colocar emoção e força quando seus sentimentos estão à flor da pele, tocando fundo na alma de quem entra em contato com suas obras. Eu sabia que a minha galeria precisava de uma artista como ela e, talvez por obra do destino, foi em minha galeria que seu currículo veio parar.

Parei de falar, respirando fundo, tentando controlar meu nervosismo enquanto a plateia parecia me encarar com curiosidade, interessada em minhas palavras. Olhei para as pessoas que estavam perto de mim, orgulhosos. Tanta coisa passava em minha cabeça que era difícil me concentrar nas palavras que eu queria dizer, ainda mais quando eram tão pessoais. Meus olhos pousaram nos de Leona, parada ali ao lado, lindamente vestida, os cachos emoldurando seu rosto, os olhos brilhando de emoção, transbordando amor e felicidade. Eu a amava, completamente, perdidamente, talvez desde o primeiro dia em que a vi. A primeira vez que eu ouvi sua voz, seu humor e suas piadas, sua sensualidade, sua braveza. E isso me deu forças para continuar:

— E também, por obra do destino, ou do acaso, meu envolvimento com Leona foi além do profissional. Ainda que tenha resistido a admitir, meu coração já estava domado. E hoje, no dia de sua exposição, da qual tenho muito orgulho, apresento-lhes minha noiva, Leona Carvalho. Obrigada por nos presentear com tamanho talento e com obras tão magníficas. Obrigada por ter persistido, por ter estado junto a mim sempre que precisei e ter visto em mim coisas que eu nem mesma sabia que existiam. Obrigada pelo seu amor e carinho.

O barulho das palmas foi quase ensurdecedor. Eu mal divisava as pessoas na multidão à minha frente, pois meus olhos estavam marejados de orgulho. Senti os braços de Leona me envolvendo após ela ter se apressado em meu encontro. Abraçou-me forte e eu senti seu perfume tão conhecido acalmando as batidas do meu coração. Eu não estava acostumada a falar coisas tão pessoais, a me abrir daquela forma, e isso era amedrontador. Porém, sentir o apoio de minhas amigas ali e o apoio de Leona, apertando minha mão, havia sido essencial. Eu sabia que fazia a

coisa certa. Ela postou-se ao meu lado, pegando o microfone e tomando a palavra.

Capítulo 41

Respirei fundo. Uma, duas, três vezes. Eu tentava me concentrar nas lindas palavras que Anastácia dizia, mas a ansiedade me consumia e não me deixava pensar direito. Quando ela falou de mim, de nós, principalmente, senti um nó na garganta e uma felicidade extrema. Eu sabia o quanto era difícil para ela falar de coisas tão pessoais e não podia me sentir mais orgulhosa do que estava me sentindo por ter ouvido tantas coisas incríveis como naquela noite. Assim que a loira terminou de falar, corri ao seu encontro, abraçando-a forte, tentando demonstrar o quanto suas palavras me tocaram. Peguei o microfone, segurei em sua mão e me virei de frente para a multidão, olhando para todas aquelas pessoas que nos observavam.

— Obrigada pela presença de todos aqui esta noite. Eu só tenho a agradecer pela oportunidade de mostrar o meu trabalho e por estar na Galeria Bittencourt, que me proporcionou ótimos momentos de aprendizado. Agradeço à Anastácia imensamente por ter enxergado em mim esse talento e por ter apostado em mim. Agradeço à Bruna por trazer talentos incríveis que estão aqui comigo nesta noite, como a Nina, Bárbara e a Victória, e também agradeço à Janaína por todo o seu trabalho junto à galeria, toda a sua eficiência e paciência.

Respirei fundo de novo. Apertei a mão da loira ao meu lado, que me olhava orgulhosa. A hora havia chegado e eu estava quase explodindo de ansiedade. Soltei sua mão, andando até o cavalete que estava estrategicamente posicionado alguns passos para o lado portando um quadro coberto por um pano vermelho. Ali estava a tela que eu havia pintado há um tempo e que ninguém, exceto Janaína, havia visto. O quadro que representava toda a minha exposição, meu melhor trabalho, e que também era um presente para Anastácia. Suspirei, voltando a falar:

— Eu nunca vou me esquecer da noite em que conheci Anastácia. De como sua risada soou aos meus ouvidos, de como me senti atraída pela sua presença marcante. Senti que eu precisava conhecê-la. Essa mulher tão forte, tão interessante, tão misteriosa. Anastácia possui uma inquietude que a move. Eu sabia que precisava registrar tudo isso, precisava colocar na tela toda a magnitude que ela possui. Anastácia é caos, é tempestade, é uma força da natureza e sua presença me transformou. Obrigada por escolher passar a sua vida ao meu lado, por me mostrar a beleza da vida e por ser quem você é. Como dizem, depois da tempestade vem o arco-íris.

E dito isso, tirei o pano vermelho revelando o quadro embaixo dele. Anastácia, naquele bar, de pé em frente ao balcão, naquela mesma noite em que lhe conheci. Seus cabelos dourados esvoaçando ao vento, a barra do seu vestido vermelho em movimento, seu olhar intenso, um sorriso provocante nos lábios carmim. Tudo ao seu redor estava parado, menos ela. Anastácia nunca parava, sua tempestade irradiava por todo o seu corpo e afetava a todos ao seu redor.

Meus olhos estavam embaçados e eu mal enxergava as pessoas à minha frente, não conseguindo divisar os rostos. Aos poucos comecei a ouvir o som dos aplausos, cada vez mais forte, e uma sensação de euforia foi me tomando por completo. Ao longo do meu discurso Anastácia havia se aproximado de mim e agora apertava forte minha mão. Olhei para o seu rosto, seus olhos estavam marejados. Abracei-a, sentindo o calor do seu corpo contra o meu.

— Obrigada, Leo – ela sussurrou em meu ouvido.

— Você merece, Ana – sussurrei de volta.

Demos um selinho rápido nos lábios e em seguida nos separamos. As pessoas ainda

sorriam, aplaudiam e assobiavam para nós. Tentei falar alguma coisa para a plateia, mas minhas mãos tremiam e eu não conseguia abrir a boca. Nesse momento, Bruna se adiantou, pegando o microfone e anunciando:

— Depois dessa homenagem linda e de todos os discursos da noite, todos nós da Galeria Bittencourt desejamos que vocês se divirtam e aproveitem a festa!

A música voltou a tocar, animando as pessoas e fazendo-as dispersar. Bruna e Janaína se aproximaram, abraçando-me e dizendo como haviam gostado de tudo o que eu havia dito. De repente, sem nem ver direito da onde tinha vindo, senti alguém me abraçando e me apertando, gritando em meu ouvido:

— Leona do céu! Que discurso foi esse? Que amor é esse? – a ruiva dizia animada.

— Culpa dessa loira aqui – brinquei olhando para a Anastácia.

— Que posso fazer? Sei que sou irresistível – ela deu de ombros, com um sorriso no rosto.

— E nada convencida – completei.

— Parabéns, filha! Foi lindo! – ouvi a voz de minha mãe ao meu lado.

— Incrível! – comentou meu pai, também se aproximando.

— Obrigada – agradeci sorrindo, recebendo os abraços dos dois.

— Estamos orgulhosos de você, Leo – ela me disse com os olhos marejados e depois, dirigindo-se à Anastácia: — Desejamos a vocês toda a felicidade do mundo.

— Obrigada, dona Tatiana – a loira respondeu, abraçando-a também.

— Anastácia?

Um homem de cabelos grisalhos, já rareados, olhar cansado e muito bem vestido se aproximou de nós. Sua voz era baixa, controlada, e ele tentou sorrir. Observei o corpo de Anastácia se retesar desconfortável com sua presença. Meus pais também pararam de conversar, observando-o se aproximar. Durante alguns segundos ficamos todos esperando o que aconteceria em seguida.

— Olá – Anastácia disse tentando sorrir. — Apresento-lhes o meu pai, Marcos. Essa é a Leona e esses são os pais dela.

— Prazer em lhes conhecer – ele estendeu a mão, cumprimentando-nos.

— O que você faz aqui? – a loira perguntou, apressando o assunto.

— Eu vim lhe parabenizar pela sua grande noite. Está realmente muito bonito. Eu e sua mãe estamos orgulhosos de você.

— Marta não se deu ao trabalho de vir? – a loira arqueou uma sobrancelha, sua voz soando amarga.

— Eu pedi que ela não viesse – ele suspirou cansado. — Mas ela me disse que está... Feliz. Por você. Por vocês... – comentou hesitante.

— Obrigada por compreender a situação – ela sorriu um pouco mais relaxada. — E diga a ela que eu agradeço os cumprimentos.

— Direi. Aproveite sua noite – o pai dela respondeu, aproximando-se para um abraço.

Meus pais também se despediram, dizendo que precisavam ir embora, pois ainda tinham um compromisso no outro dia de manhã. Logo que eles saíram alguns amigos meus se aproximaram, Karina, que veio com a namorada Amanda, Bruno e João, seu namorado. Após nos cumprimentarem, Maria comentou:
— Estou impressionada! Ainda estou impactada com seu discurso!

— Quem diria que aquela mulher de que você me falou ia ser sua noiva agora! – brincou Bruno, relembrando do meu encontro com a loira.

— Pra você ver! Ela não resistiu ao meu charme!

— Hein? – a loira arqueou uma sobrancelha, cruzando os braços. — Você que não consegue resistir a mim, *garota*.

— Óbvio que consigo! – disse levantando o queixo.

— Ah é? Pois vai ficar um mês sem sexo – Anastácia respondeu divertida.

— Noosssaaaa! – comentou Karina rindo. — Bem feito, Leo. Vai ficar na seca, agora!

— Tá louca, loira? Aí você me mata! – disse assustada, arregalando os olhos.

— Acho que eu devia fazer o mesmo com você quando faz suas gracinhas – comentou Amanda, dando um toque na ruiva, fazendo uma careta.

— Nem pense nisso, amor! – ela prontamente falou, fazendo todos caírem na gargalhada.

Um garçom passou com uma bandeja de champanhe e cada um pegou uma taça. A música que tocava nesse momento era uma agitada e dali a um tempo estávamos conversando e dançando. Algumas pessoas se aproximavam de mim, cumprimentando-me mais uma vez pelo trabalho e pelo discurso. Entre elas a amiga da loira, Marina, que chegou juntamente com o namorado, Eduardo.

— Parabéns, Ane! Que noite incrível!

— Obrigada, Ma!

— E que trabalho maravilhoso, Leona! Não fazia ideia de como você era talentosa! – ela comentou direcionando-se a mim.

— Fiquei impressionado também – Eduardo comentou. — Tão impressionado que decidi fazer uma matéria sobre vocês e a exposição.

— E eu vou publicar na minha revista, na edição desse mês, e no nosso site – completou Marina.
— Sério? Incrível! – respondi ainda surpresa.

— Obrigada pelo espaço, fico lisonjeada! – a loira também agradeceu.

— Que nada, vocês merecem!

Depois que eles se afastaram, mais duas pessoas se aproximaram para nos parabenizar e conversar sobre a galeria. Esses eram possíveis clientes, pessoas que ficaram interessadas em comprar alguns dos quadros que tinham visto e também queriam fazer uma entrevista comigo e com a Anastácia. O que eu não esperava, de modo algum, era ver aquele cara andando em nossa direção, com aquele sorriso convencido no rosto, os cabelos loiros penteados para trás, lotados de gel. Revirei os olhos automaticamente.

— O que você faz aqui? – a voz da loira soou gélida assim que ele parou à nossa frente.

— É assim que você me recebe, *querida*? – Lucas sorriu, passando a mão nos cabelos. Era um tique dele, o que deixava aquele cabelo ainda mais seboso. Vestia um terno branco com uma gravata amarela. — Só vim ver como essa... Essa... – ele olhou ao redor com desdém. — *Exposição* está indo.

— Um sucesso se quer saber – ela deu de ombros.

— Obviamente – ele sorriu sarcástico. — Tudo que é relacionado a sexo vende como água – ele deu de ombros.

— Minha exposição não é sobre sexo – rebati.

— Não? – ele se fez de cínico, colocando a mão no peito e fazendo uma expressão de surpresa. — Mas se foi isso que você viu nela desde o primeiro momento! Uma puta que se deita com qualquer um que aparecer pela frente.

— Cala essa boca, Lucas – eu estava começando a ficar com raiva daquele sujeito. — Eu não vou admitir que você a trate dessa maneira.

— Admita, querida. É isso que a Anastácia foi, é e sempre será. Você é só mais um brinquedinho nas mãos dela.

— Cala essa maldita boca! Não admito que você fale assim com a minha noiva – eu estava começando a perder a cabeça. Se ele continuasse, era capaz de eu meter a mão naquele rostinho cínico.

— Hummm, noiva, é? Se a sapata queria casar, deveria ter falado com um homem de verdade! Um homem como...

— Como você? – comecei a rir na cara dele. — Até parece! Você não é homem suficiente para isso. – dei de ombros.

— Sou suficiente para te curar dessa doença – ele riu maldoso.

— Chega – Anastácia se pronunciou em uma voz baixa, porém firme. — Eu não permito mais que você continue insultando a mim e a minha noiva. Esse é um evento privado e, se você não concorda com ele, peço que, por favor, se retire.

— Eu não... – ele abriu a boca para falar, mas Anastácia lançou-lhe um olhar furioso, interrompendo-o e sendo incisiva pela segunda vez.

— Eu insisto. Daniel, por favor, acompanho-o até a saída – ela respondeu, falando com um segurança que acabara de se aproximar dos dois.

Lucas olhou-a cheio de raiva, mas por fim saiu acompanhado do segurança. Depois de tudo aquilo, eu esperava que agora ele nos deixasse em paz. Fomos pegar mais uma taça de champanhe e conversamos com Marília. Ela estava perto de uma mesa ao lado dos garçons, explicando quais pratos eles deveriam levar para os convidados. Pegamos um dos canapés que estavam em uma das bandejas. Estava uma delícia! Com o passar das horas, a noite foi ficando mais calma, os convidados aos poucos iam se retirando, indo embora, ainda elogiando a *vernisage*.

Já passava da uma hora da manhã quando finalmente tudo se acabou. Marília despediu-se de todas nós, indo embora com seu marido. Bruna prometeu aparecer na galeria na segunda-feira e se despediu, dando carona para Victória até sua casa. Só restavam três pessoas: Janaína, Anastácia e eu.

— Bom, agora que tudo já passou e que foi um sucesso, eu preciso descansar – comentou a assistente, espreguiçando-se. — Estou quebrada!

— Nós também vamos daqui a pouco – sorriu Anastácia. — Obrigada por tudo.

— Eu que agradeço. E aproveitem o resto da noite. – ela olhou para mim, dando uma piscadela.

— Pode deixar, Jana – sorri de canto. Ela nos deu um beijo no rosto e depois foi embora, deixando-nos a sós.

Anastácia foi até a mesa no canto do salão, pegando uma garrafa de champanhe e duas taças. Aproximou-se de novo dizendo:

— Pensei de comemorarmos só nós duas – ela sorriu.

— Ótima ideia, loira! Porém, tenho um lugar melhor para comemorarmos.

— Você tem? – ela arqueou uma sobrancelha com um sorriso malicioso nos lábios. — Sua cama ou na minha?

— Na sua – sorri enigmática. — Porém... Preciso passar na casa de uma amiga antes.

— A essa hora? – ela me olhou surpresa. — Você acha que eu vou passar na casa de alguém quase duas horas da madrugada?

— Loira, a Bianca pediu para eu ir, ela queria me dar um abraço pelo dia de hoje. Ela me disse que está acordada.

— Sei... – a loira me olhou desconfiada. — Okay, vamos então.

Antes de sairmos conferimos se tudo estava certo no salão. No dia seguinte uma equipe de limpeza iria arrumar o local e Janaína iria verificar se não havíamos esquecido nada. Assim que saímos e trancamos a porta fomos até o carro de mãos dadas. A rua estava deserta naquele horário, o luar estava alto, era dia de lua cheia. Uma brisa passou por nós, fazendo-me arrepiar. Eu estava fervilhando de animação e ansiedade. Eu havia preparado uma surpresa para Anastácia e o momento havia chegado. Entramos no carro e eu expliquei para ela o endereço do lugar em que iríamos. Enquanto ela estava distraída, peguei a champanhe e as taças e coloquei dentro da mochila que eu havia levado. Após quarenta minutos dirigindo chegamos ao nosso destino.

Capítulo 42

Quem em sã consciência visita um amigo às duas horas da madrugada? Era isso que eu continuava me perguntando enquanto dirigia ao lado de Leona. Ela havia insistido de que precisávamos passar na casa dessa amiga dela, uma tal de Bianca, de quem eu nunca ouvira falar, para ela lhe dar um abraço pela exposição. Leona me prometera que seria rápido, então acabei cedendo. Após um tempo parei o carro em frente a um prédio na zona sul. O prédio era simples, mas bem bonito em tons de branco e vermelho. Leona pediu para o porteiro avisar sua amiga de que estávamos subindo e, após alguns segundos, ele liberou nossa entrada. Pegamos o elevador e subimos para o nono andar. Achei bem esquisito que, ao invés de tocar a campainha, Leona parou na frente da porta, segurando na maçaneta, e se virou para mim.

— Loira, fecha os olhos – ela sorriu ansiosa.

— Por quê? O que você está aprontando, Leo? – perguntei desconfiada, levantando uma sobrancelha.

— Confia em mim!

Fiz o que ela pediu. Fechei os olhos. Ouvi quando a porta se abriu, senti as mãos de Leona segurando em meu braço, guiando-me para dentro do apartamento. Assim que entramos, senti um leve cheiro de tinta. O que era aquele lugar afinal? A casa de alguém é que não era. Eu não estava ouvindo nenhum barulho além do que estávamos fazendo.

— Pode abrir os olhos – ouvi sua voz próxima a mim.

Assim que abri os olhos me dei conta do que estava acontecendo. Estávamos dentro de um apartamento vazio. Precisamente em uma sala ampla, com uma sacada pequena na ponta e um corredor do lado esquerdo que levava a várias portas.

— Bem-vinda a nossa nova casa! – ela sorriu triunfante, abrindo os braços para cima.

— Leo...! Como você...?

— Gostou, loira? – ela mordiscou o lábio inferior.

— Eu amei! – sorri. Puxei-a para mais perto de mim, dando-lhe um abraço apertado e um beijo rápido nos lábios. — É lindo!

— Achei que precisávamos de um lugar só nosso. Nem a minha casa e nem a sua, mas a nossa – ela comentou orgulhosa.

— Gostei da ideia, um lugar nosso – repeti voltando a olhar ao redor. — Mas esse apartamento não é um pouco caro não? Você... – a pergunta ficou no ar. Eu não queria ser indelicada, mas não pude evitar pensar na questão.

— Bem... Eu dei uma entrada e dividi o resto a perder de vista – ela fez uma careta. — Por isso, acho importantíssimo que eu continue trabalhando para a galeria e faça mais... – ela começou a contar nos dedos. — Talvez umas oito exposições.

— Leona! – comecei a rir, observando sua expressão. — Até parece que eu vou deixar você pagando sozinha o *nosso* apartamento.

— Hum adorei que você já está falando assim – ela sorriu feliz.

Leona tirou a mochila que carregava nas costas, colocando-a no chão e a abrindo. Retirou de lá de dentro a garrafa de champanhe e duas taças. Colocou um pouco da bebida para mim e para ela e me entregou uma das taças.

— Antes de brindarmos... Tenho mais uma surpresa – ela sorriu enigmática.

— Outra? – perguntei. — Por que tantas surpresas, Leo?

— Oras, loira... Você me fez uma maravilhosa no dia em que me pediu em casamento. Achei que seria legal retribuir. Vem comigo.

Leona me levou até a última porta à direita, provavelmente o quarto que era suíte, e deixou que eu entrasse primeiro. Não demorou muito para que meus olhos descobrissem o que tinha naquele quarto que o diferenciava dos outros. Em uma das paredes havia um quadro. Um quadro grande, na horizontal, emoldurado em dourado. Fiquei alguns minutos sem conseguir tirar meus olhos daquela pintura. Aquela pintura que fora feita por Leona. No desenho, um rosto de uma mulher de perfil, seus cabelos loiros esvoaçando em ondas pelo seu ombro, os lábios cor de carmim e as íris castanhas encarando intensamente o seu oponente. De frente para ela, também de perfil, uma leoa desenhada, em tons caramelos, a boca meio aberta com alguns dentes aparecendo, a cabeça meio baixa, quase encostada à testa da mulher, com os olhos negros fitando a sua presa.

Não precisou de muito para que eu entendesse aquele quadro. Ele nos representava e representava nossa relação. Ao mesmo tempo em que ambas pareciam se desafiar, tanto a leoa quanto a loira, ambas coexistiam em um respeito mútuo. Flashes de memória me lembraram de tantas vezes em que eu e Leona havíamos entrado em um embate daquela forma. Todas as vezes em que brigamos, pois tínhamos pontos de vista bem diferente sobre como levar a vida. Sobre como nossas personalidades eram tão fortes e éramos tão teimosas uma com a outra. De como nossa relação era intensa e cheia de reviravoltas, como o sexo era ardente e de como gostávamos de provocar e sermos provocadas. E, principalmente, do quanto nos amávamos.

— Leo... É lindo – comentei ainda impactada.

— É pra você, loira – ela se aproximou, abraçando-me por trás e descansando sua cabeça em meu pescoço. — Tive a ideia para essa pintura há algum tempo. Acho que não há nada melhor para nos representar do que ela. E por isso quis trazê-la para a nossa nova casa.

— Concordo com você, Leo. É lindo... É incrível... Tão cheio de... Intensidade.

— Cheio de respeito. E de amor – ela concluiu. Leona se afastou um pouco, ainda segurando em minhas mãos e ficou de frente para mim.

— Obrigada, Leo. É um presente lindo, incrível e que realmente nos representa.

— Eu amo você, Anastácia. Eu a amo desde o dia em que a vi naquele bar, como comentei hoje na exposição. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, foi a parceira que eu escolhi para trilhar esse caminho comigo e eu sou imensamente grata por você também me escolher entre tantas pessoas nessa vida. Por ter enfrentado o mundo por estar ao meu lado. Por ter escolhido o amor.

— Eu que lhe agradeço, Leona, por ter me mostrado como a vida pode ser incrivelmente bela. – comentei, enxugando uma lágrima que caia dos meus olhos. — Por me trazer leveza e alegria, por ser minha companheira e por ter me escolhido, naquele dia, entre tantas mulheres. Por ter me amado e estado ao meu lado, por ter perdoado minhas falhas e continuar me amando da mesma forma.

Nós nos abraçamos forte. Senti seu perfume, trazendo-me uma sensação de conforto e de carinho. Emocionada, não pude segurar todos os pensamentos e sentimentos que passavam por mim naquele momento. Leona estava certa, eu havia escolhido o amor. Não somente o amor por ela, mas o amor por mim mesma. O amor próprio. Após tanto tempo machucando a mim mesma, negando que eu era digna de amor e aceitando as migalhas que os outros me davam, após tanto tempo fingindo ser alguém que eu não era, eu finalmente havia me aceitado. Leona havia me ajudado a abrir os olhos e a enxergar que o mundo é muito maior do que o meu armário. Que a vida é um conjunto de momentos bons e ruins, de tropeços e vitórias, de sabores e dissabores. Mas, principalmente, que a vida é para ser vivida.